

revista da

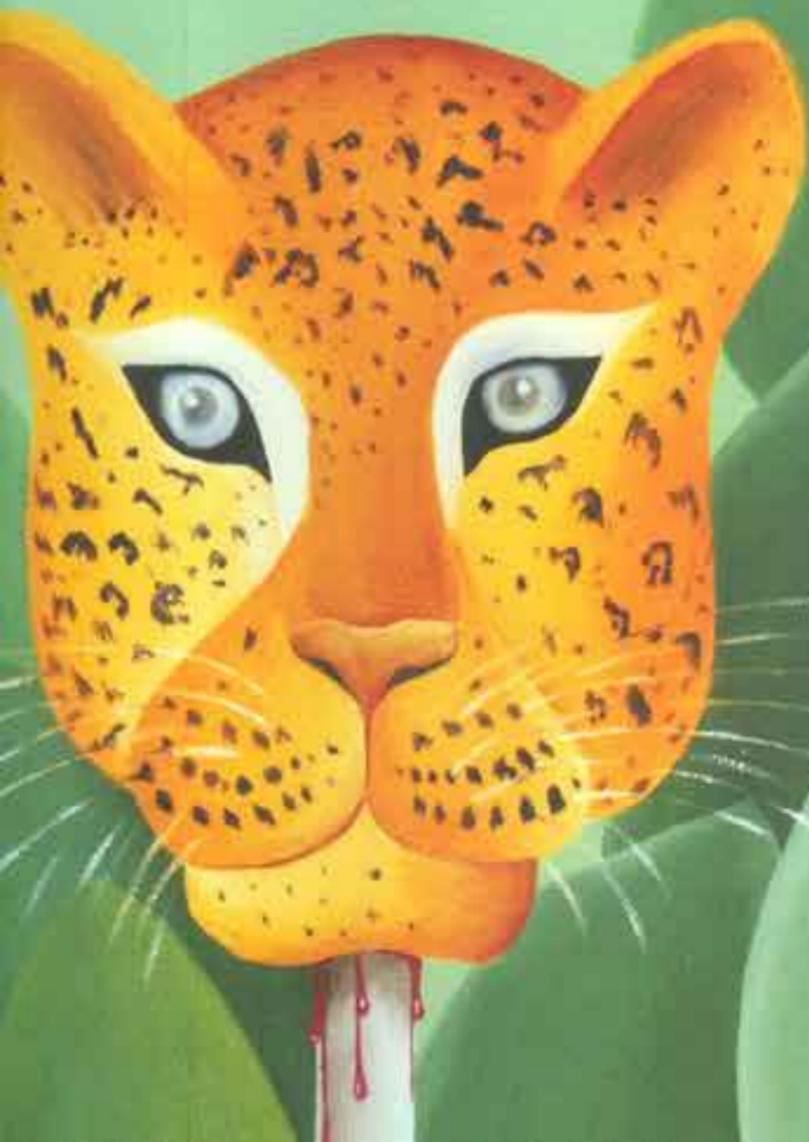
AAL

ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS

Nº 36

ISSN 2236-9643

L
LETTER



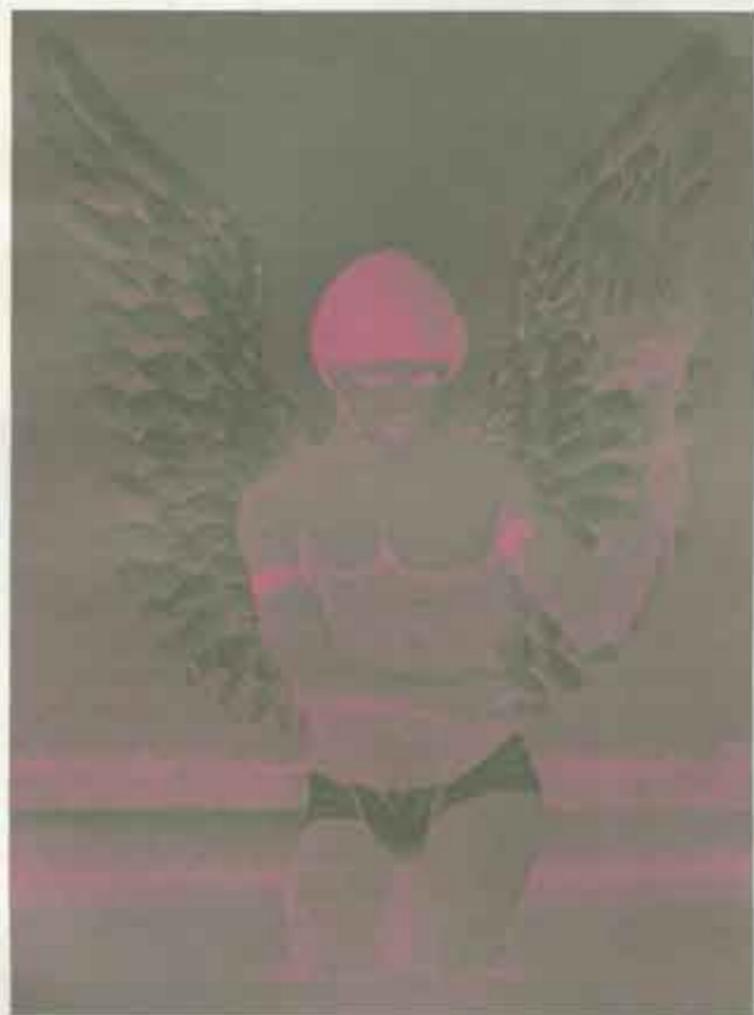
Rui

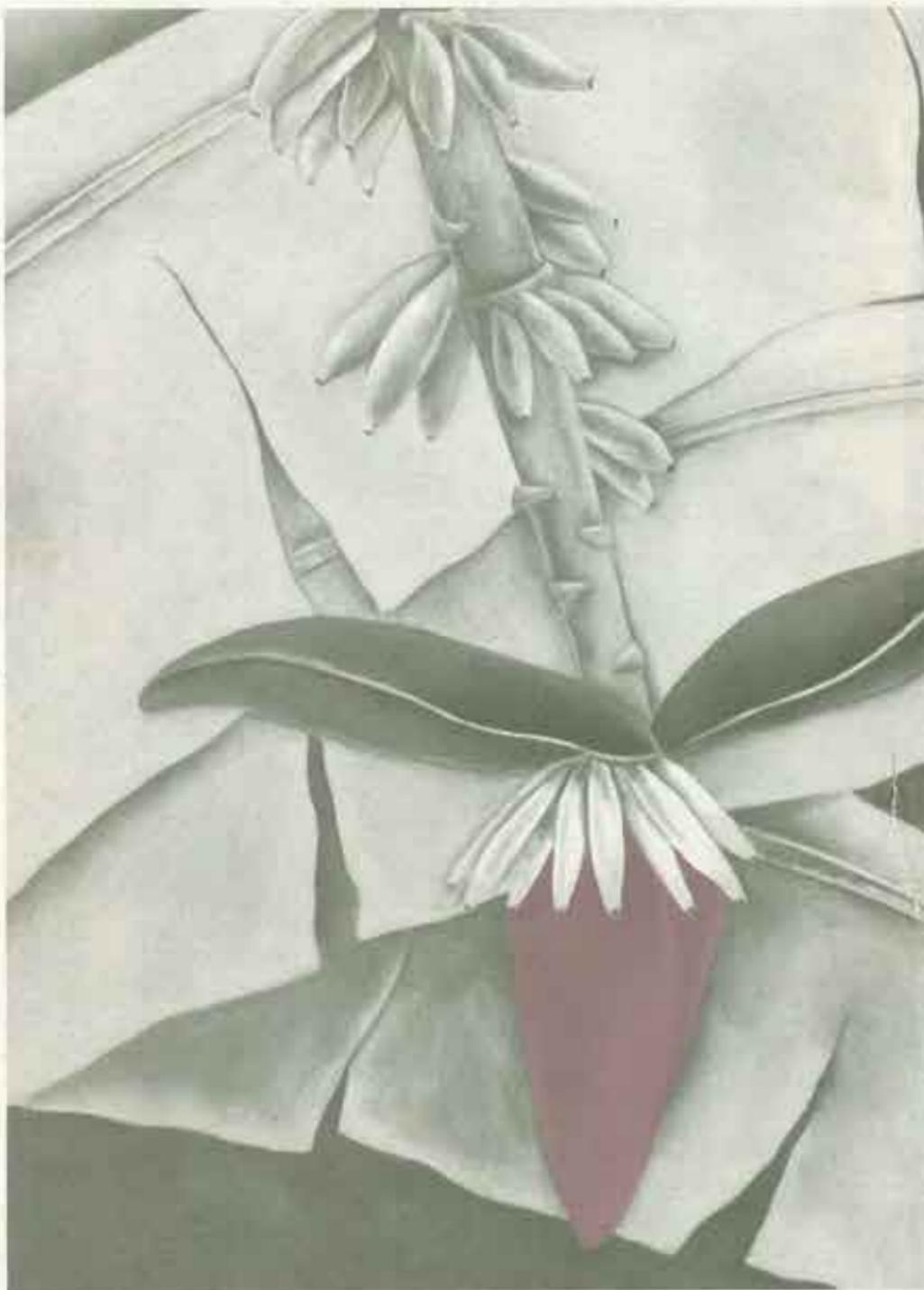


— *Série Herança* [acrílica sobre tela], Rui Machado, 2011
- *Acervo do artista. Ao lado, Passeio* [acrílica sobre tela].
Rui Machado, 2000 - *Acervo do artista.*



Rui Machado
2000





revista da

AAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE de LETRAS }



número 36

fundada em 1º de janeiro de 1918

ANO 99 5 2017

5 DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
Biênio 2016/2017

Presidente - ROSA MENDONÇA DE BRITO

Vice-Presidente - ABRAHIM SENA BAZE

Secretária-Geral - MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Secretária-Adjunta - CARMEN NOVOA SILVA

Tesoureiro - JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

Tesoureiro-Adjunto - ARLINDO AUGUSTO DOS SANTOS PORTO

Diretora de Patrimônio - MAZÊ MOURÃO

Diretor de Promoções e Eventos - JOSÉ MARIA PINTO DE FIGUEIREDO

Diretor de Edições - EULER ESTEVES RIBEIRO

Conselho Fiscal

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

ANTONIO JOSÉ SOUTO LOUREIRO

ERNÉSTO RENAN FREITAS PINTO

Suplentes

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

LUIZ MAXIMINO DE MIRANDA CORRÊA NETO

ALMIR DINIZ DE CARVALHO



COPYRIGHT © ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, 2017

COORDENAÇÃO EDITORIAL

José Braga

COMISSÃO EDITORIAL

*Marcus Barros · Jorge Tufic · Newton Sabbd Guimarães · José Braga
· Zemaria Pinto · Aldisio Filgueiras · Euler Ribeiro · Marilene Corrêa
· Renan Freitas Pinto · Márcia Perales · Antonio Plim · Rosa Brito*

DIREÇÃO DE ARTE

Rômulo Nascimento

- Capa: *Extinção*, óleo sobre tela, 1987 [foto de Márcio Fernandes]. Rui Marhado
- Acervo particular.

REVISÃO

Zemaria Pinto · Marcoz Sena

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mazê Mourão [reg. profissional 16700/101/48]

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Ano 99, n° 36 (2017). Manaus: Academia Amazonense de Letras, 2017.

ISSN 2236-9643

172 p.

1. Literatura - I. Título: Revista da Academia Amazonense de Letras

A A L

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

Centro. CEP: 69010-120

TEL/FAX: (92) 3342-5381

academiadeletras.am@gmail.com

Manaus 5 Amazonas

5 QUADRO DE PATRONOS E ACADÊMICOS EFETIVOS DA
Academia Amazonense de Letras

• 1	Péricles Moraes	José Bernardo Cabral
• 2	Euclides da Cunha	Sergio Vieira Cardoso
• 3	Gonçalves Dias	Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto
• 4	Silvio Romero	Newton Sabbá Guimarães
• 5	Araújo Filho	Almir Diniz de Carvalho
• 6	Adriano Jorge	Rosa Mendonça de Brito
• 7	Maranhão Sobrinho	Aldisio Gomes Filgueiras
• 8	Torquato Tapajós	Euler Esteves Ribeiro
• 9	Machado de Assis	José dos Santos Pereira Braga
• 10	Barão do Rio Branco	Mário Ypiranga Monteiro Neto
• 11	José Veríssimo	Marcus Luiz Barroso Barros
• 12	Olavo Bilac	Elson José Bentes Farias
• 13	Estelita Tapajós	Abraham Sena Baze
• 14	Barão de Sant'Anna Nery	Cláudio do Carmo Chaves
• 15	Graça Aranha	Almino Monteiro Álvares Affonso
• 16	João Leda	Tendrio Nunes Telles de Menezes
• 17	Francisco de Castro	José Geraldo Xavier dos Anjos
• 18	Jonas da Silva	Jorge Tufic Alaúzo
• 19	Coelho Neto	Lafayette Carneiro Vieira
• 20	João Ribeiro	Francisco Gomes da Silva
• 21	Tenreiro Aranha	Márcia Perales Mendes Silva
• 22	Farias Brito	Robério dos Santos Pereira Braga
• 23	Cruz e Sousa	Júlio Antonio de Jorge Lopes
• 24	Joaquim Nabuco	Marilene Corrêa da Silva Freitas
• 25	Araújo Lima	Márcio Gonçalves Bentes de Souza
• 26	Rui Barbosa	José Roberto Tadros
• 27	Tavares Bastos	José Maria Pinto de Figueiredo
• 28	Aníbal Teófilo	Maria José Mazé Santiago Mourão

- 29	Castro Alves	Amadeu Thiago de Mello
- 30	Araripe Júnior	
- 31	Raimundo Monteiro	Max Carpentier Luiz da Costa
- 32	Bernardo Ramos	Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto
- 33	Antônio Brandão de Amorim	Carmen Novoa Silva
- 34	Ermanno Stradelli	Antonio José Souto Loureiro
- 35	Dom Frederico Costa	Arlindo Augusto dos Santos Porto
- 36	Inglês de Souza	Dom Luiz Soares Vieira
- 37	Benjamin Lima	Luiz Maximino de Miranda Corrêa Neto
- 38	Barbosa Rodrigues	Willian Antônio Rodrigues
- 39	Alfredo da Matta	Aristóteles Comte de Alencar Filho
- 40	Paulino de Brito	

Sumário

— Nossa edição 11

{*Academia de portas abertas*}

— Chapéu de palha: a madeira na arquitetura de Severiano Porto 15
MARCOS P. CERETO · VASILKA N. ESPINOSA

{*Fundadores*}

— Generino Maciel, esboço de uma biografia 33
ROBÉRIO BRAGA

{*Oratória*}

POSSE DO ACADÊMICO *Aristóteles Comte de Alencar Filho*

— Abertura 55

— Discurso 58

— Saudação 69

POSSE DO ACADÊMICO *Sergio Cardoso*

— Abertura 75

— Discurso 77

— Saudação 92

MONUMENTO AO SOLDADO DE FROTEIRAS

— Discurso de Max Carpentier 101

ACADEMIA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

— Discurso de Cláudio Chaves 105

{*Alguma poesia*}

— O jardim da minha mãe, ALMIR DINIZ 113

— A academia do peixe frito, MARÍLIA MENEZES 116

Da Praça para a Academia

— Marcileudas, ZEMARIA PINTO 119

— No boteco, CELESTINO NETO 122

— Preâmbulo do meu desejo, ANNE LUCY 124

— Caminhos da vida, EVERALDO NASCIMENTO 126

— Movimentos, GRACE CORDEIRO 127

— Homens-Poetas, GRACINETE FELINTO 129

— Pequena elegia para o meu pai, INÁCIO OLIVEIRA 131

— O mundo precisa de conflito, JOSÉ T. GONZAGA 132

— Vou-me embora pro passado, MIGUEL DE SOUZA 134

— Rosa de sombra, POLLYANA FURTADO 136

- Me impressiona a calma daquele homem pescando no lago.
ROJEFFERSON MORAES 137
- Nosso leite, meu leite, SÁLVIA HADDAD 138
- Pátria, SATURNINO VALLADARES 139
- Monotonia, JOÃO FEIJÃO - EDUARDO FURUKAWA 141

{Ensaio}

- Conservadorismos norte-americanos 143
ANTONIO PAIM
- Friedrich Oppler e a questão judaica 155
NEWTON SABBÁ GUIMARÃES
- Fios & tecedura da rede de conhecimentos no PPGK/Ufam 182
ROSA MENDONÇA DE BRITO
- Mar morto: Eros e Thanatos no cais da Bahia 188
ZEMARIA PINTO
- O presente na tradição: reconhecimento e busca 198
MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS
- Açai: o ouro negro da Amazônia 209
EULER RIBEIRO
- Álvaro Maia, o rio Madeira e um poema figurativo 214
ELSON FARIAS

{Medalha Péricles Moraes 2017}

- Abertura 223
- Agradecimento 225
- Saudação 231

{Portfólio}

- O ribeirão, NÉLIDA PIÑON 247
- A expressão primeva de Rui Machado, MÁRCIO SOUZA 250
- Rui Machado, um gênio, MOACIR ANDRADE 251

{Crônica}

- No pomar da Vila 255
JOSÉ BRAGA
- O Portugal de Camões e das comunidades portuguesas 259
J. BERNARDO CABRAL
- Joaquim Esteves Soares Carvalho – um empreendedor na
Amazônia 264
ABRAHIM HAZE
- Mário Moraes – a ciência a serviço da Amazônia 266
MARCUS BARROS
- As festas de dezembro 270
MÁRCIO SOUZA

— Nossa edição

ROSA BRITO, *presidente*

Pensar não é sair da caverna nem substituir a incerteza das sombras pelos contornos nítidos das próprias coisas... é entrar no labirinto, aceitar perder-se nas galerias que cavamos, andando em círculos, ...até que essa rotação inexplicavelmente abra fendas por onde se possa passar.

Castoriadis (1999).

Como suporte de difusão e para que perdurem no tempo os pensamentos e os fazeres dos seus membros – sentido da imortalidade acadêmica, ou seja, da imortalidade do pensamento e das letras –, a Revista nº 36 da Academia Amazonense Letras faz chegar à sociedade a diversidade do pensamento de integrantes e não integrantes da Casa de Adriano Jorge, Péricles Moraes e Benjamin Lima, através das mais variadas formas de expressão: oratória, ensaios, poesias, crônicas e contos.

O que define as três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, segundo Deleuze e Guattari (2013), é sempre enfrentar o caos e traçar um plano para sobrepor-se a ele. Enquanto a Filosofia busca salvar o infinito traçando um plano de imanência através de conceitos consistentes, a Ciência, sob a ação de observadores parciais, renuncia ao infinito e procura traçar um plano de coordenadas para definir estados de coisas, funções ou proposições referenciais. Na busca da criação de um finito que restitua o infinito a Arte, através de figuras estéticas, esboça um plano de composição. Ao fim, sem síntese nem identificação, os três pensamentos se cruzam, se entrelaçam. Isto não é diferente na Academia Amazonense de Letras e nesta Revista. Também aqui as três grandes formas do pensamento se encontram, se entrelaçam e se cruzam.

Buscando sobrepor-se ao ínfimo valor que o pensamento tem na “civilização do espetáculo”, cuja característica fundamental é o empobrecimento das ideias como força motriz da vida cultural, onde as

- 12 imagens possuem primazia sobre as ideias. o engenho sobre a inteligência, a Academia procura através de suas publicações, incentivar a função criadora da imaginação no domínio cognitivo, seja ela artística, científica, filosófica ou, ainda, no domínio do pensamento reflexivo.

Em primorosa configuração gráfica, a *Revista da AAL* traz em seu bojo extraordinário portfólio composto por pinturas com temáticas amazônicas e humanas de traços fortes e inconfundíveis do artista plástico Rui Machado que, como diz Nélida Piñon “revela, com esmero, sentimentos intensos. Uma humanidade, enfim, filiada ao amor pelo mundo, pelos reclamos da terra. A arte é a sua voz. Como a sumaúma, Rui Machado brada, comunica, defende, protege. reparte com todos a seiva que retira da vida...”.

Nesta edição somos agraciados com a arte, as palavras, os pensamentos e os conhecimentos de: Abrahim Baze, Almir Diniz, Anne Lucy, Antonio Paim, Aristóteles Alencar, Bernardo Cabral, Eduardo Furtado, Everaldo Nascimento, Grace Cordeiro, Gracinete Felinto, João Feijão, Marcos Cereto, Cláudio Chaves, Celestino Neto, Elson Farias, Euler Ribeiro, Francisco Gomes, Frederico Krüger, Inácio Oliveira, José Braga, José Gonzaga, Márcio Souza, Marcus Barros, Marilene Corrêa, Marília Menezes, Max Carpentier, Miguel de Souza, Nélida Piñon, Newton Sabbá, Pollyana Furtado, Robério Braga, Rojefferson Moraes, Rosa Brito, Rui Machado, Saturnino Valladares, Sergio Cardoso, Vasilka Espinosa, Zemaria Pinto.

Ao Amazonas e aos leitores um contributo do pensamento e das letras académicas, com o qual encerro a honroso mandato de Presidente desta Casa.



[*Academia de* PORTAS ABERTAS]

— Chapéu de palha: a madeira na arquitetura de Severiano Porto

MARCOS P. CERETO, professor da Ufam

VASILKA N. ESPINOSA, estudante de arquitetura

A Amazônia, por suas peculiaridades ambientais, é capaz de induzir à formulação de uma arquitetura específica, necessariamente em diálogo com o meio.¹

— HISTÓRIA

O restaurante Chapéu de Palha foi um importante edifício na cidade de Manaus, cuja autoria é do arquiteto Severiano Mário Porto. Na Amazônia, o arquiteto viveu por 36 anos e contribuiu para a afirmação da arquitetura na Região Norte, com o reconhecimento da crítica internacional.

Severiano Porto nasceu no dia 19 de fevereiro em 1930, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Aos cinco anos de idade transferiu-se com a família para a então capital federal, onde concluiu o curso de arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1954, na Universidade do Brasil, atual UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).²

Na cidade de Manaus ainda persistia uma certa nostalgia dos tempos áureos da borracha. Na década de 1950, havia uma certa euforia e um ambiente propício para o surgimento de um importante movimento de vanguarda artístico: o Clube da Madrugada. Embora não tivesse o mesmo *glamour* da *Belle Époque*, o Clube da Madrugada reuniu diversos artistas interessados na busca de uma modernidade amazônica e estabeleceu uma nova pauta para a cultura artística. As novas perspectivas para o estado do Amazonas, implantadas inicialmente por Getúlio Vargas, pela construção de Brasília e pelo programa de integração da Amazônia, promoveram uma movimentação na economia e uma rápida transformação do cenário urbano de Manaus.

1. SUGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 3 ed., 1 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

2. PORTO, Severiano. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro: Arquivo NPO/UFRJ, 2002.

[...] ao longo de 200 anos imediatamente anteriores à Zona Franca, a história econômica do Amazonas se caracterizou pela estagnação e/ou crescimento bastante lento, das atividades produtivas. De forma genérica, pode-se descrever esse período bastante extenso – o qual experimentou alterações apenas durante a época do desenvolvimento da exploração da borracha (1890-1912) [...] O desenvolvimento desse tipo de região que durante muitos anos permaneceu em atraso, relativamente ao crescimento do resto do País, somente poderá ocorrer se a opção nacional se manifestar, claramente, no sentido de ocupar e integrar, produtivamente, essa mesma área. [...] se essa for a decisão nacional, é preciso o convencimento de que somente através de grandes investimentos do setor público, além de concentrado esforço para redução do isolamento físico-cultural, e da expectativa de lucros sociais, exclusivamente, e durante muito tempo, é que a região poderá ser definitivamente engajada no cenário brasileiro.³

3. ESTADO DO AMAZONAS, SEPLAN E CODEMA. Zona Franca, desenvolvimento. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1978.

Em 1957 a economia da cidade foi estimulada a partir da criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Sufzama) e da Zona Franca de Manaus (ZFM), em 1967, com uma área de livre comércio de importação e exportação e de incentivos fiscais especiais, com a finalidade de criar um centro industrial, comercial e agropecuário.⁴

4. ANTONACCIO, Gisele. Lurdes Pereira. Zona Franca: um romance polêmico entre Amazonas e São Paulo. 2 ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

Alguns dos efeitos imediatos da implantação da Zona Franca de Manaus foram o crescimento da arrecadação pelo Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) em 321%, no período entre 1967 e 1975; e, nesse mesmo intervalo, a cidade de Manaus passou de 216.000 para 415.000 habitantes, ou seja, a população praticamente duplicou em oito anos.⁵ A cidade tornou-se atrativa para os mais diversos comerciantes do país em razão da comercialização dos produtos importados. Com o crescimento econômico, novas transformações ocorreram, ora para a adaptação (ou descaracterização) de edificações ecléticas no centro da cidade ou para a construção de novos conjuntos habitacionais para a recente chegada população. Novas obras dinamizaram o trabalho de Severiano Porto, com surgimento de demandas profissionais que permitiram as condições para a fixação do arquiteto na cidade.

5. ESTADO DO AMAZONAS, SEPLAN E CODEMA. Zona Franca, desenvolvimento. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1978.

Em 1965, o governador Arthur César Ferreira Reis contratou o escritório carioca do arquiteto Luís Carlos Antony e Fernando Pereira da Cunha para auxiliar na ampliação da infraestrutura a partir da criação do novo Plano Diretor de Manaus. O plano tinha como diretriz a setorização urbana e estabelecia projetos voltados ao desenvolvimento do turismo na cidade. Entre os equipamentos sugeridos pelo Plano Diretor havia a proposta de criação de um restaurante regional.

A segunda lei disciplinará o uso do solo do município que será o fator principal da implantação das normas de urbanização da cidade. [...] O outro ponto importante é o zoneamento da cidade com a criação de zonas: portuárias, comerciais, hoteleiras, residencial, área verde, militar, universitária, industrial, granjeiro, expansão urbana e de turismo-parque.⁶

6. JORNAL DO COMÉRCIO. Manaus de 1 milhão de pessoas está na prancha dos projetistas. Manaus, 8 mar. 1966.

Ainda que um restaurante regional estivesse previsto no Plano Diretor de 1965, a localização do Chapéu de Palha não era especificada. Cláudio Figliolo que atuava no setor administrativo do governador Arthur Reis, junto com um secretário do mesmo governo, conceberam a implantação de um restaurante de culinária regional. Os dois colegas acompanhavam as realizações de Severiano Porto no estado e procuraram financiamento para o empreendimento, embora inexperientes no ramo comercial. Em entrevista concedida aos autores, José Braga afirmou que não precisou sequer de pesquisa técnica na época, pois era nítido o crescimento do fluxo turístico para Manaus, devido à implantação da Zona Franca e a escassez de restaurantes apropriados. Os sócios escolheram a temática regional como elemento caracterizador do restaurante e de afirmação da cidade diante das novas demandas turísticas. Optaram pela escolha do arquiteto para a realização do projeto em razão do destaque que alcançou pela sua prática profissional em Manaus.

Na primeira reunião com Severiano Porto, o arquiteto apresentou uma perspectiva do edifício com uma analogia formal a um chapéu de palha e também pela relação com o sombreiro mexicano, símbolo da Copa do Mundo de futebol de 1970, que seria realizada no México. Assim surgiu o nome do restaurante, através da forma arquitetônica. Com esse desenho, os jovens empreendedores foram ao Banco do Acre e apresentaram uma proposta de negócio, que foi aprovada sem ava-

- 18 lista. A obra foi toda financiada pelo banco, sem recursos dos proprietários. Após a aprovação do financiamento, Severiano Porto e os clientes procuraram terrenos em bairros que poderiam receber o empreendimento. Foi priorizado terrenos no bairro de Adrianópolis, antiga Vila Municipal, pela proximidade com os hotéis existentes na cidade e pela infraestrutura.

O edifício foi concebido para uma rápida execução, com baixo custo e o uso de materiais locais, os quais eram de fácil emprego, e com abundante mão de obra. Foram utilizadas peças de acariquara, utilizadas como postes públicos, e a palha de palmeira.



Figura 1. Chapéu de Palha, 1968. Acervo Severiano Porto - NPD/UFRJ.

O restaurante Chapéu de Palha foi inaugurado no dia 24 de fevereiro de 1968. Transformou-se em atração turística na cidade de Manaus, pela excelente culinária regional e pela inovação na utilização dos materiais e das tecnologias construtivas. Além do cardápio regional, o restaurante promovia eventos culturais e noites temáticas, como "Portugal, minha terra" e "Noite Árabe". O restaurante também sediava lançamentos das empresas da Zona Franca de Manaus.

E ali foram realizadas [...] noites temáticas [...] A noite japonesa, noite holandesa, noite mexicana, noite espanhola, danças e a comida. [...] Também

foram realizadas com temáticas brasileiras: churrasco, Rio Grande do Sul, dança gaúcha. E teve um fato que talvez culminou com toda essa beleza, que o Chapéu de Palha passou a ser um centro cultural, não só gastronômico, mas cultural, num sentido mais amplo. [...] Foi quando o homem chegou à lua, foi realizado um concurso quando o homem chegou à lua, de frases dos jornais, da imprensa, e foi escolhida a seguinte frase: "a Terra é azul", que foi a expressão de um dos astronautas. [...] Foi construída uma réplica do foguete e o casal [vencedor] jantou dentro do foguete. [...] E também coincidiu nessa época, o Santos, que era um dos melhores times do momento, que era chamado de academia, por causa do Pelé, veio a Manaus e o Pelé jantou lá, com todos os jogadores, eles fizeram refeições, no almoço e no jantar. E o Pelé tirou uma fotografia com um chapéu de palha na cabeça, sem nenhum custo de publicidade, sem nada, tal era a beleza. Aquilo despertava o olhar das pessoas. (José Braga)

O empreendimento recebia diversas personalidades, além das diversas confraternizações das associações amazonenses de assistência social, pediatria, panificação e outras que realizavam seus eventos de comemoração. É possível afirmar que a obra foi um "cartão de visitas" para Severiano Porto, pelo sucesso local e pela premiação recebida em 1967 pelo IAB/CBB - Instituto de Arquitetos do Brasil, do antigo estado da Guanabara. No auge do Chapéu de Palha, Cláudio Figliolo com seu parceiro de negócio exploraram a área de hotelaria em Manaus:

Então, foram à procura de uma área ou de um prédio que pudesse tornar-se em um hotel. Estava em construção na época um prédio [...] Ele estava sendo construído para residências [...] Foi feita uma proposta de aluguel para transformar em um hotel, o Hotel Vitória Régia, mas foi realizada toda a adaptação para aproveitar o que seria por exemplo copa para banheiro, o que era cozinha para criar um quarto, enfim era toda uma reforma interna que foi altamente custosa, demorada e cara. E com uma cláusula contratual de que entregariam o prédio nas condições anteriores. Que foi naturalmente um tiro no pé. [...] poucos meses depois de funcionamento, o hotel já estava com uma clientela muito boa, e o café da manhã era um diferencial, que era um café todo importado, de leite holandês, queijo holandês, importados da Zona Franca. [...] tinham contratos com as companhias aé-

reais e passaram a hospedar as tripulações. Mas logo após alguns meses do funcionamento a Zona Franca teve seus incentivos suspensos, por decreto do Governo Federal. E com isso todo o movimento comercial de Manaus caiu. [...] E o que foi feito? Continuaram mantendo o hotel, que tinha um aluguel muito alto, com os recursos do restaurante, que teve a sua receita prejudicada pela queda do movimento. E não havia um lastro financeiro, poupança e tal, que permitisse essas duas coisas. Foram ao proprietário negociar e o proprietário disse "não, eu não tenho experiência de hotel". Propuseram até entregar o hotel como estava, desde que encerrassem o contrato, mas aí ele não teve interesse, ele queria alugar, pois o projeto inicial era residencial [...] e aí foi uma fase de dificuldade que complicou financeiramente os dois associados do Chapéu de Palha. Fizeram a reforma do prédio, a nova reforma para entregar, e nesse momento, por incrível que pareça, retornam os incentivos da Zona Franca, [...] mas aí os sócios já tinham desfeito lá [o hotel]. Já estavam desgostosos com isso e ainda tinha algumas pendências. E aí apareceu um ex-padre, que havia casado recentemente, era americano, e que se interessou pelo Chapéu de Palha, ele disse "olha, eu quero comprar, se vocês toparem eu compro"; e foi vendido o Chapéu de Palha. Esse proprietário ficou poucos anos, depois também vendeu. O fato é que os sócios saíram do negócio, com muita pena, naturalmente, mas conseguiram deixar tudo em ordem. E voltaram às suas atividades, mas para surpresa deles, em determinado momento, o Chapéu de Palha tinha fechado já com um segundo ou terceiro dono, e tudo ali posto a baixo. Foi uma perda para a história, pois se alguém tivesse continuado, e tivesse permanecido, hoje a cidade teria um marco, toda essa fase teria sido representada e aquilo ali não teria acabado. (José Braga)

O Hotel Vitória Régia, inaugurado em 7 de dezembro de 1968, dotado de 32 apartamentos (*Jornal do Commercio*, 7 de dezembro de 1968, sábado), surgiu em um momento em que Manaus atravessava grande ritmo de progresso.⁷ Em 1974 foi publicada uma reportagem sobre as condições das acomodações para os turistas na capital e a previsão de um novo hotel, o Hotel Tropical.

Manaus, que no momento possui 610 apartamentos, nos 37 hotéis existentes, em várias categorias, passará a contar já no segundo semestre com cerca

7. JORNAL DO COMÉRCIO. Hotel Vitória Régia será inaugurado hoje. Manaus, 7 dez. 1968.

de 1.080 apartamentos, com a inauguração prevista do Hotel Tropical, que oferecerá mais 470 apartamentos de luxo à cidade, juntamente com o Hotel Ouro Verde, situado no aristocrático bairro de Adrianópolis. Esse aumento de apartamentos na rede hoteleira da capital vai melhorar em muito as condições de hospedagem na cidade, quando então passarem a ter mais tranquilidade, embora esse número de apartamentos ainda não seja o suficiente para a capital amazonense.⁸

21

8. JORNAL DO COMÉRCIO. Aumentará em 80% a rede hoteleira. Manaus, 5 jun. 1974.

Este foi o Amazonas, projeto de 1947 realizado pelo arquiteto Paulo Antunes Ribeiro com jardins de Roberto Burle Marx e concluído em 1951. O hotel foi ampliado e descaracteriado em 1975, com 114 novos apartamentos, além de melhorias, como piscina e um novo bar.⁹ Apesar do Hotel Tropical inaugurar com 358 apartamentos, menos do que o proposto, ele ainda assim gerou cerca de 58,7% de aposentos a mais do total que havia na cidade e representava mais de um terço dos quartos disponíveis em Manaus.

9. JORNAL DO COMÉRCIO. Painel turístico: Hotelaria. Manaus, 11 abr. 1975.

Com o novo panorama hoteleiro na cidade, é possível afirmar que o Hotel Vitória Régia não suportou a concorrência. É possível identificar que a situação não foi favorável para os sócios, pois eles mantinham o hotel com os recursos do Chapéu de Palha, o qual passou a ter um concorrente, o restaurante flutuante do Hotel Tropical. Apesar da inauguração do hotel ter ocorrido apenas em 1976, o restaurante iniciou as atividades antes e tornou-se um novo ponto de atração turística na cidade.

Em 1986, o restaurante sucumbiu diante da especulação imobiliária. A euforia regionalista de outrora não passava agora de um edifício sem manutenção, com todos os problemas derivados desta condição nas construções com madeira e palha. O edifício foi demolido e seria construído um apart-hotel de 18 andares. Segundo Afrânio Pio Souza, o então proprietário, era mais importante um empreendimento imobiliário no local do que um restaurante que não dava mais lucro e estava malconservado.¹⁰

Apesar do desejo de Afrânio Souza, o apart-hotel nunca foi construído. O Brasil na década de 1980 passava por uma grande desvalorização da moeda e baixo crescimento econômico, o que dificultava o financiamento e execução de empreendimentos desse porte. Somente em 1990, o mesmo proprietário apresentou uma ideia empresarial

10. JORNAL DO COMÉRCIO. Destruido Chapéu Premiado. Manaus, 2 nov. 1986.

mais modesta para o local e construiu de um posto de gasolina." Nesse espaço também se encontra um pequeno centro comercial. No local não existe mais nenhum vestígio do edifício em madeira e palha e sobraram apenas as lembranças dos antigos frequentadores do local.

Em entrevista ao *Jornal do Comércio*, Severiano Porto (1986, p. 11) lamentava a destruição do Restaurante Chapéu de Palha em nome de uma especulação imobiliária que não respeitava a identidade da cidade, afirmando ainda que "Quem perde como vem perdendo sempre é a memória da cidade, que a cada dia tem menos elementos que a identifiquem". Ainda: "Depois o restaurante passou a ser administrado por vários donos que a cada ano, deixavam que os cupins tomassem conta do modelo tão revolucionário quanto simples e bonito".¹⁵

Severiano Porto na mesma entrevista afirmou que faltou equilíbrio e cuidado na última administração do empreendimento, pois se houvesse dado a função adequada, o edifício funcionaria muito bem como atração turística, pois, para ele, quem visita Manaus quer ver natureza, verde, coisas do lugar e o Restaurante Chapéu de Palha expressava bem esses valores.

O restaurante, além da sua qualidade arquitetônica, teve grande aceitação, com considerado apreço dos moradores da cidade. Observa-se que a forma arquitetônica se tornou uma tipologia que agradava à população amazonense e há registros de construções alusivas ao seu aspecto formal, porém com outras funções como simples churrasqueiras, escolas, centros sociais e delegacias.¹⁶

— DESCRIÇÃO DO PROJETO ARQUITETÔNICO

Localizava-se em um lote entre a Rua Fortaleza e a Avenida Humberto Calderaro, na época chamada de Rua Paraíba, no bairro de Adrianópolis, antiga Vila Municipal, que foi ocupada por chácaras no início do século XX, em Manaus. O terreno de topografia plana, era retangular, com 50m de comprimento e 30m de largura, com uma área total de 1500m². O comprimento do lote se estende na direção Norte-Sul, enquanto a largura fica no Leste-Oeste. Os proprietários cederam parte do terreno para locação.

15. JORNAL DO COMÉRCIO. Embargo e atuação. Manaus, 12 abr. 1990.

16. JORNAL DO COMÉRCIO. Hotel Vitória Régia será inaugurado hoje. Manaus, 7 dez. 1968.

15. É importante registrar o caso de plágio do projeto do Restaurante Chapéu de Palha realizado pelo Iate Clube de Boa Vista no estado de Roraima.



Figura 2. Chapéu de Palha. Acervo Severiano Porto. NFD/UFRJ.

O acesso era feito por ambas as vias. Ao entrar pela Rua Fortaleza encontravam-se seis quiosques menores distribuídos na área sul do terreno com desenho semelhante ao edifício principal. Os quiosques de 4,5m de diâmetro e com 15,90m² de área coberta, ofereciam maior privacidade aos clientes já que possuíam apenas uma mesa. A entrada pela Rua Paraíba estabelecia o acesso direto ao restaurante, sem interferência aos quiosques. Ao entrar no edifício principal, o alto pé direito de 12,20m seguia formato cônico, forrado com palha. A ambientação interna do edifício era artesanal, com mesas de madeira, cadeiras de vime e luminárias com formato de chapéu de palha. Ao norte do restaurante, encontrava-se a entrada para o setor dos funcionários, com o caixa e o setor de distribuição dos pratos. Ao leste, o acesso para o escritório, e a oeste, o acesso à cozinha. Ao leste, próximo à entrada da Rua Paraíba, encontrava-se uma loja com lembranças do estabelecimento. Ao oeste, quase na mesma posição, o sanitário feminino. Na circulação pe-

24 rífrica externa ao restaurante, no setor norte, havia três acessos secundários para sanitário masculino, vestiário e cozinha.



Figura 3. Planta baixa. Fonte: Autores, 2017.

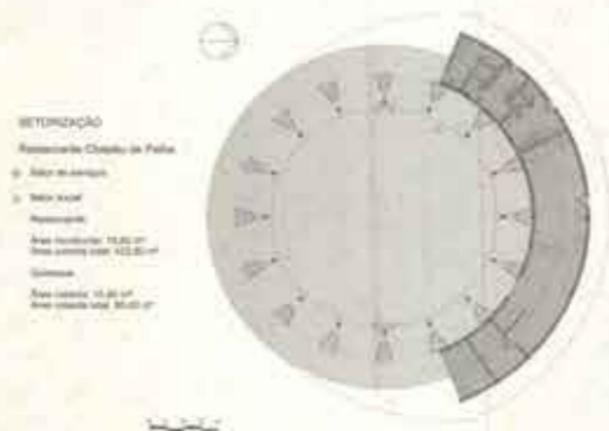


Figura 4. Setorização. Fonte: Autores, 2017.

O edifício, com planta circular, era formado por raios concêntricos. O primeiro raio, com 10,20m, configurava o salão de refeições e o segundo, de 13m, mais ao norte do terreno, configurava o setor de serviços. Dentro do menor raio distribuíam-se os 16 pilares, inclinados a 55° do solo. Os pi-

lares em acariquara possuíam 20cm de diâmetro, com base trapezoidal de concreto. Esses pilares se uniam entre si através das vigas de acariquara com menor diâmetro, formando três anéis de vigas, cada um com 2,50m, 4,60m e 6,70m de altura. No mesmo plano das vigas, havia hastes de madeira contraventadas. As ripas foram colocadas logo acima da estrutura citada e distribuídas ao longo da mesma. Toda a estrutura do telhado era em madeira e sua forração, em palha.

No alto, onde os pilares se encontravam a 12,20m de altura, um tirante metálico garantia a rigidez e estabilidade do conjunto e descia do ponto mais alto do telhado até ficar a 7,60m do chão. Nessa extremidade do tirante, a haste se abria como um guarda-chuva invertido e cada ramificação se conectava a cada pilar. Com uma inclinação de 55° , até se encontrar a 2,60m do chão, uma nova água no sentido oposto com uma inclinação de 18° . Isso ocorria na parte do setor social, exceto quando se iniciava o setor dos funcionários, pois o telhado adquiria uma nova forma, com duas quedas d'água, continuando com a mesma inclinação de 18° . A cobertura, possuía o aspecto cônico com abas na sua lateral. Nas abas do chapéu, foram colocados tirantes metálicos, para assegurar a estabilidade e a calha no encontro entre as duas águas.

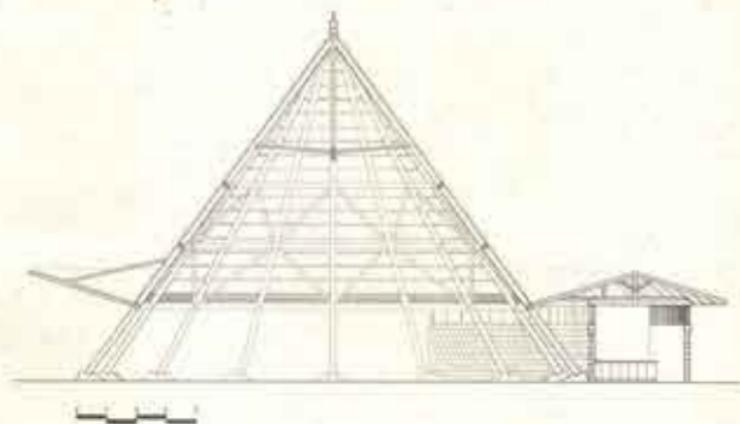


Figura 5. Corte BB. Fonte: Autores, 2017.

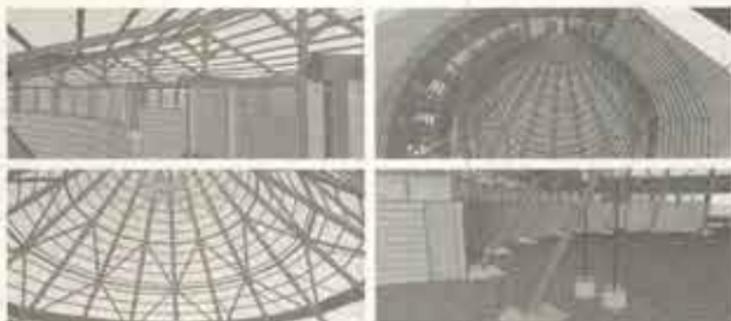


Figura 6. Modelagem 3D. Fonte: Autoras, 2017.

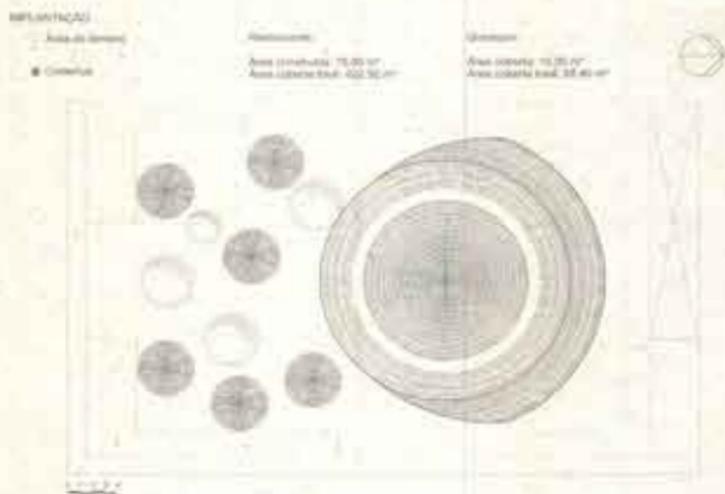


Figura 7. Implantação. Fonte: Autoras, 2017.

O salão de refeição era praticamente aberto, composto apenas com mesas, cadeiras, luminárias e pilares, protegidos das intempéries pelo telhado. Neste mesmo local, encontravam-se em frente aos pilares do eixo leste e oeste dois cilindros de concreto, com correntes que desciam da estrutura do telhado, usados como sistema de condução e coleta das águas pluviais, além da presença da calha de chapa metálica que rodeava toda a circunferência. Na área dos funcionários, a semicircunferência formada era delimitada por paredes em alvenaria de tijolos ce-

râmicos, sem revestimentos. Acima de 2m da alvenaria, janelas de 50cm x 70cm, com caixilho em madeira que seguiam o desenho circular. Nesse setor de serviço havia os banheiros masculino e feminino, o vestiário, a cozinha, a área de distribuição dos pratos, escritório e loja de lembranças. No projeto original, foram especificados o uso de piso de tijolo recozido, mas foram usadas peças de concreto, com formato hexagonal e moldadas *in loco*.

O restaurante foi implantado seguindo o eixo Norte-Sul de simetria, já os quiosques, quando analisados separadamente, aparentam ter sido dispostos de forma aleatória. Entretanto, ao analisar a disposição das árvores, que Severiano optou em preservá-las, vemos que os mesmos foram implantados nos trechos disponíveis.

— PATRIMÔNIO DESCONHECIDO NÃO É VALORIZADO

É imperioso uma atenção especial ao patrimônio arquitetônico moderno no estado do Amazonas. Infelizmente, ainda persiste uma visão etária do patrimônio arquitetônico, onde a idade do bem condiciona o seu valor artístico. Vale ressaltar que a cidade de Brasília foi tombada quando inaugurada. Há pouco conhecimento da arquitetura realizada na Amazônia após o término da República Velha, evidenciado pela inexpressiva quantidade de publicações desse período. Os textos oriundos das pesquisas realizadas têm como foco a arquitetura eclética produzida pelos imigrantes no início do período republicano. Por outro lado, as revistas de arquitetura nas décadas de 1950 a 1980 publicaram alguns edifícios e notabilizaram Severiano Porto, como um expoente latino-americano. Quais os motivos que levam a nossa sociedade a desconsiderar e a não reconhecer a produção moderna como parte do seu patrimônio?

Os cursos de Arquitetura e Urbanismo foram implantados no Amazonas apenas na década de 1990, em instituições privadas, e somente em 2010 na Universidade Federal do Amazonas, onde há ambiente e incentivos para a criação de grupos de pesquisa, redes e programas de mestrado e doutorado. Criado em 2015, o Projeto de Pesquisa “Severiano Porto e a arquitetura moderna na Amazônia”¹⁴ coordenado pelo professor Marcos Paulo Cereto, busca o resgate digital desse patrimônio

14. O interesse pela temática proporcionou aos integrantes do projeto de pesquisa a apresentação e publicação de artigos em eventos na região, de abrangência nacional, e em congressos fora do país.

28 para o reconhecimento e preservação em ações futuras. A demolição e a descaracterização do patrimônio arquitetônico moderno no estado do Amazonas resultam da desconsideração e do desconhecimento dos importantes exemplares que construíram a nossa história. Muitos edifícios foram descaracterizados e até demolidos nas décadas de 1970 à 2000 sem considerar a sua importância no cenário artístico, histórico e cultural. A reconstituição digital é uma forma de resgate e alerta à sociedade.

A demolição do Restaurante Chapéu de Palha, edifício premiado em 1967 pelo IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil, é apenas um capítulo deste fenômeno. Em 2003, foi desmontada a residência do arquiteto na Rua Recife, premiada pelo IAB, em 1971, pela Construtora Cristal e doada ao IAB/AM, para a reconstrução em outro terreno para a sede do instituto na capital amazonense. De forma irresponsável, o instituto não soube e ainda não sabe informar onde estão as peças da casa. Em 2010, o estádio Vivaldo Lima, premiado em 1965 pelo IAB, foi demolido para a construção da Arena da Amazônia. O Centro de Proteção Ambiental de Balbina, premiado pelo IAB em 1987, encontra-se em estado de ruínas. Entre tantas homenagens e honras ao longo da sua trajetória profissional, cabe destacar que em 2006, Severiano Porto foi condecorado pela Academia Amazonense de Letras com a medalha Pêricles Moraes.

Além das obras de Severiano Porto tivemos obras demolidas ou descaracterizadas de outros renomados arquitetos brasileiros em nosso estado, sem o cuidado e a devida proteção: Jorge Moreira, Jose Bina Fonyat, Paulo Antunes Ribeiro, Ricardo Lefèvre, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Carlos Porto, Cesar Oiticica são alguns nomes que realizaram importantes edifícios na cidade de Manaus. Ainda podemos listar as três casas projetadas por Lúcio Costa e doadas ao amigo e poeta Thiago de Mello, no município de Barreirinha. Duas dessas casas estão sob os cuidados da Prefeitura Municipal e foram abandonadas e estão em sério risco de conservação.

Em 2016, por iniciativa do Conselho de Arquitetura e Urbanismo – CAU/AM, a Assembleia Legislativa do estado do Amazonas tombou por decreto 29 edifícios atribuídos ao arquiteto Severiano Porto. Embora a iniciativa seja louvável, o tombamento de edifícios exige uma

série de informações, procedimentos e a elaboração de inventários que não foram realizados. Dessa forma, obras que não foram projetadas por Severiano foram tombadas. Mesmo com a lei aprovada, a pousada de Silves foi recentemente descaracterizada, com a substituição das peças em madeira por produtos industrializados em PVC. Neste mesmo ano, foi criado o Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – Sama, evento anual e itinerante com o encontro de pesquisadores das universidades da Amazônia Legal. O primeiro evento ocorreu na Universidade Federal do Amazonas, em 2016. A segunda edição aconteceu na Universidade Federal do Tocantins, em 2017, e a terceira edição será em 2018, na Universidade Federal do Pará. O seminário tem como objetivo promover a discussão da modernidade na região, reconhecê-la como patrimônio, promover a preservação, a conservação e catalogar as edificações da região. A reconstrução digital dos edifícios demolidos, como a que foi realizada do Restaurante Chapéu de Palha, é uma importante ação de preservação e reconhecimento. A construção da historiografia da arquitetura da Amazônia iniciou e, quem sabe, em um futuro breve, possamos evitar a descaracterização dos edifícios que fazem parte da vida das nossas cidades.

— REFERÊNCIAS

- ABA – *Revista Arquitetura Brasileiro do Ano/Rio de Janeiro*, GB – 1967/68, 216p.
- ACERVO Severiano Porto. Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. *Zona Franca: um romance polêmico entre Amazonas e São Paulo*. 2 ed. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1997.
- CERETO, Marcos. *Amazônia moderna. A criação do Seminário de Arquitetura Moderna na Amazônia – Sama*. Drops, São Paulo, 2017, n.102.01, Vitruvius, mar.2016
- _____. Severiano Porto: lições para as cidades amazônicas. *Praxe: Revista Eletrônica de Humanidades do curso de Ciências Sociais da Unifap*, v.9, p. 193-208.

30 _____, ESPINOSA, V. N. *Entrevista com José Braga*. Manaus, 7 de outubro de 2016.

ESTADO do Amazonas, Sepian e Codema. *Zona Franca, desenvolvimento*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado, 1976.

JORNAL do Comércio. *Aumentará em 80% a rede hoteleira*. Manaus, 5 jan. 1974.

_____. *Convivência social*. Manaus, 2 mar. 1968.

_____. *Convivência social*. Manaus, 24 fev. 1968.

_____. *Destruído Chapéu Premiado*. Manaus, 2 nov. 1986.

_____. *Embargo e atuação*. Manaus, 12 abr. 1990.

_____. *Hotel Vitória Régia será inaugurado*. Manaus, 7 dez. 1968.

_____. *Manaus de 1 milhão de pessoas está na prancha dos projetistas*. Manaus, 8 mar. 1966.

_____. *'Noite drabe' no Chapéu de Palha*. Manaus, 15 abr. 1969.

_____. *Painel turístico: Hotelaria*. Manaus, 11 abr. 1975.

_____. *Portuga minha terra*. Manaus, 1968.

PORTO, Severiano. *Curriculum Vitae*. Rio de Janeiro: Acervo NPD/UFRJ, 2002.

SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. 3ª ed., 1ª reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.



{ FUNDADORES }

— Generino Maciel, esboço de uma biografia

ROBÉRIO BRAGA

— INTRODUÇÃO

Tem sido comum a referência a grandes levas de nordestinos que se transferiram por opção ou foram deslocados para Manaus em razão de graves secas no Nordeste, especialmente na fase áurea da borracha, considerada de 1877 a 1910. Na sua grande maioria eram pessoas simples, muitas das quais chegaram à capital amazonense com passagem paga por alguma associação, por seringalistas ou pelo governo do Estado, na maioria das vezes em razão de mobilização de grupos de cearenses, paraibanos, pernambucanos, piauienses e maranhenses os quais, residentes no Amazonas, com posses, influência social e política conseguiam meios para recambiar famílias inteiras como retirantes do sertão.

Esses mesmos grupos de nordestinos organizaram entidades representativas de suas culturas como o Centro Pernambucano, o Centro Parahybano, a Renascença Cearense e o Centro Parahybano de Socorros Mútuos as quais também funcionavam como amparo aos flagelados nordestinos que aportavam na capital da hévea. Em 1915 esses movimentos recrudesceram com alguma expressão em razão de outra grande seca na Região nordestina, levando a que chegassem a organizar um Comitê Central de Flagelados na capital amazonense.

Afora os retirantes que chegavam em grande quantidade, muitos deles transferidos para o interior com serviço prometido em altos rios, especialmente nos seringais, outros se instalaram em Manaus para exercer as mais variadas profissões liberais, muitos dos

- 34 quais tiveram influência política e social como médicos, magistrados, advogados, farmacêuticos, professores, dentistas, comerciantes e jornalistas.

Em meio a esses nordestinos mais qualificados profissionalmente muito eram paraibanos, alguns obtiveram destaque no exercício de suas atividades laborais. Os mais humildes se perderam nos seringais para onde foram levados em busca de emprego e sustento, sem que seja possível sequer ser conhecida a quantidade e seus nomes.

Dentre tantos, um paraibano teve papel considerável em Manaus dessa época: Generino Maciel.

— A TRAJETÓRIA PESSOAL

A trajetória de Generino Maciel pode ser reconstruída em relação a várias atividades e por diversas cidades. Foi jornalista por excelência, professor, advogado, político, orador e conferencista, mas ao que se depreende dos dados disponíveis após garimpagem nos arquivos de jornais de várias cidades é que sua dedicação maior teria sido ao jornalismo e à política.

Nascido na Paraíba em 15 de agosto de (?),¹ exerceu atividades em Campina Grande, Natal, Belém e Manaus, por vários anos. De sua família e vivência inicial na terra do nascimento não há registros conhecidos, sabendo-se que, depois de trabalhar em Belém e Manaus, retornou à Paraíba para atuar no jornalismo, na advocacia e na política.

Na capital amazonense foi professor, advogado, juiz municipal substituto no cível e criminal e um dos fundadores da Sociedade Amazonense de Homens de Letras (1918) que a partir de 1920 passou a ser denominada Academia Amazonense de Letras. É possível cogitar que tenha chegado a Manaus ainda bem jovem, visto que em 1903 prestou exames no Ginásio Amazonense sendo aprovado, e fez concurso para praticante de 2ª classe do Correio federal, também conseguindo aprovação.²

O desenvolvimento de todas essas atividades pode ser revisado, em síntese, no presente rascunho de sua biografia, assim propo-

1. Correio do Norte, Manaus, 25 ago. 1909, p. 2. O Jornal do Comércio, de Manaus, 24 fev. 1914, p. 1, refere a data de 24 de fevereiro como a de seu aniversário.

2. Ojo Vadis?, Manaus, 8 abr. 1903, p. 1.

sitadamente denominado porque são apenas apanhados históricos a reclamar melhor apreciação, mas que podem significar motivação a outras pesquisas, oferecer pistas a estudos variados, e, principalmente, preencher uma lamentável lacuna na vida da Academia no que diz respeito a um dos seus fundadores.

— NO CAMPO DAS ARTES E DAS LETRAS

Considerando artigo publicado em 1903 na imprensa de Manaus é possível cogitar que seus pendores para o jornalismo e a crônica literária tenham sido apresentados naquela época, posto que, como se estivesse rememorando a terra natal, escrevia artigo oferecido aos colegas Nilo Durand³ e Carlos Gonçalves,⁴ como se estivesse matando a saudade da terra distante:

[...] Tudo ali é belo: um céu de maio sem nuvem, de opala, e a natureza luxuriante! [...]. Porém, mas admirável que tudo isso é a paz angelical que reina no lar e na família meio-selvagem: é o ofertar do beijo e recolher do riso, troca amável entre a mãe carinhosa e o filhinho alegre [...].⁵

No mesmo ano, em artigo de homenagem às crianças, demonstrou atenção especial por elas, gestos de apreço, de carinho e amor, mas referindo as saudades da terra mãe, e, como era praxe, ofereceu aos colegas José Cavalcante e Raulpho Spinola.⁶

Sua vocação para poeta parece não ter sido bem sucedida, à vista dos únicos comentários até agora identificados, aliás, nada recomendáveis, e que são da lavra do professor e acadêmico Mário Ypiranga Monteiro. Mesmo assim teve influência bastante para integrar o grupo de fundação da Academia Amazonense de Letras em 1918, obter destaque na imprensa como jornalista e por algumas crônicas e poesias, ser um orador requisitado, conferencista em algumas oportunidades, e demonstrar sensibilidade para atuar em entidade representativa de jornalistas especialmente em programas de arte e literatura em Manaus.

3. Aluno premiado no Atheneu Amazonense em 1903, com medalha de 1^o classe e inscrição no Quadro de Honra de escola (Oito Vadias?, Manaus, 28 set. 1903, p. 2).

4. Aluno premiado com medalha e distinção no Atheneu Amazonense (Oito Vadias?, Manaus, 28 set. 1903, p. 2).

5. Oito Vadias?, Manaus, 31 mai. 1903, p. 3. Quadro dos campos de minha terra.

6. Oito Vadias?, Manaus, 30 dec. 1903, p. 2.

Suas qualidades de orador e conferencista foram demonstradas em vários eventos sociais, culturais e políticos. Quando ainda jovem, em 1910, em Belém, participou das homenagens prestadas a Epaminondas Jácome, grande defensor da solução dos problemas das terras do Acre, em evento organizado pelo *O Jornal*, como orador.⁷

Afeito às artes, ao que se vê de notícias de jornais, atuou em vários festivais levados no Teatro Amazonas, especialmente naqueles denominados de "Revista de Manaus", quase sempre proferindo conferências, muitas vezes ao lado de Adriano Jorge, Heitor Figueiredo, Péricles Moraes, Paulo Elheutério Álvares da Silva e Heliodoro Balbi,⁸ alguns dos quais seriam companheiros na Academia Amazonense de Letras.

Certa feita coube a ele apresentar Estevam Alves,⁹ conferencista português que fez uma análise da crise política em seu país, em concorrida reunião realizada no Salão da Intendência Municipal de Manaus em 18 de maio de 1912, cuidando especialmente da experiência da república em Portugal.¹⁰ Tratava-se de importante manifestação, uma vez que era bastante expressiva a colônia lusa em Manaus e o conferencista, segundo a imprensa da época aliava "a seu preparo qualidades de verdadeiro orador, senão fogoso e arrebataado, pelo menos natural e espontâneo".¹¹

Em uma fase em que a cidade dispunha de muitas atividades artísticas de cunho local, em sua maioria com artistas amadores depois de haver conhecido boas e clássicas montagens de óperas e outros gêneros, era realizada uma programação denominada "Hora Literária" organizada pela Associação de Imprensa que passou a ter papel relevante na vida cultural da cidade, logo a partir de 1915, com a realização de festivais no Teatro Amazonas no Ideal Clube, sob a presidência do barão de Solimões. No primeiro desses eventos lá estava Generino como orador ao lado Th. Vaz, Gaspar Guimarães e Alcides Bahia, seguindo-se a apresentação de orquestra organizada por João Donizete com vários professores bastante conhecidos na cidade.¹² Generino Maciel era o secretário atuando ao lado de João Baptista de Faria e Souza que era o tesoureiro da entidade.¹³ O programa adotado nesses eventos era variado, com diversos jornalistas e convidados declamando, proferindo conferências, exe-

7. *A Província, Recife*, 24 abr. 1910, p. 1.

8. *Correio do Norte, Manaus*, 31 ago. 1911, p. 1.

9. Era jornalista e esteve em Manaus aproveitando a grande e influente colônia portuguesa residente para proferir conferência sobre a vida em Portugal, hospedando-se no Grande Hotel. O ponto central de sua palestra era a crise política que se instalara com a república.

10. *Jornal do Commercio, Manaus*, 20 mai. 1912, p. 1.

11. *Idem, idem, idem*.

12. *Jornal do Commercio, Manaus*, 25 out. 1915, p. 1.

13. *Jornal do Commercio, Manaus*, 22 nov. 1914, p. 1.

cutando músicas de compositores locais e outros de fama internacional. 37

Nesse mesmo ano (1915) ele foi o orador da solenidade de homenagem ao professor Benedito Sidou, diretor da Escola Normal, saudando as alunas finalistas da instituição, oportunidade em que em nome das estudantes usou da palavra a normalista Freitas Pinto após declamação, canto e apresentação das alunas Eunice Serrano, Natália Queiroz, Maria Sales, Amazonina Sidou e Nédita Sidou.¹⁴

— NA SEARA DAS CIÊNCIAS JURÍDICAS

Os primeiros registros de que teria feito o curso de ciências jurídicas surgem em 1909 e o referem como quartanista do curso de Direito,¹⁵ conforme notícia de jornal da capital amazonense. Causa estranheza, a princípio, porque até então não havia nenhum curso superior em funcionamento em Manaus em razão de que a Universidade Livre havia iniciado suas atividades naquele ano. O que se verifica, entretanto, é que ele cursava a Faculdade de Direito do Estado do Pará, em nome da qual esteve no Congresso de Estudantes Brasileiros realizado em São Paulo em 1909, na companhia de Antônio do Amaral Brasil, Aristides Lemos, Eurico Amanajás e Antônio Lemos Sobrinho,¹⁶ retornando a capital paraense em setembro do mesmo ano.¹⁷

Como era do seu estilo polemizou bastante nesse Congresso, especialmente com Antônio Gonçalves Pereira Neto,¹⁸ mas também foi destacado como presidente de algumas sessões realizadas na Faculdade de Direito de São Paulo e secretariadas por Souza Soares e A. Anajás.¹⁹ Mereceu maior destaque porque foi o presidente da última sessão do Congresso tendo conduta elogiada por Arnaldo Porchat, especialmente em relação à forma democrática de sua atuação.²⁰

Formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Pará, em 1910, em turma da qual foi o orador e o paraninfado coube ao professor Augusto Meira.²¹ Não há, portanto, dúvidas quanto à sua formação no campo das ciências jurídicas, e as suspeitas levantadas a esse

14. *Jornal do Comércio, Manaus*, 21 out. 1915, p. 1.

15. *Correio do Norte, Manaus*, 15 ago. 1909, p. 2.

16. *Pacotilha, São Luiz*, 2 jul. 1909, p. 1.

17. *Pacotilha, São Luiz*, 18 set. 1909, p. 2.

18. *O Commercio de São Paulo, São Paulo*, 20 jul. 1909, p. 2.

19. *O Commercio de São Paulo, São Paulo*, 21 jul. 1909, p. 2.

20. *O Commercio de São Paulo, São Paulo*, 25 jul. 1909, p. 1.

21. *Correio Paulistano, São Paulo*, 16 mar. 1910, p. 4.

38 respeito, vez em quando pela imprensa quando dos embates políticos, não procedem.

Uma de suas atividades em Manaus diz respeito exatamente à sua formação jurídica, precisamente quando em 1912 foi nomeado juiz municipal de vara cível na capital amazonense, período em que deu solução a vários processos de falência fazendo realizar muitos leilões de bens particulares e de empresas, a demonstrar os resultados nefastos provocados pela queda da economia local. Nesse sentido vale considerar que, desde então e com o agravamento da crise econômica em 1913 em razão da redução do preço da borracha nos mercados internacionais, foram muitas as propriedades vendidas, alugadas e até abandonadas na capital do Amazonas, em razão do deslocamento de famílias inteiras para Belém e para o Sul do País. Em paralelo crescia o número de leilões de bens móveis e de utensílios domésticos, muitos até luxuosos, para pagamento de dívidas.

Tendo advogado no foro da capital, mantinha escritório na Rua Saldanha Marinho, nº 36,³¹ até quando foi nomeado juiz criminal adjunto da capital pelo governador Pedro de Alcântara Bacellar, para o biênio 1918-1919, juntamente com Isaías Bevilacqua e Gentil Bittencourt.³²

Sua atuação como advogado se desenvolveu em Manaus, Belém, Campina Grande, Paraíba do Norte e Natal, em cuja cidade também residiam alguns parentes,³³ além de Santa Terezinha, na Bahia, em cuja cidade foi nomeado juiz preparador do município, em 1933.³⁴

— O JORNALISTA POLÊMICO

Sua passagem pelas redações de jornais, o mais importante meio de comunicação e expressivo instrumento político-partidário da época, deu-se em Belém, Manaus e Campina Grande.

Depois de atuar em Belém do Pará e alcançar algum destaque no jornalismo do Norte do país foi convidado pelo Dr. Vicente Reis, proprietário e diretor do *Jornal do Comércio*, de Manaus, a se transferir para a capital amazonense e exercer a função de secretário do referido jornal. Chegou a capital amazonense em 7 de maio de

31. *Jornal do Commercio, Mundo*, 29 jul. 1912, p. 7.

32. *A Capital, Mundo*, 7 nov. 1917, p. 2.

33. *A Ordem, Natal*, 11 fev. 1943, p. 4.

34. *Jornal do Commercio, Rio de Janeiro*, 8 jan. 1933, p. 2.

1911 e foi saudado como "nome vantajosamente conhecido da imprensa do país, na do vizinho Estado, onde tem sido posta em relevo, de maneira brilhante, a sua invejável aptidão jornalística".²⁶ Seriam essas, então, as credenciais que justificavam a nova tribuna. Diverso disso, anos depois (1918), em razão de forte embate travado com o também jornalista e poeta Thaumaturgo Vaz, este revelou faceta diferente de sua vida ressaltando que ele teria sido recambiado para esse importante encargo como pena de aluguel, acrescentando:

[...] não o provoquei para essa contenda, mas, fico em meu posto, com a responsabilidade absoluta de tudo o que aqui se disse a seu respeito. Fui seu dedicado amigo, e, agora, o vejo e o tenho transformado em meu pior inimigo [...].²⁷

Em razão de ser redator-secretário do *Jornal do Comércio* era tratado com deferência pelo *Correio do Norte*, órgão do Partido Revisionista do Amazonas que tinha à frente Adriano Jorge e Heliodoro Balbi, o qual a ele se referia como "[...] jornalista de fina tempera, inteligência de forte enfiatura, sabendo manejar a sua pena de ouro com brilhantismo". [...] "Por todos os motivos digno das maiores admirações [...]"²⁸

Após os trágicos episódios do bombardeio de Manaus em 1910, Generino manteve-se ao lado governador Antônio Bittencourt participando das festas públicas e de imprensa quando de sua recondução ao cargo em 1911, tendo sido o orador oficial nas homenagens que foram prestadas ao governador, possivelmente em razão da posição adotada pelo *Jornal do Comércio*,²⁹ contrário ao bombardeio e à deposição.

Pouco depois teria retornado a Belém, visto que em viagem pelo estado do Maranhão, chegava ao Pará como redator de *O Jornal*, daquela cidade, em fevereiro de 1912.³⁰

Certa feita, preparando-se para visitar a terra natal apresentou despedidas por registro de imprensa, como era usual naqueles anos, e após retornar a Manaus pelo vapor "Maranhão", em 1912, mereceu saudações especiais dos jornais que o acolhiam de forma po-

39

26. *Jornal do Comércio*.
Manaus, 8 mai. 1911, p. 1.

27. *Imparcial*, Manaus,
3 fev. 1918, p. 1.

28. *Correio do Norte*,
Manaus, 15 ago. 1911, p. 1.

29. *Correio do Norte*,
Manaus, 21 out. 1911, p. 1.

30. *Pacotilha, São Luís*,
13 fev. 1912, p. 1.

sitiva,³¹ oportunidade que coincidiu com sua nomeação para primeiro suplente de Juiz, e ingresso imediato no exercício da função.³²

Apixonado pelo jornalismo, após se desligar do *Jornal do Comércio*, em 31 de julho de 1912 Generino Maciel participou do grupo de profissionais que deu a público o primeiro número do *Jornal de Manaus*, de propriedade de Manoel de Miranda Simões, trabalhando na companhia de Costa Fernandes. Ao que parece esse jornal pretendia ser um jornal diferente, anunciando independência, rejeitando partidarismos e declarando que iria "analisar, criticamente, imparcialmente, severamente, mas em linguagem condigna os desvios dos governos e os desrespeitos dos partidos aos direitos da coletividade".³³ Havia razão para esse manifesto inaugural, mas também sinalizava para a busca de conquistar leitores visto a circulação de grande número de jornais naquela época e também porque quase todos destacavam, logo no cabeçalho da página principal, serem órgãos de representação de um partido político. O *Jornal de Manaus* pretendia, então, romper com esse ciclo comprometedor que não ousava permitir opiniões independentes pela imprensa.

Essa posição, entretanto, não impediu que Generino, em 1913, apoiasse publicamente a candidatura de Barbosa Lima para senador da República pelo Amazonas, político que não visitou Manaus em nenhuma oportunidade, nem mantinha qualquer laço familiar, histórico ou político com o Amazonas.

Pouco depois estava na equipe do jornal *O Tempo*, lançado em Manaus em 22 de abril de 1913, prestando grande homenagem ao senador Pinheiro Machado e sob a direção política do senador Henrique Ferreira Penna de Azevedo, tendo como redator-chefe o desembargador Agapito Pereira e do qual ele era o redator-secretário e Francisco Telles da Rocha o tesoureiro.³⁴ Vale destacar que nos fins daquele ano Ferreira Penna foi eleito prefeito de Manaus, cargo que ainda mantinha a denominação de superintendente, sendo empossado a 1º de janeiro de 1914, vindo a falecer no dia 18 do mesmo mês.

O ano de 1915 foi de grandes atropelos e algum sucesso para Generino Maciel. De um lado, um forte atrito público com os anti-

31. *Correio do Norte*, Manaus, 6 mar. 1912, p. 2.

32. *Correio do Norte*, Manaus, 27 abr. 1912, p. 4.

33. *Jornal do Commercio*, Manaus, 14 ago. 1912, p. 1.

34. *A Federação*, Porto Alegre, 8 jun. 1913, p. 1.

gos companheiros do *Jornal do Comércio*, em episódio que envolveu os doutores Vicente Reis e Carlos Studart, e obrigou o jornal a sair em defesa de seu proprietário e de seu diretor, reagindo de forma violenta contra Generino. É que ele teria agredido Reis e Studart por outro jornal e estes não perdoaram e fizeram circular a dúvida sobre a sua formação em Direito, indagando e pedindo que provasse, publicamente: "onde, em que época, fez o seu curso de direito."³⁵

De outro lado, parecendo não ter incômodo tanto com a querela jornalística, Generino participou ativamente da organização e fundação da Associação Amazonense de Imprensa, em 18 de junho de 1915, na companhia dos jornalistas Carlos Chauvin, Abelardo Araújo, Alcides Bahia e Joaquim Gondim.³⁶ E foi nessa entidade que esteve envolvido no debate sobre o ingresso do governador Jonathas de Freitas Pedrosa como filiado e jornalista. O embate deu-se em acirrada e longa sessão na qual o governador teve a sua inscrição rejeitada.³⁷ Mesmo com muito reboliço causado por essa decisão a entidade manteve o seu regular funcionamento e em 1916 Generino era seu primeiro secretário.³⁸

Em setembro de 1918, ainda como redator do jornal *Imprensa*, de Manaus, estava em viagem pelo Nordeste, e, passando por São Luís do Maranhão visitou a redação de *O Jornal*, cumprimentando os dirigentes daquele órgão,³⁹ na companhia de Zildo Fábio Maciel.

Sua presença na imprensa de Manaus se efetivou também como autor, dentre outros, de: "O Divórcio" (1912); C.C. Paladinos da Galhofa (1915); Bilhete a Mavignier de Castro (1917).

— EXPERIÊNCIA NO MAGISTÉRIO

Sua passagem pelo magistério inclui atividades em bancas examinadoras e na administração de um dos mais importantes estabelecimentos de ensino de Manaus: a Escola Técnica Federal de Aprendizes e Artífices. Foi o segundo diretor da Escola, denominação anteriormente conferida à Escola Técnica Federal do Amazonas,⁴⁰ nomeado por ato do ministro da Agricultura em 30 de maio de 1913⁴¹ e em cujo cargo permaneceu até 1917 quando foi

35. *Jornal do Commercio, Manaus*, 22 abr. 1915, p. 1.

36. MONTEIRO, Mário Vitoriano. *À margem do J.C. de ontem*. *Jornal do Commercio, Manaus*, 2 jul. 1995, p. 5.

37. *Jornal do Commercio, Manaus*, 25 ago. 1915, p. 1.

38. *Jornal do Commercio, Manaus*, 27 jun. 1916, p. 1.

39. *O Jornal, São Luís*, 12 set. 1918, p. 4.

40. Foi o segundo diretor da Escola, sucedendo a Saturnino Santa Cruz de Oliveira.

41. *Jornal do Brasil, Rio de Janeiro*, 13 jun. 1913, p. 8.

42 substituído pelo professor Esmeraldo Coelho.⁴² Sua demissão ensejou acusações contra a sua honra e dignidade pelo *Jornal do Comércio*, órgão ao qual havia servido como secretário, mas que depois passou a agredi-lo sistematicamente. As denúncias decorriam de alegada venda de bens móveis da escola e redundaram em inquérito, em razão da acusação de dois servidores, os senhores Francisco Verdade e Anísio Antônio Brandão,⁴³ cujo desfecho não se conhece.⁴⁴

Como professor em fins de 1917 Generino atuou em diversas bancas de exame de colégios da capital amazonense como o Instituto Universitário, criado e dirigido pelo escritor José Chevalier Carneiro de Almeida, ao lado de José Francisco de Araújo Lima, Virgílio Barbosa, Benjamin Franklin de Araújo Lima, Francisco Pedro de Araújo Filho, Paulo Elheutério Álvares da Silva, Péricles Moraes e Agnello Bittencourt, quase todos fundadores da Academia de Letras,⁴⁵ e, em outra oportunidade, ao lado de Odilon Lima e sob a presidência de Péricles Moraes,⁴⁶ além de ter sido presidente da comissão de exames do Colégio Renascença, dirigido pela professora Aura H. Gonçalves.⁴⁷ Anos depois seria professor da Faculdade de Direito do Estado do Pará.

— A SOLIDARIEDADE PARAIBANA

Do mesmo modo que sucedeu com outros grupos de nordestinos, os paraibanos instalados em Manaus organizaram entidades de representação social e filantrópica as quais, em certa época, tiveram atuação no apoio aos flagelados da seca. Desde o começo de 1909 os paraibanos travavam da criação de sociedade com essa natureza, até que organizaram o Centro Parahyano do Amazonas, com reuniões realizadas no escritório do *vale quem tem*.⁴⁸ Os estatutos da entidade elaborados por Elviro Dantas, Manoel Madruga e Plácido Serrano foram aprovados após três reuniões preparatórias. Integrada por homens e mulheres nascidos na Paraíba,⁴⁹ a Sociedade foi secretariada por Cícero de Oliveira França e o primeiro conselho administrativo foi presidido por José Santiago, contando com

43. *Jornal do Comércio*, Manaus, 3 out. 1916, *Governo* 2, p. 4; BRAGA, Generino, *A Setuagenária* Escola Técnica Federal do Amazonas.

44. *Jornal do Comércio*, Manaus, 11 set. 1917, p. 2.

45. *Havia uma pendenga entre Generino e Esmeraldo e este procurou incriminá-lo para defender seu amigo o procurador fiscal Saturnino Santa Cruz. Tais assuntos tiveram repercussão em jornais do Rio de Janeiro como A Lanterna de 1917*

46. *A Capital*, Manaus, 12 dez. 1917, p. 2.

47. *A Capital*, Manaus, 16 dez. 1917, p. 2.

48. *A Capital*, Manaus, 13 dez. 1917, p. 2.

49. *Jornal do Comércio*, Manaus, 21 mar. 1909, p. 1.

49. *Jornal do Comércio*, Manaus, 6 abr. 1909, p. 2.

a participação de Samuel Souto Maior, Elviro Dantas, Silvestre Costa e Cícero Leal.⁵⁰

Tempos depois, por transformação ou por ter sido constituída outra entidade, estava em funcionamento o Centro Parahybano Amparador, sob a liderança do coronel João Cavalcante contando com a participação ativa de Raul Aranha e Elviro Dantas, ao que parece com o mesmo objetivo de solidariedade, como demonstrado em 1916, quando do falecimento de Anísio Maciel,⁵¹ irmão de Generino, oportunidade em que a entidade prestou apoio à família por meio de seus coestaduanos Stanislaw Affonso, Oliveira Lima e Manoel Cavalcante.⁵²

Em seguida surgiu o Centro Parahybano de Auxílios Mútuos, especialmente destinado a fazer frente aos problemas da seca na Paraíba. A reunião de fundação foi realizada no Teatro Amazonas sob a liderança de João Cavalcante de Albuquerque Vasconcellos, João Lopes Pereira, Plácido Serrano Pinto de Andrade, Arthur Gusmão, Antônio Cavalcante de Lima, desembargador Zózimo de Leiros, Pedro Serafim Sobrinho, Duarte Borges, Estevam Botelho, Raul Aranha e Manuel Pacheco.⁵³ Para enfrentar o angustiante problema da seca e promover a transferência de paraibanos para Manaus eles faziam quota financeira, conseguiam passagens de navio para os mais necessitados, definiam áreas no interior do Estado para as quais os retirantes poderiam ser levados, de preferência com terras férteis,⁵⁴ obtinham liberação de passagem em bondes elétricos na cidade e organizavam quermesse em conjunto com os cearenses. Todas essas importantes ações aliadas ao agravamento da seca redundaram na organização de um Comitê Central pró-flagelados, que ficou sob a presidência do desembargador Luiz Cabral.⁵⁵

Curioso registrar que as reuniões dessa entidade paraibana eram realizadas no Teatro Amazonas, em casa de residência na Rua Municipal e no Templo da Verdade que é a sede da Federação Espírita Amazonense, especialmente em 1915, e muitas vezes foram efetivadas em conjunto com a sociedade "Renascença do Ceará", outra importante associação que pugnava pelos mesmos objetivos, mas especialmente dedicada aos flagelados cearenses.

43

50. *Journal do Commercio*
Mandor, 22 abr. 1909, p. 1.

51. Anísio Maciel, narrado
em 29 de abril de (?) em
1913 já estava em Manaus

52. *Journal do Commercio*
Mandor, 20 jan. 1916, p. 1.

53. *Journal do Commercio*
Mandor, 9 ago. 1915, p. 1.

54. *Journal do Commercio*
Mandor, 20 ago. 1915, p. 1.

55. *Journal do Commercio*
Mandor, 19 jul. 1915, p. 1.

Além de atuação nos campos da solidariedade e da filantropia, Generino procurava manter um círculo social de boas relações, como sucedeu em 1916, época em que era redator do jornal *O Tempo*, quando foi intérprete do sentimento de muitos amigos em discurso oferecido ao Dr. Antonino Correia, empresário de grande sucesso, em festividade realizada na residência do homenageado,⁵⁶ quando de sua chegada a Manaus após longa viagem.

No "meeting patriótico", realizado em 29 de outubro de 1917, ao receber nos escritórios do jornal *A Imprensa* a comitiva que representava a passeata popular que havia invadido as ruas, foi Generino quem agradeceu em nome dos jornalistas firmando-se contra a posição germânica na guerra. Aquele teria sido um dia de grande agitação na cidade, e, no curso da caminhada pelas ruas, vários oradores fizeram uso da palavra, todos eles contrários aos germânicos: Carlos Chauvin, Aristides Rocha, Ageu Ramos, Venâncio Igrejas Lopes e Dornellas Câmara.⁵⁷

Generino esteve presente na sessão comemorativa de um ano de fundação da Cruz Vermelha Brasileira no Amazonas, realizada no Ideal Club, em 9 de setembro de 1917, a qual contou com a presença do governador Pedro d'Alcântara Bacellar, oportunidade em que a Cruz Vermelha era presidida por Lourenço Valente do Couto.⁵⁸

Frequentando os círculos sociais, políticos e de jornalistas de Manaus, Generino esteve presente à festa oferecida pelo governador Pedro Bacellar em Palácio Rio Negro no dia 2 de outubro de 1917. Teria sido um evento retumbante no qual o Dr. Francisco Pedro de Araújo Filho pronunciou vibrante discurso da sacada do palácio, houve desfile de convidados pelas ruas da cidade levando o povo a aderir à marcha que seguia com a banda de música da Polícia Militar, e foi encerrado com o discurso do governador.⁵⁹ Demonstrando ser *habitué* dos círculos do poder Generino também esteve em outra recepção em Palácio, no dia 4, e sua presença foi destacada pela imprensa.⁶⁰

56. Estado do Pará, Belém, 3 abr. 1916, p. 2.

57. A Capital, Mendor, 30 out. 1917, p. 2.

58. A Capital, Mendor, 05. 1917, p. 1.

59. A Capital, Mendor, 3 out. 1917, p. 1.

60. A Capital, Mendor, 5 out. 1917, p. 2.

A Academia Amazonense de Letras foi criada sob a denominação de Sociedade Amazonense de Homens de Letras em janeiro de 1918, apesar das primeiras reuniões terem sido realizadas em dezembro de 1917, logo após as cogitações surgidas em casa de residência de Benjamin Lima, em reuniões das quais participavam Péricles Moraes e José Chevalier, os quais atuaram como grupo original e motivador de outros escritores visando à consecução do intento.

Nesse sentido fizeram publicar convite especial a vários escritores, citados nominalmente, para que aderissem à ideia. Generino Maciel consta dessa lista original dos convidados para a reunião preparatória de fundação da Sociedade Amazonense de Homens de Letras.⁶¹ Não seria experiência nova, visto que algumas dessas personalidades integraram outras entidades culturais fundadas em Manaus e que tiveram curta trajetória.

O que dizer dos três inspiradores do silogeu e dos fundadores? Vale a palavra de um deles, Péricles Moraes, anos mais tarde:

*[...] éramos assim nos primórdios deste século; ingênuos, agressivos, desavisados. Os desatinos da inexperiência atentando contra as realidades e as contingências da vida, com a inflexão do Cavaleiro da Triste Figura, que desafiava gigantes, arremetendo contra os moinhos de vento [...].*⁶²

Tudo parecia uma aventura, portanto, mas a composição original, a importante participação de Benjamin Lima, a liderança de Adriano Jorge e Péricles Moraes, o fato de terem obtido sede própria poucos anos depois e o grupo de elite intelectual, social e política que foi formado em derredor da instituição podem responder pela permanência da Academia e sua perenidade, agora alcançando o centenário.

Desde a Sociedade Amazonense de Homens de Letras cada um dos fundadores teve o privilégio de escolher o patrono da cadeira que desejava ocupar no silogeu. Generino Maciel escolheu a poltrona nº 30, tendo como patrono o pensador e filósofo Raimundo

61. A Capital, Manáos, 12 dez. 1917, p. 1.

62. BRAGA, Genésio. Cinquentário da Academia Amazonense de Letras. Revista da Academia Amazonense de Letras, ano XLVIII, nº 12, 1968, p. 14.

- 46 Farias Brito, a qual, antes de 1955 e com a renumeração das poltronas por reforma estatutária passou a ser a cadeira nº 22, que mantém o mesmo patrono (2017), e da qual foram ocupantes Achilles Bevilacqua e Manoel Anísio Jobim, sendo titular atual o escritor Róbério dos Santos Pereira Braga.

Se há indicações de ter sido um jornalista polêmico, advogado, magistrado e político, orador bastante requisitado, como poeta parece não ter sido bem considerado, pelo menos é o que assinala Mário Ypiranga Monteiro ao tecer considerações sobre a sua passagem por Manaus, ainda que em breve nota antes referida, na qual o chama de “assalariado do governo e mau poeta”, oportunidade em que revela o apelido pelo qual era conhecido nas rodas de bares e botequins da capital amazonense, lá pelos idos de 1913: “Genebrino”, em alusão às garrafas de Gênebra,⁶³ que era a aguardente de sua preferência e bastante usada nas orgias a que muitos dos poetas se submetiam naqueles anos.

Sua passagem pela Academia foi meteórica, embora figure como membro titular na edição da primeira revista do sodalício lançada sob o título de *Revista do Norte*, em dezembro de 1918. Ao que parece, logo depois mudou residência para outro Estado, não havendo nenhum artigo ou poesia de sua lavra publicada em qualquer revista da instituição. Pelos dados disponíveis é possível considerar que esteve como titular da entidade apenas de janeiro de 1918 a abril de 1920.⁶⁴

Anos mais tarde, tendo transferido domicílio para sua terra natal e em razão de alteração estatutária na Academia, foi deslocado para a condição de membro correspondente e em sua vaga foi eleito o advogado e comentarista jurídico Achilles Bevilacqua, ainda nos primeiros anos de funcionamento da instituição, em 8 de abril de 1920.

Do mesmo modo Achilles Bevilacqua mais tarde foi transferido para a categoria de membro correspondente, como todos aqueles que, naquela época, mudavam o domicílio para outro Estado, e foi sucedido pelo desembargador e historiador Manoel Anísio Jobim, empossado em 24 de setembro de 1932 e recebido pelo escritor e político Leopoldo Péres,⁶⁵ em evento bastante concorri-

63. MONTEIRO, Mário Ypiranga. *Poesia e alma*. Jornal do Commercio, Manaus, 11 mai.1975, p. 5.

Trata-se de zinebra ou aguardente composta de zimbro, bebida destilada bem difundida no Nordeste do Brasil, fabricada em João Pessoa na Paraíba, e depois em Conde. De alto teor alcoólico, como 45º a1, maior do que uísque, vodka e tequila.

64. DINIZ, Almir. *Acadêmicos imortais do Amazonas: dicionário biográfico*. Manaus: 2002, p. 111.

65. DINIZ, Almir. *Acadêmicos imortais do Amazonas: dicionário biográfico*. Manaus: 2002, p. 121.

do, ocasião em que, na opinião de Agnello Bittencourt,⁶⁸ proferiu “oração empolgante, por seu brilho e erudição, falando longamente da personalidade espiritual de Farias Brito”.

Com falecimento de Jobim em 13 de junho de 1971 a poltrona permaneceu vaga por vários anos, vindo a ser ocupada somente em 1980 com a eleição de Robério dos Santos Pereira Braga que, após desculpar-se em ter deixado de aceitar convite anterior para integrar o sílogeu, foi empossado na cadeira de Farias Brito em 25 de setembro de 1981 sendo recebido pelo escritor Ulysses Bittencourt.

— O RETORNO À TERRA NATAL

Desiludido com a Amazônia, perdido o sonho de riqueza que o El-Dorado sempre propiciava a todos que escolhiam trabalhar na Região, ou por ter rompido as boas relações de convivência social e profissional depois de alguns embates que manteve pela imprensa com personagens importantes da vida local, Generino Maciel pode ter retornado à terra de nascimento pouco tempo depois da fundação da Sociedade Amazonense de Homens de Letras em 1918, quem sabe na viagem que realizou em setembro daquele ano no vapor “Olin-da”, tendo o Sul do País como destino.⁶⁹

O fato é que pouco depois estava atuando no jornalismo, na advocacia, no magistério e na política em Campina Grande, ocasião em que foi escolhido professor da Academia Campinense de Comércio, espécie de escola profissionalizante destinada à formação de guarda-livros, cujo programa era de acordo conforme o Instituto Comercial do Rio de Janeiro,⁷⁰ e ao mesmo tempo foi escolhido orador da Liga Campinense de Desportos sob a presidência de Diógenes Miranda, em mandato de 16 de junho de 1919.⁶⁹

O exercício do jornalismo e da advocacia deve ter contribuído para seu ingresso na política, mas mesmo depois de eleito deputado estadual na Paraíba, permaneceu com seu escritório de advocacia na sede do jornal *Correio de Campinas*, na mesma cidade,⁷⁰ mantendo-se atuante na advocacia criminal e no jornalismo. Esse foi um dos mais importantes jornais da cidade, circulando desde 1912 e por 20 anos, e Generino trabalhou ao lado de respeitáveis jor-

47

66. BITTENCOURT, Agnello. Dicionário biográfico do Amazonas. Rio de Janeiro: Ed. Genquiste, 1973, p. 74.

69. Imparcial, Manaus, 6 set. 1918, p. 1.

68. Diário de Pernambuco Recife, 25 set. 1925, p. 4.

69. Jornal do Recife, Recife, 27 jun. 1919, p. 1.

70. A Província, Recife, 22 nov. 1924, p. 1.

nalistas como Hortêncio Ribeiro, Severino Pimentel, José Alves Sobrinho, Lino Fernandes, Alberto Saldanha e Raul Péricles.⁷³

Suas primeiras experiências no campo da política parecem ter sido no Amazonas em 1911, quando foi nomeado e assumiu o cargo de prefeito do departamento do Alto Purus,⁷⁴ unidade político-administrativa criada em razão da revolução do Acre que redundou no Tratado de Petrópolis e que mereceu da União Federal a implantação de um Território Federal na região, mais tarde transformado em Estado, e depois ao tempo do governo de Jonathas Pedrosa cujo grupo partidário integrou.

Em 1922 foi candidato a deputado estadual com ampla divulgação pela imprensa visando às eleições que foram travadas em 25 de julho daquele ano.⁷⁵ Finalizado o pleito foi eleito, com 13.827 votos, conforme resultado divulgado em 20 de dezembro de 1923, em eleição na qual o mais votado foi Inácio Evaristo com 13.925 sufrágios, em apuração realizada sob a presidência do desembargador Boto de Menezes.⁷⁶ Sua base eleitoral deve ter sido a cidade de Campina Grande, na qual residia e trabalhava no jornal *Correio de Campina* juntamente com Ernani Lauritzen, também eleito deputado na mesma ocasião.⁷⁷ Mesmo exercendo o mandato em Paraíba do Norte, capital do Estado, ele permaneceu residindo em Campina Grande, mantendo o exercício da advocacia,⁷⁸ e como representante parlamentar foi orador em reunião de homenagens ao governador João Suassuna, na condição de jornalista e membro da comissão de deputados que o recepcionou para a posse na Assembleia Legislativa, no cargo de governador da Paraíba.⁷⁹

Foi na condição de deputado que teve a responsabilidade de promover a compilação das decisões do Tribunal de Justiça, em substituição ao Dr. Álvaro Pereira de Carvalho que, pouco depois de receber tal encargo foi eleito deputado federal. Na oportunidade, o governador João Suassuna tratou Generino como "ilustre membro desta Casa, notável pelo seu amor as letras, em particular às letras jurídicas".⁸⁰ Na verdade Generino teria iniciado o serviço pelo Código Criminal de 1910, ainda em vigor mesmo que derogado pela jurisprudência do Superior Tribunal do Estado, o qual não atendia as necessidades da época, especialmente em razão da lei de im-

73. *Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 7 jul. 1908, p. 6.*

74. *Jornal do Commercio, Manaus, 11 jan. 1911, p. 2.*

75. *Diário de Pernambuco, 22 jul. 1923, p. 2.*

76. *O Jornal, Paraíba do Norte, 23 jun. 1924, p. 1.*

77. *O Jornal, 1. mar. 1924, p. 1.*

78. *O Jornal, 13 jul. 1924, p. 6. Nesse jornal há notícias decedidas judiciais que o indicam como advogado em exercício pleno da função, em varias edições.*

79. *Diário de Pernambuco, Recife, 29 out. 1924, p. 2.*

80. *Paraíba do Norte. Mensagem à Assembleia Legislativa. 4ª Sessão Ordinária da 9ª. Legislatura, apresentada por João Suassuna, Presidente do Estado da Paraíba do Norte, Imprensa Oficial, 1927, p. 23.*

prensa, do processo de menores e do livramento condicional,⁷⁹ e depois trabalhou na redação do projeto do novo código, tendo chegado a redigir mais de 700 artigos,⁸⁰ assim como elaborou o Código de Processo Civil e Comercial, trabalhos que não teria conseguido concluir e nos quais foi substituído pelo desembargador José Ferreira de Novaes.⁸¹

Esteve atento à organização da justiça estadual, sendo de sua autoria a emenda a projeto de lei que concedeu à comarca de João Pessoa a possibilidade de ter dois promotores, um para cada vara de direito, com atribuições plenas para todos os feitos,⁸² resolvendo uma das mais graves questões de prestação jurisdicional da época.

Mesmo com todos os afazeres políticos e no jornalismo ele não se afastou de todo da vida literária e foi vice-presidente do Gabinete de Leitura "Sete de Setembro", para o biênio de 1925-26, sob a presidência de Lino Fernandes de Azevedo,⁸³ sendo esta, aliás, a única referência relativa ao seu interesse pela literatura na Paraíba.

Em 1928 foi membro da comissão de reforma da Constituição do Estado da Paraíba, composta também pelos deputados Izidro Gomes, dom Irineu Joffily, Antônio Boto e Antônio Guedes,⁸⁴ graças a sua combatividade e relações políticas. Em 1929 integrava a Maçonaria Brasileira, como membro atuante da Federação Maçônica Escocesa Soberana, filiado a Grande Loja Simbólica da Paraíba,⁸⁵ o que favorecia, naturalmente, maior influência, amplo relacionamento social e base moral e intelectual, sempre exigidas para os membros da Sublime Ordem.

O ano de 1930 foi de grande tumulto político no Brasil e principalmente na Paraíba, especialmente em razão do assassinato do governador João Pessoa. A participação política de Generino nesse episódio foi intensa e por muito tempo depois do assassinato, fato que contribuiu de forma expressiva para uma reviravolta na eleição presidencial daquele ano. Generino esteve nas ruas, nas passeatas, na tribuna parlamentar, nos jornais, sempre defendendo a memória e pregando a importância desse político para a Paraíba e para o País.

Em plena efervescência da morte de João Pessoa muitos jovens e líderes políticos saíram às ruas em protesto, arrancaram retratos

49

79. *Idem*, *idem*, p. 24.

80. *Idem*, *idem*, *idem*.

81. *Idem*, *idem*, *idem*.

82. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 nov. 1924, p. 4.

83. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27 set. 1925, p. 4.

84. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1928, p. 4.

85. *Diário Nacional*, São Paulo, 25 set. 1929, p. 5.

50 de João Machado e Camilo de Holanda, vaiaram Izidro Gomes diante de sua residência que estava cercada por policiais, queimaram retratos de Júlio de Albuquerque e Melo Vianna, invadiram a casa onde morou João Dantas, mesmo estando vazia, e fizeram comício na Praça Presidente Pessoa, no qual usaram da palavra o deputado Generino Maciel, Argemiro de Figueiredo, José Mariz e o deputado Joaquim Pessoa, manifestações que foram seguidas do Hino Nacional.⁸⁸

A atuação de Generino não se resumiu a esses protestos. Propôs e sustentou com muitas dificuldades a criação de nova bandeira para o Estado da Paraíba, inclusive enfrentando setores da imprensa carioca, o governador e deputados paraibanos, cuja lei, após o veto apostado pelo governador, foi promulgada pela Assembleia Legislativa.⁸⁷ Possivelmente interpretando a gratidão do povo ao antigo líder falecido, Generino propôs também a abertura de crédito especial destinado à construção do mausoléu de João Pessoa,⁸⁸ e, meses depois, em conjunto com os deputados Irineu Joffily e Argemiro Figueiredo liderou a propositura de afastamento de Júlio Nascimento Lyra do mandato do 2º vice-presidente do Estado, por ter sido acusado como um dos assassinos do presidente João Pessoa.⁸⁹

Outro destaque a seu desempenho político foi o fato de ter apresentado em grande reunião popular da Assembleia Legislativa da Paraíba, à época funcionando no Teatro "Santa Rosa", ao lado do cônego Matheus Freyre e do presidente da Assembleia, deputado Antônio Guedes, o projeto de lei que alterou o nome da capital daquele Estado, passando de Paraíba do Norte para João Pessoa, em homenagem ao mártir da revolução de 1930.⁹⁰

A posição firme que adotou em relação ao episódio de 29 de agosto de 1930 o qual teve repercussão nacional, o levou a ser um dos oradores na visitação de políticos ao retrato de João Pessoa, disposto em praça pública, oportunidade em que foi sancionada a lei que autorizou a construção do mausoléu do grande morto,⁹¹ com recursos públicos. Sua atuação em defesa da história de João Pessoa se estendeu também a proferir pronunciamento de despedida nas exéquias, criticar a conduta das polícias de São Paulo e do Recife em

88. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 2 set. 1930, p. 2.

89. Diário da Noite, Rio de Janeiro, 27 set. 1930, p. 1.

90. A Razão, Fortaleza, 22 abr. 1930, p. 2.

91. A Razão, Fortaleza, 20 set. 1930, p. 4.

92. O Imparcial, São Luiz, 22 set. 1930, p. 1.

93. Jornal do Recife, Recife, 30 ago. 1930, p. 1.

relação às manifestações feitas em defesa da memória do ilustre paraibano, elogiar a bravura dos estudantes do Rio de Janeiro que se manifestaram contra a morte, e fazer inserir nos anais da Assembleia o “Manifesto à Nação”, redigido e divulgado pelos estudantes dos cursos superiores do Recife, em que tratavam do episódio e do momento político nacional.⁹²

92. Jornal do Recife, Recife, 24 set. 1930, p. 1.

As críticas que recebeu pelo projeto de modificação da bandeira de seu estado natal tal como se apresenta nos dias correntes, rubro-negra e com a palavra “Nego”, para honrar a posição política do ex-presidente em certa fase da política, se excederam a resistências e provocaram artigos desabridamente ofensivos contra ele. Na imprensa do Rio de Janeiro, por exemplo, um articulista do jornal *Gazeta de Notícias* passou das medidas de confronto político para a ofensa pessoal:

Toda gente conhece na Parayba o “doutor” Generino. Mulato escuro e enxundioso, sebento, inimigo fidalgal de água corrente, o homem é tido para o gáudio do molecório como um urubu egresso do ‘Zumby’ – terreno onde se joga o lixo da capital paraibana. Um verdadeiro tipo de rua.

Não contente em ter mudado a bandeira, Generino que é músico, está, agora, compondo o hino do Estado. Vai, possivelmente, (tudo é possível hoje na Paraíba), cantá-lo com a sua voz fanhosa de decrépito tenor de cubata, dentro do recinto da Assembleia para que esta o aprove...⁹³

93. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 set. 1930, p. 1.

A questão parece não ter sido da forma como referido pelo jornal. Havia dois hinos antigos, pouco executados e sem amplo conhecimento da população. Na mesma lei que aprovou a criação da bandeira, Generino pugnava por restabelecer o Hino do Estado, em uma época em que surgiram várias outras composições com o mesmo objetivo, como os hinos da Aliança Liberal, da Mulher Paraibana, Paraibano, Liberal, de Marcha Fúnebre, de 26 de Julho, a João Pessoa, a Juarez Távora, Hino a O Negro e Hino da Revolução.

Se houve a tentativa por parte de Generino de substituir o hino da Paraíba, o fato é que o Hino do Estado mais referido ainda é aque-

52 le que foi escrito por Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello, grande artista brasileiro, com música de Abdon Filinto Milanês, apresentado de forma inaugural em 30 de junho de 1905.

Dois anos depois (1932), demonstrando seu interesse pelas manifestações populares, ele estava participando das programações do Natal e ano novo na cidade de Magdalena.⁹⁴

Sua firme posição no episódio do assassinato de João Pessoa parece que o marcou definitivamente, e o destacava dentre vários outros intelectuais paraibanos de Campina Grande e apaixonados pela terra, juntamente com Mauro Luna, Lino Gomes, Severino Pimentel, Samuel Simões e Afonso Campos, como sucedeu em artigo de Epitácio Soares no qual registrou: "a terra vibra impulsiva e máscula na eloquência de Generino Maciel, Felix Araújo e Raimundo Ásfora".⁹⁵

De igual modo essa marca o transformou em personalidade convidada para os eventos comemorativos do veto do presidente João Pessoa ao candidato do Palácio do Catete, o famoso "nego", muitas vezes realizados pelo Centro Paraibano do Rio de Janeiro, desde o segundo ano do fato,⁹⁶ o mesmo que deu causa à adesão à campanha de Getúlio Vargas, a qual redundou na revolução de 1930.

Generino Maciel deve ter merecido várias homenagens em Campina Grande e em toda a Paraíba, mas pelo menos em Jaguaribe⁹⁷ e em João Pessoa há vias públicas que perpetuam sua memória no cotidiano dos paraibanos.⁹⁸

— A MORTE

Após desenvolver atividades intensas na terra do nascimento nos últimos anos de vida Generino Maciel retornou a Belém do Pará em cuja cidade veio a falecer em 10 de fevereiro de 1943, como professor da Faculdade de Direito do Pará, deixando viúva a senhora Luzia Maciel e seis filhos menores.⁹⁹

94. *Jornal Pequeno, Recife*, 10 nov. 1932, p. 2.

95. SOARES, Epitácio. *Corpo e alma. Diário de Pernambuco, Recife*, 11 mai. 1969, p. 4, segundo caderno.

96. *Jornal, Rio de Janeiro*, 29 jul. 1931, p. 5.

97. *Diário de Pernambuco, Recife*, 28 nov. 1974, p. 38.

98. *Diário de Pernambuco, Recife*, 7 out. 1964, p. 6.

99. *A Ordem, Natal*, 11 fev. 1943, p. 4.



— Abertura

posse do acadêmico ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO¹

O homem que somos, apesar de parecer à própria evidência é, no entanto, a mais enigmática dentre todas as criaturas. Mas não apenas o homem se apresenta como enigma, vivemos num mundo onde o que é autêntico deveria revelar-se a nós, mas não se revela e permanece oculto na interminável variação das significações. As realidades são indiscutíveis: é assim e assim é, mas os enigmas são ambíguos, possuem mais de uma face em razão das nossas experiências neste mundo e não podemos descartá-las sem negarmos a nós mesmos. A nós homens, só nos resta escutar a linguagem dos enigmas e tentar decifrá-la para aceitá-la ou rejeitá-la porque tudo, realidade, pensamento, fantasia, pode constituir-se um enigma.

O homem não possui vida para viver como os animais, mas sim para, juntamente com seus companheiros de destino, desenvolver a sua humanidade. Por isso mesmo é que o enigma homem que irá se revelar no decurso de toda uma vida não projeta um padrão na realidade, somente a experiência existencial terá o condão de desvendar os seus significados. Posto em confronto com a magnitude dessa tarefa, o homem sujeito ao engano, à cegueira, e consciente de que não dispõe de certezas, pode ser visto como possibilidade sublime, mas também como fonte da própria corrupção.

Estamos aqui, nesta noite de afetos, de celebração, de reconhecimento, para, após um processo de desvelamento do significado do enigma da vida de Aristóteles Comte de Alencar Filho, médico cardiologista renomado, praticante de uma Medicina humanista e solidária, recebê-lo como membro efetivo da Academia Amazonense de Letras, uma das três instituições científicas e culturais centenárias do Estado do Amazonas.

O enigma que nos chega, do mesmo modo que Alfredo da Matta, patrono da cadeira 39, e do antecessor Mário Augusto Pinto de Moraes, têm

¹ Cadeira nº 39, de Alfredo da Matta, em 20 de abril de 2017.

56 os pés fincados na medicina, no cuidado e preservação da saúde do homem, e a mente aberta para os mais variados fazeres da vida. Veni para contribuir no diálogo com outros da sua área de atuação e demais campos do saber que aqui se encontram, para o aprofundamento e o desenvolvimento do pensamento amazônico e do seu significado nesta Casa.

Os fazeres, os méritos que deram a Aristóteles a condição de membro efetivo da Casa de Adriano Jorge, Péricles Moraes e Benjamin Lima, serão apresentados pelo jurista e historiador, homem dedicado à preservação e desenvolvimento da Cultura da nossa terra, confrade ilustre e ex-presidente desta Casa, Robério dos Santos Pereira Braga.

Mas, por razões do coração, peço permissão e paciência aos senhores para dizer ao Aristóteles da minha profunda satisfação e alegria em presidir esta solenidade que o faz membro efetivo e, com isso, transpor os umbrais da Academia Amazonense de Letras. Sinto no entanto, que por questões de saúde, ele, assim como eu, não tenha tido a alegria de contemplar, em momento tão significativo de sua vida, o sorriso no rosto da sua mãe.

Encontrei pela vez primeira o Aristóteles lá pelos idos da década de 1960, na casa e no "sítio da sua família". Eu uma jovem, quase adolescente; ele, ainda criança. Naquela época, seu pai era diretor do colégio Sólon de Lucena e eu uma aluna que costumava participar das atividades da Escola, especialmente do Sete de Setembro e das festas juninas. Sempre fui recebida pelo professor Aristóteles e pela professora Rosa Branca com muito carinho e cuidado.

O tempo passou, ou mais corretamente, eu caminhei no tempo. Um dia, não me lembro quando nem onde, mas acho que nos idos de 1980, diante de mim um homem grande e uma voz me perguntando: tu és a Rosinha que dançava na ciranda? Eu olhei para ele e respondi que sim. Então ele me disse: eu sou o Aristóteles, filho da professora Rosa Branca e do professor Aristóteles, do Sólon. Admirada respondi: jamais te reconheceria; eu te olhava voltando os meus olhos para baixo, agora tenho que voltá-los para cima, para ver o teu rosto.

A partir dali, de vez em quando, nos encontrávamos porque ele se tornara médico de quase toda família. Ainda na década de 1980, minha mãe que era nefro e sua paciente, precisou fazer uma cirurgia para colocar uma prótese no fêmur e não podia receber anestesia geral. Lá es-

tava o Aristóteles para monitorar o seu coração avolumado pela doença e acompanhá-la com preocupação, pois, segundo me disse antes, a operação era muito traumatizante e ela estaria acordada. Terminada a cirurgia, aliviado me disse: "Tudo bem Rosinha, o Dr. Júlio tem mãos divinas". Em 1995, o quadro da minha mãe se agravou e, na noite de três de janeiro de 96, véspera de sua partida, chamei e lá estava o Dr. Aristóteles para me apoiar. Nos momentos difíceis, quando precisei, sempre pude contar com o médico e o amigo.

Por esses e outros motivos, quero dizer aqui, nesta noite: obrigada, professora Rosa Branca, pelo carinho; obrigada, Ângela, pela amizade; obrigada, Aristóteles, por me permitir participar de alguns momentos de desvelamento do enigma da tua vida!

A beleza da voz do tenor Humberto Vieira e a sonoridade do piano de Marcelo Leite se unirão para a interpretação do Hino Nacional Brasileiro e, no final da solenidade, nos brindar com as belíssimas músicas "Amazonas", de Chico da Silva e "Se Todos Fossem Iguais a Você", de Tom Jobim e Vinícius.

Está aberta a sessão!

✽ ROSA MENDONÇA DE BRITO

— Discurso

posse do acadêmico ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Academia Amazonense de Letras, por que não dizer Academia Amazonense das Letras? As letras, essa invenção humana que se constituem na unidade anatômica e funcional da palavra. As palavras, entes abstratos, geradas na mente e nos corações humanos, que formam sentenças que traduzem pensamentos simples ou complexos, que viajam através dos tempos, desafiando a transitoriedade de seus criadores, sem, no entanto, perder sua integridade.

A cada geração que surge, obras perenes são produzidas, assimiladas e transmitidas com riqueza de detalhes. Viajam através dos séculos e servem de base para diferentes civilizações, algumas que nem existem mais. No entanto, resistem. Obras de filósofos gregos, historiadores romanos, pensadores da Idade Média, iluministas, homens e mulheres santos com seus ensinamentos, poetas, romancistas, todos oriundos das diversas partes do planeta, que tinham as letras como seu instrumento de trabalho.

Vislumbrando com encantamento esse paraíso criado pelas letras é que venho agradecer aos ilustres acadêmicos e acadêmicas desse centenário sodalício a vossa bondosa permissão, que me permitiu ultrapassar os umbrais dessa nobre instituição na condição de membro desse grupo de escol. Com humildade, desejo aprender com vossa experiência.

Espíritos iluminados que frequentaram este sílogeu com certeza nos assistem agora, exercitando suas imortalidades. Pegando as mãos do acadêmico José dos Santos Pereira Braga, indiretamente pegariamos nas mãos de um dos fundadores dessa casa, Dr. Adriano Jorge, que foi seu padrinho, e que por diversas vezes o abençoou na sua infância. As mãos, que são utilizadas para escrever as palavras que penetram em nossas mentes e que causam uma sensação crescente de bem-estar doce

e profundo, uma sensação de saúde física e mental. Muitas vezes nos levam a um total êxtase, involuntariamente em seu turbilhão, e ao final nos deixando um estado de tranquilidade. 59

As mãos do saudoso acadêmico Moacir Andrade, que produziram, com genialidade, obras universais sobre nossa regionalidade, as mesmas mãos que todos nós tivemos a oportunidade de tocar inúmeras vezes. As mesmas mãos inertes, que tive a derradeira oportunidade de tocá-las, na sua despedida, aqui nesse salão nobre de nossa Academia, quando vim apresentar minhas despedidas ao querido professor e amigo. Moacir agora exerce com plenitude seu merecido direito à imortalidade, deixando-nos uma imensa saudade. Meu forte aperto de mão onde você estiver agora, querido amigo.

E aqui estou, meus senhores e minhas senhoras, com a vacilação e o estontamento característicos ainda de um menino saído dos bancos do Grupo Escolar Princesa Izabel, após receber a notícia, que me foi solenemente anunciada, de minha eleição para a cadeira número 39, da Academia Amazonense de Letras, cujo patrono é Alfredo da Matta. Ainda encantado com a visita, em meu consultório, residência de meus avós e pais, da nobre comissão desta casa, constituída pelos ilustres acadêmicos: A presidente Rosa Mendonça de Brito, José dos Santos Pereira Braga, Almir Diniz, Arlindo Porto, Abraham Baze, Aldísio Filgueiras, Max Charpentier e meu dileto professor Cláudio do Carmo Chaves. As carinhosas palavras que ouvi, ainda ecoam em meus ouvidos. Era uma bela manhã de sábado do dia 29 de outubro de 2016, em pleno verão amazônico, quando tive a honra de receber esses dignos mensageiros. No redemoinho de sentimentos, busco refúgio em uma recordação e veio-me a lembrança de um fato ocorrido naquela casa 81 anos atrás. Fato de que havia tomado conhecimento ao lançar um olhar na intimidade de um diário de meu pai, escrito em 1934, do qual pretendo narrar agora. Papai encontrava-se na cidade do Rio de Janeiro, em viagem de estudos, quando, em 8 de novembro de 1935, após uma notícia desagradável sobre a saúde de uma comadre sua, minha avó paterna, Raimunda Ferreira de Alencar, então com 42 anos de idade, passou a sentir dores no peito e fortes palpitações. Às 22h15, chegou o Dr. Araújo Lima, membro desta Academia e insigne médico da época, encontrando-a desfalecida e com o corpo todo gelado. Aplicou-lhe umas

60 dez injeções, quatro sangrias e ventosas. O tratamento médico utilizado não surtiu o efeito desejado. Aos trinta minutos do dia 9 de dezembro de 1935, minha avó falecia, cercada pelos familiares e vizinhança. Desse mesmo diário, pude ler o resumo do mês de abril do ano anterior, onde havia escrito: "Concerto de piano em casa do Dr. Adriano Jorge". Vinham-me também, as lembranças daquela sala onde me encontrava com os ilustres mensageiros, das aulas de matemática que foram ministradas para inúmeras gerações de amazonenses. Das figuras de Álvaro Maia e Genesino Braga, nossos vizinhos, das visitas fraternas de João Chrysostomo de Oliveira. De André Araújo, frequentador assíduo da Igreja de São Sebastião. Todos membros deste sodalício.

Aqui me encontro, neste momento solene, com a obrigação da praxe, de comentar sobre a vida do patrono da cadeira número 39 desta Academia de Letras. Obrigação que tomo com satisfação, pois dr. Alfredo Augusto da Matta nos deixou um legado perene que, por sua magnitude e esplendor, mereceria muito mais do que a nossa limitada capacidade de reconhecimento pode oferecer em recompensa ao trabalho e sacrifício de nossos heróis.

Nascido em Salvador (Bahia) em 18 de março de 1870. Concluiu o curso da Escola de Medicina da Bahia em 8 de dezembro de 1889, aos 19 anos de idade. Em abril de 1890, foi nomeado médico do Lloyd Brasileiro, seguindo viagem até Manaus, onde fixou residência em 1894. Nomeado médico do Exército Brasileiro para servir em Barbacena, Minas Gerais, pediu sua transferência para Manaus. Não sendo atendido em seu pedido, solicitou exoneração. Fato que mostra o apreço que tinha por nossa terra. Torna-se difícil falar resumidamente, sem cansar tão seleta audiência, de uma carreira profissional tão complexa e rica de detalhes, muitos dos quais já se perderam na esteira do tempo. Pouco é ensinado nas escolas médicas sobre a importância de Alfredo da Matta para a medicina de nosso estado. De acordo com Mário Moraes, a quem tenho a honra de suceder nesta Cadeira, ele foi, sem dúvida, a maior figura médica de toda a Amazônia, em todos os tempos.

Dr. Alfredo da Matta faleceu no Rio de Janeiro, em 3 de março de 1954, aos 84 anos de idade. No ano seguinte, no dia 28 de agosto de 1955, em uma justa homenagem por todo o trabalho dedicado em prol da saúde pública do Amazonas, foi inaugurado, em Manaus, o Dispen-

sário Alfredo da Matta, atual Fundação Alfredo da Matta, A Associação Médica do Amazonas, presidida naquele ano por Djalma Batista, em sessão ordinária no dia 8 de março de 1954, prestou homenagem póstuma ao ilustre colega, transmitindo telegrama para família. Na sessão ordinária da diretoria consecutiva, realizada em 5 de maio de 1954, o Primeiro Secretário, Dr. Paulo Lima, leu um cartão de agradecimento do filho do homenageado, Coronel de Exército Arnaldo da Matta, em nome de sua família, agradecendo a homenagem prestada ao extinto pela AMA. 63

Esse fato demonstra a estima de seus colegas e discípulos amazonenses, mesmo estando ausente da cidade de Manaus desde 1943. Ser humano multifacetado, Alfredo da Matta, com seu trabalho, hoje teria recebido os prêmios nacionais e internacionais mais importantes. Clínico por excelência, sanitarista com extensa folha de serviços, professor, político, escritor e médico aglutinador, que procurou congrega a classe médica do Estado em uma sociedade. Criou a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, onde cada colega pudesse expor livremente seus trabalhos, ideias e conhecimentos adquiridos. Enquanto presidente, editou todos os números da revista *Amazonas Médico*, onde colaborou intensamente. Exerceu a medicina durante 50 anos, todos em Manaus. Um instigante exercício de imaginação seria tentar compreender de onde Dr. Alfredo da Matta retirava tanta energia e criatividade para realizar diferentes tarefas nas diversas áreas de conhecimento, principalmente levando-se em conta o isolamento geográfico e científico de nossa região.

Segundo Dr. Mário de Moraes, ele era apaixonado pelo estudo da moléstia de Hansen. Doença que traz estigma desde os tempos bíblicos, a hanseníase alastrava-se em Manaus, como epidemia, no princípio do século passado. Constatou Alfredo da Matta que "até 1905, nenhuma providência tinha sido tomada em relação aos leprosos de Manaus". Alguns eram recolhidos a um aposento do antigo prédio da Santa Casa de Misericórdia e os restantes perambulavam pelas ruas, vivendo de esmolas. De acordo com os conhecimentos da época, a segregação dos doentes, em lugar adequado, poderia evitar a propagação da doença. Na condição de diretor de Higiene do Estado, lutou por esse local, conseguindo o asilo-colônia do Umirizal, antigo isolamento dos portadores de va-

62 riola, removendo os doentes internados na Santa Casa em 1908. Treze anos depois já haviam passado pelo Umirizal 75 doentes. Apenas dois médicos se revezavam no atendimento a esses pacientes: Alfredo da Matta e Miranda Leão. Entre 1922 e 1928, cerca de 350 doentes foram internados no Umirizal. Foi designado então para a chefia desse asilo-colônia, sem receber remuneração por essa função, fato que demonstra o seu elevado grau de desprendimento e solidariedade. Diga-se também que, para chegar ao local, era necessário utilizar uma embarcação, próximo do Bombeamento.

O objetivo de seu trabalho era a vida e a dignidade humanas. Sua dedicação levava à efetiva realização da virtude.

Hoje sabemos que a hanseníase não se propaga da forma como outrora se pensava. Necessita de uma contato íntimo e prolongado com o portador para que se adquira a doença. No entanto, o isolamento, embora não tenha surtido efeito na contenção da doença, proporcionou aos doentes que perambulavam nas ruas de Manaus uma assistência carinhosa vindas das mãos abençoadas de Alfredo da Matta. E pelo fato de saber que a doença não era transmitida por herança aos seus descendentes, fundou uma creche, na Avenida Urucará, para receber os filhos doentes nascidos no Umirizal, iniciativa que os livrou do contágio.

Quando o Hospital Colônia Antônio Aleixo, construído pelo Governo Federal, foi inaugurado em 1943, Alfredo da Matta retirava-se do Estado do Amazonas, com problemas de saúde, viajando para a cidade do Rio de Janeiro. Sua luta de 40 anos, não havia sido em vão, a nova colônia para os hansenianos estava pronta. Seu trabalho foi levado avante por seus discípulos mais novos.

Mas as habilidades de Alfredo da Matta, não param aqui. Como cientista, publicou o trabalho intitulado "Os sintomas iniciais das leproses", no ano de 1929, que serviu de base para a criação da Classificação Sul-Americana da doença de Hansen. Deixou mais de 230 trabalhos escritos, quase todos sobre assuntos médicos. Alguns encontram-se na sede do Inpa, aguardando restauração.

Como sanitarista, entre 1897 e 1906 coordenou a vacinação contra a varíola de quase 2/3 da população de Manaus, que era de aproximadamente 50 mil habitantes. Essa iniciativa, em conjunto com o isolamento, conteve o avanço da doença.

Em 1899, enquanto diretor do Serviço Sanitário do Estado, compreendendo que a prosperidade de região dependeria da profilaxia específica do impaludismo e da febre amarela, propôs Alfredo da Matta uma série de medidas para eliminação dos viveiros dos transmissores das duas doenças. O labirinto de igarapés e charcos, em época de chuvas, serviam de criatório aos mosquitos responsáveis pela transmissão. O aterramento e drenagem desses locais tornava-se imperativo para a redução das epidemias.

Outra atuação importante desse iluminado discípulo de Hipócrates, foi seu trabalho para impedir que a peste bubônica fosse também importada para Manaus. Montou postos de desinfecção dos navios vindos de Belém, nos portos de Parintins e Itacoatiara. Nunca a peste conseguiu penetrar no Amazonas.

Em relação à Alfredo da Matta, Dr. Araújo Lima manifestou-se da seguinte forma: "Quando o sentimento de gratidão popular florescer em exuberância, capaz de vencer todos os egoísmos e despeitos humanos, Alfredo da Matta, o quase ignorado defensor da população amazonense, terá uma estátua naquela risonha cidade de Manaus". Infelizmente, constato que ainda hoje não aprendemos a adornar a ausência de nossos heróis. Na maioria das vezes contemplamos lápides fundidas à terra, gastas pelas pisadas dos visitantes dos cemitérios.

Essas pessoas que contribuíram para nosso desenvolvimento, na segunda vida do além-morte, uma vida na qual nos demoramos mais do que na vida realmente viva, mereceriam de nossa parte um maior reconhecimento.

Mas, seu trabalho continua! Em 1918 irrompe em Manaus a epidemia da terrível gripe espanhola. Impotente, diante da violência do espalhamento da doença, deixou-nos Alfredo da Matta um relato preciso do que ocorreu na cidade. Assim escreveu: "Não registra a história médica amazonense uma fase que porventura se assemelhe aos dias tão impressionantes e lutosos de novembro de 1918, principalmente de 7 a 29, quando os enterramentos exigiam árduos e extenuantes sacrifícios do pessoal do cemitério, que por fim baqueou também atacado pela gripe". Cerca de 40 pessoas morriam diariamente, o que exigiu a abertura de grandes valas para acudir à inumações.

Na sua atuação como político, foi um dos fundadores do Partido Republicano Amazonense. Eleito Senador do Estado, em 1912, não chegou a tomar posse. Em 1916, tornou-se deputado à Assembleia Legislativa, tendo sido reeleito por dois mandatos. Desencantado com os companheiros de política, renunciou a um novo mandato, retornando ao trabalho como médico no Laboratório do Serviço Sanitário. Em seguida foi nomeado Inspetor Sanitário Rural do Serviço de Profilaxia Rural do Amazonas, passando a trabalhar no Dispensário "Oswaldo Cruz", localizado no prédio onde hoje situa-se a Penitenciária do Estado, na Avenida Sete de Setembro. Doze anos depois retorna à política, como deputado à Assembleia Nacional Constituinte. Eleger-se deputado ao Congresso Federal em 1936, e, logo depois, Senador da República. O Estado Novo, de Getúlio Vargas, encerrou em definitivo suas atividades políticas, aos 67 anos de idade.

Retorna aos seus estudos médicos, e prepara uma monografia que seria utilizada para a confecção do *Manual de Doenças Tropicais*, do qual se teve notícias em 1941, que, no entanto, nunca chegou a publicar.

Peço desculpas à seleta plateia, para aqui interromper o relato da trajetória de Alfredo da Matta. Necessitaríamos não de uma só noite, e sim de um Simpósio inteiramente dedicado ao tema, no qual vários palestrantes pudessem falar sobre esse médico que mudou a saúde de nosso estado no início do século XX. Dr. Alfredo da Matta não é cidadão de apenas um século.

Hoje a noite assumo a cadeira número 39, em substituição ao Dr. Mário Augusto Pinto de Moraes, que passou dos campos do mundo para os prados da eternidade. Foi pesquisador de campo e de laboratório. No campo, realizou trabalhos sobre oncocercose, na fronteira do Brasil com a Venezuela, e em outras áreas remotas da Amazônia. No laboratório, pesquisou os aspectos peculiares da hepatite de Lábrea e, como didata, exerceu as cátedras de Anatomia Patológica e Histologia em pelo menos três universidades brasileiras. Atuou também como administrador, com visão voltada para as necessidades da área de saúde, e ainda fez parte da fundação da Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas. Sua vinda para Manaus explica-se pelo fato de que Dr. Djalma Batista, então Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, necessitava de um anatomopatologista, para

compor os quadros da Instituição. Solicitou apoio então ao Dr. Wallace Ramos de Oliveira, que era parasitólogo do Inpa, no sentido de que ele pudesse indicar um nome. Dr. Wallace enviou uma carta ao Prof. Leite, Catedrático da Universidade Federal do Pará. Dr. Mário, ao ver a carta escrita por um contemporâneo seu, imediatamente ofereceu-se para vir para Manaus, em 1957. Por coincidência, esses três médicos, posteriormente, participaram de uma reunião com o então governador do estado professor Arthur Cezar Ferreira Reis, na qual ele propôs a criação da Faculdade de Medicina do Amazonas.

Nosso homenageado nasceu em 2 de junho de 1926, em Belém. Faleceu em Brasília, no dia 24 de janeiro de 2016. Formou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, em 1950. Possui a inscrição número 15 no Conselho Regional de Medicina do Amazonas, realizada em 26 de fevereiro de 1958. Foi diretor da Faculdade de Medicina do Amazonas até 1969 e professor titular de Histologia e Anatomia Patológica. Retornou a Belém em 1970, tendo sido lotado como professor assistente no Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Biologia da Universidade do Pará. No início da década de 1980, transferiu-se para Brasília, onde ocupou a cadeira de Anatomia Patológica na Universidade de Brasília (UnB) e exerceu o cargo de médico anatomopatologista do Hospital Universitário, atividade que desempenhou até sua aposentadoria. Participou de atividades de pesquisa, publicação de inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais. Escreveu 120 trabalhos, 16 capítulos de livros e teve 41 participações como conferencista em encontros científicos. Orientou diversos alunos e participou de bancas examinadoras. A Universidade de Brasília concedeu-lhe o título de Professor Emérito em 25 de novembro de 2004. Dr. Mário de Moraes deixou um legado importante à pesquisa e ao ensino em saúde pública do Brasil, principalmente da Amazônia.

Tomando posse das palavras de Agnello Bittencourt, procurei nessas breves palavras, jogar um punhado de incenso, no turíbulo de nossa Academia, que, mesmo não sendo um altar, é um plenário de consagrações desses dois eméritos médicos.

Para finalizar, expresso meu receio diante da magnitude da saudação que virá a seguir, oriunda da lavra do acadêmico Robério dos Santos

66 Pereira Braga, escritor e orador que detém a fascinação do estilo e a elegância da forma. Sei que será benevolente com minha pessoa.

Não sou um poeta, não sou um historiador, tampouco escritor. Sou um médico com 39 anos de dedicação à minha profissão, procurando dar o melhor de minha capacidade.

Sempre procurei prezar pela pureza de nosso vernáculo, orientado diuturnamente por meu pai, que, mesmo sendo professor de Matemática, jamais se descuidava de nosso idioma.

Tudo que falasse seria ainda um relato muito pálido e insignificante sobre o ser a quem devemos a vida. Sua energia vital o projeta ainda pelo tempo.

Papai, com suas equações, fórmulas matemáticas e cálculos parava feliz sobre as regiões mais elevadas. Não padecia da ostentação do vazio do grande mundo. Um ser humano intolerante com a negligência. Exercitava a distinção em um longo e constante exercício. Nos ensinava que a graça de uma pessoa se transmite àquilo que a recobre. Lembro-me que nunca nos dizia a acepção de uma palavra quando nós o perguntávamos. Imediatamente nos fornecia um dicionário antigo e encadernado com uma capa marrom, que possuía há vários anos, para que nós mesmos procurássemos o significado daquela palavra desconhecida.

Nesse ambiente de números e letras, fomos criados com as cores do amor e com moedas de cobre, onde nossos pais nos inculcaram valores humanos de honestidade, humildade e solidariedade.

Nosso pai nos ensinou também a preservação da natureza e a manutenção constante da liberdade dos animais, pois eram as obras de um gênio celestial.

Vim a saber posteriormente que era um pianista clássico, de acordo com a professora Ivete Ibiapina, com quem trocava partituras quando era jovem. A Secretaria de Cultura do Estado, através do Dr. Robério Braga, prestou-lhe homenagem significativa, afixando uma placa em frente à porta da casa onde foi sua residência.

Em entrevista com meus pensamentos, vejo a responsabilidade de pertencer a esta Academia Amazonense de Letras. Eis-me aqui com mais deveres e preocupações do que os anos que conto. Reconheço a indulgência dos nobres acadêmicos e acadêmicas que permitiram minha en-

trada nos limiares neste templo de culto às letras, onde pessoas de bem encontram sua felicidade e a dignidade da suas almas por simplesmente serem cultos. Escritores. Historiadores que detêm o poder de deixar ou não deixar alguém entrar para a História. Poetas que falam diretamente com Deus e que diante de nós, como se fossem relógios, com seu mostrador e sua caixa feita de cristal, nos permitem conhecer a engrenagem de suas almas por meio de suas belas obras. 67

Agradeço a todos vocês, que com vossa bondade infinita permitiram que eu entre hoje, nesta noite de 20 de abril de 2017, para o reino encantado da imortalidade, onde o futuro é o passado.

Essa imortalidade, que exerce uma fascinação poderosa e estranha, que nos faz conviver com nossos antepassados como se eles estivessem aqui e agora conosco. Minha disposição de espírito exige que eu vos observe atentamente, para que um dia eu possa dizer para mim mesmo que fui merecedor dessa honra. A vossa benevolência muito contribuirá para o aperfeiçoamento harmônico de minha natureza. A permissão para que eu deleite as coisas sem as quais não posso passar, e que possa tomar por bom e belo o que é verdadeiramente bom e belo. Vocês se tornaram credores de minha simpatia espiritual. Muito obrigado a todos os membros deste sodalício.

Antes de encerrar, gostaria de oferecer uma pequena, porém significativa lembrança desta noite tão importante em minha vida. Preparei para todos os amigos e amigas que vieram me prestigiar um marcador de página, que contém uma frase do filósofo grego Aristóteles, que diz assim: "Não se deve dar ouvidos àqueles que aconselham ao homem, por ser mortal, que se limite a pensar coisas humanas e mortais; ao contrário, porém, à medida do possível, precisamos nos comportar como imortais e tudo fazer para viver segundo a parte mais nobre que há em nós".

O marcador de páginas, este pequeno retângulo de papel, companheiro silencioso em nossas leituras. Inúmeras vezes ele é deixado aprisionado entre as páginas, quando subitamente somos tomados por uma emoção que nos obriga a interromper a leitura. Ele pacientemente espera que voltemos à calma e retornemos novamente às palavras. Tenho certeza que será de grande utilidade para todos.

68 Agradeço aos amigos e amigas presentes, familiares Angela, Alexandre, Aline e Aristóteles Neto, que se encontra fora do país, minhas netas Alice e Angelina; autoridades do Poder Judiciário, oficiais da Polícia Militar. Vocês que se dispuseram a deixar o conforto vossos lares para aumentar o brilho desta solenidade.

Muito obrigado.

• ARISTÓTELES DE ALENCAR FILHO

— Saudação

posse do acadêmico ARISTÓTELES ALENCAR FILHO

Se ainda estivessem por se definir, as Academias poderiam dizer-se templos da memória. Não tanto no sentido estrito do vulgo, mas no daquele adorável simbolismo grego que fez de Mnemosyné, a mãe das Musas... De fato, toda a vida espiritual é e vem da memória, memória que não é só consciência do passado, mas chega até a noção do presente, se é que esse, no dizer de Bergson, não é apenas a ponta extrema do passado... E nem o futuro escapará à memória, pois que ela trabalha para ele, promessa de memória, pois que a imortalidade, disse outro filósofo-poeta, Maeterlinck, é somente a eterna lembrança...¹

Eis que vos reapresento a palavra do presidente Afrânio Peixoto em sessão da Academia Brasileira de Letras, no distante 1923, como se estivéssemos a ouvi-lo com a elegância de um lorde de linguagem esmerada. E o faço porque creio seja bem apropriada para a hora de consagração acadêmica e de promessa de imortalidade que vos conferimos, senhor Aristóteles Comte de Alencar Filho.

Certo que desde 1918 esta Casa de "Adriano Jorge" refulge e rebrilha ao vestir acadêmico os que batem à porta com credenciais justas e meritórias, e em reverência. Quase ao abrir-se o ano centenário, esse acolhimento se faz para a poltrona de Alfredo Augusto da Matta, na sucessão de Mário Augusto Pinto de Moraes, com laços e anelos que vos reúnem, os três, como a consciência do passado, a noção do presente e a promessa de memória de que nos fala o mestre de *A Esfinge* (1911).

Foi assim com Alfredo da Matta que não esteve entre os fundadores da Academia, mas ocupou a poltrona de número 4, na sucessão a Odilon Lima, o primogênito daquela que é patrocinada pelo inolvidável Silvio Romero.² Mas foi tão brilhante a sua presença no Amazonas que a Academia seria honrada com uma poltrona com seu próprio nome.

1. PEIXOTO, Afrânio. *Discurso proferido pelo presidente Afrânio Peixoto, na sessão de 11 de janeiro de 1923, na Academia Brasileira de Letras. Revista do Brasil*, n. 86, fev. Rio de Janeiro, 1923.

2. Esta poltrona foi fundada por Odilon Lima em 1918, e na sequência, ocupada por Alfredo da Matta e Adernan de Menezes, sendo titular atual o Dr. Newton Sabbá Guimarães.

Não sendo cadeira nascida com a fundação da Academia, porque somente de trinta senhores se compunha o silogeu e assim permaneceu até os seus primeiros cinquent'anos, o patronato de Alfredo da Matta fez-se bordado de azul e ouro pela mão prodigiosa do presidente Djalma da Cunha Batista, inaugurado no centenário de nascimento do patrono para proclamar mais alto os méritos de quem, sem esbanjar ao relento e ao léu o talento de pesquisador, cientista e médico, produziu intensa e freneticamente em pouco mais de oitent'anos, quase todos dedicados ao Amazonas.

O testemunho sobre o patrono e o fundador da cadeira está na palavra de Djalma, o presidente. O autor da obra *O Complexo da Amazônia* chegava pronto. Vinha da Bahia no vigor dos primeiros anos de vida para um tempo de prodigiosa produção científica, clínica e literária; e o mestre das doenças tropicais, alquebrado, mas vitorioso em seu *desideratum*, seguiria pouco depois para o descanso merecido.

Djalma e Da Matta encarnavam gerações distintas na convivência de professor e médico. Djalma há de ter estado com ele, ouvido sua voz pausada de ancião lúcido, esbelto, de fala simples e que agia com modéstia, "quase a pedir desculpas por saber tanta cousa".³ Deve tê-lo acompanhado os passos diários nos corredores da Santa Casa de Misericórdia, sabido com detalhes da faina nos laboratórios e das aulas-conferência que costumava fazer, deparado com ele pelas ruas da cidade a caminhar protegido pelas sombras dos seus pensamentos e pelo frescor da brisa de uma terra arborizada e recortada de igarapés de águas límpidas, mas que reclamava cuidados de saúde pública que Da Matta não cansava de demonstrar.

Ouçamos também o que Djalma nos diz do senhor Mário Augusto Pinto de Moraes, médico, professor, pesquisador e cientista que rompia os umbrais da Academia com honrosas credenciais, sem maior orgulho, embora de temperamento diverso do seu patrono:

Ambos temos vivido, nos últimos treze anos, muito próximos no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e na Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, criada e vitoriosa em grande parte pelo seu esforço e pela sua dedicação [...]. Conheço-lhe como poucos os méritos, admiran-

3. BATISTA, Djalma da Cunha. *A féla do presidente*. Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus, ano I, nº 15, dez. 1970, p. 209.

do o seu valor. Temos discordado muitas vezes, o que é realmente estimulante para o bom entendimento entre os homens.⁹

71

4. *Idem, idem, p. 210.*

Comedido e justo, como sempre procurou ser, Djalma Batista não terá cometido excessos – seu feitio não permitia –, foi tão só a tradução da verdade com a qual se deparava ao refletir sobre a vida e a obra desses dois eminentes homens de ciência naquela noite solene.

Senhor Aristóteles Comte de Alencar Filho, para esta poltrona é que foste eleito, e sabíeis desde antes do honroso destino. Não deveis temer. O que carregais, mansa e lisamente, conforme os tempos que vivemos, são também credenciais que justificam a forma como a Academia tem procurado manter os vínculos espirituais entre o patrono e os ocupantes das cadeiras azuis que, segundo julgamos, nos envolvem desde a posse, e, para o sempre do sempre, conforme desejamos.

Por isso mesmo, a Casa tem reconhecido valor em poetas, cronistas, médicos, professores, jornalistas, romancistas, dramaturgos, ensaístas, filósofos, historiadores, religiosos, políticos, cientistas, homens e mulheres que têm engrandecido sua história, afinal, a palavra é a prevalência do que aqui se abriga desde aquela quase noite quando, na varanda de sua casa, Benjamin Franklin de Araújo Lima, em conversa miúda, o mestre de *O Homem que ri* tratava com Péricles Moraes e José Chevalier Carneiro de Almeida, do sonho de edificar a Sociedade Amazônica de Homens de Letras.

Os laços e os anelos que vos reúnem são os de professor, médico, cientista, pesquisador e propagador de campanhas sociais em prol de causas de saúde pública. E chegais como mestre e doutor em medicina, autor de mais de duas centenas de trabalhos publicados em livros e revistas especializadas e conferências e apresentações de trabalhos científicos em Manaus, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, Belém, Curitiba, Belo Horizonte, Fortaleza, São Luís, Terezina, Brasília, Vitória, Goiânia, Porto Alegre, Lisboa, Tobago, Barcelona e Amsterdam, seja em estudos sobre malária e outras doenças tropicais, cardiologia e suas variações, dependência química, inclusive em tabagismo e alcoolismo, cardiogeriatría, cardioncologia, e ainda outros tantos temas que reclamam profundos conhecimentos, cujos estudos têm exigido terdes habilidades nas línguas inglesa, hispânica, francesa e alemã, que

77 ornaram, dentre outros homenagens, o título de *Fellow* da Sociedade Europeia de Cardiologia.

Também há laços que vos reúnem pela presença assídua nas bancas examinadoras de conclusão de cursos de enfermagem e medicina, defesas, de dissertação de mestrado e teses de doutoramento em universidades que têm contado com a primazia da vossa participação, assim como nos congressos, seminários e simpósios científicos, às centenas, aos quais nos quase trinta anos de vossa graduação tendes sido convocado a comparecer.

Em vós, o magistério tem se alongado rompendo fronteiras, tal qual sucedeu com Alfredo da Matta e Mário Moraes, seja em razão dos debates travados em 276 congressos de porte internacional, dos 52 trabalhos científicos publicados ou dos oito capítulos integrais de livros especializados que servem a acadêmicos de medicina, porque aplicados como textos usuais em várias universidades brasileiras.

Há outro anelo que vos identifica: o empenho na dinamização das sociedades científicas e médicas. Neste particular, Alfredo Matta e suas muito amadas Sociedade de Medicina e Farmácia do Amazonas e Sociedade de Medicina e Cirurgia do Amazonas, a traduzir em publicações dezenas de pesquisas de campo que ainda carecem apreciação abrangente e contemporânea; Mário Moraes, em seu Instituto "Evandro Chagas" e no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia; e vós, na Sociedade Brasileira de Cardiologia, no Conselho Regional de Medicina, na Associação Médica Brasileira e na Academia Amazonense de Medicina, a debater as questões complexas da medicina atual.

Creio que é possível imaginar a conversa de cada um de vós diante do paciente ansioso pela cura do mal que o aflige. Da Matta, na maturidade dos anos, curvado em exames clínicos detidos, verdadeiramente minudentes, examinando as chagas do corpo físico provocadas pelo mal de Hansen em muitos deles, receitando fórmulas para o preparo pelas farmácias, cheio de esperança, ou clamando pelo isolamento como única forma de evitar a propagação da doença por toda a família. Dava-se então o dilema entre o pai que não gostaria de afastar os filhos do convívio dos genitores, e o cientista, que desejava vencer os limites dos conhecimentos do seu tempo, o que ele procurava superar com seus mais de duzentos estudos publicados. Mário Moraes, agi-

tado e tenso, desdobrando-se nos laboratórios de Belém e de Manaus em pesquisas sobre os resultados dos modernos medicamentos aplicados às mesmas doenças, e também em busca de vencer as sequelas que tais doenças pregam aos afetados. E vós – Dr. Aristóteles Alencar Filho – paciente e meticoloso, debruçado para o exame clínico, na ausculta íntima do coração, observando os resultados de exames de laboratórios e de máquinas que utilizam tecnologias avançadas, mas, ao mesmo tempo, ouvindo com mansidão e generosa paciência as dores que afligem a alma dos que buscam socorro em vossos braços.

Desde muito cedo, demonstráveis pendores para os estudos científicos. De fraternal convivência, fina educação e sem excessos, sereno, atencioso, gentil no falar, porte discreto, daqueles que caminham em silêncio e sem pressa, mirando o amanhã como ideal, fostes construindo esse momento solene, e quando nos destes o sinal de vossa intenção de candidatura à cadeira de Alfredo da Matta, a muitos de nós nos pareceu estar-se dando um leve desabrochar de aspiração antiga, tal a sutileza com que manifestastes o desejo.

Afinal, há em vós a herança dessa paciência quase mística e dessa sensibilidade para a arte e para as letras que tendes demonstrado em vossa conduta pessoal, como do magistério também há. Neto e filho de professores – do meu encantador mestre de Matemática, o Dr. Aristóteles Comte de Alencar –, posto em sua elegância de traje, de gesto e de fala, com mesuras que, sem exagero, nos davam a nós, seus alunos, a medida exata de sua personalidade refinada. De minha adorável mestra Rosa Branca de Lima Alencar, a vencer os corredores do Instituto de Educação do Amazonas em passos simples, elegantes e discretos, modestamente até, para cumprir a missão que escolhera exercer na formação de gerações.

E foi na casa de residência de vossos pais, que guarda a memória de fatos pitorescos da história política do Amazonas, na antiga sala de aula de cálculos matemáticos, que em muitos saraus libertários da arte da pintura e da música nos reuníamos sob o vosso estímulo e vosso aconchego, cronistas, poetas, pintores, desenhistas, fotógrafos, médicos e prosadores para uma convivência que, se não alcançou ser referência como sucedeu com os salões de Coelho Neto em terras fluminenses ao tempo da *belle époque* carioca, foi, para muitos de nós, horas de invol-

74 gar encantamento. Eram reuniões da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores, seccional do Amazonas. Que falem pela minha voz as saudades de Ademar Britto, Ademar Guerra, Jayme Pereira, Antônio Bacellar, Fernando Ferreira, Antonio Loureiro, Van Pereira, Simon Pecher, Raimundo Valois, Cláudio Chaves, Isis Frotá, Gilberto Fernandes, Joaquim Melo, dentre os muitos que chegavam ao Largo de São Sebastião, na velha casa azulejada, para falar do belo.

Esta é uma inconfidência que não pude resistir de revelar-vos, senhores acadêmicos, para que a Casa compreenda que adentra ao salão do pensamento amazônico não só um médico e cientista, um homem que maneja a palavra para explicar os temas de alta complexidade até para muitos dos herdeiros de Hipócrates, que usa a palavra para aplacar o sentimento de tristeza e dor de quem percebe, no mais profundo do seu ser, que o velho e cansado coração começa a se despedir da vida terrena; quem com a palavra ensina e pela palavra aprende, mas também aquele que cultiva as belas artes e a convivência harmoniosa entre os homens.

Perdoai se vos desnudo agora como filho, Dr. Aristóteles Alencar Filho: certa feita, chegando bem devagar e em silêncio, aquando recolocávamos os azulejos da casa de vossos pais, recuperando a fachada antiga e tradicional, no Largo São Sebastião, tal como fizemos com os demais casarões que resistiram ao tempo, no desejo apaixonado de recompor um pedaço muito especial dessa Manaus estilhaçada, chegando em silêncio, repito, no meio da rua, diante do casarão, vos tomei de pé e em lágrimas de emoção naquele momento vibrante de reencontro com a história de vossa própria vida e de vossos antepassados.

Podeis confiar, o que vos oferecemos, a vós senhor professor doutor Aristóteles Comte de Alencar Filho, na Academia Amazonense de Letras, é, pois, a consciência do passado, a noção do presente e a promessa de memória, tal como sucedeu convosco naquele entardecer inescquecível.

Ficai! A Casa é vossa.

— Abertura

posse do acadêmico SERGIO CARDOSO¹

— A ARTE EM MÚLTIPLAS FACETAS

A Academia Amazonense de Letras, uma das três instituições científicas e culturais centenárias do Amazonas, abre as suas portas, nesta noite, para celebrar com a sociedade a posse de um novo Membro Efetivo, o Sr. Sergio Cardoso, artista multifacetado porque expressa a sua capacidade, o seu dom artístico através da poesia, da pintura, da dramaturgia, do cinema, proporcionando a nós, os humanos, momentos coloridos e alegres.

O acadêmico que nos chega, vem ocupar a cadeira nº 2, de Euclides da Cunha, deixada vazia com a grande viagem do saudoso artista e confrade Moacir Andrade que, como poucos, soube manusear com maestria e quase mágica os pincéis e as tintas e, através deles e delas, traçar ou revelar paisagens, cenários e pessoas nas telas multicores que produziu e que deram a ele a imortalidade acadêmica. Como pintor e desenhista, Moacir declarava e defendia em suas telas, pela voz das cores, os perfis da vida e do homem amazônico.

Como afirma o confrade e festejado escritor e poeta, Max Carpentier, “toda a natureza da Planície, castigada até o sacrifício das espécies, pôde mostrar-se nas criações de Moacir. A arte que exercitou é uma conjunção complexa em que as trocas do homem com a natureza sinergicamente se completam. Com mais de dez mil telas pintadas, foi um dos artistas plásticos mais expressivos da Amazônia com reconhecimento internacional.

Nesta Casa e entre nós, Moacir é e será sempre presença constante, seja pelas suas telas que povoam as paredes da Academia e das casas de muitos de nós; seja pelas conversas alegres e as palavras carinhosas com que se dirigia a todos; seja pelo jeito próprio de saudar:

¹ Cadeira nº 2, de Euclides da Cunha, em 11 de agosto de 2017.

76 "maninha", "maninho". "Princesa" foi sempre a palavra com que me saudava.

Sergio Cardoso, o artista que nos chega, do mesmo modo que Moacir Andrade e diferente do Patrono da cadeira nº 2, Euclides da Cunha, apesar de sua formação jurídica e de sua atuação como procurador do Estado, têm os pés fincados nas artes e na cultura amazônica.

Ultrapassa os umbrais da Casa de Adriano Jorge e adentra ao Salão do Pensamento Amazônico Álvaro Maia, não como "Curia", o estranho que chega, na língua do povo Canamari, porque esta Casa já reverenciou a sua inteligência e o seu talento conferindo-lhe a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, no campo das Artes em 2014, e o mundo cultural amazonense o consagra e aplaude há muitos anos. Nos chega como "Sumuara" ou "Serú Muara", amigo, companheiro, na língua Nheengatua ou Nheengatu. Como Taiguara, homem livre, vem para contribuir no diálogo com a cultura, as ciências e as artes que esta Academia acolhe, congrega e consagra.

Os méritos que deram a Sergio Cardoso a condição de membro efetivo da centenária Academia Amazonense de Letras, serão proclamados pelo professor, escritor e cultor da literatura e das letras, dedicado à preservação e desenvolvimento da Cultura da nossa terra, o ilustre confrade e Diretor de Eventos desta Casa, Zemaria Pinto.

Senhoras e Senhores,

Nesta noite de júbilo e de festa, o Hino Nacional Brasileiro será interpretado pela voz e o som do violão do festejado artista José Torres Filho que, finalizando esta solenidade, brindará a todos com a apresentação de belíssimas músicas escritas em parceria com os saudosos acadêmicos Anibal Beça e Luiz Bacellar e dos confrades Aldisio Pilgueiras e Sergio Cardoso.

Está aberta a sessão!

— Discurso

posse do acadêmico SERGIO CARDOSO

— SIGNIFICADOS DE UM MORADOR DE SUA RUA ILUMINADA, MEMÓRIA SENTIMENTAL

Começo relatando sobre os vínculos anteriores de lembranças da minha vida com esta entidade, seus personagens e o impressionante prédio situado na trilha das escolas públicas, teatros, hospitais, igrejas e praças do centro manauara, lá pelos anos sessenta, onde as memórias se permitem o alcance de fatos, que de algum modo me trouxeram, insistentemente, até aqui nesta longa noite, nos noventa e nove anos, de sua existência, e que antecedem as comemorações da sua data maior.

Quando poucas eram as luzes nas moradias da Rua Ramos Ferreira, dos anos sessenta, de velas, candeeiros e aladins, e o piso de concreto e pedras vermelhas, apresentava-se o imponente prédio azul anil acinzentado, com brancas janelas de vidros de luzes amarelas e belos portões de ferro cinza: a Academia Amazonense de Letras, inspiradora visão noturna da casa do tempo no topo da colina, na noite de chuva, intenso calor dourado. Os membros da AAL, homens de fatos de linho branco, adentrando solenes ao prédio do imaginário poético dos moradores festeiros nas fogueiras de junho dos três santos, erguidas na rua dos pés de *figs benjamins*: em volta, pelo circuito espontâneo de entretenimento, das peças e tardes alegres do inesquecível Teatro Juvenil, dos padres Capuchinhos; do Teatro das Pastorinhas do Luso Sporting Clube, a alguns metros da casa de meu amigo André Araújo; o monumental Teatro Amazonas; a rota dos estabelecimentos de ensino e residências de personalidades, do Instituto Benjamin Constant, de belas e tímidas órfãs dos rios, guardadas por freiras italianas carrancudas e apresentando em solenidades a reluzente e tradicional banda marcial, que tocava o hino dos fuzileiros navais americanos, os nacionais

78 de diversos países, incluindo o brasileiro e outros temas de compositores clássicos; a acrópole palaciana do Instituto de Educação do Amazonas, de sensíveis e respeitáveis normalistas, futuras professoras, fazendo o tempo ficar mais rápido na Praça do Congresso; mais ao fundo, no Beco do Amor, a Escola da Divina Providência, o Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos, o prédio amarelado da Saúde Pública, o Palacete Miranda Corrêa, o Ideal Clube; a mansão onde funcionava o hospital infantil Dr. Fajardo; a moderna residência do acadêmico e médico Djalma Batista, a morada do também acadêmico Genesino Braga, que tinha um pequeno aviaquário, com araras, peixes ornamentais, papagaios e passarinhos, e era o meu padrinho no batismo cristão; a praça da Saudade; o Atlético Rio Negro Clube e por aí a vida seguia, até o bairro de Aparecida, tudo no entorno vibrante da Academia. Em silêncio, imaginava como seria o Salão das Palavras, de onde longe se ouviam os intensos e eloquentes discursos nos microfones radiofônicos do púlpito da Academia. Como seria a Casa interior da prosa e do poema elegante, muito além da minha fantasia? Anônimos estudantes e transeuntes passavam e passam fardados pelo prédio da Sabedoria, marchando em pelotões nos dias cívicos das paradas setembrinas, e de algum modo intuíamos a grandeza da arte e literatura que dali se irradiava, através de seus escritores tão especiais, sisudos e distintos, um grupo predominantemente masculino, no reduto da expressão literária amazonense.

Vale ressaltar que antes do renascimento atual do patrimônio histórico, cultural, artístico e existencial de noventa e sete, instalado para sempre, tomara, passo a relatar outras memórias anteriores, lá pelos idos da resistência dos anos oitenta, ressaltando o novo protagonismo da Academia, que, com seu prestígio, haveria de congregar os novos artistas contemporâneos no piso térreo, quando duas largas portas foram abertas na muralha de sua sede. Frequentei a partir daí, intensamente, seus porões, nas fundamentais e aguerridas manifestações da expressão artística, geradas a partir da Galeria Afrânio de Castro e do Teatro de Bonecos, criados pelo acadêmico e escritor Robério Braga, então Secretário do vice-governador Paulo Pinto Nery, sendo governador, o Dr. José Bernardino Lindoso, brilhante e raro entusiasta da administração cultural. O teatro e a galeria, por estranhas contingências,

concentraram a resistência criativa artística de nossa última juventude, em estado de atenta rebeldia, durante mais de dez anos.

Na noite de sua mais recente reabertura, após intensa reforma e restauração original do vetusto imóvel, sob a presidência do ínclito realizador, o acadêmico José dos Santos Pereira Braga, adentrei pela primeira vez ao Salão dos Acadêmicos e deparei-me finalmente com o cenário peculiar, de rara imponência e luminosidade. A sensibilidade de todo um trabalho de refazimento da arquitetura da história do imóvel, e o restauro realizado pela equipe de arquitetos, engenheiros e técnicos da Secretaria de Estado de Cultura, que, através do Departamento do Patrimônio Histórico, haviam trazido à luz do convívio a suntuosidade original, a sóbria, a envolvimento mágica da transpiração da literatura, da arte e suas expressões. Convidado a receber a Medalha do Mérito Cultural, foram inenarráveis e únicas as emoções até aqui vividas. Respeito e reverência a tudo e a todos. Gratidão a todos os membros da Academia, pela aquiescência de minha pessoa nesta solenidade.

São estas algumas das minhas impressões e eternas lembranças do passado e do sempre nesta noite de tanta magia, à luz do acolhimento, do encontro de um artista, membro e insistente da resistência artística, da luta real para que as expressões da consciência política e social fluíssem além dos cristais do parnaso das belas letras.

Recordo-me, ainda, que foi aqui neste prédio, num fim de tarde, quando todos os artistas se encontravam na Galeria Afrânio de Castro, no distante ano de oitenta e cinco, que recebi a notícia tardia, que já estava nas páginas do *Jornal do Brasil* daquele dia, de que havia sido agraciado com o prêmio Viagem ao País, no Oitavo Salão Nacional de Artes Plásticas do Ministério da Cultura, e que a obra "Made Madeira" estava em exposição no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. As noites de silêncio e certezas do mundo invisível haviam me trazido esta alegria incontestável sobre minha trajetória. Anos mais tarde, também na galeria, receberia outra notícia de premiação no Sétimo Arte Pará, em oitenta e oito. Tudo isto sob a aura deste prédio da Academia.

Eis-me aqui, artista da resistência, com a necessária humildade da consciência estratégica, diante do Silogeu e seus mistérios, da delicadeza na aceitação do neto e filho de operários gráficos, funcionária públi-

- 80 ca e costureira, que tinha e tem a caligrafia mais linda do mundo: minha mãe. Sobre o texto dramático, o poeta, dramaturgo e ensaísta, acadêmico Zemaria Pinto, assim se refere, em seu precioso ensaio "Deuses, heróis, bufões – uma dramaturgia amazônica", na obra *O Mostrador da Derrota*, organizada pelos doutos professores Marcos Frederico Krüger e Allison Leão, a qual passo a referenciar:

O texto dramático é literatura, sim. Sem renegar o bom Aristóteles e seus prozelitos, antes, complementando-os, afirmo que os gêneros literários, hoje, podem ser arquivados sob os títulos Poesia, Prosa de Ficção e Drama; a este último filia-se o texto teatral.

Bem-vindas palavras iluminadas do acadêmico Zemaria Pinto que ousou complementá-las, ressaltando que, ao dramaturgo de minha tendência e estilo de formulação cênica, incumbe a construção estratégica do texto, direto da barricada das transformações sociais almeçadas, propondo aos irmãos teatreiros e ao público a arquitetura da narrativa e da elaboração das personagens, com o sentido das resistências, às incursões de diretores ávidos de reescreverem os dramas.

— DA LITERATURA DRAMÁTICA DEZ OBRAS PUBLICADAS

Adentro ao Silogeu com o livro que reúne a seleção de dez dramaturgias, ou seja, obras individuais, juntadas no primeiro volume da coleção "O Teatro Urbano das Mulheres de Lazione", e a versão original de *Mundica*, além dos filmes, documentários, artes plásticas e visuais, fotografias e toda minha trajetória artística.

Para, quem sabe, informar aos interesses do público sobre as minhas peças publicadas, apresento breve relação das obras dramaturgias.

Mundica e sua filha que virava a cobra grande, na grande enchente de 1953; *Ambrozhyia e o Phantasma da Arhte*; *Sabine e o Vampiro do Teatro Lazione*; *Chrisalyda Lapella: Caruso jamais cantou aqui*; *Dorothy Garland, a estrela dos desejos*, ou a mulher índia que tinha um milhão de dólares no porão de seu casebre, e que não poderia gastá-los nunca, até o desfecho de onze de setembro de 2011, com o fim das torres gêmeas de Nova Iorque; *Amanda Cataiatas*, nas ruínas do golpe de sessenta e quatro, en-

quanto espera a volta da filha morta num concurso de Miss Brasil, no Rio de Janeiro; *Salomeh e as Tartarugas Radioativas* caminha nua pelas avenidas desertas do distrito industrial, e suas fábricas abandonadas; *Carmem de Lazone, a Lenda Urbana*, drama de uma moradora de rua que reflete sobre os últimos cinquenta anos da história da cidade; *A Herança Maldita de Mercedita de La Cruz*, sobre o grande êxodo urbano amazônico, rumo a Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, quando a Casa que preparava noivas, fecha suas portas, em razão de uma série de assassinatos misteriosos na cidade de Lazone, no final dos anos quarenta; *Gilda, o romance da moça morta na cidade flutuante*.

Lazone é Lazone, sendo Manaus, como Gotham City é New York City. Cruel e sombria, paira sobre os sonhos das personagens.

As personagens participantes dos lugares urbanos de Lazone, que se constitui como o labirinto das possíveis tragédias e comédias da busca da identidade cultural, própria, expressa através da arte teatral.

Para esta nova fase, estão em preparação dois volumes da série de "O Teatro Urbano das Mulheres de Lazone", que reunirá as obras literárias cênicas:

- *Constance, a cantora de depois do fim do Mundo e o Submarino Alemão*: drama sobre importante cantora da rádio Pahís Brasileiro, abandonada nas praias desertas de Lazone, em quarenta e cinco, pelo amante que passeia nas águas do rio das sombras, submerso numa pequena belonave, específico submarino alemão de pequeno porte;

- *Blanca de La Isla*, drama sobre a maldição da imortalidade de jovem mulher, criada para a prostituição, e que segue as trilhas do tempo, do século dezanove aos dias atuais;

- *Marie La Guerre*, sobre a esperada invasão alemã e forças do eixo que invadiriam Lazone, para lutar contra as tropas aliadas nas ruas escuras de Lazone, nos dois últimos dias, que antecedem à rendição germânica na Europa.

O terceiro volume reunirá as seguintes peças:

- *Mai Fanni Valentine*, drama sobre duas mulheres, que se odeiam desde o ventre, desafortunadas gêmeas, que viveram o fulgor do renascimento da economia lazonenense nos anos setenta e encontram-se cinquenta anos depois para o enterro da mãe;

- *Ascensão e o Homem que tinha um Buraco no Meio da Cabeça*, sobre a sinistra lenda do boto, erotismo e mortes secretas de mulheres, terror, mistério e zoofilia ardente;

- *A Deusa Nadha e o Paciente Oculto*. Drama sobre um homem encarcerado num sanatório para doentes mentais, em seu último dia de funcionamento, e que acredita ser a reencarnação do espírito do governador de Lazone, Juan Rivero;

- *Yayá, a mulher que contava filmes*. Sobre a proprietária de um cinema, em Lazone, que repete sempre o mesmo filme, feito de pedaços de outras películas, enquanto a mítica personagem, conta para o público as suas versões, sobre seus filmes preferidos.

São estas, algumas contribuições literárias por agora, que constituem meus projetos futuros perante esta Academia de Letras.

SOBRE O PATRONO EUCLIDES DA CUNHA E OS OCUPANTES DA POLTRONA NÚMERO DOIS

Cumpr-me, apresentar aos senhores nesta noite, a significativa homenagem do escritor que nomeia a poltrona que doravante ocuparei; através deste texto, que propõe a dramaturgia da narrativa sobre o homem, a obra, a vida, a paixão, a dor, o amor, a loucura e a morte: o patrono da poltrona número dois da Academia Amazonense de Letras, o escritor Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, membro da Academia Brasileira de Letras, nascido em 20 de janeiro de 1866, em Santa Rita do Rio Negro, hoje Cantagalo, tendo falecido em 15 de agosto de 1909, em trágicas circunstâncias, no bairro da Piedade, Rio de Janeiro.

Militar de carreira e delegado da instituição, dotado de reconhecida e extraordinária capacidade de trabalho na maturidade profissional, razão pela qual o jornalista Júlio de Mesquita, o convidou para integrar os quadros redacionais do periódico de sua propriedade O Estado de São Paulo, para cobrir a revolta de Canudos e entrevistar Antônio Conselheiro, reportagens que tiveram muito sucesso junto aos leitores e que viriam a resultar na magistral literatura de *Os Sertões*, que relatou para o mundo a humanidade psicossocial do povo nordestino da beirada atlântica, em suas expressões culturais e religiosidade, expondo finalmente, como denúncia, aos leitores, a ação genocida de es-

tado, contra o então indefeso povo brasileiro do árido sertão: os nordestinos. Euclides fascinou-se com aqueles com os quais se identificava: os rejeitados do país brasileiro, e seu comandante messiânico Antônio, o Conselheiro, líder e mentor espiritual do exército de famintos, perseguidos e humilhados, que ousaram lutar contra as oligarquias existentes, o que acontece até os dias de hoje. A secessão de Conselheiro e seu séquito, fascinou e inspirou Euclides, para materializar o grande romance brasileiro, o que ensejou naquele momento o surgimento da revelação e divulgação neorrealista dos fatos que expuseram as entranhas políticas e sociais do deserto nacional. A obra definitiva, que no futuro iria inspirar as artes e manifestações do cinema novo de Glauber Rocha, Cacá Diegues, Nelson Pereira dos Santos e demais criadores do movimento de pensamento artístico, político e de reflexão crítica; em obras que buscavam afirmar a nossa identidade cultural através dos filmes, além de influenciar todas as outras linguagens artísticas, que evocaram as diversidades e desigualdades do povo nordestino, através da música, dança, literatura, artes plásticas e visuais, pelas contemporaneidades midiáticas e demais produtos da economia artística, fazendo absoluto sucesso no mercado do entretenimento nacional e internacional. A arte da prosa poética euclidiana em *Os Sertões* moveu os caminhos da difusão de todas as expressões regionais do país brasileiro, sensibilizando o público, os artistas e valorizando a expressão regional.

A obra *Os Sertões* configura-se como o essencial romance brasileiro de antropologia social contemporânea, pela lavra da prosa poética de Euclides da Cunha, sobre a guerra civil de Canudos, ocorrida no sertão da Bahia de Belo Monte entre os anos de 1896 e 1897, sendo esta também a inspiração para o cinema épico de Sergio Rezende, com o filme épico-biográfico "A Guerra de Canudos", apresentado em 1992, que narrou e mostrou as expedições e o confronto final entre os beatos de Conselheiro e as forças republicanas de Prudente de Moraes. Também nas artes plásticas e visuais, a obra *Os Sertões* motivou as inspirações de Candido Portinari e gerações sucessivas, ressaltando-se ainda mais recentemente, repercutindo na fotografia do artista Sebastião Salgado. A descoberta, a revelação e exposição pública do ser humano nordestino, a força da religiosidade do povo, o escancarar das profundas e arrai-

84 gadas desigualdades sociais, tão iguais nestes dias, e o messias brasileiro Antônio Conselheiro, de Canudos, a Tróia baiana do árido nordestino. Recentemente, peças do diretor e dramaturgo José Celso Martinez Correa, baseadas em *Os Sertões* de Euclides, que estrearam entre 2002 e 2007, se transformaram em cinco filmes com adaptações livres de cinco diretores: "A Terra", "O Homem 1", "O Homem 2", "A Luta 1" e "A Luta 2". Consideradas obras-primas do teatro e cinema de rara qualidade artística - artisticidade. Leituras da contemporaneidade artística cênica nacional. *Os Sertões* euclidianos constituem-se como obra plural de sentidos, ideologias, de gêneros e de todas as discursais. Lá estão contidas a epopeia, o drama, a poesia e os conflitos na formação da nacionalidade. A luta entre os forasteiros vindo de todos os lugares, os soldados republicanos, e os sertanejos tidos como primitivos ignorantes, alienados e brutos, representantes, aparentes à época, do atraso geral cultural e educacional urbano, que eram vítimas, na verdade, usurpados pela perda da terra e a cobrança de impostos, pelo país do novo pacto social republicano, para o qual não foram sequer convidados a opinar, em momento algum; e que, no entanto, precisavam ser vencidos, para viverem a nova integração nacional.

A dramaturgia da tragédia anunciada por Euclides era apresentada com as cores mórbidas do desespero da guerra civil insólita. A luta é narrada com dinâmica de um pré-roteiro para o cinema e teatro. A derrota dos troianos de Canudos era previsível; o massacre militar republicano genocida é a vitória das classes dominantes do país que se vangloriavam aos olhos do mundo, pela matança de outros de brasileiros, sem nenhuma estrutura de defesa para enfrentamento militar, vivendo em condições cruéis e desumanas de resistência. A vitória foi saboreada com requintes de ódio e perversidade sobre os fanáticos religiosos, ávidos de justiça, saúde, educação e de todos os serviços sociais do estado republicano, pelos aficionados da devastadora chacina brasileira.

Ave, Euclides e a cultura brasileira do nordeste, que para estas terras amazônicas veio na grande diáspora da goma negra, para vivenciar outras dominações e explorações noutra cenário, a floresta das Amazonas, e sobreviverem à debacle de novecentos e onze, formando a nova população amazonense. A civilização nordestina vive em cada um de nós.

O destino das viagens pelas distâncias trouxe o escritor consagrado ao Amazonas, incumbido pelo Governo Federal, através do Ministério das Relações Exteriores, para chefiar a Comissão de Reconhecimento das Nascentes do Rio Purus. O escritor chegou a Manaus em 30 de dezembro de 1904. A viagem rumo às nascentes do rio Purus, foi heroica e turbulenta, considerada como acidentada com o naufrágio do grande barco, que levava víveres e equipamentos técnicos para os trabalhos da Comissão. Euclides chegou às nascentes em 14 de agosto de 1905, com o grupo de remanescentes da expedição, depois de ter passado por situações de privação e alto risco de vida, dignas de filmes de aventura na selva ardente, no contato agressivo com indígenas ainda não contactados, tudo isto sem contar a falta de mantimentos para a alimentação de sua equipe. A atmosfera de suspense e terror é superada pelo ânimo do pesquisador e seus cadernos de viagem, e deste resulta a elaboração de um Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Rio Purus e Notas Complementares, onde constam, descritos com precisão técnica, todos os passos de aventura e as superações das descobertas sobre a terra, o homem, o rio, a floresta, sendo considerada, a Comissão conduzida por Euclides e sob a sua orientação, como de grande heroísmo e dedicação. O relatório recebeu o título de "Rio Purus" e representou toda a competência e tenacidade do escritor, que produziu o documento científico sobre a intocada natureza amazônica. A topografia da região realizada pelo intrépido pesquisador, resulta, ainda hoje, nos mapas atualizados da região entre os rios Acre, Abunã e Orton.

Ressaltamos, finalmente, o acesso e a leitura de uma só noite, do interessante livro do Acadêmico de Letras, o escritor e historiador, Secretário da Cultura do Estado, Robério dos Santos Pereira Braga: "Euclides da Cunha no Amazonas", obra que nos propiciou luzes e reflexões sobre os inúmeros assuntos abordados para elaboração desta apresentação, graças ao enfoque do escritor e historiador sobre o significado social, político e cultural desta presença inestimável em terras amazonenses. Propiciou-nos, a excelente obra roberiana, riquíssimas informações sobre as impressões e relações de Euclides, o missivista e seu temperamento ciclotímico, distanciado de tudo e de todos, o es-

86 tranho viajante solitário e o confronto com o novo desafio de vencer os desafios do sertão das águas.

Euclides, em contraponto, encontrou-se e identificou-se com o isolacionismo geográfico da Amazônia e de Manaus. A alma do misto de guerreiro, cientista e artista no espelho das altas madrugadas de suor, insônia, predições espirituais, temperaturas e umidades avassaladoras, ressaltando, angustiado, a incômoda sinfonia dos ruídos das vozes, ruídos da música urbana de Manaós e dos seres da floresta, no recital da surrealidade amazonense: onde as línguas do convívio, o português, o inglês, francês, alemão e outros idiomas da intensa exploração comercial do ciclo áureo da borracha, constituíam-se como um coro ensurdecedor e irritante para o escritor. O estoico personagem e sua missão se constituía como o definitivo objetivo daquelas horas mornas no jardim do equador. O cosmopolitismo manauara da bela época não seduziu o ilustre visitante, conforme se lê nos escritos, onde suas impressões aos amigos foram fortemente contundentes. Nem o belo Teatro Amazonas, recém-inaugurado, recebeu elogiosos comentários do viajante, que se lançou com todo frêmito castrense aos deveres do objetivo maior da expedição amazônica, embrenhando-se no misterioso caudal do rio das Sombras, entre 04 de abril e 20 de setembro de 1905, buscando o Purus, rio polidor das almas, palco dos desesperos da tortuosa viagem oficial.

Em Manaus, residiu na casa de Alberto Rangel, juntamente com o jovem estudante-alferes Firmo Dutra, que também integrava a missão militar rumo ao rio Purus. As residências de Euclides localizaram-se, a princípio, à Rua Teresina, na Vila Glicínia, na Vila Municipal, do bairro do Mocó, e também, posteriormente enclausurou-se numa residência da Rua Alexandre Amorim, no bairro dos Tocos; hoje, Aparecida.

Euclides também, interpretou a sociedade brasileira de floresta, rios, fauna e o homem em estado primitivo, além de nos oferecer importantes informações sobre a fauna e a flora. O escritor defrontou-se com o vibrante ciclo econômico do extrativismo da borracha e propôs políticas públicas para o desenvolvimento genial da região.

O escritor e funcionário federal em missão não dedicou espaço sentimental simpático ou romântico sobre Manaus na literatura de suas cartas e relatos aos amigos, não sofreremos novamente por isto.

De sua viagem interior pelo Amazonas, resultou, para além dos relatórios técnicos, a obra publicada após sua morte "À Margem da História", onde revelou a região amazônica, tornando-se um de seus mais importantes intérpretes, revelando ao público o outro país brasileiro, enfatizando a terra, o homem e a natureza, a flora e a fauna, divulgando perante a opinião pública mundial sobre os problemas característicos que entendia estar despreparada para receber o homem, que deveria dominar a natureza. Acontece que a Amazônia, insondável bioma, possuía habitantes originários de cultura própria, e geoantropoecologia poética diferenciada do restante do país.

A poética do observador e a absoluta originalidade euclidiana de sua ficção narrativa em *Os Sertões* e os relatos em "À Margem da História". A prosa poética que notabilizou Euclides, que se apresentou na literatura com raro vigor e inspiração, e que, ousando ao realizar a pesquisa científica, da viagem pelas águas e as cenas no árido e no úmido, ambos, sítios de altas temperaturas.

Com reconhecimento afirmado para a comunidade literária nacional, o escritor viajante, apresentou-se como dramaturgo ao propor encenações e ao mesmo tempo, historiador do acaso súbito. O poeta e prosador requintado do sertão do árido humano e da floresta ardente dos seres míticos insondáveis, nativos, animais e a vegetação, energias espirituais emanadas através do telurismo selvagem da natureza.

O paraíso amazônico de Euclides, de "À Margem da História", cujas primeiras impressões haveriam muito de inspirar controvérsias de toda sorte entre os estudiosos e cientistas, constituiu-se como um sistemático apanhado de assuntos de seu caderno pessoal de viagem, e do relatório repleto de observações técnicas, científicas e filosóficas. O escritor que não perdeu a viagem de estudos para construir tão significativa obra, onde aborda o rio, o clima, os caucheiros e seringueiros, a presença dos nativos brasileiros naquelas terras insólitas; as cartas ao Barão do Rio Branco e relatos circunstanciados sobre a viagem ao rio Purus e os seus afluentes, o levantamento hidrográfico, o clima que dilacera a alma do homem, as características físicas da região e seus colonizadores, as povoações, a história e a geografia e a navegabilidade do Purus, a formação das cidades, a vida nos seringais, as fronteiras do país das amazonas, considerações sobre o inferno verde e o trata-

do entre Peru e o Brasil, artigos publicados, também no jornal *O Estado de São Paulo*.

Euclides cumpriu sua importante missão. A selva deixou marcas profundas no heroico desbravador das nascentes do rio Purus. Despediu-se de Manaus em 18 de dezembro de 1905 rumo ao Rio de Janeiro, onde chegou em 5 de fevereiro de 1906, para viver a sua paixão, morte e renascimento para a vida e a arte. Consagrações e trajetórias no futuro pós-moderno.

A OBRA DE EUCLIDES

A bibliografia de Euclides da Cunha: as publicações da literatura produzida pelo escritor e poeta destacam-se as seguintes. *Os Sertões* (Campanha de Canudos), 1902; *Relatório da Comissão Mista Brasileira-Peruana de Reconhecimento do alto Purus e Notas Complementares*, de 1906; *Peru versus Bolívia*, 1907; *Contrastes e Confrontos*, 1905; *Castro Alves e seu Tempo*, 1907; *À Margem da História*, 1909 (póstumo); *Canudos* (diário de uma Expedição), 1939 (póstumo); e *Caderneta de Campo*, 1975, também póstumo.

— OS OCUPANTES DA POLTRONA NÚMERO DOIS DA AAL

A poltrona, número 2 da AAL, teve por fundador o grande humanista Adriano Augusto de Araújo Jorge, médico, escritor, professor, jornalista e político, tendo sido eleito vereador, e emprestando nos dias de hoje seu nome ao plenário da Câmara Municipal de Manaus.

A poltrona nº 2 foi também ocupada por: Dom Alberto Gaudêncio Ramos, Arcebispo de Manaus, nascido no Pará, eleito em 19 de março de 1953, empossado em 21 de dezembro daquele ano, saudado por Álvaro Maia, sob a presidência de Péricles de Moraes, sendo sucedido por Walmiki Ramayana Paula e Souza de Chevalier, amazonense, médico, jornalista, escritor, notável orador, sendo saudado por Djalma Batista, na presidência de Leôncio Salignac de Souza. Faleceu no Rio de Janeiro em 3 de agosto de 1972. Sucedeu ao médico e místico o intelectual Cláudio de Araújo Lima, também médico psiquiatra, jornalista e escritor. A sessão de posse deu-se a 16 de dezembro de 1972, tendo sido saudado pelo escritor Genesino Braga. Faleceu em 21 de se-

tembro de 1978 na cidade do Rio de Janeiro. Para sucedê-lo, foi eleito o inesquecível Moacir Couto de Andrade, amazonense de Manaus, nascido a 17 de março de 1927 e falecido em 27 de junho de 2016, filho de Severino Galdino de Andrade e D. Jovina Couto de Andrade. Moacir foi professor, escritor, artista plástico emérito, historiador e poeta. Curso a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Amazonas, diplomando-se em Administração de Empresas. Fez pós-graduação em Museologia, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A obra do homem que de todas as maneiras lutou para que sua produção fosse conhecida e distinguida no mundo. O inventor do formato de olhar e enquadrar as cenas da paisagem amazônica, e que indubitavelmente contribuiu para a consolidação da ideia na comunidade, de que a arte é necessária, para decorar e compor ambientes, e fazer refletir sobre a importância da preservação da natureza amazônica.

Impossível substituí-lo. Moacir Andrade era um pensador de seu tempo, um artista da antropologia e da ecologia visual amazônica. Coletor constante da memória amazonense. Um cidadão que inventou o seu próprio caminho e que construiu o maior bem espiritual do homem: a sua brilhante e inestimável família.

Moacir Andrade tornou o ato de expor suas obras em mostras, individuais de pinturas, numa expectativa constante do público, que conseguiu formar, desenvolver e arregimentar para si. Durante mais de dez anos, Moacir realizou encontros artísticos na Praça Heliodoro Balbi, todos os sábados, com aulas em torno do coreto, para crianças, jovens e quem mais quisesse participar, ao lado de Ademar Brito, importante artista baiano, numa ação inovadora de tornar social o acesso ao ensino básico das técnicas de desenho e pintura, em plena praça pública.

Vida cumprida e arte que segue no olhar dos que desfrutarão da inspiração de seus trabalhos, nas galerias e exposições de sempre.

Ave, Moacir! Segue na paz, luz que te ilumina, a nova trilha da arte.

— DA ARTE DO FAZER PARTE DE ALGO MUITO ESPECIAL:
A REUNIÃO DOS ILUSTRES DA CULTURA AMAZONENSE

O significado de ser Acadêmico, para mim tem sido compreendido, nestes dias, pelo mais alto grau que este laurel significa e confere inten-

90 sas responsabilidades, perante a sociedade e esta entidade, que representarei nas trilhas das artes que expressar. A AAL é entidade de magnitude superior e fazer parte de seu corpo espiritual me enaltece, ao mesmo tempo em que cobra o compromisso da existência com a busca e consolidação de novas literaturas e artes evolutivas, e consciências do conhecimento. Ser Acadêmico, para mim, significa estar atento a tudo que existe para lutar no dia seguinte, o chão das trilhas do ludo real da arte. A Arte abre as portas deste salão para a geração de nossa bela e outrora juventude, estimulando a apropriação popular de tudo que significa.

Ser Acadêmico é ser dedicado à produção da literatura, da arte e das ciências, enfatizando os laços de acesso desta entidade com a comunidade amazonense, praticando a cada passo o respeito ético, e os vínculos inestimáveis com as correntes do pensamento transformador e engrandecedor da Casa das Letras, no limiar da celebração de seu centenário, em 1º de janeiro de 2018.

Agradeço a todos os seus membros a confiança e apreço depositados em minha alma de artista, pela aceitação de meu nome para fazer parte desta entidade secular. Pacto de amor e vida com a arte da literatura e outras linguagens que manifesto, para exaltar onde estiver a Academia Amazonense de Letras.

– REFERÊNCIAS

- BRAGA, Robério. *Euclides da Cunha no Amazonas*. Manaus: Editora Valer/Fundação Lourenço Braga, 2002.
- _____. *Academia Amazonense de Letras*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2009.
- CHEVALIER, Ramayana de; BATISTA, Djalma. *Discursos Acadêmicos*. 2 ed. Manaus: Academia Amazonense de Letras/Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.
- _____. *Discursos Acadêmicos*. Manaus: Editora Sérgio Cardoso, 1960.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *Amazônia, um paraíso perdido*. Organização de Tenório Telles. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

- DINIZ, Almir. *Acadêmicos: Imortais do Amazonas*; Dicionário Biográfico / Almir Diniz de Carvalho. Manaus: Uirapuru, 2002.
- PINTO, Zemaria. Deuses, heróis, bufões – uma dramaturgia amazônica. In: *O Mostrador da Derrota*. Estudos sobre o teatro e a ficção de Márcio Souza. Org. KRÜGER, Marcos Frederico; LEÃO, Allison. Manaus: UEA Edições, 2013.
- SOUZA, Ronalds de Melo. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2009.

5 SERGIO CARDOSO

— Saudação

posse do acadêmico SERGIO CARDOSO

— INTRODUÇÃO

A Academia Amazonense de Letras reúne-se nesta noite para reafirmar sua perenidade, representada pela posse de um novo acadêmico e o paradoxo que isto produz: um signo de mudança como paradigma de imutabilidade.

Tristeza e alegria são componentes antagônicos de um mesmo processo, cujo propósito é a permanência da instituição acadêmica. Tristeza, porque lamentamos a falta do confrade antecessor. Alegria, porque celebramos a chegada de um novo companheiro. Assim, a Academia se renova e, às vésperas de completar um século de fundação, rejuvenesce. Pois é desta matéria que é feita a Academia Amazonense de Letras: da vida e da obra de seus pares.

Muito me honra a tarefa de que fui incumbido nesta noite: receber o novo membro desta Casa – o cineasta, fotógrafo, dramaturgo e artista plástico Sergio Cardoso. O meu amigo Sergio Cardoso, a quem me dirijo agora.

— A CADEIRA Nº 2

Sergio, na Cadeira para a qual foste eleito tens por patrono Euclides da Cunha, que tanto bem fez à literatura brasileira, especialmente com o seminal *Os Sertões* – um ensaio histórico-político-antropológico e antropofágico, com sabor de romance e cheiro de poesia. Mas Euclides também, involuntariamente, causou muito mal à literatura brasileira, pois seus êmulos perderam-se na tentativa de reproduzir seu estilo, realizando apenas pálidas caricaturas do modelo. Euclides escre-

via como um rio amazônico - cheio de nascentes, braços, furos, par- 93
ranás, meandros, vaus, peraus, lagos, igapós, estuários e afluentes.

Quem te antecede na Cadeira nº 2, é Moacir Andrade, o Maninho, artista de reconhecimento internacional, que pintou a Amazônia com uma originalidade ímpar e com um estilo paralelo ao de Euclides na escrita, onde a poesia das cores narra lendas e mitos e fixa paisagens e costumes amazônicos. De algum modo, que eu não sei traduzir em palavras, Euclides da Cunha e Moacir Andrade são almas gêmeas - talvez, na inquietação; na invenção, talvez. Com certeza, na independência criativa de ambos. O teu desafio é manter acesa essa chama, o que para ti, decerto, não será obstáculo, pois tens, nas várias modalidades artísticas que abraçaste, essa centelha que ilumina mundos.

— A NOSSA GERAÇÃO

Atingida a linha demarcatória dos 60 anos, começo a olhar para trás e para os lados, buscando enxergar o que construímos nesse tempo que se constitui, há muito, na segunda metade de nossas vidas. Embora o conceito de geração seja controverso, variando de acordo com a matéria e ao sabor de interesses esquemáticos, quero falar aqui, Sergio, brevemente, da nossa geração - minha e tua. Mas antes digo o que entendo por geração: não é apenas um lapso de tempo, medido em anos; antes, é um tempo interior, medido por um calendário afetivo, em que pessoas de idade aproximada, ainda que pensando diferente, têm afinidades eletivas.

Os da nossa geração nascemos pouco antes da instalação da ditadura militar. Crescemos com ela e nos anos 70 fomos para as ruas. Em 1984, um congresso acanalhado e acovardado atropelou a História e adiou as "diretas já" por cinco anos. Crescemos sob a repressão, sim, mas fomos sempre libertários.

Quero homenagear aqui a nossa geração, pedindo desculpas antecipadas por eventuais omissões.

Na literatura: Antônio Paulo Graça, Cláudio Fonseca, Dori Carvalho, Marco Adolfs, Milton Hatoum, Pedro Lucas Lindoso, Rita Alencar e Silva, Simão Pessoa e Tenório Telles.

Nas artes plásticas: Arnaldo Garcez, Bernadete Andrade, Fernando Jr., Homero Amazonas, Jorge Palheta, Otoni Mesquita e Rui Machado.

Na música: Afonso Toscano, Antônio Pereira, Armando de Paula, a dupla Candinho & Inês, Celdo Braga, Lucinha Cabral, Mauri Mrq, Roberto Dibo e Zeca Torres.

No teatro: Chico Cardoso, Francisco Carlos, Luiz Vitalli, Nonato Tavares, Socorro Langbeck e Théo Correa.

E não posso deixar de referir os confrades Aristóteles Alencar, que você, carinhosamente, diz que é seu “médico do coração”, Geraldo dos Anjos, pesquisador e historiador, e Mazé Mourão, jornalista e cronista.

Assim como tu, Sérgio, todos esses nomes, de alguma forma, fazem parte do meu calendário amoroso de uma geração que deu muitos frutos. E ainda por muito tempo – os que aqui estamos – faremos da arte a nossa missão.

— VERDES ANOS

Nascido Sergio Vieira Cardoso, em 10 de março de 1954, nesta cidade de Manaus, que mais tarde viria a ser o ponto referencial de tua obra – cinematográfica, fotográfica, plástica, dramática; ou, para usar o adjetivo que os gregos antigos lançavam mão para classificar tudo o que não era utilitário – tua obra poética. Porque tu pensas poeticamente – e é poesia o que resulta de teu trabalho, no cinema, na fotografia, na pintura, no teatro.

E num exercício de imaginação, vejo-te inicialmente caminhando, de mãos dadas com dona Ruth e seu Fernando, pelas calçadas da Ramos Ferreira, onde nasceste, há não mais que cem metros da Academia. Funcionários públicos, teus pais, assim como tua avó materna Dinah – pianista, fluente em francês e influência decisiva na tua formação –, lutavam contra as adversidades enfrentadas pelas famílias pobres de Manaus, as mesmas dificuldades que meus pais, certamente, encaravam naqueles anos pós-guerra e pré-Zona Franca. O menino Sergio lutava, desde muito cedo, a luta de gente grande. Mas não descuidava de ser menino, apenas, inventando e construindo brinquedos de madeira – aviões, barcos, trens e até um projetor de cinema, feito com espelhos

e lentes de óculos – e encenando as principais cenas dos filmes assistidos, com cenografia própria, luzes e, sobretudo, imaginação. 95

A amizade com o sociólogo e ex-presidente desta Casa André Araújo foi fundamental na tua formação. O velho e generoso amigo te emprestava coleções inteiras, com autores russos e franceses, especialmente, além do bom Monteiro Lobato – e poesia também, do jovem Thiago de Mello ao maduro Drummond, que já passara da fase de querer ser moderno para se pretender eterno. Em paralelo, como qualquer garoto da nossa geração, gibis, gibis e mais gibis. O Teatro Juvenil dos Capuchinhos foi outra semente que te plantaste. E não podemos esquecer das novelas de rádio, fonte da tua dramaturgia, junto com o cinema, a que assistias nos cineclubes da cidade, mas também no Guarany, Polytheama, Odeon e Avenida.

Mas nem tudo era entretenimento. A arte exige introspecção, recolhimento – e tu tinhas momentos que eram só teus. E a religiosidade, que é uma de tuas marcas, brota do silêncio, junto com tua arte, embora nunca tenha interferido nela. Mas, sem dúvida, é o teu suporte espiritual para seguir lutando – e criando.

A par da formação artística, estudando na Divina Providência, no Princesa Isabel e no IEA, não negligenciaste de sólida formação profissional. Advogado, frequentaste a Velha Jaqueira, e te tornaste procurador efetivo da Procuradoria Geral do Estado. Administrador cultural, tens várias especializações na área, em programas de formação nacionais e internacionais, consolidadas pela experiência prática em vários cargos públicos, entre os quais o de Superintendente da Televisão Educativa do Amazonas, o de titular da Superintendência Cultural do Estado, diretor do Centro Cultural Cláudio Santoro, do Centro Cultural Palácio Rio Negro e do Departamento de Difusão Cultural da Secretaria de Estado de Cultura.

— MADUREZA

A tua arte, Sergio Cardoso, é multifacetada. Uso essa expressão para fugir do surrado clichê do multi-instrumentista, mesmo porque não te vales de vários instrumentos, senão de dois conjuntos deles: teus olhos e tuas mãos. Os sentidos se amalgamam e se amoldam, deixando que

96 os olhos toquem e as mãos vejam e a criação seja algo para além dos sentidos convencionados pela obviedade cotidiana.

Pintura, fotografia, cinema, teatro – a tua arte traduz-se no embate dialético entre imagem e movimento, que tem como síntese sinérgica uma obra de arte de alta expressão.

Tivemos oportunidade, no ano passado, de assistir ao belo documentário que fizeste no centenário de Djalma Batista: com simplicidade, a partir de depoimentos e de imagens de época, compões o retrato do cientista e redimensionas o ser humano, dando-lhe a sua estatura real: um gigante humanista. Djalma Batista é mais que mero nome de rua – é um mito e uma referência a ser imortalizada pela permanente lembrança; e o teu filme consolida isso, de uma vez por todas.

A tua obra cinematográfica – especialmente, os documentários – precisa circular, Sérgio. E já se contam às dezenas, sempre envolvendo figuras de proa da vida amazonense, como Hahnemann Bacelar, Arnaldo Santos, Jerusa Mustafa, Flaviano Limongi, José Gaspar, o homem que ensinava a amar o cinema, o nosso coração de campeão Ricardo Pepeta – carrasco dos rionegrinos como eu –, entre tantos outros.

Como artista de múltiplas faces, tua maior característica é a inquietude, exatamente aquela inquietude que fundamenta as obras de teu patrono e de teu antecessor: a inquietação da busca, da procura constante e, sobretudo, do questionamento permanente. Não satisfeito com a pintura, enveredaste pela fotoplastia, um conceito ainda não encontrável nos manuais de arte académica. Teus experimentos já foram mostrados em várias exposições, mas a mim tocou-me, especialmente, *Harborlights*, que trazia uma série de fotografias, com interferências plásticas e textuais, do lado podre do porto de Manaus, o trecho da Manaus Moderna tomado por mendigos, bêbados e drogados de todos os naipes e matizes. Um delírio magrittiano, que eu vi assim:

cidade

podre paisagem truculenta transcendente pobreza instalada onde um dia a miséria da cidade flutuante foi transposta aos limites suburbanos da cidade mutante onde um dia a mata foi violada e seu vestido verde incinerado e os meninos curupiras transgrediram a dimensão do sonho e cavalgando alados cavalos da memória foram habitar o palácio esculpido no rochedo onde um

dia um magritte flutuou balões de gente as luas no museu de tudo figurado em melancia a cona escancarada em riso de deboche o noite o grafites a fenda no muro o rio aberto em mar os barcos ancorados no horizonte as coxas da cidade ávidas expostas ao membro dissoluto fotografias da cidade desfeita em urina e fezes não não haverá dia não haverá o delírio das cores aquecidas pelo degeio dos andes pelo desejo das ondas onde antes havia apenas a água transparente do rio negro onde um dia profetas alienados esculpiram versículos definitivos e definidores destinados a eternizar a guerra sob a falsa paz que transcede a cidade anabolizada a pobreza da paisagem podre da cidade.¹

97

1. Zenúria Pinto. Texto incluído no folder da exposição *Harborlights*, que ficou de 27 de março a 23 de abril de 2014, no Espaço Thiago de Mello, da Livraria Serrote, em Manaus.

A fotografia e o cinema fizeram o século XX acreditar, durante muito tempo, que a pintura e a escultura e todos os seus derivados haviam se esgotado – a arte morreu! Mas a arte não morre, ela se retempera, se renova e se reinventa. Como em *Oh City – Stages*, uma de tuas mais recentes exposições, onde fotografia, cinema e pintura conviveram pacificamente, desnudando a violência da cidade:

Oh City – Stages foi uma exposição em movimento, cinética, ou como escreveria Glauber Rocha, *kynetyka*, fazendo longas ilações sobre a rede nazistalinista que se infiltra na palavra e na vida de todos nós, sem identidade e sem vontade, reduzidos a meros pontos no universo abstrato sergiocardosiano.

Uma exposição do deslocamento: nos videocines, o movimento de autos, o movimento de gente. Nas fotos, o desfoco era o foco. Em *Therminal-códigos* e *Ethereoplanovidrio*, as máquinas de triturar almas, os corpos sem almas, os rostos amorfos, meros pontos nos quadros.

Dois câmeras fixas registraram a sandice do trânsito de automóveis na Barbarapólis. Em outro plano, uma câmera fixa registrava o vai e vem na orla do mercado grande. Num, o tempo do quando, instantâneo esquizofrênico instantâneo. Noutro, o tempo do sempre, da repetição lerda, lesmática, neurótica. Um: aves rapaces rapinam, sangrando os fígados das máquinas. Outro: vermes bípedes, em movimentos centrípetos, indo do nada para o nada e ao nada retornando, mas sempre adiante, reafirmando a autofagia do eterno retorno: não precisamos de luz.²

2. Zenúria Pinto. Adaptado de *O Cuco* em construção – um olhar crítico-poético sobre *Oh City – Stages*. In: Revista Vale Cultural. Ano 1, nº 8, dez/jan 2014. Páginas 71-75.

98 Ao marasmo da arte decorativa, o artista inquieto se doa por inteiro e transfunde seu sangue para injetar vida em sua arte porque “uma obra de arte é uma coisa viva; qualquer obra de arte será viva ou não será arte”.³ Esta frase do poeta Ferreira Gullar justifica porque não me limitei a fazer aqui um inventário de tuas exposições. São tantas dezenas delas, seria cansativo. Além dos prêmios, que merecidamente recebeste. Prefiro instigar a plateia a olhar com olhos de pensar, e dizer que, na próxima oportunidade, não se furte a descobrir a vida que pulsa na arte em movimento de Sergio Cardoso.

Movimento que se observa sobretudo no teatro, para o qual tens tem sido, ao lado do confrade Márcio Souza, o mais fértil autor amazonense, chegando mesmo a criar um universo próprio – uma cidade, Lazone, à margem do rio das Sombras, com um teatro imponente, galerias subterrâneas, uma cidade flutuante e personagens que transitam de uma peça a outra, num grande painel suprarreal. São mais de 20 peças, algumas ainda inéditas e pelo menos dois prêmios de melhor dramaturgia no Festival de Teatro da Amazônia, por “A herança maldita de Mercedita de La Cruz” e por “Carmem de Lazone”.

Devo ressaltar a tua condição de escritor, essencial para seres aceito na Academia Amazonense de Letras: escritor de ficção, desfeita qualquer dúvida quanto à homologia entre o texto dramático e a literatura de ficção, como ressaltaste há pouco em tua oração. Como se não bastasse, como te disse antes, a tua condição de poeta...

É desnecessário ressaltar que Lazone é Manaus – virada pelo avesso. Virtuosa e dissimulada. Casta e depravada. Mítica e desmistificada. Uma cidade em contínua desconstrução, em permanente metamorfose, em perene movimento.

Lazone está para tua obra como o condado de Yoknapatawpha está para a obra do romancista norte-americano William Faulkner. Isto está gravado em fogo nas dez peças e mais de trezentas páginas d'O livro do teatro urbano das mulheres de Lazone, onde tu trabalhas

sobre um fio de navalha: humor e tragédia se misturam, em cenas anti-naturalistas, com uma agilidade cinematográfica. Não à toa, o cinema é uma referência constante, seja no nome das personagens seja nas inúmeras citações de títulos clássicos. Tudo potencializado, as situações criadas,

3. GULLAR, Ferreira. Argumentação contra a morte da arte. 8ª ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 132.

de um humor amargo, aproximam-se do dramalhão hollywoodiano das primeiras décadas do cinema falado, com pitadas de noir; mas algumas figuras monstruosas remetem ao expressionismo alemão. 99

As mulheres de Laxone reinventam a história da cidade de Manaus, desde a crise da borracha até a primeira década deste início de século, contemplando exatos cem anos de imaginação a serviço da fantasia, onde convivem em deliciosa desarmonia cobras-grandes, vampiros, tartarugas radioativas, mendigos, loucos, socialites, prostitutas, malandros, políticos corruptos, fantasmas diversos e toda uma fauna de criaturas aprisionadas no dia a dia da cidade. E a despeito da grande quantidade de personagens a transitar no palco, a solidão das protagonistas – muito mais que a geografia e a história comuns – é o fio que costura as peças, dando-lhes unidade, estabelecendo vasos comunicantes entre elas, como num corpo vivo, montando esse extraordinário painel da arte cênica amazonense.

Amanda Catalatas, Mundica, Gilda, Carmem, Dorothy, Ambrozia, Salomeh, Sabine, Crhisalyda e Mercedita são mais que meras criações da mente inquieta de Sergio Cardoso: são arquétipos de mulheres que pintaram, com tintas épicas, a história cotidiana, banal, mediocre, desta cidade abrasadora, à margem esquerda do rio Negro.*

A. Zemeria Pinto. Adaptado da apresentação de O livro do teatro urbano das milícias de Laxone, de Sergio Cardoso, Manaus: Valer, 2013. Páginas 19-20.

Imagem e movimento – opostos harmonizados na imagem em movimento do cinema ou do teatro – ou no movimento cristalizado em imagem do quadro ou da fotografia – são conceitos realizados plenamente na tua arte, plural e polimórfica, singular e convergente, inflexível e resistente – arte que valoriza, eleva e dignifica o fazer artístico no Amazonas.

CONCLUINDO

Meu caro Sergio, eu meu nome e em nome de todos os acadêmicos – dos presentes aqui nesta noite memorável, e dos que, por algum motivo, não puderam aqui estar –, dou-te as boas-vindas e te conclamo ao trabalho. Porque a glória maior de ser membro da Academia Amazonense de Letras não é ter uma foto na galeria e o nome gravado na parede da Sala da Memória. Ser membro da Academia Amazonense de Letras é deixar que ela faça parte de ti, pelo teu trabalho. Conhecen-

100 do o teu talento e tua capacidade, confiamos todos que será fácil e prazeroso desincumbir-te de tal tarefa.

Reitero, Sergio, em nome de nossos pares, os votos de boas-vindas: a cadeira de número 2 é tua; esta Casa passa a ser também a tua casa. E são teus os aplausos de todos os que aqui se encontram.

§ ZEMARIA PINTO



— Monumento ao soldado de fronteiras¹

O termo *fronteira* é amplo em seus significados, transita por várias áreas do conhecimento, no sentido de limite, que vai da Medicina ao Direito, da Ética à Religião. Assim, fala-se de fronteiras entre a saúde e a doença, entre o legal e o ilegal, entre a inteireza e a corrupção, entre o bem e o mal. Mas, evidentemente, é no universo da Geografia Política que o substantivo *fronteira* assume maior concretude de compreensão e de referência ao espaço. E aí temos, no plural sugestivo: fronteiras terrestres, fronteiras fluviais, fronteiras marinhas, fronteiras entre o céu e a terra, fronteiras entre o deserto e a água, entre a cidade e a selva. A história do homem sobre a Terra é marcada pela expansão e a defesa dos lugares que ele ocupa. E não haverá surpresa que a questão das fronteiras seja debatida também na conquista da Lua, de outros planetas, do Cosmos. Até que a Terra e o Universo sejam entendidos como a casa de irmãos, a casa de todos.

Enquanto isso, a importância histórica das fronteiras solicita e até impõe, em todo mundo, homenagens mais que merecidas à figura do Soldado de Fronteiras, personalidade militar com funções tão específicas que o tornam figura distinta entre as Forças Armadas.

Isto posto, ergamos no Amazonas um monumento ao Soldado de Fronteiras! Aqui, sobre um pedestal feito de pedra e gratidão, vestindo a sua carne transcendental de símbolo, este Soldado – ao mesmo tempo Praça e General de todas as armas – fica bem feliz entre nós, no coração de Manaus. Poucos lugares podem existir mais adequados que este para que ele se sinta realizado e triunfante, eis que são imensas, múltiplas e complexas as implicações geofísicas e geopolíticas das nossas fronteiras. Aqui o seu rosto esculpido ganha movimento, e seus

1. Discurso proferido no dia 26.11.2015, no Comando do 9º Distrito Naval.

102 olhos podem contemplar os horizontes que compõem o cenário de uma missão extraordinária, de um destino edificante e protetor da Pátria.

Pelas prerrogativas que tem de símbolo e memória, ele está vivo, lembra, caminha, navega e voa. E tudo para ele é muito numeroso: as fronteiras brasileiras, se são continentais pela extensão, as amazônicas, além de abraçar meridianos, têm constituição geopolítica e histórica densa que a situa internacionalmente; uma morfologia primordial que a identifica como "última página do Gênesis" e a qualificam como continente geral da vida, a ser constantemente estudado, usufruído e protegido. Na Amazônia, a saga criativa de Deus chegou a momentos de uma espécie de volúpia divino-humana pelas formas, pelas cores, pelos sons, pelas potencialidades que incessantemente se desdobram, se revelam, se escondem, indo das realidades mais floridas aos mais úmidos mistérios.

Vejamos esse vitorioso combatente em sua poderosa unidade de tríplice encarnação das armas, Soldado das águas, Soldado da terra, Soldado do céu. Evoquemos a sua epopeia ribeirinha. Nossas águas o chamaram e ele veio. Veio para elucidar cartografias, ouvir os rios e conversar com os lagos; para aprender tudo do passado e do futuro da história das fontes andarilhas, remansos nunca dantes auscultados. As terras do continente verde necessitavam dele, e ele chegou. Chegou nos conveses abertos aos ventos do dilúvio. E medindo a multiforme missão no território gigante, vislumbrou o tamanho do seu destino heroico. Viu nas margens o ribeirinho a escrever no abandono uma das mais belas páginas da subsistência humana na ocupação da terra. Nas várzeas e nas terras firmes, mãos acenaram para ele desenhando no ar necessidades antigas, mazelas da malária, tormentos do espólio extrativista, limitações de heranças primitivas, toda uma peregrinação de esperanças difíceis que só remos doloridos e canoas fatigadas podem de fato contar e sofrer e chorar. Então o nosso Soldado juntou ao seu armamento a seringa contra a febre, o bálsamo contra a ferida, o ensino contra as sombras, e foi, e é principalmente presença solidária diante da solidão necessitada. O fuzil não perdeu de vista o cuidado bélico das fronteiras e o coração o fez ganhar a postura evangélica de compaixão fardada. O fuzil desse Soldado é si-

multaneamente um cajado de pastor, tal a força tranquilizadora da proteção unida ao sentimento cuidadoso da solidariedade.

O zelo da segurança acendeu-lhe a vigilância, multiplicando o alcance dos seus olhos: ninguém melhor que ele identifica na selva um perigo social e político, um tráfico, os elementos de uma invasão, um potencial conflito de fronteiras. As contingências da vida ribeirinha multiplicaram as energias de seu caráter nobre, tornando-o um hábil perscrutador do sofrimento caboclo: Ali um aceno de crianças o move na direção de um barco encalhado, e ele previne naufrágios, atualizando cartas náuticas. Lá adiante, ele consulta o seu canhão de estibordo sobre se está tudo em ordem para as bandeiras da paz, e convoca o seu binóculo para vigiar ardilosas latitudes. Mais longe, dentro das trevas, uma lamparina perdida faz tremer nas barrancas um pedido de socorro, e a primeira estrela da madrugada ainda o encontra agindo, confortando, resgatando.

Tamanha determinação responsável de tal forma o expande e o dilata, que ele tem de saltar aos céus. E providencialmente estendem-se os seus braços, seu olhar se multiplica, e crescem-lhe asas. Asas de hélice, de turbinas, predestinadas asas de anjo. Soldado de Fronteiras, anjo de alto coturno da Amazônia. Tal como os dos céus, ele se multiplica em pelotões sobre a terra, na ânsia de se tornar onipresente. Em voos intermináveis sobre a hileia, ele às vezes contempla as nuvens bordadas de garças, mas sua atenção vive para os pousos diários, para as providências inadiáveis, para as emergências que só ele pode atender. Então, o Soldado sobrevoa clamores, desce aos sofrimentos, defende, orienta, consola, transporta dores e carências para distantes horizontes de cura. Ele combate as agressões à vida tropical, a matança de caules centenários, as labaredas que teimam em criar o pesadelo de um deserto nos sonhos dos rios. Ele afugenta asas metálicas clandestinas. Nunca dorme a nosa Sentinela do céu e da terra. Um destino desse só pode ter realmente algo de sobre-humano. A condição existencial atinge, no Soldado de Fronteiras, uma extraordinária soma de renúncias e sacrifícios que dignifica a história da interminável evolução política e social.

Quatro pilares sagrados sustentam esse Monumento ao Soldado de Fronteiras: a verdade, a justiça, a beleza e a gratidão. Verdade, porque cerca-nos a palpável evidência dos numerosos benefícios que sua mis-

104 - são traz à Amazônia. Da verdade decorre a justiça, que é o insuperável método suprassocial de coroar a verdade. A beleza é a inspiração que transfigura a matéria, desde o granito ao mármore, em encantamento e louvor diante dos valores supremos da vida. E o grande amálgama desses pilares, o fundamento mais duradouro é a gratidão, a virtude que tem inclusive o dom de atravessar gerações até unificar em um só coração as homenagens de um povo.

Condecuremos agora o nosso Soldado com as medalhas mais honrosas, os galardões mais nobres, como ornamentos varonis de sua patente suprema. Soem agora as cornetas de todas as alvoradas, os clarins de todas as bandeiras levantadas! Soldado de Fronteiras, nosso herói! Nossa Pátria te ama, nosso povo te aplaude, nossos filhos te seguem. Deus te abençoe!

§ MAX CARPHENTIER

— Academia Brasileira de Educação¹

Só a educação transforma os povos, livro de autoria do intelectual e médico nascido na Amazônia José Francisco de Araújo Lima, escrito em 1932, o qual se constitui num libelo a favor do conhecimento, da formação intelectual como fator de aprimoramento dos cidadãos e engrandecimento da sociedade. Nele, o autor fundamenta sua reflexão no entendimento de que o caminho para a superação da ignorância e a conquista de uma condição de vida mais digna é a educação: fator de transformação dos povos.

Senhor presidente, nobre e ilustre acadêmico Carlos Alberto Serpa de Oliveira, demais ilustres autoridades que compõem a mesa e se fazem presentes neste evento; não menos ilustres doutos pares da Academia Brasileira de Educação, senhoras e senhores, meus colegas, meus amigos e meus parentes, que me dão a alegria de estar presentes nesta solenidade.

Hoje, três de maio de dois mil e dezessete, na data dedicada ao Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, tendo militado no jornalismo como articulista de saúde no *Jornal do Comércio do Amazonas*, numa feliz coincidência, tenho a grata satisfação de adentrar aos umbrais do sodalício maior da educação brasileira, para juntar-me aos seus notáveis membros titulares, e passar a ocupar a sua poltrona de número 36, que tem por patrono o escritor e crítico literário Raymundo Antônio da Rocha Lima, festejado intelectual cearense do século XIX.

A lisonja é ainda maior em ver reconhecido o correr de vida de mais de meio século de dedicação à educação na longínqua cidade de Manaus, na Amazônia Ocidental brasileira, onde venho protagonizando participações como educador nos vários níveis do conhecimento, e receber este reconhecimento dos integrantes da ABE é motivo de júbilo, visto que esta Casa, em consonância com os seus pares, é uma en-

1. *Caieira nº 36*, discurso proferido no dia 3 de maio 2017.

106 tidade que tem por tradição não discriminar, não inverter valores e, com grandeza, valorizar o sentimento da integração nacional.

Neto, filho, sobrinho e genitor de educadores do Estado do Amazonas, tenho convivido, ao longo de mais de dois terços de minha existência, com a causa da educação. Minha avó paterna, professora Joana Barbosa Chaves, com sua filha primogênita, a também professora Maria de Nazareth Chaves, dedicaram décadas de suas vidas a atividades de programas de educação voltados para a alfabetização de jovens e adultos, de forma itinerante, em dezenas de cidades do imenso Estado do Amazonas.

Meu saudoso pai, professor Cleomenes do Carmo Chaves, catedrático de Matemática, dedicou quase toda a sua existência ao ensino dessa disciplina nos educandários Instituto de Educação do Amazonas e Colégio Estadual Pedro II, de Manaus, e minha inesquecível mãezinha, senhora Joanita Cetraro do Carmo Chaves, além de professora de reforço de tarefas escolares e de lições de vida de seus filhos, lecionava para as moças da vizinhança as artes da costura e da culinária.

Nesse mundo de educadores cresci, e tendo-os como exemplo, forjei a minha personalidade com dedicação às tarefas educacionais. Desde muito cedo, com apenas 12 anos incompletos, no início do antigo curso ginásial, passei a lecionar em minha residência, em forma de cursinho preparatório para o exame de admissão de então, aos meus colegas de infância que buscavam aprovação nesse processo seletivo que dava acesso à segunda metade do atual ensino fundamental.

Após lograr êxito na aprovação dos vestibulares, concomitantemente, para os cursos de Biologia e Medicina na Universidade Federal do Amazonas, tive o meu primeiro emprego, no ano de 1969, como professor das disciplinas de Ciências e de Biologia, no colégio do qual fui egresso, onde permaneci professor até 1974.

Concluída as graduações de professor e de médico, e, depois da especialização (Residência Médica), no período de 1977 até 2014 (momento da aposentadoria por tempo de serviço), atuei como professor de Oftalmologia no curso de Medicina da Ufam, tendo contribuído para a formação de mais de quatro mil médicos e dezenas de especialistas, mestres e doutores, não só na Ufam como também na condição de integrante de bancas examinadoras nas Universidades Federais de Bra-

sília, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, e nas Universidades Estaduais do Amazonas e de São Paulo. 107

Durante a vida docente no ensino superior, como educação continuada, obteve aprovação no curso de doutorado na Universidade de São Paulo (USP) e no de pós-doutorado na Tufts University of Boston (Estados Unidos). Como titulação complementar, conquistei o título de Livre Docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e aprovação no concurso para professor titular na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Sem ter a pretensão de constituir-me em modelo a ser seguido, almejo que todos os alunos aos quais tive o privilégio de transmitir conhecimento constituam-se em verdadeiros exemplos de discípulos que deem ao mestre a satisfação do dever cumprido.

Fundada a Academia Brasileira de Educação, em 15/3/1977, a poltrona de número 36, na qual de agora em diante passo a ter assento, teve como ocupantes anteriores o mestre Djacir Menezes (seu fundador), catedrático de Psicologia, Introdução à Ciência do Direito e Economia Política, inicialmente, na Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará (sua terra natal) e, posteriormente, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde se destacou como docente, reitor e professor emérito. Com o seu encantamento, a cadeira por ele ocupada na ABE teve como sucessor o catarinense e também intelectual e com passagem marcante na área educacional, Lauro Ribas Zimmer, que com sua passagem para a eternidade deixou vaga essa cadeira, a qual tenho a honra de agora em diante passar a ocupar.

Muitos têm sido os que ao longo da história da humanidade focaram a educação como processo de imortalização do pensamento e sua respectiva transformação em ações benéficas. O século XIX é considerado como o corte epistemológico marcante desse processo, tendo nas figuras de Maria Montessori – médica e pedagoga italiana – e Edward Lee Thorndike – psicólogo e educador americano – os seus maiores ícones dessa época.

O século XX, a era em que o mundo apresentou mais progressos do que em toda a sua história anterior, teve na pessoa de Jean Piaget, psicólogo e filósofo suíço, com a tese do desenvolvimento cognitivo na

108 criança como um processo gradativo para a aprendizagem, notável contribuição para o melhor conhecimento sobre a educação.

O Brasil registra no século XX, nas figuras de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire as personalidades de maior expressão da educação nacional. Com o método da formação do educando e da imprescindibilidade do bom professor, idealizado por seu filho pernambucano Paulo Freire, é estabelecido o grande marco da educação brasileira. Uma das máximas desse festejado educador – *a sociedade só se transforma pela educação* –, tese essa que atravessou fronteiras, chegando tanto a países pobres do continente africano quanto aos centros mais desenvolvidos do mundo, como Genebra (Suíça) e Harvard University, nos Estados Unidos, é uma verdade incontestável nos dias atuais.

No final da década de 90, tive participação como parlamentar na Câmara Baixa do país, onde atuei como Vice-Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, e autor de projetos de lei voltados para a educação, como por exemplo: o cap. VI (arts. 74-79) do Código Nacional de Trânsito, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da disciplina Educação para o Trânsito em todos os níveis escolares; Os Artigos 52 II e 88 § 2º da Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que estabelece a exigência de um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado; aposição de caracteres televisivos para deficientes auditivos; exercícios escolares no leito para estudantes enfermos; uso do cão guia para deficiente visual; interiorização da Ufam e transferência da Escola de Enfermagem de Manaus do Ministério da Saúde para a Ufam, dentre outros.

A Academia Brasileira de Educação, tão bem presidida pelo notável educador Carlos Alberto Serpa de Oliveira, por ter no seu quadro inteligências voltadas à causa da Educação apresentou ao MEC um documento com 21 sugestões, com a intenção em contribuir para a solução dos problemas existentes na educação básica e na educação profissional brasileiras. Disso brotou o novo modelo de ensino médio no Brasil como um híbrido do convencional nos dois primeiros anos e o profissional no terceiro ano, o que vai permitir que seus egressos sejam inseridos mais cedo no mercado de trabalho para atender à demanda desse mesmo mercado.

Porém muita coisa precisa ser feita para que o nosso país possa oferecer a educação que todos almejamos, a começar pelo investimento no setor não inferior a 10% do PIB (hoje não ultrapassa a 6,6%), implantação urgente do Plano Nacional de Educação, cujo o prazo de validade vai se esgotar em 2020, e o cumprimento integral do que estabelece a Constituição Federal para que todas as escolas públicas e particulares passem a ter uma biblioteca e seja alcançada a meta de, no mínimo, um livro por aluno.

O século XXI, que inicia o novo milênio, patenteia e ratifica a imperiosidade da educação como fator primordial ao desenvolvimento. Como bem colocou o intelectual professor Arnaldo Niskier, titular desta Casa e um dos ícones da educação brasileira da atualidade, numa de suas obras magistrais, *A Reforma da Educação*, publicada pela Confederação Nacional do Comércio no seu periódico *Carta Mensal* de novembro de 2016.

Nesse artigo, após reflexões abrangentes sobre o tema, concluí que a boa escola no Brasil deixará de ser uma utopia quando se modificar o cenário atual e passar a existir uma política séria no setor educação conduzida por pessoas competentes e desinteressadas do proveito pessoal ou político.

Esse festejado professor, de contribuição indelével de mais de seis décadas em prol da educação brasileira, tendo a Universidade Estadual do Rio de Janeiro como Casa Mater por mais de trinta anos, constituiu-se numa das personalidades mais representativas da educação do nosso país e faz por merecer as reverências não só da geração atual como também das gerações futuras.

Neste momento muito representativo em minha vida, quero homenagear os meus professores, desde as primeiras letras até o nível superior, simbolizados nas pessoas das professoras Adalgiza e Clotilde Liberal (alfabetização); Merandolina Barros (curso primário); aos meus saudosos pais Cleômenes e Joanita Cetraro do Carmo Chaves, aos quais, *in memoriam*, dedico o galardão desta conquista.

Agradeço de coração a todos os que contribuíram para a materialização desta aspiração, em especial ao acadêmico Arnaldo Niskier, que aquiesceu desde o primeiro momento à minha candidatura, de igual maneira ao acadêmico Carlos Alberto Serpa de Oliveira (o Presidente

110 da ABE, sempre prestimoso e atencioso) e também aos não menos ilustres acadêmicos Antônio Araújo Freitas Júnior, Arno Wehling, Éfrem Maranhão, Francis Bogossian, José Dias, Paulo Alcântara Gomes e Pietro Novellino, nos quais externo, simbolicamente, os meus agradecimentos a todos os titulares deste Sodalício, que sufragaram o meu nome no escrutínio com outro respeitável professor, o que muito valorizou esta tertúlia.

Gratulado de maneira significativa às vibrações sempre presentes do meu irmão cósmico José Bernardo Cabral, amigo de minha família há mais de meio século, as quais muito contribuíram para que o meu currículo pudesse vencer a distância geográfica e tornar-se conhecido das excelentíssimas autoridades que integram a ABE, o que foi de veras importante para a materialização deste desiderato.

Genuflexo, faço agradecimento à minha família nas pessoas de Maria Fernanda, minha companheira e consorte de todos os momentos de quase cinquenta anos, aos meus filhos e aos meus netos, os quais representam a minha razão de viver.

Só a educação transforma e nessa máxima me vejo continuar como educador nas pessoas de dois dos meus quatro filhos, Cláudia Maria e Cláudio Filho, atuais docentes de Medicina no Estado do Amazonas.

Senhoras e senhores, obrigado pelas vossas indulgências em me ouvir. Se me alonguei, faço minhas as palavras do inesquecível Padre Antônio Vieira: *é porque não tive tempo para ser breve.*

Que Deus, na sua infinita bondade, continue a manter a Academia Brasileira de Educação sob Sua Guarda!

Muito obrigado.

✦ CLÁUDIO CHAVES



[*alguma POESIA*]

— O jardim da minha mãe¹

ALMIR DINIZ

Hoje, voltei ao jardim,
ao que restou do jardim
que fora teu santuário.
Olha: foram dolorosas
as recordações das rosas,
que as tinhas sempre formosas
em tão belo relicário.

Mãe: senti no coração
tanta dor, tal comoção
e tão imenso desgosto
que, cheio de pasmo e espanto,
refugiei-me num canto
pensando esconder o pranto
que escorria do meu rosto.

Nem um só cravo ou begônia,
um simples cróton – vergonha! –,
angélica, ou bem-me-quer,
nem uma simples verbena,
mesmo uma rosa pequena,
um lírio ou uma açucena,
nem uma dália sequer.

1. Poema inédito retirado
do livro de mesmo título.

E os crisântemos doirados,
os bogaris perfumados,
girassol e margarida,
as papoilas, laranjinha,
os jasmims que tantos tinha,
nove-horas, a flor rainha...
morreram, por ti, querida.

A bela-da-noite, a zina,
cana-da-índia, a cravina,
igualmente - que maldade! -
Sabe, Lídia, eu tenho medo,
vou revelar-te um segredo:
cuidar dele? - sou um aedo,
só sei cuidar de saudade...



Refazer o teu jardim?
Não posso, Mãe, – ai de mim! –
Como iria, enfim, fazê-lo?
Sem teu olhar maternal
sem tuas mãos sem igual,
como fazer, afinal?
Não posso – falta o teu zelo.

Mas, sabe o que vou fazer?
Já que não posso esquecer
teu sonho que vive em mim?
Em volta do teu solar
vou refazer o pomar,
onde sempre ias orar
após saudar tem jardim.

E quando o tempo chegar
do cacau, caju, da ingá,
da graviola e mamão...
em vez de rosas, querida,
terás a mesa sortida
de tantas frutas, de vida:
ao centro teu coração!

Cambixé, AM, 11/6/2004.

— A academia do peixe frito

MARÍLIA MENEZES¹

*1. Membro correspondente
da AAL.*

Eu recordo, meu pai, quando tu vinhas
suado, extenuado,
o paletó no braço,
gravata solta ao vento da baía,
ao sol do meio-dia.

E na janela, ali, na João Diogo, Cidade Velha,
uma hora da tarde, eu te esperava.
E como demoravas...

E relembro: tão pouco o teu salário,
tão pequeno o salário da mamãe,
e a manhã inteira numa Escola, ou no trabalho
numa Repartição da Prefeitura...

E me dizias, ao ver-me preocupada: "Cheguei da Academia".
- A essa hora, papai? Mas que Academia?
- "Ora, do Peixe Frito, minha filha:
É lá no Ver-o-Peso:
encontro de poetas, de escritores..."
Nada compreendi, e ele me disse:
"Mas pensei em vocês. Eis o que trouxe
para ajudar no almoço".

E ali na mesa, acalmando a mamãe, abriu um embrulhinho:
Eram postas de peixe, bem fritinho.
Quitute mais gostoso não havia, com a farinha,
para gente faminta.

Muito tempo depois passei a perguntar-me:
Será que o ideal tão grande de Bruno e seus amigos,
de transformar Belém, de transformar o mundo
com palavras e livros, naquela Academia, ao vento da baía,
na dura realidade morreria:
...De dar o peixe frito aos filhos, o pão de cada dia?
Ou continuaria?

Sarau do Peixe Frito – Feira do Livro 2017 – Belém, PA

Da Praça para a Academia¹

1. Realizou-se no dia 30 de agosto de 2017 a Mostra de Poesia - da Praça para a Academia, homenageando o poeta Marcileudo Barros, com a curadoria e organização do acadêmico Zemaria Pinto, diretor de eventos.

A Academia Amazonense de Letras regozija-se em apresentar esta 1ª Mostra de Poesia - da Praça para a Academia, trazendo para a Casa de Adriano Jorge os novos talentos da poesia amazonense. É "mostra" porque não se trata de competição; e "primeira" porque pretendemos que haja muitas outras. A praça é um lugar onde as pessoas se encontram, mas é também um lugar de passagem. E foi numa praça que, em 1954, o Clube da Madrugada - marcante movimento cultural liderado por jovens intelectuais do Amazonas - foi fundado. Mais de 60 anos passados, a Academia abre suas portas para receber os jovens de todas as praças.

- Rosa Mendonça de Brito

MARCILEUDO BARROS (16/2/1951 - 17/9/2015) viveu entre estas datas no bairro de Cachoeirinha, na antiga Rua Valpés ou Vaupés (ou mesmo Uaupés, nunca tive certeza), atual Castelo Branco, onde está enraizado o boteco mais antigo do bairro: O Boteco - que ele imortalizou no livro do mesmo nome. Compositor, baterista, ator performático, humorista, cronista e poeta, Marcileudo optou por viver à margem, identificando-se como artista, simplesmente - de muitas linguagens. Deixou vários títulos em publicações artesanais, de poucos e raríssimos exemplares, como *Merinas*, *Esquinas* e *Sobre o amor e suas nuances*, entre outros. O espetáculo-solo *Proibido*, que estrearia em outubro de 2012, foi suspenso dois dias antes por problemas de saúde do escritor-músico-ator. Infelizmente, permaneceu inédito. Ao homenageá-lo, a Academia Amazonense de Letras homenageia a todos os artistas de Manaus que, em anônimo silêncio, ou quase, atuam para construir uma cidade melhor.

- Zemaria Pinto

— Marcileudas

ZEMARIA PINTO

Em memória e à maneira do escritor Marcileudo Barros (1951-2015)

1

Meninas não querem menos
do que o mais que eu posso dar.
Isso gera um descompasso
entre o dar por amor
e o receber para amar.

2

O menino aos 13 anos
descobriu que era menina.
Hoje aos 15 ele definha
lembrando com amargura
a única vez na vida
que transou sem camisinha.

3

Meninas não têm tino
meninos não têm juízo.
Álcool, maconha, coca
fazem parte da rotina:
quando a cabeça não pensa
o cu padece e amofina.

Pelas esquinas, meninas
e meninos fazem ponto.
Luzes, cores, gargalhadas,
carrões parando pra ver,
são todos muito felizes...
Quem quiser que escreva um conto.

O trombadinha na esquina
deixa passar a velhinha
para então, como um felino,
tomar-lhe a bolsa e o cordão.

Na fuga, encontra uma Ronda,
que lhe dispara um balaço,
abrindo um baita buraco
na altura do coração.

O corpo no chão caído,
a velhinha se aproxima,
fazendo o sinal da cruz;
e com o dedo em riste aponta

o polícia matador,
balbuciando este mantra:
era só uma criança...
era só uma criança...

Xana, xibiu, xoxota
xereca, concha, xavasca
priquito, racha, tabaca
vulva, vagina, vaso
borboletinha, buceta
cona, crica, bacurinha...

São nomes que identificam
a fonte do mel da vida.
Entre todos eu prefiro
o que melhor qualifica:
me devora, perseguida!

7

Prisioneira em seu castelo,
a princesa conta os dias
para um príncipe encantado
em cururu transformado
vir resgatá-la dali.

No castelo o que não falta
é cururu dando sopa:
de tanto beijar os sapos,
a princesa agora ostenta
a flor de um câncer na boca...

Manaus, 30 de setembro de 2015

— No boteco

CELESTINO NETO

Para Marcileudo Barros

Na mesa do Boteco,
depois de umas e outras, te evoco
em meio às pernas transeuntes
reconheço teu andar, teu gingado
chegas com teu auxílio luxuoso
com teu baú de travessuras
com teu balaio de ritmos
mesa, cadeiras, garrafas, copos...
agora são tua percuteria
sambamos, cantamos, poetamos
rimos, rimos, rimos e
resmungamos da cicuta do cotidiano
dos projetos naufragados ou abatidos na praia
e choramos, choramos em nosso *bunker* Boteco

- eles venceram, poeta
não sabem voar, mas são muitos
e estão em toda parte
com mísseis, mídias e poderosos telescópios
protegidos por seus fiéis e raivosos cães adestrados
- eles venceram poeta
só a poesia vaga, cega, cansada de sol, chuva, noites e boemia
só a poesia pulsa teimosamente

Um copo estilhaça no chão do Boteco
brindando nosso encontro

— Preâmbulo do meu desejo

ANNE LUCY

Com a minúcia de um ritual, beije meus pés
Depois massageie-os
Beije meus joelhos, os dois
Beije minhas coxas interna e externamente

Pule para meu umbigo
Passe a língua ao seu redor suavemente
Não deixe muita saliva
Use seus sentidos - todos
Sinta o odor que cada parte do meu corpo exala

Me vire bruscamente, mas com cuidado
Resvale seu nariz no córrego das minhas costas
Deslize as pontas dos dedos em minhas costelas
Me deixe com bolinhas por todo o corpo

Olhe, cheire, deguste, ouça meus seios
Depois beije um por um que é para não rolar ciúmes
Muita atenção ao pescoço
Ele tem o poder de arrepiar todos os meus pelos

Beije meu queixo, bochechas e suas covas
Minhas olheiras tão marcadas por te esperar
Meus olhos acostumados de te ver no pensamento
Minha testa como um pedido respeitoso
Para que eu abra minhas portas

Encha suas mãos com os meus cabelos
Memorize o nível de sua maciez
Embriague-se com o seu cheiro

Só então, depois de percorrer meus mundos
Beije meus lábios: o primeiro e os segundos...

— Caminhos da vida

EVERALDO NASCIMENTO

Meu caminhar trouxe vidas
Dentre elas está você
Lembro-me de sua chegada
Cedo, lutando pra viver.

Era frágil, tão pequeno
Mas ganhou meu coração
Implorei ao Pai Celeste
Por você fiz oração.

Logo, logo ficou forte
Foi crescendo, foi correndo
Passos firmes de vitória
Da vida, lições aprendemos.

Aprendemos a sorrir
Aprendemos a chorar
Você aprendeu a ser filho
Eu aprendi a amar.

— Movimentos

GRACE CORDEIRO

A quem pertence esse espaço de muitos passos, de diversos
olhares e tons solares
e lunares?

A quem pertence esses bancos vazios de beijos, de mãos sua-
das e de tempo
perdido?

A quem pertence essas flores esparsas, meio selvagens, meio
domésticas?

Existe na minha terra um lugar onde os mortos dormem so-
lenes sobre suas urnas

funerárias, e seus velhos ossos estão bailando sobre camadas
de construções

ruidosas, festas borbulhantes, brincadeiras peraltas, missas
esperançosas e feiras
coloridas.

Sim, a quem pertence esse antro, onde a liberdade vagueia
entre a boemia,

escolas, hotéis, igrejas e avós tecendo o dia seguinte?

Sim, a quem pertence esse espaço de lutas, de estudantes
pulsantes e criaturas

pensantes?

Neste lugar se encontram o passado, o presente e o que há
de vir.

Então, diga-me, qual é a praça da tua memória?
Qual é a praça do teu céu?
Qual é a praça da tua solidão, por onde respiram teus sonhos
em flor aguardando o
beijo da eternidade líquida?
Tu-folha, tu-carne, tu-povo, tu-pó.



— Homens-Poetas

GRACINETE FELINTO

Se todos os homens fossem poetas
O mundo inteiro seria uma festa

Não haveria nenhuma destruição,
Nos nossos olhos só teria canção;

Na floresta, os animais viveriam
Livres sobre o verde abundante e lírico;

As águas correriam, assim: límpidas,
Sem rumo, sem garrafas, sem retas;

Se todos os homens fossem poetas
O mundo inteiro seria uma festa

Crianças seriam cidadãs-crianças,
Cidades não se tornariam lembranças;

O amor, talvez, não teria mais antônimo,
E mendigo, também, não seria anônimo;

Fogo? Ficaria retido na vela,
Na noite, porta não seria janela

Se todos os homens fossem poetas
O mundo inteiro seria uma festa

Nossos filhos seriam nossos avós,
Nossas histórias sempre teriam voz;

Certas pessoas tirariam suas vendas,
Aguilha da poesia só teceria rendas;

Um calendário branco surgiria
Para se ler o livro real da vida

Se todos os homens fossem poetas...

— Pequena elegia para o meu pai

INÁCIO OLIVEIRA

Meu pai trabalhou muito,
dançou muito,
amou muito,
sofreu muito e foi muito feliz.

Depois ele foi se cansando,
hoje ele me olha mas não me vê.
Já não me abraça,
perdeu a força,
perdeu a graça,
perdeu o tato,
ficou preso no porta-retrato.

— O mundo precisa de conflito

JOSÉ T. GONZAGA

O mundo precisa de conflito
É a nossa forma de evoluir
Eu fico a contra-argumentar, só que sempre
açaba empatado
Só até 2010 as coisas melhoraram, eu acho
Só o teu jeito de falar espanca-me
gargalhadas em um momento tão sério do
país
“Percebes a demasiada implicação com as
setas dos carros?”
Parece-me tudo estúpido
E eu pude aprender a vida toda
Igual aquelas equações da matemática
Diz que o rio não seca esse ano
Fica só ali a fazer graça
Com os seios a saltar pelo prado
Encarnado que não sabe descer

Em pleno 2017 ainda é preciso os controles
apontarem para a lua
E tudo bem se tu não sabes se a realidade é
igual à dos filmes

Antigamente as teclas dos computadores
emperravam
Ei, era uma chatice
Hoje eles já conseguem simular a gravidade
Fazer sair farinha do trigo
E de uma sementinha raspada e cozida um
arroz de couve flor!
É incrível!

É incrível como teu perfume no ponto
O que tu aprontas na cozinha?
Tudo agora leva canela
Ontem me fez lembrar arroz doce
O doce de leite em pó
E tu ainda não tomou café hoje
É incrível como teu queixo e o de Monalisa
Fazem riscos tuas marcas de expressão
De fora não dá pra ver
Mas seria estúpido interromper-te a falar
A mim importa-me isso da velhice
Encontramo-nos no caminho.

— Vou-me embora pro passado

MIGUEL DE SOUZA

Vou-me embora pro passado.

Lá, era amigo do Juiz!

Lá sim, tenho certeza,

De que era muito feliz!

Vou-me embora pro passado.

Vou-me embora pro passado,

No presente é só pavor!

Lá, a vivência era candura,

De causar até saudade

Dos carinhos de Dona Áurea:

Mater-Rainha do meu lar,

Matrona que me deu a base,

No parco jeito de amar!

E como joguei futebol,

Brinquei de manja-pira,

Montei no cavalo-de-pau,

Nadei no Solimões,

Pulei no igarapé!

E quando me sentia exausto,

Deitava-me em minha rede,

Para ouvir as estórias

De bicho-papão e tudo mais
Que na ausência da babá,
Do meu velho eu ouvia.
Vou-me embora pro passado.

No passado tinha de tudo,
Era outra situação:
Tinha Daniel Boone na tevê
E desenhos de montão!
Tinha Sandocam, o Tigre da Malásia,
Daniel Azulay, Papai Papudo
E tantos filmes bacanas
Pra gente assistir.

E quando me dá saudade!
Saudade sem mais fim...
Quando às vezes me dá
Vontade de voltar lá!
- Lá era amigo do Juiz -
Lá sim, tenho certeza,
De que era muito feliz!
Vou-me embora pro passado.

— Rosa de sombra

POLLYANA FURTADO

No vermelho da sombra,
esconde-se uma rosa azul.
Rosa precária e triste,
sem pétalas nem odor.

Aquela mancha fria,
dissolvida ao pé da porta,
de talos inacabados
e é sombra, coisa morta.

Eu vi uma rosa rude
se fechar na boca da noite.
Sem ressoar de sinos.
Rosa venosa de Vénus,
venenosa.

Matéria lendária de sonho,
um vulto apenas na manhã.
Nem um pássaro quis beijá-la.
A rosa se desfez.

— Me impressiona a calma daquele homem
pescando no lago

ROJEFFERSON MORAES

Me impressiona a calma daquele homem pescando no lago enquanto a Coreia do Norte se prepara pra disparar mais um míssil de longo alcance em direção aos EUA. Me impressiona que os planos, estratégias de ataque e defesa do mundo moderno não interfiram na precisão do anzol usado pelo pescador. A insônia dos movimentos, a algazarra das mobilizações, a volta da Ku Klux Klan às praças, os helicópteros carregados de cocaína, os assassinatos em série nas grandes capitais, nada contamina a calma e precisão dos ajustes necessários para que o pescador retorne para casa com seu peixe. Só importa o vento, o nível das águas e o banzeiro. Ele voltará para casa, almoçará com a família, vai dar um cochilo, e à noite vai transar com a patroa quando o relógio ainda apontar vinte horas. As tábuas da casa rangendo. Me impressiona o poema que ainda fala de tesão, das nossas pequenas vitórias diárias. Das nossas bebedeiras secretas. Meu poema hoje não quer saber de nenhuma luta a não ser da palavra que tenta não desaparecer nesses dias turbulentos.

— Nosso leito, meu leito

SÁLVIA HADDAD

Espaço que foi nosso, hoje é só meu
Moinho movido a rios de lágrimas
O leito que conosco se enroscou
Tornou-se ninho molhado e vazio

Mas o cúmplice de minha saudade
Findou por tornar-se mais quente
Passagem lenta, vivemos juntos
Eu e nosso leito.

Já não encontro os espinhos de outrora
Já não me parece tão duro deitar-me
Veio o prazer de ter um canto só meu
Que de tudo sabe
Que do mais íntimo partilhou
Hoje ele é meu, não é mais nosso.

Recebe-me toda
Conforto, acolhimento
Dividi-lo novamente?
Por horas, quem sabe
Poucas porque dele tenho ciúmes
E o que com ele dividi é só nosso.
Não permite a estada prolongada.

Eu e meu leito, meu leito e eu.
Até o fim.

— Pátria

SATURNINO VALLADARES

*Pátria de sangue,
única terra que conheço e me conhece,
única pátria em que creio,
única porta ao infinito.*
Octavio Paz

Caminhei de terra em terra a tua procura,
arrancando gemidos das pedras,
incendiando o rio em suas margens
mordendo o musgo azul das árvores.

Caminhei até encontrar minha pátria:
a curva do teu colo,
a cintura de água,
os seios e o beijo que nasce em minha boca.

Eu não tenho mais pátria que o teu corpo.

Desnuda-te,
para que a chuva molhe os teus pés,
e por teus tornozelos cresça uma trepadeira
que se encaminhe à luz que descansa em teu ventre.

Desnuda-te,
porque eu sou a sombra da trepadeira.
Tu és minha pátria.

Desnuda-te e abraça-me,
agora que por fim te encontrei.



— Monotonia¹

JOÃO FEIJÃO & EDUARDO FURUKAWA

Vou cuidar de mim pra não perder a paz;
Ando tão "down" que nada mais me satisfaz;
Ainda sou tão novo tenho que aprender;
Deixar o tempo correr, me libertar;

Pra quem sabe um dia me envolver novamente;
E as feridas da vida vão corroer a corrente;
Sou poesia descrevo a vida vendo o amanhecer;
Pássaros cantam e o vento anuncia que pode chover;

Os dias são iguais pura monotonia;
Preciso resgatar o gosto pela vida;
A alma livre e leve como o sabiá;
Na fonte do sossego renovar o ar.

*1. Canção apresentada
por João Feijão e sua banda
Vibe Positiva.*

{ ENSAIOS }

— Conservadorismos norte-americanos

ANTONIO PAIM*

— I APRESENTAÇÃO SUMÁRIA DAS PRINCIPAIS VERTENTES

George Nash (nascido em 1945) vem de visitar o tema que lhe trouxe certa notoriedade com a publicação do livro *Conservative Intellectual Movement in America Since 1945*, no ano de 1976. Trata-se de ensaio inserido na revista *Nova Cidadania*, editada pelo Instituto de Estudos Políticos (IEP) da Universidade Católica Portuguesa (número 59; verão, 2016).

George Nash é pesquisador de Instituto mantido pela Herbert Hoover Presidential Library Association, sediado na capital do Estado de Iowa, Estados Unidos.

Pareceu-lhe necessário examinar a situação do mencionado movimento, como diz, “ontem e hoje” diante do fato de que na campanha eleitoral de 2016 o Partido Republicano, tradicionalmente expressão da direita conservadora, deixou-se empolgar por Donald Trump, populista mais afeiçoado ao nacionalismo do tipo representado pela Frente Nacional francesa (Le Pen). Pareceu a Nash necessário examinar esse quadro à luz das vertentes precedentes do conservadorismo.

Entendemos que a apresentação de que parte seria extremamente valiosa como uma introdução ao tema, sem que devamos nos contentar com o caráter esquemático de sua exposição, dado que preservaremos a liberdade de desenvolver, em tópicos autônomos, caracterização mais detalhada desses grupos.

George Nash parte da tese de que, ao fim da Segunda Guerra, não havia nos Estados Unidos, propriamente, renascimento da direita, mas a emergência de três grupos, cada qual reagindo de forma distinta aos desafios da esquerda.

O primeiro desses grupos era composto por liberais clássicos e libertários, resistindo às ameaças à liberdade individual por parte de um

* Membro correspondente de AAL.

144. Estado coletivista em permanente expansão. Estavam convencidos de que, depois do *New Deal* e Roosevelt o país estava sendo arrastado para a planificação e o socialismo. Ofereciam uma vigorosa defesa da economia de mercado. Depois do longo pesadelo da Grande Depressão, ajudaram a tornar novamente defensáveis verdades antigas que muitos tinham visto como um fracasso do capitalismo.

A segunda vertente foi batizada de tradicionalismo, por opor-se ao liberalismo moderno, independente dos liberais clássicos, que associavam ao desenvolvimento da sociedade de massas secular e desenraizada. Insistiam num regresso a absolutos religiosos éticos tradicionais e numa rejeição do relativismo moral que, a seu ver, tinha corroído a civilização ocidental e produzido um vazio intolerável. Cita os autores ligados a essa vertente: Richard Weaver, Peter Vierek e Russel Kirk.

No caso brasileiro, essa denominação acha-se associada à opção corporativista da Igreja Católica, o que não se dá. Vamos chamá-lo de conservadorismo religioso.

Ao caracterizá-los, Nash enfatiza acharem-se mais voltados para a Europa e com maior inclinação para a história do que os liberais clássicos e com menor interesse pela economia que os libertários, os conservadores dessa vertente enalteciam a sabedoria de pensadores como Edmund Burke. Exigiam uma restauração da ortodoxia religiosa, ensino clássico da lei natural e instituições comunitárias intermediárias ente o cidadão individual e o Estado.

Em terceiro, lugar na décadas de quarenta e cinquenta, no romper da guerra fria, um anticomunismo militante e evangelista, formado por um conjunto de ex-comunistas e outros antigos radicais. Afirmavam que a América e o Ocidente travavam uma batalha titânica com um adversário implacável, o comunismo, que procurava abertamente a conquista do mundo. Auto denominaram-se de neoconservadores.

Assinala que na década de cinquenta e início da seguinte houve uma tentativa de encontrar uma plataforma comum para esses grupos por meio de uma publicação surgida com a intenção de representar o conjunto. Tratou-se da *National Review*. De certa forma seu criador (William Buckley) personificava os princípios que poderiam norteá-la. Tratava-se de um cristão tradicional, um defensor da economia de mercado livre e um fervoroso anticomunista.

Impossibilitando essa fusão, contudo, surgiria uma crescente tensão entre libertários e tradicionalistas ensejando um grande debate que ficou conhecido como se dando entre Liberdade e Virtude. Sem que trouxesse maiores resultados, ensejaria uma tentativa de junção das duas propostas, batizada de "fusionismo". A palavra e ordem seria a defesa da tese de que o objetivo do indivíduo livre devia ser a busca de uma vida virtuosa, livre e sem auxílio do Estado.

Nash considera que, em que pese não haja apaziguado os espíritos, essa celeuma trouxe uma lição, assimilada pelo conjunto, de que o essencial seria que o conservadorismo americano não deve se tornar doutrinário, no sentido de dogmático e intransigente.

Geralmente é reconhecido o papel do governo Reagan (de 1981 a 1989) como catalizador do que se poderia chamar de "consciência conservadora". Nash aprofundaria essa constatação indicando que seu efeito duradouro seria o de tornar ativa e presente na cena política o que chamou de Direita Religiosa.

Destaca que, em 1989, a Direita Americana tinha crescido ao ponto de incluir cinco inclinações distintas: libertários, religiosos, anti-comunistas, neoconservadores e Direita Religiosa.

Nash refere o surgimento, no início o novo século, do que tem sido denominado de conservadorismo solidário, mas não se detém na sua caracterização. Nestas breves notas, vamos nos limitar à caracterização dos dois primeiros grupos apontados por Nash (libertários e "tradicionalismo").

Dado o papel que o anticomunismo desempenhava nesse conjunto, sendo, sem nenhuma dúvida, sentimento cultuado por todas as tendências, registra que suscita a questão de sua sobrevivência em face do acontecimento deveras marcante ocorrido a 9 de novembro de 1989, a queda do Muro de Berlim.

O fim da guerra fria tem atuado como propício ao acirramento das divergências entre facções conservadoras facultando, como destaca, a emergência de correntes sectárias dentro da grande aliança. Fonte de animosidade tem sido a constante disputa entre neoconservadores e contrários às intervenções militares dos Estados Unidos, pela circunstância de que os neoconservadores apoiam a política externa do pós-guerra fria, portanto o intervencionismo.

Está de volta o isolacionismo anterior ao início da guerra fria e do slogan que reflete essa postura: "primeiro a América".

Outra linha de fratura contrapõe os neoconservadores aos libertários, desta vez a propósito de questões como legalização das drogas e o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

Contraditoriamente, a prosperidade tem contribuído para acentuar divisões sociais, dando curiosamente o surgimento de populismo de direita. Tradicionalmente, o populismo norte-americano tem sido de esquerda, procurando atingir como vilões banqueiros, capitalistas ricos e corporações "milionárias e bilionárias", na linguagem do socialismo emergente na campanha eleitoral de 2016, no seio do Partido Democrata (relativo sucesso da campanha de Bernie Sanders).

Lembra Nash que o populismo na América também assumiu fisionomia conservadora. Na décadas de setenta e oitenta, sob a liderança de Ronald Reagan, articulou-se brilhantemente uma versão populista e libertária, voltada contra o governos intrometidos e que não prestam contas. O fenômeno Donald Trump seria o seu renascimento.

— II A CONTRIBUIÇÃO DOS LIBERTÁRIOS

1. Desmembramento da problemática envolvida no tema

O primeiro grupo antes caracterizado é justamente o dos libertários. Nash destaca desde logo qual teria sido o seu papel ao situá-lo no ciclo subsequente à chamada "Grande Depressão", isto é, a crise de 1929.

Contudo, seus integrantes mais destacados provêm de uma Escola de Economia cujo alvorecer situa-se nas últimas décadas do século XIX. Passaria à história com a denominação de Escola Austríaca. Ocupa-se do estabelecimento da temática econômica própria da nova sociedade em formação. A liderança desse tema esteve, ao longo do século, em mãos dos ingleses. Na medida em que se desdobra, como que acompanhando a disseminação da indústria por outros países europeus, chega a Viena, então um dos centros culturais mais florescentes da Europa.

Nos anos trinta do século passado alardeava-se o contraste entre a depressão econômica do mundo capitalista enquanto a União Soviética

propalava o sucesso dos seus planos quinquenais. Os problemas de índole econômica assumiam assim uma dimensão política extraordinária e dominante. 147

Nesse ambiente conturbado, a efetiva dimensão da problemática envolvida com o *New Deal* de Roosevelt somente se tornaria clara no período subsequente à Segunda Guerra. Os libertários o associaram ao fenômeno da estatização econômica, em parte da Europa aplicada como se fizesse parte das doutrinas de Keynes.

De modo que iremos dissociar a obra dos libertários da mencionada problemática. Como advertiu Ubiratan Macedo, não tem maior sentido discutir se o Estado deve se envolver no enfrentamento da pobreza remanescente, quando se trata da comprovação empírica de que o modelo de seguridade social desenvolvido nos Estados Unidos é superior ao que se estabeleceu na maioria dos países europeus, problema que, ao que tudo indica, tem a ver com o prolongamento, na Europa, ao contrário dos Estados Unidos, da crise financeira desencadeada em 2008.

Trataremos igualmente à parte a questão de saber se, na obra de Keynes, recomenda-se estatização da economia, mediante a identificação da fonte da confusão estabelecida nessa matéria.

2. O grande mérito dos austríacos

Consiste ter levado para o terreno da investigação econômica a crítica que começa a ser desenvolvida ao positivismo. Nas nações de língua alemã, essa crítica era desenvolvida pelos filósofos, dando nascedouro a duas correntes marcantes, o neokantismo e a fenomenologia. Desmontam a física social do positivismo, na sua pretensão de submeter o curso histórico a rígidos esquemas determinísticos, devolvendo ao homem a sua capacidade criadora. Aplicando tais princípios à atividade produtiva, a Escola Austríaca estabeleceu que também aqui as pessoas se orientam por uma valoração subjetiva. Dessa análise o mercado aparece em toda a sua significação reguladora, fazendo cair por terra as caricaturas que o pintava como reino da anarquia e da perversão.

As doutrinas econômicas daí resultantes facultaram às empresas modernizar significativamente seus métodos de gestão, ao permitir que fossem aprimoradas as estimativas de custo dos produtos – me-

148 diante o chamado "custo marginal" – como desenvolvendo o denominado *marketing* (capacidade de auscultar as aspirações dos consumidores, para ajustar e adequar a oferta).

Esse reconhecimento permite-nos destacar, no conjunto da Escola Austríaca de Economia, as figura de dois dos seus representantes: Ludwig Von Mises (1881-1973) e Friedrich Hayek (1899-1982).

Von Mises manteve erguida a bandeira da superioridade da economia de mercado em meio às dificuldades oriundas da crise de 1929 enquanto Hayek estudou minuciosamente a miríade de decisões envolvidas na livre circulação de mercadorias, evidenciando a impossibilidade de algum burocrata saber que botão apertar para mudar-lhe o rumo.

3. Von Mises reconhece as limitações do liberalismo alemão mas encampa certos equívocos

Tomarei por base o livro editado entre nós com a denominação de *Liberalismo: segundo a tradição clássica*.

Escrito em 1927, em alemão, numa época sombria para a Europa ante a ascensão das correntes totalitárias representadas pelo socialismo dito internacional (governando a Rússia desde 1917 e que assumiu feição acabada com o estalinismo) e a variante que se intitulava nacional-socialismo (prestes a tomar o poder na Alemanha), sua edição não parece ter empolgado os sobreviventes liberais, mas deixou os totalitários literalmente enfurecidos. Solicitando o envio de um exemplar do livro – o editor era de Iena, na época, em 1951, situada na zona de ocupação soviética, a partir da qual se organizou a chamada República Democrática Alemã (RDA) –, informou que "por ordem das autoridades, todas as cópias desse livro tiveram que ser destruídas". Presumivelmente, a ordem inicial partira dos nazistas, sendo ratificada pelos soviéticos depois da guerra.

O autor também experimentou, pessoalmente, não poucos dissabores. Tendo se doutorado na Universidade de Viena, em 1906, com a tese *Teoria da moeda e o crédito* – publicada em alemão em 1912 e, em inglês, em 1934 – Von Mises tornou-se, nos anos vinte, uma personalidade conhecida nos círculos cultos da Europa. Em 1926, fundou em Viena o Instituto para a Pesquisa do Ciclo Econômico. Em 1934, viu-se na con-

tingência de transferir-se para a Suíça e, em plena guerra (1940), para os Estados Unidos. Naquela oportunidade, estava às vésperas de completar 60 anos e pode-se imaginar o esforço que há de ter desenvolvido a fim de começar de novo, num país estrangeiro, por maior que tenha sido a acolhida com que terá contado.

No início do pós-guerra e ao longo da década de cinquenta, verifica que o socialismo continua em ascensão. A seus olhos, o intervencionismo estatal preconizado por Keynes não passava de uma capitulação ante os socialistas. Nesse quadro, pareceu-lhe que *Liberalismo*, publicado em 1927, como se indicou, guardava plena atualidade e decide publicá-lo os Estrados Unidos. Estávamos em 1962.

Mantendo integralmente o texto original, altera-lhe o título, que passa ser *A sociedade livre e próspera*. Levou em conta que *liberal*, nos Estados Unidos, era a designação aplicada ao Partido Democrata, que identificava com o socialismo, quando na verdade são sociais democratas, na acepção moderna que os separa dos socialistas.

Depois da morte de Von Mises, o Institute for Human Studies, ligado ao Cato Institute, promoveu duas edições do livro com o título original (*Liberalismo*), acrescido de "a sócio-economic exposition", respectivamente em 1976 e 1978.

Assinale-se que os principados alemães que se unificaram no começo dos anos setenta do século XIX não tinham maior tradição liberal ou democrática. O que mais sobressaía era a tradição prussiana garantidora dos enormes privilégios da aristocracia, como o monopólio dos altos cargos da administração e das Forças Armadas, bem como da grande propriedade agrícola.

O próprio Von Mises reconhece a insuficiência e a precariedade do liberalismo alemão, sobretudo no que se refere à elaboração teórica. No livro indicado, escreve: "As duas maiores contribuições dadas pela Alemanha à literatura liberal sofreram infortúnio em nada diferente daquele que recaiu sobre o próprio liberalismo alemão". Tem em vista os livros de Humboldt (só publicados depois de sua morte) e o de Herman Grossen, que aparece em 1854 e não encontra leitores. Ao que acrescenta: "a história do liberalismo político na Alemanha é marcada por sucesso um tanto parco. A moderna Alemanha, e isso inclui os defensores da Constituição de Weimar, não menos que seus oponentes,

150 é um mundo totalmente à parte do espírito do liberalismo. Os alemães não sabem mais o que é liberalismo mas sabem como conjurá-lo. O ódio ao liberalismo é o único ponto em torno do qual se unem todos os alemães”.

Não obstante essa apreciação, incorpora duas de suas teses que são frontalmente contrárias a traços firmados pelos liberais clássicos, a exemplo da linhagem iniciada por Locke e que entronca, na Inglaterra, com William Pitt II e Gladstone, e no continente, com Benjamin Constant e Tocqueville.

A primeira é o menosprezo ao colégio eleitoral, geralmente constituído por tradições de certa forma desanimadoras. Contudo trata-se de um dado da questão a ser enfrentada pela qualidade do sistema eleitoral, este sim, de responsabilidade da elite. Von Mises acredita que as massas carecem da capacidade de raciocínio e valorizam vantagens momentâneas. A par disto, considera que os interesses são subalternos.

Como a doutrina da representação política adotada pelos liberais clássicos e incorporada à meditação subsequente considera-a como sendo de interesses, temia-se que fosse consensual entre os libertários a hipótese da **demarquia** devida a Hayek. Essa doutrina envolve a rejeição do sistema democrático representativo como passou a ser entendido no Ocidente, isto é, sendo a representação de interesses o sistema político deve assegurar que se estructurem e integrem diferentes agremiações políticas. A eleição destina-se, então, a organizar a negociação entre tais interesses de modo a superar as formas violentas de sua solução.

Na feliz síntese proporcionada pelo pensador político italiano Gianfranco Pasquino – no *Curso de ciência política* (tradução portuguesa: Lisboa, Principia, 2003, p. 5): “Como é sabido, a experiência clássica do constitucionalismo anglo-saxão está marcada pela tentativa, no essencial coroada de êxito, de substituição das balas (*bullets*) por boletins de voto (*bullets*) como instrumento de resolução de conflitos, contando cabeças ao invés de as cortar”.

No terceiro volume da obra que se tornou clássica, *Direito, Liberdade e Legislação*, intitulada “A ordem política de um povo livre”, Hayek propõe a constituição de um regime a que chamou de “demarquia”, no qual os cidadãos votam apenas duas vezes na vida, uma delas para eleger

os sábios que irão elaborar a Carta Magna e leis complementares requeridas. Desconhece-se quem teria encampado essa ideia, salvo notórios anarquistas sem maior representatividade. Contudo, ficou a dúvida quanto ao que seria a posição dos libertários. Entendo que a seguinte declaração de Von Mises esclarece o problema: 151

O grande avanço da era moderna é que ela leva ao governo representativo. O grande pioneiro dessa ideia foi o filósofo britânico David Hume (1711-1776), que ressaltou que no longo prazo, ao contrário do que as pessoas acreditam, o governo não se baseará no poder militar, mas na opinião da maioria. É preciso convencer a maioria. Não porque a maioria tenha sempre razão. Pelo contrário. Eu diria que a maioria muito frequentemente está errada. Mas se não quisermos recorrer a uma derrubada violenta do governo - e isto é impossível, e porque se formos minoria eles vão querer nos derrubar - nos resta um único método, falar com as pessoas escrever, falar novamente. (O marxismo desmascarado, 1952. Parte final do último parágrafo da 5ª palestra).

— III O CULTO DA TRADIÇÃO: RUSSELL KIRK

A corrente conservadora norte-americana na qual se insere Russell Kirk (1918-1994) foi denominada por George Nash de tradicionalismo, por reivindicar o culto da tradição, configurada no regresso a valores absolutos preconizados pela religião e princípios éticos daí decorrentes, culto esse que teria como corolário a rejeição do relativismo moral, vigente na sociedade de seu tempo. Presentemente, passamos a dispor de uma visão acabada de seu pensamento, graças à edição do livro que lhe dedicou Alex Catharino. Intitulou-o *Russell Kirk - O peregrino na terra desolada* (Biblioteca de Crítica Social cuja coordenação é do conhecido filósofo Luiz Felipe Pondé (Editora E realizações, São Paulo, 2015). Pondé o apresenta deste modo: "filósofo e historiador do pensamento conservador, Russell Kirk (é) autor de uma delicada teia de reflexão que reúne política, crítica literária, moral e espiritualidade". Destaca ainda que "o livro que o leitor tem em mãos é, de certa forma, um diálogo entre Kirk e T.S. Eliot, poeta, escritor e crítico anglo-americano que viveu entre os séculos XIX e XX, referência

153 essencial e às vezes pouco notada entre nós, para entendermos a sofisticada resistência que caracteriza o pensamento kirkeano à tentativa de fazer do mundo um terreno baldio”.

Em *The American Cause* (1957), Russell Kirk defendeu que um indivíduo sem princípios pode sucumbir ao barbarismo e à selvageria. Em se tratando de uma nação sem princípios é um Nação incivilizada. Desenvolvendo essa tese acrescenta que todas as sociedades civilizadas são compostas por três princípios: o moral, o político e o econômico. Fundado na religião, o princípio moral garante uma correta definição da pessoa ao apontar os seus direitos e deveres, além de ressaltar a imperfeetibilidade dos projetos humanos. O princípio político trata das relações públicas dos indivíduos entre si e com o Estado, por ser a autoridade legítima ao representar os valores da sociedade e o garantidor da ordem externa da comunidade. Quanto ao princípio econômico, abrange as relações privadas de produção e trocas, além de preconizar e tentar fazer vingar o papel limitado do governo como colaborador no desenvolvimento material da sociedade, enquanto mero arbitro de conflitos em potencial.

A par isto, refere ainda que a vida da comunidade política, nas diferentes sociedades da civilização ocidental, é norteada pelas ideias cardeais de justiça, liberdade e ordem. Comentando essa afirmação, Alex Catharino afirma que o entendimento kirkeano das ideias cardeais de justiça e liberdade não costuma criar dificuldades de compreensão, posto que apresentadas pela maioria dos autores da grande tradição do Ocidente. Entende, entretanto, que o conceito de ordem exige consideração na medida em que seria objeto de críticas negativas. Lembra que a crença em uma ordem transcendente ou corpo de leis naturais que regem a sociedade, bem como à consciência, corresponde ao primeiro cânone do pensamento conservador, apresentado no livro de Russell Kirk *The Conservative Mind*. E ainda que a sociedade civilizada requer ordens e classes, em oposição à ideia de uma sociedade sem classes, que corresponderia ao terceiro cânone.

Esclarece que, para Russell Kirk, a ordem pressupõe arranjo harmonioso entre a ordem da alma, denominada ordem moral, e a ordem da comunidade, denominada ordem constitucional. Assim, corresponde ao instrumento adequado para enfrentar as visões reducionistas.

Alex Catharino apresenta as indicações comprovatórias de que Russell Kirk, longe de corresponder a fenômeno isolado, integra um amplo movimento. Cito: "A resistência intelectual aos desvios da mentalidade moderna, tal como apresentada pelo pensamento conservador kirkeano, não é fenômeno isolado mas faz parte de um movimento tradicionalista mais amplo que teve como arraias a publicação dos livros *The Attack on Leviathan* (1938), de Donald G. Davidson (1893-1968); *Ideas have consequences* (1948), de Richard Weaver (1910-1963); e *The New Science of Politics* (1952) de Eric Voeglin (1901-1985). Juntamente com a obra *The Quest for Community*, também publicada em 1953, de Robert A. Nisbet (1913-1996), o lançamento de *The Conservative Mind* foi o ápice desse processo em defesa da ordem (pág. 50 da edição citada)".

Creio que a citação a seguir resume o essencial:

*A mentalidade conservadora defendida por Russell Kirk não deve ser entendida à luz do "logicismo" moderno como mera construção intelectual, pois "a convicção não é produzida pela lógica da linguagem nem pela acumulação dos fatos" e "o verdadeiro conhecimento não é o produto de uma razão metódica". Nesse sentido, acima de qualquer outra definição, o conservadorismo kirkeano é uma disposição de caráter que nos move a lutar pela restauração e preservação das verdades na natureza humana, da ordem moral e da ordem social, legados pela tradição, fatores que, necessariamente, levam à rejeição de todos os esquemas racionalistas apresentados pelas diferentes concepções ideológicas, visto que, tal como expresso no quinto cânone em *The Conservative Mind*, o conservador esclarecido deve "ter fé no uso consagrado e desconfiança em sofistas, calculistas economistas", que querem reconstituir sociedade com base em projetos abstratos (p. 53).*

A caracterização precedente se completa pela tese de que a política da prudência advogada por Russell Kirk não pode ser entendida como doutrina política mas, acima de tudo, como um estilo de vida forjado pela educação e pela cultura, que se expressa numa forma de humanismo cristão, sustentado por uma concepção sacramental da realidade, em que fatos e circunstâncias culturais, como a moral e as instituições sociais não são acidentes históricos mas desenvolvimentos necessários da própria natureza humana (p. 53).

- 154 Alex Catharino elaborou uma pormenorizada bibliografia dos livros e ensaios publicados por Russell Kirk, evidenciando a amplitude de sua produção intelectual. Entre outras coisas verifica-se que prestou o devido tributo às suas grandes admirações: Edmund Burke (1729-1797) e T.S. (Thomas Stearns) Eliot (1888-1965). Esse levantamento é acrescido da lista dos estudos dedicados a Russell Kirk, igualmente impressionantes, das obras de Eliot, bem como dos livros e artigos a seu respeito que se publicaram. A bibliografia insere ainda a indicação dos estudos referentes ao conservadorismo.

— Friedrich Oppler e a questão judaica

NEWTON SABBÁ GUIMARÃES

Auparavant, c'était un peuple comme les autres, les Hébreux. Mais il a eu l'horrible privilège de se survivre à lui-même.

Pierre Drieu la Rochelle: *Histoires déplorables*

— DA RELEITURA DE UM LIVRO

Releio, com o mesmo encantamento da primeira leitura, faz muitos anos, o livro de Friedrich Oppler, *Judenfrage und Welt von Heute*² escrito quando o tema – os judeus no mundo e os judeus na Alemanha – ainda estava muito presente na cena política do pós-guerra. Foi publicado no Rio de Janeiro, onde o autor vivia, exilado. Encontro nesta releitura novos pontos de discussão, mas também de surpresa sobre a Questão Judaica como vista por um judeu-alemão que fora obrigado a sair do seu país ao qual dava o melhor do seu talento e cultura e que amava entranhadamente. Era magistrado de carreira e, como muitos outros juizes, advogados e demais militantes do foro, doutor em Direito (é quase rotineiro que os membros do Judiciário e os que militam no dia a dia do foro sejam doutores em Direito). Escrevi acima que leio este livro com encantamento, mas não se pense que o escritor é um estilista primoroso e com o estilo seduza o leitor. Não. Oppler é antes seco e objetivo, o que não é de estranhar em um homem da Lei, em um austero doutor em Direito, em um juiz. Escreve bem, lógico e objetivo e os tópicos, variados e discutidos com método, disciplinadamente desde a Introdução até a análise do que seja essa Questão Judaica, debatida e sempre candente, que ele pretende definir, além de escrever sobre temas complicados e até polêmicos, como raça, nação, nacionalidade, crença judaica, sionismo, assimilação, liberalismo judaico, ortodoxia, Estado Judeu etc. Quase diria que se trata de minienciclopédia, não fosse o ter-

156 mo tão desgastado. São todos os temas de muito interesse para judeus e não judeus, tudo muito bem dividido e comedido, em três partes mais ou menos bem dosadas e calculadas, tudo isto terminando por uma mirada geral sobre tudo o que escreveu, dentro de uma disciplina mental que causa admiração. O autor não se perde em adjetivos, nem demonstra a menor emotividade ao tratar dos assuntos por vezes de extrema delicadeza como o da assimilação dos judeus e o da raça, visto em certos setores como tabus, ou pelo menos, passíveis de polêmicas.

— UMA PERGUNTA INICIAL

A primeira pergunta que o leitor não familiarizado com a visão dos judeus-alemães se fará é se Oppler se sente mais alemão que judeu, mas isto parece uma pergunta inocente, ou pelo menos destituída de objetividade, sobretudo quando se pensa que se trata de um livro de enorme objetividade. Diria que apesar de desconcertante em certos aspectos, o autor escreve como Wassermann escrevia quando se tratava de assuntos semelhantes, ou como agia Zweig fora do seu mundo germânico, ou como pensava Ludwig. Wassermann — é bom que o não esqueçamos, perseguido e tendo que fugir da Alemanha, era autor de um livro, fruto de muita paciência e erudição, uma releitura através de textos de gente famosa e ilustre do antigo Império, onde se estudava a índole e importantes acontecimentos históricos do Povo e da História Alemães, neste seu primoroso *Deutsche Charaktere und Begebenheiten*,² em que toda a grandeza de um povo resplende através de feitos de seus pró-homens mais em evidência na política, nas artes, na guerra, nas letras. Mas também deixa transparecer sob a capa do alemão vaidoso da cultura da pátria de nascimento, o orgulho da sua ancestralidade, ao escrever a sua autobiografia que é publicada um ano antes de sua morte, *Mein Weg als Deutscher und als Jude*, que é possivelmente uma das melhores obras sobre a Questão Judaica na Alemanha e que mostra, soberbamente, como se sentia Wassermann no seu orgulho de pertencer à Alemanha e à grei de Israel. Um livro de coragem e de confissão. A vida a balançar-se entre dois mundos e duas visões. Construção de pontes entre dois mundos bastante diferentes. Oppler não chega ao grau de confissão e de orgulho judaico a que chegou Wassermann, mas também

deixa transparecer nas páginas do seu livro, o seu mundo dividido perigosamente, o eu dividido entre o respeito pela sua velha raça e sua cultura tradicional, milenar e muito forte que elogiará muito ao tratar do nacionalismo judaico, e a terra amada onde nascera, tenta passar ao leitor um pouco da sua inquietação sobre o problema visto do seu prisma, de judeu e de alemão, tal qual havia sido feito e discutido por outros escritores de língua alemã, como os já antencionados Wassermann, Ludwig e outros. Sou eu um judeu ou um alemão? Pareciam perguntar-se. Ou o que sou mais, judeu ou alemão? Quando um deles se converte, como o fez Oppler, será que, lá dentro de si, pensa aceder à *Deutschtum*, como por sinal aspirava Ludwig ao tornar-se católico, ou, antes deles, Heinrich Heine, quando se passa para o protestantismo, em busca de uma germanidade negada e que o livraria ante os seus leitores, admiradores e adversários da pecha de forasteiro, como judeu, filho de judeus de velha cepa. Quem é judeu? Quem é alemão? No longo prefácio a *Judenfrage und Welt von Heute*, o autor tenta explicar a sua judeidade *vis-à-vis* o seu profundo e indiscutível apego à Alemanha. Nesse prefácio, parece sincero e convencido do que escreve. Lembra as suas origens judaicas, mas lembra, também, que é alemão de gerações e de gente provinda da Silésia. Afirma o seu orgulho de provir da Silésia, região que se tripartia entre a Alemanha, a Polônia e atual República Tcheca, região em que a elite falava alemão de preferência, além do polonês e do silésio, *Slasko* como é chamado em silésio, hoje reconhecido como língua regional e gozando de proteção, muito próximo do polonês (Oppler não diz se falava polonês, nem silésio, e pela insistência com que refere ao *ídiche*, é provável que o falasse, além do alemão!). De origem judaica e fé religiosa cristã, como confessa. Acontece que o Judaísmo se ampara em um tripé indissolúvel: etnia - religião - *ethos* (no que estão implícitos as usanças tradicionais, o conhecimento da *lashon haqodesh*, a obediência aos ensinamentos da ética judaica, o conhecimento ou o uso das duas grandes línguas da diáspora, a *ídiche* e a judeu-espanhola, ou sefardi, erradamente chamada de ladina). Talvez um tanto vaidosamente, considera-se como uma ponte que unia duas margens, que se entende ser o cristianismo e o judaísmo, ou o judaísmo e o germanismo, pois insiste em que a sua família provinha da Silésia, onde era radicada por gerações e ele mesmo passara a viver em Berlim

158 desde a infância. Esta região, conquistada pela Prússia, era muito apegada ao Império. E escreve: "Der Verfasser ist christlichen Glaubens, jüdischer Abstammung. Er steht somit gewissermaßen auf einewr Brücke, die zwei Ufer verbindet".⁴ Foi o advento do Hitlerismo que o fez abandonar o país e aportar às terras livres do Brasil, mostrando-lhe que de nada valia o seu forte apego à Alemanha, que o nazismo o considerava um estranho, um forasteiro. Desider Stern silencia sobre a sua conversão ao dar entrada no verbete que lhe dedica em *Werke jüdischer Autoren deutscher Sprache*. Por quê? E não esconde Stern a conversão interesseira de Ludwig, nem a alteração de seu nome, nem esconde a conversão apaixonada de Edith Stein quem, traindo as suas origens e tradições judaicas por um catolicismo raiando pelo fanatismo (mais ainda se se pensa que até os 31 anos fora boa e observante judia), nem por isso, escapou aos horrores de Auschwitz.⁵ Oppler, mais dissimulado do que os outros aqui citados, tenta passar a impressão de serenidade e imparcialidade ao escrever, sem muito sentimentalismo, sobre a sua condição de judeu e de alemão, mas não se deve omitir um fato bastante curioso: Friedrich Oppler fazia parte daquele número de judeus que, aspirando a altas posições dentro do Estado alemão, não hesitavam em converter-se ao cristianismo, como o fizera, muito antes, sua mulher, Ilse, née Landau, de importante e endinheirada família israelita. Emil Ludwig (que abandonara o próprio nome de família, Emil Cohn, para travestir-se de alemão cem por cento), também se converteu ao Cristianismo, mas no final da vida arrependeu-se amargamente e fez a *teshuvah*.⁶ O biógrafo de Napoleão, de Bismarck, de Lincoln e desta admirável biografia do descobridor de Troia, *Schliemann. Geschichte eines Goldsuchers*, de 1932, e das discutidíssimas e famigeradas *Mussolinis Gespräche mit Emil Ludwig*, também de 1932, malgrado a sua capa de refinado cosmopolita, com livre trânsito pelos grandes salões e academias da Europa, ainda consegue ser mais pessoal do que o juiz berlinense, como o consegue ser, também, Wassermann, este, por sinal, eternamente enamorado de sua pátria de nascimento. Já Oppler imprime um selo de discussão (que não hesitaria chamar de científica) ao tema, o que, por vezes, chega a irritar o leitor consciente do que havia por detrás de cada exílio, fuga, a escapada de um desses judeus cultos e ilustres que vieram enriquecer as suas novas pátrias, inclusive o nosso Bra-

sil, onde brilharham em vários ramos do saber e das atividades literárias e universitárias, como Herbert Caro, magnífico tradutor do alemão e o elogiado tradutor de Thomas Mann em boa e elegante prosa brasileira, Jacob Guinsburg, Boris Schnaiderman, o erudito que nos deu em português Dostoievsky e outros russos, Paulo Rónai, e tantos mais, hoje incorporados à nossa Cultura, uns poucos ainda vivos e produzindo, ou, então, mortos venerados – como o erudito Rónai, o intelectual de mérito que nos deu a mais completa edição comentada das obras de Balzac em língua portuguesa, até hoje modelo de dedicação, seriedade crítica e erudição, além de nos ter apresentado a literatura do seu país aos brasileiros –, que deixaram obra de grande mérito nas Letras e nas Ciências do nosso País.

— ORIGENS E APEGO À TERRA DE NASCIMENTO

Oppler nasceu em Oppeln (de onde o seu nome de família), em 2 de julho de 1988 e faleceu em Berlim aos 78 anos, em 6 de setembro. No Brasil, ele é pouco conhecido, a não ser de especialistas da literatura em língua alemã dos imigrantes aqui aportados aquando das perseguições desencadeadas pelo Nazismo. Viveu entre nós por aproximadamente um decênio, mas não parece ter-se adaptado ao País e às coisas brasileiras: falou sempre muito mal o português-brasileiro e quando quis publicar a tradução do seu livro mais conhecido e o que a nós mais diretamente nos interessa, precisou da ajuda inestimável de Reginaldo Sant'Anna. Sentia-se mais que tudo alemão da elite cultural e aqui, na terra que o acolhera de braços abertos, sentia o mesmo vazio que Stefan Zweig sentia, em parte pelo nosso, então, profundamente provinciano ambiente literário, o acanhado das reuniões literárias, a nossa pobreza cultural, que os me-ufanistas, inocentemente, tentam disfarçar em proclamações altissonantes que destoam da realidade dos fatos. Quem quiser ter um retrato cruel, mas verdadeiro da vida literária no Rio de Janeiro, leia o livro de Coelho Neto, *A Conquista*.⁷ Digo cruel porque mostra uma sociedade que quer mostrar-se evoluída, imitadora dos grandes centros culturais europeus, sobretudo o francês, que quer discutir a grande literatura universal, viver intensamente a vida literária, e somente consegue passar-nos uma triste caricatura, um povo que macaqueia ou-

160 tros povos, emotivo e pegajosamente familiar, a viver muito mal e não apenas em meio ao desconforto, mas até sem o menor princípio de higiene. É o retrato doloroso que o romancista nos dá. Que diferença entre o Brasil caricato descrito no romance de época e esse Brasil arrogantemente me-ufanista, pátria de um jurista aclamado como a maior inteligência do século no mundo latino, a falar todas as línguas europeias e seus dialetos e a dar quinaus nos mais renomados diplomatas do Velho Mundo, um Brasil que somente existia na fantasia desses delirantes me-ufanistas, ainda hoje abundantes em nossas plagas! O brasileiro delira, quando se trata de me-ufanismo vesgo e epidérmico. O Brasil era, infelizmente, aquilo ironicamente retratado em *A Conquista*, sem tirar nem por! Anos depois de Coelho Neto ter-nos dado uma pintura em tudo desprimorosa da vida literária e da boémia brasileira *fin-de-siècle* e começos do século XX, vem o escritor Osório Borba, crítico sem papas na língua e, mais cáustico ainda, mais vitriólico do que o romancista de *O Rajá do Pendjab* e *O Rei Fantasma*, e diz que somos o paraíso do cabotinismo, da improvisação e da superficialidade no seu livro *A Comédia Literária*.⁹ ... É terrível o que ele escreve, mas, por desgraça, é tudo verdade e o leitor que o desejar, movido pela curiosidade, que busque esta joia de livro e leia-o do começo ao fim. Ficará estarecido. E envergonhado, sim, mais do que estarecido, envergonhado, triste, com o retrato sombrio das nossas letras e daqueles que as praticam. Entre outras coisinhas nada agradáveis, o crítico escrevia que: "Como a literatura tem, no Brasil, tão pouco sentido utilitário, tudo nesse domínio é fácil, aberto, acessível a todos";¹⁰ e, mais adiante: "Não há livro publicado que não provoque dezenas ou centenas de comentários consagrativos".¹¹ Era este o ambiente cultural que homens de uma cultura refinada, quase todos eles com diplomas de doutores por universidades celebres do Velho Mundo e que viviam em um meio em extremo requintado e de muita leitura, encontravam aqui quando vinham fixar-se entre nós, vindos de centros onde as conferências acadêmicas e os concertos de música clássica, as peças de teatro e óperas, faziam parte da própria existência de cada um no seu dia a dia, iriam deparar-se no Rio de Janeiro dos compadrios, e onde o uso indiscriminado do "jeitinho brasileiro", da improvisação,¹² era uma constante... Como não haveria essa gente de estranhar? É certo que eram bem recebidos e que as portas do nos-

so País se abriam generosas, de par em par, como, estou seguro, jamais se abririam de igual modo nas formais terras europeias, mas, temos de reconhecer, mesmo que isto fira o nosso patriotismo, que seguíam aqui em uma imensa solidão intelectual, que nem todos conseguiram vencer. Tudo muito acanhado, apesar de alguns surtos de progresso e de elegância importados da Europa e da América (de resto, com a possível exceção da Argentina, toda a chamada América Latina, recentemente saída de impiedosas ditaduras oligárquico-militares, debatia-se com as consequências de uma modernidade que chegara com o fim da Grande Guerra e terminara por estabelecer-se um tanto quanto atabalhoadamente. São as cartas privadas e os diários de estrangeiros famosos e cultos que viveram entre nós por algum tempo que nos podem dar uma pálida ideia do que era, efetivamente, a nossa terra até meados do século XX. Sempre fomos jactanciosos e o nosso inocente costume de inflar desmesuradamente as coisas tem sido uma constante que, somente agora, uma visão mais crítica da História, da Política e da Sociologia, nos tem apresentado um retrato real da sociedade brasileira. Sabe-se que Zweig – quem guardava profundo reconhecimento pela boa acolhida que os intelectuais cariocas e paulistas lhe haviam dado, a começar do gesto generoso de Cláudio de Sousa, membro da Academia, anfitrião e cicerone, em encaminhar-lhe os primeiros passos e franquear-lhe as portas da sua casa –, em cartas a amigos e conhecidos na Europa e na América, lamentava-se da sensação de vazio e despreparo da nossa gente. Era sincero, pois jamais deixou de reconhecer a bondade e boa atenção que os brasileiros lhe dispensaram sempre – e este reconhecimento está patente na carta que deixou ao suicidar-se, na qual demonstra toda a gratidão pela acolhida e bondade com que foi tratado por todos, sendo inclusive recebido pelo Presidente Vargas, que com ele conversou por muitos minutos no Catete, encontro com um chefe de Estado do porte de Vargas, fato que talvez fosse inédito na sua carreira de escritor, e suponho mesmo que jamais tivesse chegado a ser recebido pelo presidente da República do seu país, pelo menos não com a mesma atenção e presteza com que o foi pelo Dr. Vargas. Nada disso, nada, conseguia espancar o vazio que ele, homem refinado e admirável *causeur*, acostumado à elegância de salões nobres, sentia em nosso meio acanhado e até então profundamente provinciano. Irritava-o a nossa maneira de

162 tudo improvisarmos, em encontros, em reuniões, em conferências, mau hábito que persiste, para nossa desgraça. Zweig elegantemente disfarçava, mas o Juiz Oppler, mais frio e menos cosmopolita, não no conseguia. Agora passemos para Friedrich Oppler, tentando compreendê-lo *comme il faut*, para que não o julgemos com muita severidade. Em primeiro lugar, o seu caso que não se diferenciava muito da situação experimentada por Zweig: ele vinha, também, de um mundo rico e refinado e ocupava uma elevada posição na carreira judicial alemã e, chegando ao Rio, deve ter sentido o mesmo vácuo que o biógrafo de Maria Antonieta sentiu. Não era escritor, nem conferencista que logo pudesse entrosar com colegas de atividades semelhantes, como aconteceu com Rónai, desde os primeiros dias cercado de um grupo animado e aberto de escritores, tradutores, poetas, artistas. Oppler não parece ter-se sentido muito à vontade no Rio e tanto assim que, em 1952, em uma Alemanha ainda em plena reconstrução dos estragos da guerra, preferiu voltar para Berlim ocidental, onde reclamou (e conseguiu) tornar à sua antiga posição de magistrado. Ali morreu, quatorze anos depois, respeitado e reaclimatado. Desconheço se experimentou, ao retornar à pátria, algum fundo sentimento de solastalgia, por encontrar uma Alemanha inteiramente mudada e, de mais a mais, dividida em duas repúblicas. Estava outra vez na terra que o vira nascer, ainda nos dias do Império Alemão. Afinal, voltara para a terra que tanto amava e que o um dia o tratara tão mal... Desconheço se lá se lembrava alguma vez da cidade onde vivera por vários anos e onde aprendera o português e lançara o seu livro mais importante, para ser mais preciso, o único pelo qual é ainda lembrado e chego a pensar, até, que Oppler sobrevive, como escritor, por seu bom livro sobre a Questão Judaica, ignorando se foi reeditado na Alemanha e se chegou a ser traduzido ao hebreu e outras línguas. Os demais, são livros extremamente especializados, mais de interesse de professores de Direito, juízes e advogados, sem alcançar o público geral.

— DA SUA PROFISSÃO E DAS SUAS OBRAS

Pelo que consegui encontrar na investigação sobre sua vida e obras, deixou pequena obra publicada: artigos e estudos sobre Direito Pe-

nal aparecidos em revistas especializadas, além do seu livro mais importante, o citado *Judenfrage und Welt von Heute*. Voltaria ao mesmo tema anos depois de o haver lançado no Rio: em 1966, ano de sua morte, publicou *Betrachtungen über das deutsch-jüdische Problem*.²² Desconheço se este livro está traduzido ao português, ou a outra língua europeia qualquer. Como antes escrevi, há pouca notícia sobre Friedrich Oppler aqui. Desider Stern no verbete que lhe dedica no seu *Werke jüdischer Autoren deutscher Sprache*,²³ cita apenas estas duas obras, sem maiores comentários. Terá publicado outras em forma de livros, além dos artigos aparecidos em revistas jurídicas? Uma brasileira, Izabela Maria Furtado Kestler, possivelmente casada com alemão, publicaria quase trinta anos depois de ele morto, um pequeno estudo de conjunto, *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*.²⁴

— DO ORGULHO DE SER ALEMÃO

O livro deixado por Oppler tem grande interesse aos estudiosos do Judaísmo europeu, sobretudo o da Alemanha e o que pensavam judeus fugidos de suas terras imigrando para outras bem diferentes das nações europeias. A primeira parte, então, é das mais esclarecedoras, pois ele toca assuntos que são constantemente motivos de discussões como raça e religião e o que daria origem a essa Questão Judaica que tanto preocupa sociólogos, antropólogos e juristas. Discute o problema religioso e racial, o nacional e o político. Ele mesmo abandonara a religião judaica convertendo-se ao cristianismo, na vã tentativa de disfarçar a sua judeidade, passar despercebido das autoridades alemãs e desta forma não vir a ser incomodado nas altas funções judicantes que exercia. Pode ter sido um momento de covardia moral ou oportunismo no magistado carreirista que era Oppler (tão aferrado era à sua posição de magistrado que, muitos anos depois de haver abandonado a Alemanha, quando caiu o nazismo e o país entrou em reconstrução, ele quis voltar a Berlim e conseguiu reassumir a posição de que desfrutava antes, morrendo como juiz). Deixa entrever nas páginas do livro o seu orgulho de ser judeu, tanto assim que discute com certa ênfase o problema do nacionalismo e da chamada raça judia, malgrado sentir imenso carinho pela pátria alemã, como

um dia o sentira o autor brilhante de *Mein Weg als Deutscher und als Jude*. E abro aqui um parêntese: esses grandes autores judeus de língua alemã sentiam tão entranhado amor pela terra que os espezinhara e maltratara, que chega a comover. E usavam a língua alemã para produzirem as suas obras, mesmo que tivessem oportunidade de o fazerem em outras línguas, como a iídiche, a judeu-espanhola, a polonesa, a russa, e outras.³⁵ Oppler, ao que parece, detém-se um pouco menos no item religião. Nada parece escapar à sua observação. Um dos aspectos interessantes no seu estudo é a referência, ainda que bem curta, às duas grandes línguas dos judeus na Diáspora, o judeu-espanhol, dos sefarditas, e o iídiche, dos asquenazitas. A primeira destas línguas, spaniolit, também chamada judeu-espanhol, língua sefardi, ou menos acertadamente, ladina, saiu do velho espanhol quincentista e aclimatando-se, sobretudo, em o Norte da África, nos Balcãs, no Sul da Europa e territórios que pertenciam outrora ao vasto Império Otomano, e, com o perpassar dos anos, a língua transplantada sofria todo o tipo de alterações, e tantas eram estas que terminaram por tornar o espanhol quincentista uma língua autônoma, que chegou a ter muita influência e a servir de *língua franca* dos judeus que viajavam pela Turquia e países da Europa meridional e dos Balcãs. A outra, a iídiche, saiu do alemão medieval, *hoch Deutsch*, e com os séculos, sofreria a influência de línguas eslavas, certamente do hebreu litúrgico, etc., vindo a formar uma grande e importante língua que, a exemplo da anteriormente citada, passou a ser a *língua franca* dos judeus da Europa central, da grande parte dos judeus ao Norte da Europa, da Rússia, Ucrânia, Bielorrússia, mais tarde transmigrando para as Américas, sobretudo Estados Unidos, Canadá e Argentina. É uma língua germânica autônoma e conta com portentosa literatura, imprensa atuante, centros de estudos e era ensinada em Universidades europeias. As duas grandes línguas da Diáspora (há muitas outras, mas de menor extensão, muito regionalizadas como o judeu-árabe, o judeu-persa etc.), foram perdendo o prestígio de que um dia gozaram, deixando de serem faladas com o mesmo afã com o renascimento do Estado de Israel. Acham-se, hoje, sem a mesma atividade e pujança que tiveram um dia na Rússia, na Alemanha, na Polónia, na Ucrânia, e em muitos outros Estados europeus. O judeu-espanhol, então, decaiu muito e pode-se dizer mesmo que está em perigo iminente de extinção.

Como alemão, Oppler demonstra muito interesse pelo problema racial e, no cap. III, trata exatamente de *Rasse*, falando das origens do Povo Judeu, da mestiçagem havida com muitos povos nas priscas eras e no século XX pela assimilação aos povos onde viviam, discute a questão da cor da pele, dos cabelos e olhos, da forma do nariz e admite que, no seu caso, a *Judenfrage* tinha mais importância para os judeus europeus, do que para os de outras partes do mundo, no que, até certo ponto, pela proximidade com a catástrofe recente, era uma verdade indiscutível. Isto, porém, como que empresta maior importância aos judeus asquenazitas, do que aos demais, queixa, aliás, que os judeus sefarditas frequentemente fazem dentro da organização do Estado de Israel, quando as melhores posições, os cargos de mando, vão sempre para os judeus descendentes dos pioneiros saídos do mundo idiche. Salienta, um tanto apressada e pernosticamente, que os judeus escuros do Norte de África e os judeus de Buhara não tinham muita importância no que ia estudar. Engana-se, redondamente, em especial se visse a contribuição que os judeus do Iraque, do Irã, do Turquestão, do Marrocos, do Iêmen, da Tunísia, da Argélia, do Curdistão e de outros lugares remotos, viriam a ter na construção do novo Estado que aí está, forte e firme, a enfrentar os novos átilas e bandidos da Palestina com valentia e denodo. Aventa mesmo uma teoria que apenas as origens dos judeus europeus é que são semíticas, de uma distante origem semítica, mas que, com o passar dos séculos, de mestiçagens com outras etnias e povos, deram origem a um grupo que chama de ário-semita, ou, como prefere escrever: "Es handelt sich vielmehr um eine semitische-arische Mischgruppe".¹⁶ Neste momento, vejo antes o alemão imbuído das teorias antropológicas e crente na superioridade da raça branca, ou ariana, como dizem, o homem que escreve aquelas linhas. É provável que muito judeu sefardita, cioso da sua judeidade, das suas tradições e da sua religião, não leia com muito gosto o longo capítulo... É como se entre os judeus, o mais cosmopolita dos povos, existissem judeus de primeira e de segunda classe. Por sorte, admite que os semitas são um ramo da raça branca... Contradiz-se quando lembra que os judeus sefarditas diminuíram sensivelmente através dos séculos e através de conversões forçadas ao cristianismo, sobretudo na Península Ibérica. O Judaísmo, escreve, teria mais a ver na questão da sua sobrevivência, com os judeus asquenazitas.¹⁷ Ora,

166 ele se dissera, logo no início, um alemão de gerações, mas de origem judaica e que se convertera ao cristianismo. Assim sendo, tomando-se as suas próprias definições do que seja um judeu, em que não existe separação entre religião-ethos-etnia, ele, Dr. Friedrich Oppler, achar-se-ia fora do Judaísmo para brilhar apenas como um rígido e disciplinado alemão. Parece que ele tem interesse em frisar que os judeus asquenazitas, vinham de profundas mestiçagens com outros povos e endossa a história arquiabatida da conversão de todo o povo chazar, fruto de uma inquieta promessa do Rei Bulan a respeito da superioridade da melhor e mais profunda das três religiões, a judaica, a cristã e a islamita. História as andanças dos judeus pelo mundo a posição de relevo que os marranos viriam a ter em os novos territórios que Espanha e Portugal descobriram e conquistaram no continente americano. Descreve a situação, por vezes anômala, dos conversos e salienta que, no século XI, existiu na Alemanha Ocidental um bispo de pura cepa judaica e cita ainda outros nomes ilustres como Nostradamus, além de partir para um justificado ufanismo, o da importância do judeu pelo mundo, a sua contribuição para a Civilização Universal e para história de muitos países europeus, mudanças de regimes etc. Aí, nesta parte, vê-se o orgulho de Oppler em ser de origem judaica e a tal ponto que lembra que muitos meio-judeus foram celebridades das ciências, das letras, das artes, da política e elenca um bom número deles - Colombo, Montaigne, Paul Heyse, Hugo von Hoffmannsthal, Heinrich Hertz, Niels Bohr, Anatole France, Marcel Proust, Trotsky e muitos outros -, tornando o seu livro uma espécie de glorificação do Povo de Deus. É o que me maravilha na leitura do livro do Juiz Oppler: ele vai, muito seguidamente, de um lado para o outro, assumindo posições bastante diferentes e que podem soar como contraditórias quando trata da *Judenfrage*. Na sua pena, é bem mais do que uma questão, passando quase a ser a busca da chave de um enigma dos mais complexos...

— DELICADAS QUESTÕES DISCUTIDAS NO LIVRO

Oppler deve de ter-se valido de ampla bibliografia para ter escrito tão bem o seu livro, que, tirante a insistência com que discute a questão da assimilação e da mestiçagem racial, é uma pequena enciclopédia

do judaísmo, mas, curiosamente, não anexa lista bibliográfica, o que diminui de muito a credibilidade científica da obra. Devota muitas páginas ao sionismo herzliano e dos pioneiros, mas não parecia muito seguro de que deste movimento extraordinário brotaria o maior milagre do século XX, o ressurgimento do Povo Judeu como Estado livre, soberano, forte e predestinado a grandes feitos como povo, como nacionalidade, como organização estatal. Faz referência ao livro maior, a Bíblia do Sionismo, *Der Judenstaat*, mas não oferece maiores discussões sobre esta obra-maior do Judaísmo e do ressurgimento político de toda uma nação. O que parece impressioná-lo mais é a adesão de meios-judeus e pessoas que eram de "rassisch Jude", como escreve, referindo-se, por exemplo, a Karl Marx, que "Atheist war, war rassisch Jude".²⁸ Leva-nos a pensar que tanto fala do judeu como raça, abstraindo-se a questão religiosa, por pensar em si próprio, em sua mulher Ilse, née Landau, e em outros que abandonaram a fé judaica convertendo-se ao catolicismo ou ao protestantismo, de onde insistir que mais importante era criar um "national-jüdische Charakter des Judentums",²⁹ esse filosoficamente tão germânico caráter judaico nacional do Judaísmo, de difícil assimilação aos alheios ao problema judaico. Não parece acreditar em um futuro Estado que seja unido pela etnia e a religião. Dúvida do sionismo "mit seinem jüdisch-messianischen Glauben", no que redondamente se enganou. O Estado Judeu af está e abandonou a religião que servira de traço de união a todo um povo, que congregara para sempre uma etnia, mostrando que, no Judaísmo, os milagres são possíveis. É, igualmente, muito parcimonioso no uso de notas, deixando algumas vezes perplexo o seu leitor que fica a matutar onde o autor teria encontrado aqueles dados apresentados. Torna-se profundamente antipático quando põe entre aspas algumas expressões que marcam a tradição do Judaísmo, como "missão judaica", "povo judeu", "patriotismo" e outras, como se duvidasse da sua representatividade efetiva ou como se fossem expressões meramente discursivas. São apenas 266 páginas, mas de uma riqueza que impressiona. Chega a discutir, com evidente pessimismo, a questão do nacionalismo judeu e a língua nacional, pois os judeus, escrevia, precisavam de uma língua e uma cultura que os unisse, porquanto espalhados pela Europa falavam todas as línguas e nenhuma era deles, salvo duas, as que um dia serviram de

168 pontes entre os judeus de várias partes do mundo europeu e norte-africano, o judeu-espanhol e o iídiche, que ele considera, até certo ponto, línguas verdadeiramente judaicas, observando que são faladas pelas duas grandes divisões do Judaísmo, o *spaniolit* (ou judeu-espanhol, ou *sefardi*) e o iídiche.³⁰ Mas duvida que alguma delas tenha força para tornar-se língua nacional do Povo Judeu,³¹ no que realmente tinha razão. Sabe-se, porém, que Herzl, o Pai do Sionismo, ao escrever *Der Judenstaat*, não acreditava no renascimento do hebreu como língua de todo um povo e do Estado que o abrigaria, e chegava a sugerir que o alemão fosse a língua do novo país, enquanto outros defendiam o iídiche como língua nacional. Claro que ninguém pensou no pobre e esquecido judeu-espanhol. Os sefarditas foram sempre esquecidos que Israel renasceu! Oppler também demonstrou espanto ao saber que a língua da Universidade de Jerusalém e grande parte da população era o hebraico e não o iídiche.³² Não é de espantar que assim pensasse o culturalmente assimilado Dr. Jur. Oppler: Theodor Herzl, o Moisés dos tempos modernos, também não acreditava no rebrotar do hebraico e chegara a sugerir a língua alemã para o novo Estado que se fundaria na Palestina, indevidamente povoado pelos árabes. E escreve que Herzl achava que a maneira mais prática de evitar, ou de resolver a Questão Judaica era justamente assimilar o Povo Judeu. Desconhecia que o grande Herzl pensava assim e admito que foi uma surpresa ter encontrado esta informação no livro de Oppler. Todo o livro é uma constante surpresa. E irritação, também. Fala quase com desprezo dos "die sogenannten Negerjuden Abessinians, die Falaschas"³³ sobre os quais acerta o tiro de graça ao dizer que eles não exercem qualquer papel no Judaísmo, "die keine Rolle spielen".³⁴ Caça dos judeus chineses da província de Honan. Essa gente nada tem de judeu, escreve, mas apenas seguem a religião mosaica, como se para chegar a esta não estivesse insita a questão étnica. Separa como poucos a religião do grupo étnico. Jamais havia lido antes, em um autor judeu, tanta referência a mestiçagem, grupo mestiço semítico-ariano, e outras barbaridades quanto li em Oppler e a primeira impressão que o leitor não-judeu tem, lendo a obra, por sinal atraentemente bem escrita, em um alemão que chamaria de forense, é a sua preocupação com a questão racial, o problema étnico, separados da religião. Escrevi acima: é um livro fascinante pela

riqueza de dados, mas para ser lido com muito cuidado e... paciência e compreensão para com os extremismos do autor. Para ele, o judeu é o que tem sangue judeu, mesmo que seja ateu ou de qualquer outra religião. Pensava, repito, na sua própria situação. Por outro lado, ao discutir o que entende por "die jüdische Rasse", em nada se distingue de um daqueles arianistas empedernidos que não acreditavam que existisse gente de qualidade superior se não fosse ariana... É decepcionante, nesta sua visão radical e acanhada, o Juiz Oppler. Ora, quando faz tábula rasa dos pobres *falascas*, desfaz o trabalho generoso e erudito de Wolf Lenau a respeito da origem daquele grupo esquecido de judeus de um passado remoto. É aí que entra a sua irritante divisão, entre judeus confessionais e judeus de sangue. O seu radicalismo é tamanho que não aceita uma denominação que quase todos os povos aceitam facilmente, a de chamar alguém de judeu-brasileiro, judeu-alemão, judeu-francês, judeu-americano etc. Isto não existe, não é possível, mas deve-se dizer alemão de sangue judeu, francês de sangue judeu e assim por diante, ensina, dogmático. Rema contra a maré e se pegasse, por exemplo, algum manual de história literária americana, ficaria vermelho de raiva ao encontrar tantos poetas, teatrólogos, romancistas, tradutores etc. que são indicados como "American-Jew roman writer", ou "American-Jew famous poet". Pobre Dr. Oppler! Tão apegado era à sua Alemanha natal que dela assimilou não apenas a sólida cultura, a disciplina, a seriedade ao abordar temas elevados, como assimilou, igualmente, o seu germanismo. E o mais chocante é que ele repisa o termo ariano, de onde semítico-ariano, que quase sempre choca o judeu. A expressão foi tão pessimamente empregada, que fere ouvidos israelitas. Germânico e germanista trazem conotação menos pesada e pode-se referir a pequenas nações saídas de um tronco comum, ou línguas que essas nações falavam, mas ariano, tal qual a usava o regime nazista, tem conotação desagradável para judeus. Contudo, é invejável, teve coragem de tocar pontos sumamente delicados.

Escreve sobre o que considera a questão judaica e acentua o perigo da assimilação, realmente o pior dos perigos do Povo Judeu e considera que, no sentido mais comum e abrangente da expressão, faz séculos que não existe um povo judeu, pois não possui uma terra, uma língua, uma cultura que seja comum a todos os membros. Insiste na

170 posição confessional do judaísmo, o que é um absurdo e desta forma existe "der mosaischen Religionsgemeinschaft".⁵⁶ Esse Dr. Friedrich Oppler é mesmo um tipo de judeu contestador e paradoxal, o que não deixa de causar estranheza pela sua admirável disciplina intelectual, pela riqueza de dados oferecidos ao leitor, pelo seu indiscutível saber da história, sociologia e antropologia, tendo, porém, destas resvaladas que não deixam de pegar desprevenido o leitor.

— UM LIVRO INQUIETANTE E COM CONCLUSÕES DISCUTÍVEIS

Judenfrage und Welt von Heute é, portanto, um livro inquietante, que demonstra grande erudição, leitura aturada por parte do leitor sério que era Oppler, trechos fascinantes sempre com uma tendência a apresentar conclusões, possivelmente vício de sua profissão judicante, o juiz, o homem que diz a sentença. Livro de temas variados ao discutir o *punctum*, se há, realmente, uma questão judaica e quais os motivos da sua existência. Ao analisar os aspectos que levam à questão, escreve que "die Judenfrage hat nicht in jedem Lande den gleichen Aspekt",⁵⁷ ou seja que ela não apresenta as mesmas características em todas as terras, o que é uma verdade. Repito, livro atraente, bem escrito, quase sem citações nem notas, que não cansa o leitor, mas — eis aqui uma advertência que espero possa ajudar o leitor na sua interpretação da obra do antigo magistrado: é preciso lê-lo com algum cuidado. As suas opiniões, para citar apenas um exemplo, sobre os judeus conversos, tem algo de subversivo e desagradável. É provável que Oppler pensasse no seu próprio caso ao criar conceitos sobre o Judaísmo na sua bifurcação possivelmente mais importante e também mais complicada, raça e religião. Insiste, por exemplo, no aspecto que chama de assimilação, realmente algo que desnatura qualquer tentativa de manutenção de um *ethos* nacional, contudo ele, em alguns passos da sua obra, tende a considerar a língua como fator de identificação da nacionalidade, o que pode ser apenas uma parte dessa identificação. Em seu favor, cita o exemplo da Polônia, onde havia a prevalência do iídiche como língua dos judeus-poloneses, a língua corrente, "Jiddisch als Umgangssprache":⁵⁸ era esta língua que servia de identificador e característica principal da comunidade judaica. "In diesem Lande bildete der nicht des

Polnischen, sondern des Jiddisch als Umgangssprache sich bedienende Hauptteil des Judentums in klarer Weise eine eigene Nationalität...”,²⁸ insiste. O leitor, mormente se é judeu, tem que estar prevenido para não cair nas contradições, como prefiro chamá-las, ou nos constantes paradoxos com que o autor enrique as suas páginas. Se souber vencer e contornar as opiniões de Oppler sobre miscigenação racial, assimilação, dissimilação, povo, nacionalidade, sionismo, judeu completo, meio judeu, judeu assimilado etc., o leitor terá em mãos, lendo este autor, que não hesitaria chamar de polêmico e paradoxal, uma das suas mais sedutoras e cultas explicações do que venha a ser a sempre discutida Questão Judaica, que continuaria com uma Questão Palestina, que, infelizmente, pela cegueira, incultura e radicalismo árabes, persiste ainda, prevista aliás, por Oppler.

O leitor enfronhado nas delicadas e complexas questões do Judaísmo, acostumado a líder com pessoas dessa etnia, deve se sentir confuso com algumas conclusões apresentadas por Oppler, sem saber exatamente aonde ele quer parar. O que é o judeu assimilado? Como fazer a *desassimilação*? É possível a *teshuvah* indiscriminadamente para quaisquer pessoas que possuam lá no perder-se do tempo uma gotícula de sangue semita, “*diesjenigen Menschen jüdischen Bluts*”,²⁹ essa gente de sangue judeu? Se assim for, milhões de brasileiros que se atribuem remotíssimas origens judaicas, dos marranos que para cá vieram, são parte desse contingente judaico e ajudarão a engrossar as estatísticas populacionais dos israelitas pelo mundo. E maior ainda será a proporção nos Estados Unidos, onde existem milhares, talvez milhões de judeus de primeira e segunda geração, descendentes dos judeus fugidos da Rússia, da Alemanha, da Europa Central e, nas últimas décadas, do Mundo Árabe e do Norte africano. Uma das perguntas culturais mais difíceis do mundo seria esta: quem é judeu? Ou: Como definir quem é judeu?

— À GUIA DE CONCLUSÃO

Pondo fecho: *Judenfrage und Welt von Heute* é uma obra que se prestaria excelentemente para teses doutorais de vários aspectos do Judaísmo. É também um livro que precisa ser lido com muito cuidado, ou

172 como dizemos no Brasil, sempre com um pé atrás. Enleador e rico, em que muitíssimos temas da judeidade são tocados, nem sempre com profundidade, como seria de esperar de uma obra séria e um autor reconhecidamente sério nas suas convicções, contudo com muita coragem de os abordar. O autor não receia ferir nem desgostar. Diz o que pensa, inclusive, usando das abusivas aspas que, algumas vezes, ferem a sensibilidade do leitor, em especial se ele é judeu. Friedrich Oppler solta nas páginas do livro as perguntas de como encarara a Questão Judaica ou quem é judeu. Infelizmente, só faz semear as dúvidas, o que, temos de convir, é já muito importante.

Deixa em branco as respostas, mesmo porque, acredito, ninguém o fará em pouco mais de duzentas páginas. Antes dele, muita gente vem tentando explicar o fenômeno Judeu e a grande questão que subjaz, e muitos outros depois dele ainda o discutirão sem que nenhum chegue a qualquer explicação plausível e aceitável. Não é nada fácil. Uma coisa, porém, é certo: Friedrich Oppler soube agitar o tema em muitos de seus aspectos. Em algumas análises, temos de convir, saiu-se bem; em outras, fracassou redondamente. Elevou a questão raça, religião, assimilação, mestiçagem a pontos altamente discutíveis, fazendo-o de modo que me soa radical demais para delicadeza de que se revestem estes aspectos do Judaísmo. Homem culto, deve ter lido muito para escrever com tanta segurança. É claro, também, que apresenta alguns dados altamente defasados e menospreza outros. Faz *tábula rasa* de aspectos do Judaísmo que soem ser olhados com curiosidade científica e uma certa compreensão cultural e até sentimentos, como o dos *falashas*, da Etiópia, e os judeus de Hunan. Que diria ele se soubesse das investigações de antropólogos que encontraram através de DNA vestígios de uma distante origem judaica em tribos de Uganda, na África, e em tribos mexicanas?! Nem me atrevo a pensar!... O aspecto religião, que chama, insistentemente, de judaísmo confessional, merece pouca atenção do Dr. Oppler, mais interessado no item raça e mestiçagem. Nota-se-lhe, contudo, imenso orgulho das suas origens, do que ele chama de seu sangue judeu, inclusive dos judeus mestiços. Teve sangue judeu, ele considera de imediato, o que parece recusar é o judaísmo pela religião. Judeu letrado, sério nas suas abordagens, frio, objetivo e politicamente incorreto, ao escrever *Judenfrage und Welt von Heu-*

te, faz vibrar em cada página a sua visão cultural e sociológica alemã. Não estou a ser cruel e injusto se o chamo de crítico impiedoso de fenômenos socioantropológicos como adaptabilidade, assimilação e mestiçagem de um grupo étnico a viver em terras que não as suas. Expede algumas opiniões que chegam a soar antipáticas, como salientei no correr das poucas páginas deste artigo desprezioso. Se é verdade que nos retratamos naquilo que escrevemos, posso inferir da leitura atenta das 266 páginas do seu livro, que o Dr. Friedrich Oppler devia ser, no trato pessoal, uma pessoa difícil, dessas que a pessoa, nos contatos, tem que manter toda a cautela para o não contradizer ou sequer fazer familiar. Bater de frente, nem pensar. A sua visão do Judaísmo é em extremo severa, de escasso sentimentalismo e Oppler, muito duro ao defender as suas ideias. O livro possui aspectos negligenciados que lhe prejudicam a leitura como texto com pretensões científicas: nomes de povos ou de pessoas grafados de maneira hesitante, por exemplo, escreve ora *Boukhara*, ora *Buhara*, *Buchara*, a repetição por vezes abusiva das expressões "mosaischen Glaubens" e "jüdisch-arische Mischehen", e de expressões ainda mais divisoras como "jüdischen Religionsgemeinschaft", "Menschen jüdischer Rasse", "Menschen jüdischen Bluts"; deste pouco simpático "Halbjuden"; do uso de aspas, já salientado em outra parte deste estudo, e outras pequenas falhas metodológicas. É muito parco de notas e comentários de pé de página ou em fim de capítulo e não traz anexos de documentos que poderiam esclarecer de onde foram tiradas certas estatísticas que ele apresenta sobre os judeus na Europa, nem bibliografia dos livros que lhe serviram de suporte. O leitor fica a ver navios quando se pergunta: Onde o autor conseguiu estes dados? Que autor antes dele escreveu sobre este ou aquele fato? Devidamente corrigido, seria uma excelente e ousada tese doutoral.

Não se pode dizer que o autor tenha logrado explicar de modo cabal o que se entende por questão judaica e como será resolvida, o que é o judeu e quem poderá ser considerado sob os diversos aspectos apresentados pelo Dr. Oppler um judeu sem assimilação, ou segundo a sua expressão, um "nicht assimilierte Jude" ou um "semitisch-arische Msichgruppe", ou o que são os judeus de "mosaischen Glaubens". Confesso, humildemente, a minha impotência ante a dificuldade de tentar uma definição que satisfaça por completo a quem lê e se debruça

174 sobre a questão. Nem acredito que o Dr. Oppler tenha logrado explicá-la cabalmente, ainda que houvesse ventilado alguns aspectos dignos de atenção e passíveis de despertar curiosidade em outros investigadores do problema. Apresso-me em dizer que não critico a posição do Dr. Friedrich Oppler, bastante diferente da de humanistas judeus seus contemporâneos ou posteriores. Não, não no critico, apenas surpreendo-me com determinadas posturas que me parecem uma contradição ao louvado humanismo do Povo Hebreu, que compreendeu o homem em toda a sua miséria, possivelmente bem acima dos gregos e dos romanos nos seus tempos, que vem pelos séculos em fora, mantendo essa postura generosa, humana, solidária, esmo quando se fecha em seus guetos culturais, religiosos e étnicos. A posição do Juiz Oppler, além de aspectos altamente contraditórios, não chega a apresentar ao leitor aquilo que tanto se espera de um representante de Israel: a *com-prehensio*, pela qual se tornaria o mais humano de todos os povos e aquele para quem o homem não é apenas a criação de Deus, mas a sua mais bem acabada obra, ao mesmo tempo imperfeita e passível de perfeição, que pisa a lama do chão com os olhos voltados para as estrelas, que ser judeu é justamente isto: pisar na terra onde vive, levantados os olhos para os céus. Admiro e respeito a obra preñhe de erudição e coragem do Dr. Friedrich Oppler e acredito mesmo que *Judenfrage und Welt von Heute* é uma obra que veio para ficar e que sempre será lembrada e reverenciada enquanto existir a língua alemã, apesar de pontos que merecem contestação e que fogem aos sábios e humanos princípios do Judaísmo. Precisa o leitor levar em conta o drama pessoal que viveu o autor, a sua fuga de uma Alemanha culta e refinada que ele tanto amava; a vida incerta em outros lugares; os problemas étnico-político-religiosos que teve que enfrentar; o mundo de desaprovação à sua terra de nascimento e duas reconstruções, a da Alemanha nativa e a de um Israel redivivo. E digo mais ainda, sem que haja nas minhas palavras, de resto desapaixonadas, qualquer arrogância, que bem poucos lograrão dar uma compreensível explicação para esta sempre repisada e enigmática *Judenfrage*, partindo dos conceitos apresentados pelo antigo juiz berlinense. Que objetividade poderá haver se os antropólogos, sociólogos e historiadores da Cultura encontram dificuldades e mil respostas, nenhuma delas podendo jactar-se de ser in-

teiramente objetiva? O assunto é complexo e vem surpreendendo os mais argutos e talentosos antropólogos, sociólogos, politólogos, juristas, linguistas, filósofos, escritores. Cada um parece estar mais interessado em apresentá-lo do seu prisma, deixando de lado o do seu vizinho, quanto a questão exigiria uma visão de conjunto e, sobretudo, inteiramente desapaixonado, o que jamais acontece, pois tudo o que é judaico, sempre, ou quase sempre, desperta paixões.

Está fadado a ser um dos enigmas culturais mais intrincados e ainda por muito tempo sem uma resposta plausível. É a Esfinge a desafiar novos Édipos!

— REFERÊNCIAS

BORBA, Osório. *A Comédia Literária*. 2ª ed. Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira. Rio de Janeiro/Bahia: Livraria Civilização Brasileira, 1959.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in Brasilien*. Francforte-sobre-o-Meno: Lang, 1992.

NETTO, Coelho. *A Conquista*. Segunda edição. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1913.

OPPLER, Friedrich. *Judenfrage und Welt von Heute*. Rio de Janeiro: Agir, 1948.
_____. *Das falsche Tabu. Betrachtungen über das deutsch-jüdische Problem*. Stuttgart: Seewald, 1966.

ROCHELLE, Pierre Dricu la. *Histoires déplorables*. Journal d'un délicat - La Duchesse de Friedland - L'Agent double - Le souper de réveil - L'Intermède romain. Paris: Gallimard, 1963.

STERN, Desider. *Werke jüdischer Autoren deutscher Sprache*. Eine Bio-Bibliographie. Hamburgo: B'nai B'rith Buchausstellung, 1970.

WASSERMANN, Jakob. *Deutsche Charaktere und Begebenheiten*. Gesammelt und herausgegeben von. S. Fischer, Verlag, 1915.

— NOTAS

1. Oppler, Friedrich. *Judenfrage und Welt von Heute*. Rio de Janeiro: Agir, 1948. Trata-se de uma feia e quase artesanal edição, em papel-jornal, que

teve a edição em língua portuguesa surgida pela mesma ocasião, como se lê em nota na folha de rosto ("Die portugiesische Übersetzung dieses Buch erschien im gleichen Verlag "Agir", Rio de Janeiro"). Note-se, porém, que a tradução portuguesa, feita possivelmente pelo próprio autor com a ajuda de Reginaldo Sant'Anna, tem o título ligeiramente alterado para Os Judeus e o Mundo de Hoje, ou seja, omite o principal, que era a questão judaica, bem mais elucidativo do seu conteúdo...

2. Vide: Wassermann, Jakob. Deutsche Charaktere und Begebenheiten. Gesammelt und herausgegeben von. Berlin: S. Fischer, Verlag, 1915. 287p.
3. Trata-se do hebreu clássico ou litúrgico, a Língua Santa, o hebraico clássico.
4. Op. cit., p. 13.
5. Escreve Desider Stern no seu Werke jüdischer Autoren deutscher Sprache. Eine Bio-Bibliographie. 3a. ed. Munique: Buchausstellung des B'nai B'rith, 19710: "... 2. August 1942 Verhaftung durch SS Offiziere, kam in das KZ Auschwitz und starb dort inmitten ihres jüdischen Volkes einen grausamen, namenlosen Tod, wie ihre Millionen Brüder und Schwestern" - op. cit., p. 338. Esses gestos dolorosos de adesionismo, que muitas vez escondem covardia moral ou oportunismo, são, quase sempre, inócuos, quando não perversamente castigados, como no caso da brilhante e virtuosa Edith Stein, quem, infelizmente, renegou as suas origens e teve um fim doloroso que não merecia. Ela escreveria, no fim, um livro no qual narra as suas angústias e por que se convertera ao catolicismo. É o seu Aus dem Leben einer jüdischen Familie. Selbstbiographie, em dois volumes, cujo primeiro tem um título que me parece falso e uma apalinódia, Der Aufstieg zur Wahrheit, como se somente no catolicismo houvesse essa ascensão para a verdade.
6. É o retorno ao Judaísmo por parte de conversos, pessoas que descobrem suas origens judias, ou simplesmente alguém que, sendo judeu, ficou afastado por algum tempo da comunidade e da grei, deixando de frequentar a sinagoga e praticar os ritos religiosos.
7. Netto, Coelho. A Conquista. Segunda edição. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1913. 438p. Em algumas passagens do romance, a excessiva familiaridade entre os boêmios, a escassez de água para o asseio corporal, o empréstimo de sapatos e camisas entre os companheiros de "república" ou das casas de pensão, temas de convir, tudo isto causa um pouco de engulho no leitor. E a promiscuidade, então... E as exagerações, os planos mirabolante de vitória nas Letras, de casamentos vantajosos com belas cariocas,

tudo isto mostrava um País que queria ser refinado e “parisiense”, mas que não perdera ainda o seu quê de provincial! Quem quiser que o diga, lendo essa obra-prima do exagero coelhonefiano...

8. Borba, Osório. *A Comédia Literária*. 2a. ed. Coleção Vera Cruz - Literatura Brasileira. Rio de Janeiro/Bahia: Editora Civilização Brasileira, 1959
9. *Op. cit.*, p. 16.
10. *Ibidem*, p. 16.
11. O mesmo Borba tem estas palavras candentes a respeito da conhecida improvisação brasileira, até hoje persistente e medrando em todas as esferas da vida político-cultural do País: “O Brasil é, modéstia à parte, o país da improvisação, do êxito fácil, da publicidade ao alcance de todas as vaidades e ambições, o paraíso da impostura e do cabotinismo. Também nesse terreno, plantando tudo daí”, p. 32. *Grifos meus*. Santo Deus! Malgrado estas palavras tenham sido ditas faz mais de meio século, aplicar-se-iam perfeitamente e cairiam como luvas para a nossa atual situação, em que um grupelho de analfabetos corruptos e cínicos, se encarapitou no Poder e tudo improvisa, desde discursos bombásticos e ridículos, até estatísticas mentirosas, que quase duzentos e cinco milhões de brasileiros engolem, diariamente, manipulados por uma mídia tendenciosa e vendida!
12. *Oppler, Friedrich*. Das falsche Tabu. Betrachtungen über das deutsch-jüdische Problem. Stuttgart: Seewald, 1966.
13. *Stern, Desider*. Werke jüdischer Autoren deutscher Sprache. Eine Bio-Bibliographie. Vide nota em outra parte deste artigo.
14. *Kestler, Izabela Maria Furtado*. Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller um Publizisten in Brasilien. *Frankfortesobre-o-Meno: Lang*, 1992. Não conheço esta obra, mas, pelo longo título é fácil imaginar-se, desde logo, que se trata de trabalho acadêmico. Foi a tese de doutorado realizada na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, e a autora era uma das mais ilustres professoras de alemão na Universidade brasileira. Nascida no Rio de Janeiro, em 20 de junho 1959, viveu quatro anos, de 1989 a 1993, entre Fraiburgo, Bona e Estutgarda, morrendo no acidente da Air-France, voo 447, no dia 1º de junho de 2009. Era professora de Germanística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não posso avaliar da sua importância no conjunto, nem sobre o quê a autora escreve a respeito do Dr. Oppler. Cito-a apenas para mostrar o quê existe sobre a vida deste jurista em sua passagem pelo Brasil. O trabalho da Dra Furtado Kes-

tlar é, acredito mesmo, dos raros sobre o tema já escritos por um investigador brasileiro. Estava a merecer estudos e uma tradução, com acréscimos e comentários.

15. Cito, en passant, apenas uns rápidos exemplos: Joseph Roth poderia ter escrito os seus magníficos romances (Hiob. Roman eines einfachen Mannes, Die Flucht ohne Ende), em polonês ou em iídiche, mas preferiu fazê-lo em alemão, por sinal, é visto como excelente estilista da língua; Elias Canetti, prêmio Nobel, poderia ter escrito os seus belos livros de memórias e os romances em húngaro ou judeu espanhol, mas escreveu-os em alemão; e, como estes, citados de cabeça ao correr da pena, muitos outros. A beleza e plasticidade da língua alemã seduzia-os como estetas consumados. Ou era o fascínio da Kultur alemã... Raros os que saídos desse meio influenciado pela cultura alemã, ou falantes de iídiche, que escreviam em polonês como Jerzy Kosiński, que também escreveu em inglês com igual fluência e elegância. Uma trans-migração linguística em prol de uma Cultural!
16. Op. cit., p. 39.
17. Escreve: "Die weit überwiegende Mehrheit des heutigen Judentums bilden die sogenannten aschkenasischen Juden", p. 39.
18. Op. cit., p. 162.
19. Ibidem, p. 228.
20. Escreve: "Die Muttersprache der osteuropäischen Juden ist zwar grösstenteils eine von dem Landesidiom abweichende Sprache, nämlich das 'jiddisch', das dem Mittelhochdeutschen des 14. und 15. Jahrhunderts entspricht, jedoch stark mit hebräischen und slavischen Worten durchsetzt ist. Die Muttersprache eines grossen Teils der Juden des Balkans ist gleichfalls eine eigene aus dem mittelalterlichen Spanisch stammende Sprache, das 'Spaniolisch', p. 110.
21. Tem palavras certas que merecem reflexão do leitor interessado no assunto: "Aber es wäre natürlich unmöglich, das jiddisch oder das wieder garz andere Spaniolisch etwa als die Volkssprache oder die Volkssprachen der jüdischen Gesamtheit zu bezeichnen, Sprachen, die ja eben nur Teile von ihr sprechen, und die für andere Teile Fremdsprachen sind", p. 110 usque 111.
22. Ele escreve: "Die Sprache der jüdischen Amtsstellen, die Unterrichtssprache in den jüdischen Schulen und an der Jerusalemer Universität, zu seinem grossen Teil die Umgangssprache der jüdischen Bevölkerung überhaupt, ist nicht jiddisch, das die aus dem europäischen Osten stammende Mehrheit der ju-

dischen Einwanderer sprach, sondern das in Palästina zu neuem Leben erwachte Hebräisch", p. 178.

23. *Ibidem*, p. 79.
24. *Ibidem*, p. 79.
25. *Ibidem*, p. 257.
26. *Ibidem*, p. 214.
27. *Op. cit.*, p. 215.
28. *Ibidem*, p. 215.
29. *Ibidem*, p. 213.





— Fios & tecedura da rede de conhecimento no PPGE/Ufam

ROSA MENDONÇA DE BRITO

Para demonstrar a caminhada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) nos seus 31 anos de criação e 30 de atuação, vamos compará-la, simbolicamente, ao tecimento ou tecedura de uma rede que, diferente de uma teia que é construída com fios incolores e junções contínuas e de forma pré-determinada por uma espécie, a rede por ser tecida pelo homem em função de necessidades ou gostos é construída com fios de sustentação longitudinais e transversais, em ambos os casos, predominantemente multicores.

Tanto na tecedura inicial da rede de conhecimentos do PPGE quanto na sua continuidade se fez necessário juntar e entrelaçar fios, fazer e desfazer nós, ou seja, construir e desconstruir caminhos, estruturas, posturas e currículos. O fio inicial que deu origem à construção do curso de mestrado foi apresentado à comunidade acadêmica em 1985, pelo professor Jorge Karan Neto, então diretor da Faculdade de Educação da Ufam. A ele foram agregados, a partir de então, três outros fios com texturas e coloridos distintos trazidos pela professora Mirian Trindade Guerret, professores Luiz Francelino Pereira (falecido), Raimundo Martins Ferreira e Paulo Renan Gomes da Silva, organizadores da primeira proposta do curso. Em seguida, e ainda em 1985, juntaram-se a eles os fios levados por mim, Rosa Brito, e João Renor.

Com os conhecimentos e experiências diversas trazidos pelos professores, os primeiros fios foram estendidos para possibilitar o início, ainda em 1985, da construção da rede. Os primeiros momentos de exposição dos fios ocorreram nos estudos e discussões desenvolvidos na feita da proposta de estrutura do curso de mestrado. Concluída em 1986 e encaminhada às instâncias competentes da Universidade do Ama-

zonas, hoje Universidade Federal do Amazonas – Ufam e receber aprovação, foi apresentada e aprovada pelo Conselho de sub-reitores para assuntos de pós-graduação da Capes, em reunião realizada em Belém do Pará, nos dias 8 e 9 de maio de 1986.

Com a aprovação da proposta se fazia necessário estruturar o projeto definitivo para ser submetido às instâncias superiores da UA e ao GT/CAPES/MEC, o que foi feito ainda em 1986. Com a aprovação do projeto nas instâncias da Universidade e o envio do mesmo para a Capes, foi realizada, em 1987, a primeira seleção e, nesse mesmo ano, o curso foi iniciado com os 12 candidatos aprovados, que traziam consigo os doze primeiros fios multicores transversais para a tecedura da rede: Antônio Carlos Maciel, Arminda Rachel Botelho Mourão, Cecília Maria Rodrigues de Souza, Débora Rebelo Gomes, Dulcinéia Fonseca de Lima, Francinete Massulo Corrêa, Márcia Maria Montenegro da Costa, Maria das Graças Freitas Castro, Maria de Lurdes Hawatt, Maria Derci Berwanger Franco de Sá, Maria Luiza Neto Siqueira e Nely Falcão.

Mas, para que o curso obtivesse êxito seria necessário que novos fios longitudinais trazidos por professores fossem agregados aos já existentes. Para isso, a coordenação foi em busca e conseguiu os fios colaborativos de: Erlete Malveira, François Grenand, Garcilenil do Lago e Silva (falecida), Pierre Grenand, José Enos Rodrigues, Valdete da Luz Carneiro, Valéria Weigel e Jamil Cury – isto, até 1990.

Apesar do projeto do curso ter sido enviado à Capes/MEC em 1986, o Parecer sobre o seu reconhecimento e credenciamento só foi encaminhado ao curso em 1989. Nele, é ressaltada a sua importância dizendo que o mesmo abriria “oportunidades mais viáveis de estudos desse nível para docentes e pesquisadores, hoje forçados a se deslocarem para centros distantes de sua região de trabalho” e, também, porque expressava “uma vontade de dar ao curso uma vocação regional”, ou seja, porque voltado para estudo da problemática da região amazônica. Mas, ao cabo e ao final, não indica o reconhecimento e nem o credenciamento, mas sugere a reformulação da sua estrutura curricular. A nova proposta de currículo foi enviada à Capes ainda em 1989, mas também não possibilitou o reconhecimento ou o credenciamento, ao contrário, indicou que o seu funcionamento era problemático.

Entre os muitos fios transversais que possibilitaram a tecedura da rede de conhecimentos no PPGE/Ufam estão, além dos já referidos acima, muitos outros apresentados pelas turmas seguintes, entre eles os das professoras: Maria das Graças Pinheiro, Irecê Barbosa, Maria Eulália Martins, Jucelem Belchior Ramos, Maria Matilde Hosannah, Tereza Trindade, Alice Regis, Antonia Silva de Lima, Joelise Mascarello, Márcia Perales, Rosa Helena, Maria Almerinda, Maria de Nazaré Corrêa, Ângela Augusta Alencar, Maria Eliane Miranda, Ana Maria Bitencourt, Maria Emília de Oliveira P. Abbud, Iraíldes Caldas Torres, Terezinha Borges de Araújo, Denize Picolotto, Nair Chase da Silva, Maria Marly de Oliveira Coelho, Eloisa da Silva Borges, Ana Cristina Martins, Cinara da Silva Cardoso, Elenir da Conceição Nicácio, Âgida Maria Cavalcante; e os professores: Antônio Carlos Maciel, Rosenir de Souza Lira, Jorge Gregório, Vitângelo Plantamura, Rubens Castro, Amecy Bentes de Souza, Calisto Pereira Cavalcante, José Alcimar de Oliveira, Ewerton Helder Bentes de Castro, Robert Langlandy Lira Rosas, Evandro Ghedin, Wagner Piva, Harald Sá Peixoto, José Frota Pereira, Roberto Mubarak Sobrinho, Alderi Alves de Oliveira, Arone do Nascimento Bentes, Luís Sandro Baçal de Oliveira, Oziris Alves Guimarães, Luís Sérgio Castro de Almeida etc.

A partir de 1992 foram integrados à rede de conhecimentos do programa outros fios longitudinais colaborativos dos professores Bruce Osborne, Odenildo Sena, Luiz Irapuan Pinheiro, Admilton Salazar, João Pinheiro Salazar (falecido), Neide Gondim, Rosana Parente, Maria do Socorro Santiago, Solange Gallo, Marilene Corrêa, Evandro Cantanhede e Thomé Eliziário.

Na continuidade do programa, também a continuidade da construção da rede agregando e substituindo fios, tantos longitudinais quanto transversais, fazendo e desfazendo nós a fim de conseguir o reconhecimento e o credenciamento. Após várias negativas e o resultado da avaliação do biênio 92/93, foi sugerida a visita de um avaliador da Capes. Com as orientações advindas da visita do Dr. Osmar Fávero em 1994, a coordenação enviou à Capes uma exposição de motivos elaborada por mim, Rosa Brito, e o professor Admilton Pinheiro Salazar, que teve como resultado o credenciamento e o reconhecimento do curso com conceito C+, em 1995. Naquele momento, os diplomas dos mestres puderam ser expedidos e uma grande festa foi realizada.

Contudo, o reconhecimento e o credenciamento não teriam o condão de eliminar todas as dificuldades. Na avaliação do biênio 94/95 e no Relatório da nova visita do Dr. Osmar Fávero, foram apontados vários problemas considerados graves, entre eles o número reduzido de fios longitudinais (professores), decorrente de aposentadorias e da criação do mestrado em Letras no ICHL (apenas três fios permanentes e três colaborativos permaneceram no Programa); fluxo dos fios transversais (alunos) muito baixo; publicações dos professores sem vínculo com a área. Essa situação foi agravada com a criação do curso de doutorado, ainda em 1995.

Mesmo sabendo que a construção da rede não estava consolidada, ao contrário, apresentava bastantes falhas, em 1995, apesar da discordância de alguns professores, a professora Mirian Garret, coordenadora do programa, apresentou e aprovou através das Resoluções nº 003/95/Consepe e 017/95/Consuni, um Projeto que transformava o curso de Pós-Graduação em Educação em nível de mestrado, em Programa de Pós-Graduação em Educação em dois níveis: mestrado e doutorado. Apesar de aprovado nas instâncias superiores da Universidade, o Projeto não foi submetido à Capes para reconhecimento – e se tivesse sido remetido, não seria aprovado, por conta da situação em que se encontrava.

Apesar disso, a seleção de candidatos ao doutorado foi realizada e o curso iniciado em 1996, com sete alunos aprovados: Heloisa Lara Campos, Ierecê Barbosa, Jorge Gregório, Jucelem Guimarães, Leda Brasil, Marlene Guedes e Vitângelo Plantamura. Os doutorandos concluíram os créditos com excelência, mas não seria possível a continuidade no curso, em virtude da não aprovação junto à Capes. Para solucionar o problema e possibilitar que os mesmos terminassem seus estudos, foi realizado, após muitas idas e vindas, um intercâmbio com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde quatro deles concluíram o curso, uma outra encaminhou-se para o Inpa, outra para a USP e outra preferiu adiar os estudos. Nenhuma outra seleção foi realizada e em 1998, ano de crise profunda do Programa com a obtenção da nota 1 (um) junto à Capes, o curso foi suspenso.

De 1992 a 2001, decorrente especialmente da chegada de novos doutores, passaram a formar o corpo docente, reforçando os fios longi-

186 tudinais, entre outros: Walmir Albuquerque, Lucíola Inês, Lourival Holanda, Ernesto Renan, Isis Martins, Raul Ortiz, Carlos Rojas, Rosa Helena, Alair dos Anjos, Aristonildo Nascimento (falecido), Valéria Weigel, Ana Alcídia, Aldenice Bezerra, Jorge Gregório (falecido), Maria das Graças Sá Peixoto e Nídia Sá.

É preciso ressaltar que a ascensão do programa, considerado em 1998 “no limite de sua sobrevivência”, conforme avaliação da Capes ao atribuir-lhe nota 1 (um), alcançando em 2000 nota 3 (três), num lapso de apenas dois anos e quatro meses (agosto de 98 a dezembro de 2000), deu-se em função do entrelaçamento dos fios longitudinais e transversais, de forma consistente e segura, do colegiado do curso, dos discentes, da direção da Faculdade e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, de cujo trabalho resultaram o recredenciamento e a própria sobrevivência do mestrado em Educação.

A partir de 2010, a rede seria ampliada para dar suporte ao curso de doutorado elaborado a partir de discussões no colegiado, com a coordenação de Rosa Helena, Lucíola Inês, Silvério Bahia Horta, Armin da Mourão e Ana Alcídia, entre outros. O curso foi aprovado nas instâncias competentes da Ufam e encaminhado à Capes. Ao receber a autorização para funcionar realizou, ainda em 2010, seleção para o funcionamento da primeira turma. Naquele momento, mais que nunca, se fazia necessário que novos fios e novos nós de segurança fossem agregados à rede.

Hoje, aos 31 anos de existência, os fios longitudinais de sustentação da rede, que têm e sempre teve como extremos o PPGE/Ufam e a Capes/MEC, vêm das mãos operosas de Arminda Mourão, Aldenice Bezerra, Cláudio Gomes, Elizandra Garcia, Evandro Ghedin, Fabiane Maia, Eloisa Borges, Iolete Ribeiro, João Luiz da Costa, João Otacílio dos Santos, Luís Carlos Cerquinho de Brito, Lúcio Fernandes, Maria Almerinda, Maria das Graças Sá Peixoto, Michel Bissoli, Nídia Maciel, Pérsida Miki, Rosa Brito, Selma Baçal, Silvia Cristina, Suely Aparecida, Valéria Weigel, Wania Fernandes, Zcina Thomé. Os fios transversais, também multicores, são ofertados pelos mestrandos e doutorandos que ainda estão ligados ao Programa.

É necessário não esquecer que o PPGE continua a ser o único programa que contribui com a titulação em nível de mestrado e douto-

rado em Educação no Estado do Amazonas. Ao longo dos 31 anos de sua caminhada no tempo, apesar de todos os percalços, teceu uma rede de conhecimentos entrelaçando, além dos fios longitudinais trazidos pelos professores, mais de 430 fios transversais ofertados pelos mestrandos e mais de 30 pelos doutorandos. Até o momento já concedeu 418 títulos de mestre e 17 de doutor.

Uma rede com essa tecedura precisa ser reconhecida e considerada. Precisa, também, que todos os comprometidos com o seu desenvolvimento e manutenção, contribuam de forma efetiva com fios cada vez mais fortes e coloridos, para que a sua construção/reconstrução constante possibilite continuar atendendo à sociedade em geral e à comunidade educativa em particular, fortalecendo intelectualmente o Amazonas, a Ufam e a Faced.

— *Mar morto: Eros e Thanatos no cais da Bahia*¹

ZEMARIA PINTO

Mar morto é o romance de Jorge Amado que mais se aproxima da poesia. De Mário de Andrade a Raul Bopp, de Gilberto Amado a Ferreira de Castro, a recepção crítica do livro não economiza nos encômios: “que delicioso lirismo!”, “parindo poesia por todo lado”; “dos mais altos momentos da poesia em nossa terra”; “perpassa por todo o livro um poeta: um poeta que sabe extrair dos seres e das coisas um lirismo espontâneo” (Martins, 1961, p. 130-149). A comparação com José de Alencar – especialmente, com *Iracema* – também se faz notar em vários críticos: “Iracema à 36”; “revivescência do Alencar de *Iracema*”; “Como José de Alencar, que fez de *Iracema* um grande poema da terra, Jorge Amado acaba de poetizar a vida do mar em *Mar morto*” (Martins, 1961, p. 130-149).

Eduardo Portella, olhando não o livro, mas a obra do autor, assinala:

Jorge Amado é, como José de Alencar, um dos dois exemplos mais consumados de escritores estruturalmente líricos de que dispõe a nossa história literária. Desde a cosmovisão, até o empreendimento arquitetural, até o próprio dicionário de que se serve, observa-se a presença imperturbável e categorizada do lírico (1961, p. 18).

Mas se a narrativa é lírica, o desfecho do romance é direcionado para a tragédia inevitável, antecipada inúmeras vezes pelo narrador:

Porque eles, o marinheiro e a mulher morena, eram familiares do mar e bem sabiam que se a noite chegara antes da hora muitos homens morreriam no mar, navios não terminariam sua rota, mulheres viúvas chorariam sobre a cabeça dos filhos pequeninos (Amado, s/d, p. 8).²

1. Este texto – tema de uma palestra apresentada no auditório Rio Solimões (ICML/Ufam), em 25/10/2012, em seminário comemorativo dos cem anos do autor – é uma revisão condensada do ensaio de minha autoria indicado nas Referências (PINTO, 2000, p. 89-121).

2. Todas as citações do texto de *Mar morto* são tiradas do mesmo volume, registrado nas Referências. Deste ponto em diante, anotarei apenas as páginas.

Trazia bem pouca coisa da sua infância de filho do mar, cujo destino já estava traçado pelo destino do pai, do tio, dos companheiros, de todos que o rodeavam naquela beira de cais: seu destino era o mar e era um destino heroico (p. 32). 189

Um marítimo deve ser livre, diz o velho Francisco, diz a canção, dizem os fatos diários. Livre não para amar, para viver mais largamente. Porém livre para morrer, para celebrar suas núpcias com Iemanjá, a dona do mar. Livre para morrer, que é para a morte que eles vivem, morte tão próxima, tão certa que nem é esperada, nem se preocupam com ela (p. 91).

Guma, o protagonista, comete uma falha e por ela consome-se até a morte, consumando a tragédia. Mas essa estrutura é apenas o veículo para o determinismo que caracteriza a narrativa, o que nos leva a classificar o romance, didaticamente, como neonaturalista. A queda de Guma é motivada pelo seu instinto de macho, que desrespeita a amizade e o amor, além de se deixar cooptar, com promessas de dinheiro fácil, pelo crime organizado do cais, do qual ele era mero fantoche. Há nele, além de um determinismo fatalista, a certeza da morte prematura, um comportamento instintivo, típico das personagens naturalistas. Convivem na mesma personagem o moço bondoso, que arrisca a própria vida para salvar a de um semelhante, e o canalha, capaz de fazer sexo com a mulher de seu melhor amigo na sala de casa, enquanto a esposa, doente, dorme no quarto ao lado. Esta é a forma como o autor humaniza sua criação. Guma é apenas um homem comum do cais da Bahia. Nada mais.

É importante lembrar que Jorge Amado aparece, com *País do Carnaval*, aos 19 anos, apenas três anos após *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, haver inaugurado o ciclo do "regionalismo modernista", uma denominação insatisfatória para classificar autores do porte de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e o gaúcho Érico Veríssimo. O adjetivo era necessário para que a nova literatura "regionalista" não fosse confundida com o regionalismo romântico ou com o regionalismo realista-naturalista, já ultrapassados.

O novo regionalismo não vê mais o homem como mero produto do meio em que vive, um animal acuado pela miséria física e espiritual,

190 como no Naturalismo. O novo regionalismo vê o homem como produto das condições históricas e sociais e, o mais importante, o vê como o agente transformador dessas condições. O novo regionalismo é o velho Naturalismo, devidamente reciclado: Neonaturalismo.

Neste ponto, vale salientar que *Mar morto* é um romance falsamente despolitizado, sem qualquer referência ao Partido Comunista, no qual Jorge Amado militava, clandestinamente; há apenas a lembrança de uma greve de estivadores, quando um deles, fugindo, foi levado pelo autônomo Guma. Da mesma forma, a banalizada luta de classes, opondo, de modo maniqueísta, patrões e trabalhadores, é apenas sugerida, aqui e ali, pelo narrador.

Não é a ausência de marxismo militante que faz a qualidade inegável de Mar morto, mas essa ausência prova que o marxismo não é necessário para o sucesso de um romance de Jorge Amado fora do Brasil (Roche, 1988, p. 82).

A apologia a Besouro, no capítulo "Viscondes, Condes, Marqueses e Besouro", é a passagem mais "politizada" de toda a narrativa, contrapondo às classes dominantes, representadas pelos títulos de nobreza, a figura mítica do herói popular. Sem qualquer proselitismo, *Mar morto* denuncia a vida miserável do cais da Bahia, de maneira contundente. A presença da morte é mais marcante e avassaladora que a presença do amor, em toda a narrativa. Eros e Thanatos confundem-se com Janaina, que protege os marinheiros, mas também os leva para as "terras do sem fim".

Personagens estranhas àquele microuniverso, o médico Rodrigo e a professora Dulce nele se inserem como agentes catalisadores, mais que meras testemunhas do mundo exterior - ambos tão próximos, a ponto de se chegar a insinuar um romance entre eles, porém com visões antagônicas: Rodrigo é cético, prático e objetivo; Dulce é sonhadora e idealista. Poeta, embora confessadamente medíocre, Rodrigo representa a classe média associada ao proletariado do cais. Suas ações são sempre dignas e altruístas, mesmo quando faz abortos nas mulheres do cais. "É justo que muitas delas não queiram mais ter filhos" (p. 126), ele justifica, antecipando em mais de meio século uma discussão ainda hoje não resolvida. Profundamente religiosa, Dulce espera que acon-

teça um milagre para transformar a vida daquele povo, um milagre que “virá assim, de repente, como uma tempestade” (p. 35). Ela mesma não sabe o que é esse milagre que mudará a vida da gente do cais. Esse milagre, paradoxalmente, é uma metáfora da própria luta do povo, da resistência contra o destino previamente traçado, resultado das más condições de vida e de trabalho. *Mar morto* é a narrativa dessa luta, que é essencialmente política, sem nunca o afirmar.

Na relação entre o médico e a professora, enquanto Eros adormece, Thanatos deixa atrás de si um rastro de vítimas, frutos daquela vida miserável que os dois profissionais, com paixão amadora, combatem.

O vislumbre do milagre ansiado por Dulce, que “começava a se realizar”, é a cena final, com Livia comandando o saveiro que fora de Guma, assistida pela figura mítica de Rosa Palmeirão. Naquele momento, uma nova lenda se formava no cais da Bahia, pois os marítimos, que a viam de longe, tomaram-na por lemanjá. No contexto simbólico do livro, a independência de Livia e de Rosa é uma alegoria da emancipação feminina, numa época em que a mulher ainda era tratada como um ser inferior. É importante lembrar que o voto feminino, um direito fundamental, só foi legalizado em 1932.

Do ponto de vista cronológico, a ambientação de *Mar morto* se concentra praticamente ao mesmo tempo da feitura do livro: década de 1930. Isto não fica explícito senão por algumas informações que são dadas ao leitor, como a referência às atividades do cangaceiro Lampião, que só viria a morrer em 1938. Mas é de se observar, entretanto, que Guma conhece Rosa Palmeirão aos vinte anos. Não somos informados sobre o tempo que eles passam juntos, mas o primeiro contato com Livia acontece ainda nessa época. Na sequência, Guma e Livia casam-se e cinco meses depois ela já está grávida de Frederico. No capítulo “A Noite É Para o Amor”, que narra o acontecido logo após a morte do protagonista, o narrador afirma que fazia vinte anos que a mãe de Guma estivera em busca do filho. Como esse encontro se deu quando Guma tinha 11 anos, concluímos que ele morre aos 31 anos, que seria o tempo exato da ação. Enfim, no seu estilo “contador de histórias”, o narrador não se preocupa em datar com muita precisão o que conta.

Este narrador, aliás, é uma preciosidade da narrativa, representando a recuperação da literatura oral. Logo após a dedicatória, que é um atri-

buto do autor, ele se dirige ao leitor, como se estivesse falando – “ouvistes da boca” –, dando verossimilhança à oralidade da sua narrativa:

[...] Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. [...] Eu as ouvi nas noites de lua no cais do Mercado, nas feiras, nos pequenos portos do Recôncavo [...]

Vinde ouvir a história de Guma e de Livia que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e dificilmente um homem da terra entende o coração dos marinheiros (p. 6).

Narrador inominado, que em nenhum momento pode ser confundido com o autor, este é um narrador testemunha, pois nos conta a vida de Guma e Livia com uma visão limitada pelas informações recebidas – “dos homens rudes que a narram” –, porém, como todo bom contador de histórias, ele preenche os vazios não com a verdade tal e qual porque não a conhece, mas com a verdade possível, tirada de sua pródiga imaginação.

Por conta da opção por realçar a oralidade, a narrativa de fundo realista adquire foros de fantástico, seja pela presença constante de Iemanjá – “que é sereia, é a mãe-d’água, a dona do mar” e tem cinco nomes, pois é também “Janaína, Dona Maria, Inaê, Princesa de Aiocá” (p. 56) –, seja pelas histórias que têm o maravilhoso como fundamento. É o caso de duas lendas do cais, que Guma, investido de herói épico, modifica, colocando-se a si mesmo como personagem. A história de João Pequeno, mestre de saveiro que em noite de tempestade saiu a procurar ao largo um navio perdido e fora levado por Janaína: contavam no cais que, em noites de tempestade, João Pequeno era visto em busca do grande navio perdido na bruma “e não descansará enquanto não o levar ao porto” (p. 47). Quando Guma consegue trazer o navio “Carnavieiras”, salvando a todos que iam a bordo – o que mais tarde iria proporcionar-lhe o conhecimento de Livia –, dava início à sua própria legenda: “Contam no cais que nunca mais João Pequeno apareceu porque o navio já tinha encontrado o caminho do porto. E foi desde esse dia que se começou a falar em Guma na beira do cais da Bahia” (p. 56).

A outra história é a do cavalo branco encantado: “Quando ele passa, até o chão treme, que nem carne de tartaruga. Aqueles que o veem

não podem sair do lugar" (p. 74). O cavalo branco aparece num ponto em que os saveiros ficam expostos às tempestades, entre dois portos. Na primeira noite de amor de Guma e Livia – eles estavam fugindo –, uma tempestade os surpreende próximo ao lugar onde aparece o encantado. Guma tem que escolher entre a tempestade e o terror:

Que importa o cavalo branco? [Guma] não deixará que ela morra naquela noite que era a sua noite de núpcias. O cavalo branco corre, mas Livia canta e não tem medo dele. [...] Havia música nos gemidos de dor de Livia. Havia estrelas nos seus olhos e os raios pararam no céu. O grito de orgulho de Guma calou os trovões. As vagas vieram mansas bater na areia da pequena bacia, mansas como ondas. E eles foram tão felizes, foi tão bela essa noite escura, sem lua e sem estrelas, tão cheia de amor, que o cavalo encantado sentiu que lhe tiravam os arreios e seu castigo terminara. E nunca mais trotou pelos caminhos da margem do rio, onde agora os marinheiros vêm amar (p. 105).

Dois pontos a favor de Eros.

O professor francês Jean Roche, em alentado ensaio sobre a estrutura formal da obra de Jorge Amado, contou cento e treze personagens em *Mar morto*, das quais oitenta e uma são nomeadas e trinta e duas são anônimas (1988, p. 29). Ele referia-se a personagens humanas. Entretanto, além de Iemanjá, onipresente, duas personagens merecem ser ressaltadas na narrativa: as tempestades e o mar. Numa obra onde os vilões não se destacam e os "do bem", com a exceção citada do próprio Guma e da mulata Esmeralda, parecem comportar-se segundo o mais rigoroso manual de boas maneiras, são as tempestades o grande antagonista. O capítulo inicial, apropriadamente denominado "Tempestade", já nos coloca em contato direto com ele: ficamos sabendo que ele ceifou a vida de Raimundo e de Jacques. Depois ficamos sabendo que numa noite de tempestade morreu o pai de Guma, Frederico. Guma torna-se um herói do cais ao vencê-lo no episódio do resgate do navio "Canavieiras". Mas o antagonista vence o herói ao fazer naufragar o "Valente" e, por fim, o "Paquete Voador". Também personagem importante, o mar é aliado. É o mar quem proporciona trabalho e alimento. O mar é a casa de Dona Janaína e é a última morada dos marinheiros afogados: "é doce morrer no mar...".

Entre as personagens humanas, Francisco, tio de Guma, responsável pela sua criação, é o mais cativante, e o narrador tem por ele imensa simpatia. Não seria arriscado dizer que é a principal fonte das histórias narradas: inúmeras vezes a narrativa é conduzida sob sua perspectiva. No capítulo "Rapto de Lívia", o narrador dá uma pista: "Muitos anos depois um homem (um velho do qual ninguém mais sabia a idade) contava que não só as noites de lua eram para o amor" (p. 105).

O velho Francisco, o único em todo o cais que vira lemanjá em pessoa, é o símbolo da sabedoria popular.

Rufino, o melhor amigo de Guma, funciona também como seu contraponto. Desde as primeiras brigas de adolescentes, os dois estão sempre juntos. Ao conhecer Esmeralda, passam a morar, os dois casais, praticamente juntos, parede a parede. Essa proximidade, entretanto, acaba por revelar-se malfazeja, pois Esmeralda passa a seduzir Guma, que não resiste à tentação, traindo o amigo. É o início da degradação de Guma. A lembrança da traição o consome. Ele violara a lei do cais. Lívia, sem de nada desconfiar, apegava-se mais a Esmeralda. Paradoxalmente, Guma sente ciúmes da mulata, um ciúme motivado pela posse incompleta. Ela fora dele, ainda que por alguns instantes, e o seu orgulho de macho não esquece isso. Rufino, por sua vez, desconfia que Esmeralda o está traindo e confia isso a Guma, o que o perturba ainda mais. Depois de alguma peripécia, Rufino mata Esmeralda e em seguida se mata.

Jorge Amado não é muito hábil em mostrar o que vai na alma de suas personagens, mas nos faz, com poucas palavras, perceber o sentimento de Guma, após a dupla traição:

Guma não fita a lua. Quebrou a lei do cais. Não é medo de Rufino que ele tem. Se não fosse seu amigo não se importaria. Tem é vergonha, vergonha dele e de Lívia. [...] Traíra a todos, traíra também seu filho por nascer, pois não lhe deixava uma tradição no cais. [...] Não. Era um traidor, fizera igual ao sujeito que apunhalou Besouro pelas costas.

[...] Se não fosse um marinheiro, Guma choraria como uma criança, como uma mulher, como um preso de lúgubre prisão.

Como se observa, o herói fica reduzido a nada.

A construção da personalidade de Guma tem um fundamento psicanalítico: abandonado pela mãe, com o pai perdido no mundo, ele cresce sob a influência do tio viúvo, sem uma presença feminina por perto. Além de Lívia, que representa a idealização do sentimento, e de Esmeralda, o desejo em estágio animal, Rosa Palmeirão tem um papel fundamental na formação de Guma. Personagem um tanto inverossímil, mas nem por isso menos simpática, mulher valente, famosa pelas confusões em que se mete, apaixonou-se por Guma, que tinha idade para ser seu filho, vivendo com ele, pouco mais que um adolescente, um tórrido romance. Rosa é a realização do desejo que Guma sente por sua mãe. Esta, simbolicamente inominada, tem pouca participação na trama. Seu único encontro com o filho, entretanto, é perturbador: o menino passa a vê-la como um objeto de desejo sexual. Não lhe importava a condição de mãe, que para ele, àquela altura da vida, já não fazia falta. Guma queria, sim, a prostituta, a mulher que poderia lhe dar prazer físico. Durante muitos anos, Guma procura por essa mulher nas mulheres com quem se relaciona, especialmente com Rosa Palmeirão. Somente após conhecer Lívia, ele se liberta dessa obsessão.

Esse viés psicanalítico do relacionamento de Guma com sua mãe é outra evidência naturalista: o cientificismo. Guma sente desejo pela mãe prostituta, não sente "amor filial". Ele a vê em todas as mulheres do cais e só após conhecer o "amor verdadeiro" de Lívia é que ele se livra daquele desejo doentio. O narrador usa o mito de Iemanjá, numa das passagens mais líricas do livro, para explicar alegoricamente o comportamento de Guma:

Iemanjá é assim terrível porque ela é mãe e esposa. Aquelas águas nasceram-lhe no dia em que seu filho a possuiu. Não são muitos no cais que sabem da história de Iemanjá e de Orungã, seu filho. Mas Anselmo sabe e também o velho Francisco. No entanto, eles não vivem contando essa história, que ela faz desencadear a cólera de Janaína. Foi o caso que Iemanjá teve de Aganju, deus da terra firme e, um filho, Orungã, que foi feito deus dos ares, de tudo o que fica entre a terra e o céu. Orungã rodou por estas terras, viveu por esses ares, mas o seu pensamento não saía da imagem da mãe, aquela bela rainha das águas. Ela era mais bonita que todas e os desejos dele eram todos para ela. E um dia, não resistiu e a violentou. Iemanjá fugiu e na fuga

seus seios romperam, e assim, surgiram as águas, e também essa Bahia de Todos os Santos. E do seu ventre, fecundado pelo filho, nasceram os orixás mais temidos, aqueles que mandam nos raios, nas tempestades e trovões.

Assim Iemanjá é mãe e esposa. Ela ama os homens do mar como mãe enquanto eles vivem e sofrem. Mas no dia em que morrem é como se fossem seu filho Orungã, cheio de desejos, querendo seu corpo.

Um dia Guma ouviu essa história da boca do velho Francisco. E se recordou que sua mãe viera também uma noite e ele a desejara. Era como Orungã, era um sofrimento que se repetia (p. 60).

Thanatos mais uma vez triunfa sobre Eros.

Narrativa fluida, conduzida por um narrador que domina seu ofício de contar histórias, *Mar morto* é mais que um embate entre Eros e Thanatos, arquitetado entre o romântico lirismo predominante até a tragédia anunciada que se abate sobre o por vezes épico herói Guma. A tragicidade de Guma traduz-se em sua própria trajetória: um tanto Édipo, na relação com a mãe e com Rosa Palmeirão; Hércules, nas reações instintivas, especialmente com Esmeralda; Hipólito, na rejeição à Esmeralda; Prometeu, na determinação de mudar destinos previamente traçados e ser punido por isso. Guma é uma metáfora do trabalhador brasileiro até os anos 1930, sem qualquer espécie de proteção do Estado, restando-lhe a providência, o milagre, como amparo. A vitória provisória de Thanatos é o coroamento dessa tragédia, que vem se desenrolando nas cidades e nos campos do Brasil, enquanto houver analfabetismo, enquanto houver desemprego, enquanto houver fome.

Para um leitor de Jorge Amado, dos seus mais de trinta títulos, *Mar morto* é a revelação do jovem autor de 24 anos, de amplo domínio técnico, que só encontraria paralelo em qualidade literária na maturidade, com os excepcionais *Gabriela, cravo e canela*, *Os velhos marinheiros*, *Pastores da noite*, *Dona Flor e seus dois maridos*, *Tereza Batista cansada de guerra* e *Tieta do agreste*, livros que engrandecem qualquer literatura.

— REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Martins, s/d.

MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1961. 197

PINTO, Zemaria. *Mar morto*, de Jorge Amado. In: KRÖGER, Marcos Frederico; PINTO, Zemaria. *Análise literária das obras do Vestibular 2001*. Manaus: Edua, 2000, p. 89-121.

FORTELLA, Eduardo. *A fábula em cinco tempos*. In: MARTINS, José de Barros (Org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo: Martins, 1961, p. 13-26.

ROCHE, Jean. *Jorge bem/mal Amado*. São Paulo: Cultrix, 1988.

— O presente na tradição: reconhecimento e busca¹

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

— 1. A ATMOSFERA DA UTOPIA

O que define a visão humana sobre as forças que movimentam a biografia na história? Em que momento a condição humana traduz a fusão da trajetória individual com as manifestações coletivas? Em qual circunstância a decisão do presente pode ser apreendida em toda a extensão do vivido e do imaginado?

A expressão de uma ideia, a irrupção de uma inspiração original, a manifestação da sensibilidade artística, os processos de criação, o roteiro de descobertas são diferentes formas de perseguir a mudança, compreendê-la como probabilidade, movimento concreto ou delírio psicótico. Chama-se, aos estados da experiência aqui descritos, de oportunidade, ou de sorte, a chance atribuída a qualquer um que tenha a felicidade de vivê-los ou apreciar quem teve a clareza de apreendê-los.

Meus contemporâneos de época, de distintos tempos da minha vida, aqueles que respiraram da mesma ambiência intelectual em que me criei, e tornei-me profissional, concordarão comigo que me deram dupla oportunidade ao tornarem-me sócia do IGHA: configurar uma atmosfera decifrada por João Francisco Lisboa e seu espírito inquieto, me reconhecer no prolongamento dele, de outros que ocuparam esta cadeira e daqueles que nos sucederão.

Prolongar aos que nos antecedem é honraria, e a tarefa de criar novas chances aos que nos substituem é desafio republicano. A aventura prospectiva de ampliar a possibilidade histórica de a sociedade dos saberes emergir, um dia, plena, livre, é compromisso do presente, do futuro, advém de uma ação coletiva que é moldada no passado e que se converte em processo de transmissão de possibilidades.

¹ Texto original, em primeira versão, apresentado na sessão de posse no Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas - IHGA, em 18 de julho de 2006.

A Amazônia faz parte do meu ritmo de reconstituir a memória, codificar e decifrar os fatos, dominar conceitos, sistematizar categorias ao integrá-la no conjunto da imaginação científica com sua incompreensível alteridade. Reconhecê-la complexa em suas inúmeras identidades é um modo de apreendê-la como sujeito dinâmico, entidade dotada de importância peculiar, uma vez que é problema, esperança, inspiração, além de lugar concreto de contradição, onde a vida comanda a vida. Vejo-a como um laboratório do mundo do conhecimento mítico, artístico, científico e político, mesmo que se apresente como terreno fértil de experiências da ambição de muitos.

Podem caracterizar esta forma de vê-la de muitas maneiras. Eu mesma a denomino de atitude reverencial diante da inesgotabilidade de estudos que suscita e da explosão de sentimentos que provoca. Disciplinei minha paixão por ela por meio do treinamento que a formação acadêmica permite; através de inúmeras narrativas, ensaiei aspectos de sua reconstrução histórica, base da análise sociológica da vida material e não material sobre a qual me debrucei.

A localidade do interior da Amazônia em que me criei e me socializei teve grande responsabilidade no modo como aprendi a ver as coisas e as pessoas. Autoconfiança até em momentos-limites, que também pode ser lida como despreocupação com o próprio futuro. Excesso de crença no semelhante, até mesmo quando o sabemos mentiroso e covarde, porque mesmo estes podem, um dia, melhorar a si próprios por circunstâncias da vida que ainda não conhecemos. O amor pelo ruído da floresta foi a pedagogia da concentração que treinou meu valor pela descoberta solitária. Pago o preço de muitas perdas emocionais por esses excessos que só aparecem naqueles que foram cercados de um ambiente especial, natural e social generoso. Sim. A Amazônia profunda generosa, cultiva generosidade em seus filhos autênticos.

Cultivei, para além da racionalidade, a alegria da infância feliz, segura, vivida na proteção da família e da natureza, guiada pela curiosidade a partir do olhar, horas a fio, à passagem das águas. Como todos os filhos da várzea que não se sentem ameaçados pelo isolamento, nem pela imensidão das distâncias, aprendi a compreender a Amazônia pelo seu ritmo próprio. A floresta de sons e sombras familiares não permite a rotina instalar-se como regra, por isso é protetora. Na segurança

2040 desse ambiente, aprendi, simultaneamente, os códigos de reconhecimento do saber local e seus elos mais amplos com o conhecimento formal. Nunca os vi como níveis opostos; naturalizei essa convivência entre os hábitos domésticos. Cultivei o ensinamento praticado por meus pais, e por todos os nossos ancestrais presentes em símbolos coletivos; com eles aprendi que a Amazônia tudo pode nos dar, desde que nossa adaptabilidade não pratique excessos. Fortaleci-me na solidariedade de antigas convicções, de gerações de união contínua. Nem o sofrimento, decepções ou aquisições da maturidade, que mais tarde me foram apresentados na sociedade competitiva, urbana, despótica e desigual, abalaram este princípio inegociável.

Creio no futuro alicerçado no conhecimento e na pluralidade de saberes. Cultivei o hábito de esclarecer-me a cada surpresa da natureza, da cultura, da história, e assim optei por defender a humanização da vida social cotidiana de indivíduos, grupos e coletividades amazônicas, de origem e de opção. Talvez por isso, exploro uma intuição científica de que a Amazônia é uma unidade natural, social e política autônoma, mesmo no âmbito da sociedade brasileira, mesmo sem jamais conseguir livrar-se dela.

Aplicado à Amazônia, todo procedimento em busca do conhecimento torna-se plural. Nenhuma linguagem de expressão das ciências da natureza, da sociedade, e da cultura – esta como instância privilegiada de autonomia –, sente-se realizada nos modelos de pesquisa e nos resultados da experimentação.

É a Amazônia, sempre ela, e ainda ela, quem promove, também, a tensão entre João Francisco Lisboa, sua interpretação do Brasil nascente e o momento em que me encontro ao assumir esta cadeira. Nossas narrativas, as dele, a minha, e dos demais interlocutores, sócios ou não do IGHM, marcam as coordenadas aos nexos da tradição no presente, com distintos pesos e forças. Tensão entre ontem e hoje, entre o racional que registra a mobilidade dos sujeitos sociais e o ímpeto de intervir como interlocutor da ação subversora da ordem nacional, ou como arquiteto do desejo de induzir-lhe um ideal que ainda não era sonhado por todos. Tensão que se manifesta na forma de expressão, representação, interpretação, e de tons de registro. Dispensável é alongar esse esclarecimento, importante é sublinhar sua natureza reveladora.

A Amazônia é o emblema dos espaços em que o IGHA, implanta-se e adquire feição própria. Em Manaus, ou em São Luís, o IGHA persegue os rumos da frágil formação nacional. Pedacos da sociedade brasileira estão registrados nas paredes, nas revistas e nas narrativas de seus sócios. Não importa se tenha sido uma extensão da fabricação da vontade de construção do Brasil Nação, aqui e em outras regiões brasileiras; nem que tenha sido um lugar de expressão de uns poucos letrados, onde as elites intelectuais falaram de si, para si, em círculos de grupos de status e privilégios, em distintos modos de legitimação de discursos. Importa, no presente, é a sobrevivência mesma da tradição no interior do mesmo emblema, pois é desta permanência que emanam extratos dos espíritos de época da conturbada unidade nacional brasileira.

Ontem e agora, o todo, a sociedade nacional, mantém com suas partes, Maranhão e Amazonas, relações de proximidade calculada e de estranheza disfarçada. É ela, a mesma sociedade nacional que se realiza na Amazônia e no Maranhão de João Francisco Lisboa, quem desespera aos que tentam acelerar as suas manifestações políticas, aos que insistem em lhe engravidar fenômenos precoces, porque ela profana e desvia a beatificação e a civilização. Na verdade, ela as recria, nos torna malditos e amados, e frequentemente, incompreendidos. Pensamentos e iniciativas deslocadas dos processos históricos reais remetem sempre às teses que sustentam episódios inesperados, "idéias fora de lugar".

Não há meio termo em se tratando da formação do Brasil na Amazônia, o IGHA vive esta determinação da produção do conhecimento.

— II. MENTALIDADE E AÇÃO HISTÓRICA: AS BASES DO COMPROMISSO

João Francisco Lisboa tentou, ensaiou, exasperou-se, não escondeu decepções nem os pensamentos mais cáusticos. Racionalizou os impulsos alternando a ação política, a militância jornalística, a pesquisa histórica e a crônica dos costumes. Quando reuniu todas essas vivências, interpretou vários processos de formação do seu país e de outros momentos políticos da Antiguidade clássica, da Europa, comparou projetos e manifestações de povos, continentes e de raças. Preocupou-se,

202 em particular, com distintos tipos de manifestação das relações entre a elite e o povo. O povo, este mesmo, era uma categoria idealizada, distante da população real. Pode-se dizer o mesmo de sua expectativa sobre as elites superiores, seja em manifestações de caráter pessoal, em ilustração e em compromisso público. Tais categorias exemplares, povo e elite, fariam países fortes, zelosos do futuro da Pátria, construtores de instituições respeitadas e resistentes aos desafios de constituição de um Brasil livre, soberano - independente, de fato.

O conhecimento, para Lisboa, abria-lhe possibilidades de exprimir pontos de vista sobre a formação social brasileira ou de como esta era experimentada no Maranhão. Ser brasileiro no Maranhão, como na Amazônia, ao lado do conhecimento cultuado, serviu-lhe como ilustração de como a Pátria é também um espaço de abstração dos desníveis de entendimento e de recompensa. É deste desconforto material e espiritual que a interpretação do Brasil realizada por Lisboa nutre-se de crescentes doses de realismo. Aqui, começa a manifestar-se seu pessimismo histórico.

Tentou equilibrar-se entre duas posições à medida mesma em que o esclarecimento permitia comparar o passado e o presente vivido como sujeito ativo nos fatos do seu tempo. Recuperava a esperança de intervir nos destinos da formação nacional quando através da comparação de fracassos históricos de outras realidades políticas, estas indicavam que todas as convicções sobre a importância de acontecimentos gloriosos eram meros pontos de vista passíveis de correção. Ou de outra interpretação. E assim aprendeu a relativizar juízos que a maioria de seus analistas identificou como paradoxos de seu pensamento. Abandonava o otimismo quando os bons e dedicados exemplos sucumbiam nas escolhas irracionais da turba, da plebe ignorante, da corrupção dos manipuladores, das elites que não mereciam respeito. Adquiriu desconfiança pela ação coletiva nos marcos institucionais conhecidos; desenvolveu o descrédito pela ação revoltosa desprovida de projeto para além da subsistência. Em suma, a reforma institucional não resiste sem elite provida de convicções; a revolução pela república sem alma republicana que move o povo e inspira o comportamento político, não convence, desilude. Sobre a dúvida, ela pode traduzir a paixão pela mudança em curiosidade da descoberta.

A escritura, o jornalismo, a ampliação do conhecimento pelo método da investigação sempre lhe ofereciam respostas em uma ou outra atividade. Todas convergiam para um pessimismo histórico realista; a política não era o lugar do compromisso com a mudança da situação das coletividades ao estágio do Brasil no Maranhão. Por outro lado, sobrevivia o ceticismo que orientava sua inquietação jornalística.

Esta, penso, é uma pista a ser explorada para a articulação entre a variedade de seu trabalho intelectual como jornalista e historiador, e a atividade política intermitente, até a definição pela pesquisa no espaço do IGHA e fora dele.

Da lucidez que lhe sobreviveu deu corpo a uma narrativa sobre a sociedade brasileira a partir de sua vivência maranhense. O resultado não poderia ser outro. A indignação que dá lugar à desilusão da construção de uma república no Trópico Úmido cria, como alguns outros homens de outros tempos e lugares, um mesmo ponto de inflexão sobre o poder da mudança pela vontade política. A liberdade é maior do que as expressões humanas das práticas ideológicas; a imperfeição humana corrompe o ideal coletivo da igualdade; a ambição dos interesses impede que a criação coletiva do ideal da fraternidade realize o ato mais simples do reconhecimento de uma origem e de um destino comum no planeta Terra. Cria-se o terreno opaco da sementeira do ódio, da ira comedida da intolerância que se disfarça de indignação; este é o ambiente propício ao desenvolvimento do ceticismo, do cinismo, do pragmatismo profissional. João Francisco Lisboa contornou todas essas tentações da condição humana. Tentações que rondam aqueles que não se sentem incluídos ou partícipes do destino do país.

O ceticismo, este que qualificamos historicamente, é resultado e causa da desconfiança que produz a descrença. Desprovido de artesanato intelectual dá lugar à suspeita; acompanhado da inteligência, transforma-se em dúvida metódica, "bê-á-bá" do aperfeiçoamento dos juízos.

O cinismo profissional dá lugar a outro fenômeno psicossocial. O manejo da própria descrença é resolvido pela projeção da infelicidade própria para a vida social. Por meio da polêmica irresponsável criou-se a profissionalização da calúnia, da multiplicação coletiva da cizânia, do mal pelo pior.

O pragmatismo que emerge do ambiente atípico do ceticismo e do cinismo tem outra força inspiradora, tal seja, a racionalização da decepção. Entre aquele que é permeável ao argumento fácil e aquele que pode apreender, na simplicidade do argumento, a pista reveladora de uma corrente de opinião, estão os comprometidos com o exercício da busca de resultados.

Para além desses três tipos, sumariamente caracterizados, encontram-se aqueles que superaram ambientes de escolhas fáceis, apesar de oportunas, ou não se limitaram aos efeitos esperados da ação social. Dedicaram-se, estes, à veracidade, àquela que não se mostra, mas é construída na busca dos nexos, dos sentidos, das articulações entre fatos e processos, a que pode ser obtida pela reflexão do complexo, do simples, para além das aparências.

As relações entre as tradições intelectuais que interpretam o Brasil são tênues: os criticados cronistas formam público de leitores ávidos de informações que os pautem de assuntos, de motivo para a indignação ou para catarse coletiva; concorrem com os literatos e sua beleza estilística que emocionam outros públicos pelo prazer; os historiadores pioneiros formam grupos de ilustrados mais exigentes com a prova e com os marcos explicativos dos eventos imediatos e os de longa duração. Todos são sujeitos do ofício do sociólogo, seja pela atmosfera que propiciam, seja pela massa de material investigável que acumulam e classificam.

Historiadores e sociólogos compartilham de uma mesma atitude de desvendamento. Este perfil de pesquisa de cuja disciplina intelectual nasceu e desenvolveu-se com a crítica e a autocrítica, permitiu ao IGH reformar o sentido e o registro de sua criação. Seus sócios pioneiros puseram-se ao problema de buscar a identidade nacional construída com o material vivo que julgavam ser o núcleo positivo pelo qual a nacionalidade brasileira deveria plasmar-se. Ousamos situar João Francisco Lisboa na fronteira dessas tipificações, tanto pelo mérito da obra como pelas circunstâncias em que ele a produziu.

Ao romper com os cronistas clássicos e com os partidários da unidade conservadora do império, antirrepublicana e antiaboliconista, nosso patrono define-se como sujeito de outra dimensão intelectual.

É tempo de dar corpo a outra perspectiva histórica que se traduz no pensamento social brasileiro.

José Francisco Lisboa, é nascido em 1812, em Pirapemas, na Freguezia de Itapicuru-Mirim,² no Maranhão. Socializou-se, portanto, no espírito dessa época que tipificamos como sobrevivências e acomodações regionais do impacto do colonialismo, na Amazônia Lusitana, na Amazônia Brasileira e na Amazônia Indígena. Era menino de dez anos na data em que a Independência é registrada; aos dezoito, há indicações de seu envolvimento no Movimento Setembrada, no qual os brasileiros do Maranhão se opõem aos portugueses e brasileiros reacionários aos avanços da sociedade nacional, e manobravam para fazer retornar D. Pedro 1. Manifestações populares com expressiva presença de militares patriotas, emergentes de brasilidade, exigem em documento, a saída dos portugueses dos cargos públicos, ou seja, exigiam o controle da sociedade brasileira pelos brasileiros. A maioria política de Lisboa está inscrita neste episódio e nos seguintes.

O Brasil concreto de João Francisco Lisboa é o Maranhão do século XIX. Mais sociologicamente, a sociedade nacional em que ele amadureceu como intelectual é um prolongamento do meio em que ele nasceu e viveu; um lugarejo rural formador de proprietários falidos; uma metamorfose fracassada entre o Vice-reino do Maranhão e do Grão Pará e o Vice-reino do Grão Pará e do Rio Negro. A província do Maranhão já estava domesticada, longe do espírito combatente de Beckman, no exemplo de uma elite independente embrionária, mas não tão longe de uma possibilidade fantástica que a Cabanagem apresentou para a formação cívica do povo, anos depois. A utopia do Paiz do Amazonas constituiu este mesmo berço de grandiosas e malsucedidas possibilidades.

Entre os processos do nascente império e a emergência de episódios de resistência e até de lutas revolucionárias, até às evoluções que a regência trouxe às unidades provinciais, residem os primeiros paradigmas e paradoxos do que hoje conhecemos sob o formato de Amazônia Brasileira. Por isso o apelido de Amazônia Legal amalgamou-se tão bem nesta formação social. Lisboa nasceu e cresceu no ambiente vivo dos problemas e dilemas que estruturaram as sociedades distantes dos centros de decisão. No empobrecimento de sua tradicional famí-

2. Cf. Jannotti, *Ataria de Lourdes Móbaco*. João Francisco Lisboa, jornalista e historiador. São Paulo, Ática, 1977, p. 22-23.

206 lia reside o fato e o nexa da situação de setores agrários, ávidos de participação na vida política do Brasil, sem subordinação à elite portuguesa.

Entre os intelectuais de seu tempo contrapunham-se os ideários entre a reforma e a manutenção do *status quo*. Revolução significava abolição e República. A solução conservadora da unificação nacional no império brasileiro não era suficiente para abrigar presença viva nos conflitos de afirmação da nação emergente.

Contemporâneo dessas possibilidades históricas, nem sempre pode ver com clareza para além do tempo breve. Oitenta e quatro anos nos separam do estudo de um mesmo bloco histórico, que podemos chamar de a problemática da oposição entre região amazônica e Estado-Nação que, ao contrário do que pensam muitos, não está esgotado. Vivemos, ontem e hoje, na angústia de sua re-elaboração.

O jornalista é forjado na polémica da nascente opinião pública nacional. Imprensa que era autoconsciência crítica das instituições e dos modos pelos quais os brasileiros intervinham nela. A atividade jornalística é militante, tem ponto de vista e engajamento, tem talento de fundador, editor e de ativista político do jornalismo. O salto para a política como deputado provincial é decorrência dessa militância. Conheceu momentos de euforia de vencedor, como político liberal, e provou dos limites da perseguição e do ostracismo como vencido pelos conservadores. Conheceu a injustiça da calúnia e da injúria, acusado de relações políticas que jamais praticara.

Lisboa conhece, como muito de nós, o fim das ilusões e o fim da capacidade idealizada de cada um de inventar e dar vida aos sonhos coletivos de sociedades livres, justas, fraternas, confiáveis na esfera pública e nos direitos individuais. Torna-se um cético esclarecido, e nesse surto de realismo e descrença dá vida ao observador de costumes. Nasce o *Jornal de Timon*.

— III. A ERA DA DESCONFIANÇA E OS SENTIDOS DA DESILUSÃO DEMOCRÁTICA

Entre os séculos XVIII e XIX, o mundo viu surgir as bases de compreensão e de negação do ideal democrático. O ambiente intelectual, político e econômico de ambas é o mesmo. Estão em jogo diferentes pers-

pectivas de ultrapassagem do estado monárquico-absolutista e até constitucionalista, sua forma mais sofisticada e aberta, pela emergência da república libertária do povo, da república das classes e estamentos de privilégios, e da república que incorpora o bem comum como processo unificador dos desejos de convivência dos contrários. As teses críticas das nuances em que os ideais democráticos tomam corpo provém do mesmo quadro da realidade, mas com uma ruptura com a atmosfera de amortecimento do processo revolucionário criada pela acomodação dos interesses no emergente Estado de Direito.

A crise de mentalidades é múltipla; vários intelectuais a expressam como reação à democracia representativa de uma Nação imaginária. Uns, pela indignação de verem segmentos populares como lideranças saídas de gentes sem posses e sem educação formal; outros, pela absoluta desconfiança de que a democracia fosse tarefa de homens comuns, sem tradição de nobreza, livres das crenças divinas e da obediência ao soberano; outros de maior estirpe intelectual por ultrapassarem o espectro das sociedades de classes e vislumbrarem no socialismo utópico e científico, outras estruturas de mudança das relações sociais; outros, finalmente, por encarnarem no pessimismo histórico a ausência de crença nos indivíduos, nos grupos de poder conciliadores com as massas, nos carismáticos e manipuladores de carências e de oportunidades de atração de energias coletivas. Tocqueville, Marx, Rilke, Pareto, Mosca, Burke, Nietzsche, Weber, Freud, a lista é enorme. Abro outras possibilidades de entendimento de Lisboa com contribuições de atmosferas intelectuais que apresentam conjunções de épocas. Nesta hipótese, Lisboa não está só em seu ceticismo esclarecido.

É imperioso esboçar que o pessimismo histórico tem matriz conservadora de uma crítica impotente, atropelada pelos acontecimentos inesperados como consequência do que pensamos controlar. O racionalismo da revolução burguesa, sua crença iluminista, esqueceu que a história dos homens é feita de sentimentos, frequentemente ausentes de generosidade quando o ambiente da privação cria os sobreviventes da escassez e os invejosos de opulência. O laboratório social do poder a qualquer custo ergue-se nos momentos mais grandiosos da transformação. É por isso que a repetição da história como tragédia ou como farsa persegue o sentido universal do aperfeiçoamento humano.

A atmosfera contemporânea é tentadora de desilusões. Este último sentimento pode produzir dois resultados: desistência de propósitos ou reafirmação de uma ética de convicções. Lisboa deu resposta a sua própria tornando-se um impertinente, tal qual a sociologia de Pareto, guardadas as devidas proporções. Não os subestimemos, aos autores, ao sentimento que lhes alcançou, nem ao seu resultado. Sejam atentos aos movimentos das manifestações pouco valorizadas dos desejos dos homens comuns porque eles podem descobrir os caminhos de fazer vibrar outras subjetividades coletivas.

O compromisso do intelectual com o seu tempo é tornar clara a opacidade da atmosfera de todas as épocas. O passado, o presente e o futuro do IGHÁ é o elo de que o sentimento que nos une deve perseguir, e nos casos limite, defender, em todas as oportunidades, a ética das convicções no espaço vivido das instituições materiais e simbólicas.

Este é nosso dever; esta é nossa vontade.

— Açaí: o ouro negro da Amazônia

EULER RIBEIRO

A polpa do açaí tem recebido cada vez mais atenção no Amazonas e em todo o mundo. Hoje em dia, o açaí é considerado uma superfruta, recebendo ainda o título de fruto mais completo do mundo, e “ouro negro”, devido a seus componentes químicos.

O aumento no consumo e essas denominações tão positivas, se devem ao avanço das pesquisas científicas sobre o açaí, que cada vez mais vem confirmando o que os povos amazônicos já sabiam: o forte potencial terapêutico desse fruto, rico em fibras, aminoácidos, vitaminas e antioxidantes, mas pobre em açúcares.

De nome científico *Euterpe Oleracea*, o popular açaí é o fruto de uma palmeira muito comum em áreas de planície e de inundações da região Amazônica, com altura média entre 20 e 30 metros, e múltiplas hastes que suportam em torno de três a oito cachos de frutos, sendo que cada cacho pode apresentar até 900 frutos de açaí. Os frutos de açaí são de cor roxa a preta e de tamanho pequeno, o açaí contém uma semente que corresponde a cerca de 85% do tamanho do fruto.

Segundo o IBGE, o Brasil produz cerca de 800 mil toneladas de açaí. O estado do Pará é o principal produtor, com cerca de 50,8% da produção nacional, seguido pelo Amazonas, representando 41,5% do total brasileiro. Cerca de 60% da produção é consumida na região Norte, 30% por outras regiões do Brasil e 10% segue para o mercado internacional, com destaque para Japão, Estados Unidos e Europa.

Muito antes de cair nas graças dos cientistas e da população de outras regiões do mundo, o fruto já era consumido, principalmente, pelas populações rurais da região Amazônica. A tradição de consumir o açaí provavelmente foi herdada de grupos indígenas amazônicos, sendo consumido a qualquer hora sob a forma de refrescos, sorvetes, com ou sem açúcar, por vezes engrossado com farinha d'água ou de tapioca.

210 O açaí pode ainda acompanhar peixes, camarão seco, carnes, ocupando papel de destaque na culinária local.

Popularmente, pode-se dizer que o açaí é considerado um alimento-remédio, sendo usado pela população contra problemas gastrointestinais, vermes, disfunções de coagulação, envelhecimento da pele e dos órgãos, anemias, malária e também como energético, utilizando-se não somente o fruto, mas também a casca do tronco e folhas da palmeira.

O açaí também vem conquistando o mercado de estética e beleza, principalmente por ser fonte de antocianinas, substância presente também no vinho tinto, sendo o composto que confere a sua cor roxa. O açaí atua como um poderoso antioxidante no combate aos radicais livres que causam o envelhecimento da pele. Assim, hoje, o açaí é uma das estrelas mais promissoras da indústria mundial de cosméticos.

Toda essa tietagem para com o açaí é justificada por pesquisas científicas que demonstram seus efeitos biológicos positivos. Desenvolvido pelo Instituto Nacional de Envelhecimento e pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, o ORAC (Oxygen Radical Absorption Capacity – Capacidade de Absorção de Radicais de Oxigênio) mede a capacidade antioxidante de um produto. O açaí foi submetido ao teste do ORAC e obteve 1.027 pontos. O fruto de maior pontuação até então havia sido a amora, com 95 pontos.

Vários estudos recentes vêm demonstrando os efeitos biológicos positivos do açaí, devido principalmente à composição química desse fruto, riquíssima em compostos que trazem benefícios à saúde, como polifenóis, ácido oleico, palmítico e ômega 9.

Em um estudo realizado pela Universidade de São Paulo, foram comparadas 15 amostras de polpas de frutos da Amazônia, a saber: abiu, acerola, açaí, araçá-boi, bacaba, bacuri, buriti, cajá, cajarana, caju, cupuaçu, graviola, murici, noni e tamarindo. De todas, a polpa de açaí mostrou os melhores resultados para a capacidade antioxidante, ou seja, o melhor efeito no combate ao envelhecimento das células do corpo e na prevenção de doenças.

Em um estudo desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, por Spada e colaboradores, em 2009, com ratos expostos ao agente oxidante (causador de danos) peróxido de hidrogênio (popularmente, chamado de água oxigenada), foi demonstrado o efeito protetor do extrato

de açaí em células do cérebro dos animais (especificamente do córtex cerebral, hipocampo e cerebelo), devido à ação antioxidante do açaí. 211

Essa ação de proteção às células do cérebro, também foi demonstrada em um estudo realizado na Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, por Barbosa e colaboradores, em 2016, os quais estudaram o consumo diário de polpa de açaí por mulheres em boas condições de saúde e observaram uma significativa redução na produção de radicais livres naquelas que bebiam o suco do fruto. Essas mulheres tiveram aumento das defesas do organismo contra os radicais livres, quando comparadas ao grupo que não fazia consumo diário do fruto, provando assim o potencial efeito antioxidante do açaí.

Em virtude de sua atividade antioxidante, ou seja de combate a moléculas que causam danos ao organismo e levam ao envelhecimento e desenvolvimento de doenças, o consumo de açaí tem sido associado a menores riscos de aparecimento de doenças cardíacas, como foi observado no estudo desenvolvido na Universidade de Arkansas, nos Estados Unidos, onde se verificou que o consumo rotineiro de suco de açaí reduz os riscos de aterosclerose, que é o acúmulo de placas de gorduras nas artérias, que pode levar ao infarto e ao acidente vascular cerebral (AVC).

Existem ainda pesquisas demonstrando o efeito anti-inflamatório e anticancerígeno do açaí. As descrições iniciais quanto à atividade anti-inflamatória do açaí foram realizadas a partir de relatos não científicos por parte da população que fazia consumo desse fruto, por seu efeito contra a inflamação e também contra malária, o que mais tarde foi comprovado por estudos.

Adicionalmente, o açaí apresenta atividade de proteção do cérebro contra a doença de Alzheimer, o suco de açaí diminui a duração de convulsões em ratos e é capaz de prevenir danos no cérebro.

Diante de tantas evidências dos benefícios do açaí, foi firmada uma parceria entre a Universidade do Estado do Amazonas, via Universidade Aberta da Terceira Idade (UEA-UnATI), Universidade Federal de Santa Maria e Universidade de Toronto, tendo se iniciado os estudos com o fruto no ano de 2015.

O primeiro desses estudos foi realizado no Canadá, pelo aluno da UFPA Alencar Kolinski Machado, o qual já está publicado em uma re-

212 vista científica de grande reconhecimento internacional, a inglesa *Oxidative Medicine and Cellular Longevity*.

Neste estudo, realizado sob a orientação dos professores Euler Ribeiro (UEA-UnATI), Ivana da Cruz (UFMS), e Ana Andreazza (UoFT), o açaí demonstrou capacidade de proteger e recuperar as condições normais de neurônios (células do cérebro) que apresentavam alterações em seu funcionamento, alterações estas que são encontradas em pessoas com transtorno bipolar. Os pesquisadores observaram que após a adição do extrato de açaí, essas células tão importantes passam a funcionar de maneira correta. Além disso, esses efeitos positivos do açaí parecem ser devido a este fruto possuir uma grande quantidade de nutrientes ditos funcionais, os quais conseguem proteger as células dos radicais livres. Os resultados dessa pesquisa sugerem que o açaí é um alimento que, desde que indicado por profissionais da saúde, poderia ser adicionado à dieta de pessoas com transtorno bipolar.

Para aprofundar ainda mais esses testes com o açaí, outro estudo já está em andamento, agora para avaliar se o açaí é capaz de eliminar a inflamação do corpo. Essa etapa também é fundamental na continuidade do estudo, já que a inflamação está presente em várias doenças e causa problemas de saúde para muitas pessoas. Os envolvidos nessa pesquisa relatam ainda que os resultados já obtidos são empolgantes, especialmente por se tratar de um fruto tão abundante e consumido no Brasil.

Outro estudo que em breve estará disponível na revista europeia *Fitoterapia*, foi desenvolvido principalmente pelas alunas de doutorado Michele Jobim e Fernanda Barbisan, e mostra o efeito benéfico do açaí e de seus compostos no combate ao câncer de próstata, sendo que os primeiros resultados são bastante promissores, uma vez que o açaí induziu mais morte de células de câncer do que o próprio quimioterápico.

O açaí possui 10-30 vezes mais antioxidantes que o vinho tinto; um ótimo equilíbrio entre gorduras insaturadas e fibras, que ajudam a proteger a saúde do coração e do aparelho digestivo; uma combinação perfeita de aminoácidos e minerais, fundamentais para a regeneração e desempenho muscular. O açaí é altamente energético e protege todo o organismo contra o desenvolvimento de doenças, afinal ele é o ouro negro da Amazônia.



— Álvaro Maia, o rio Madeira e um poema figurativo

ELSON FARIAS

Álvaro Maia nasceu no Madeira, em Humaitá em 1893, uma das mais ricas personalidades desse rio. Os seus triunfos políticos assinalados no Amazonas como Interventor (1930-1933 e 1937-1945), Deputado Federal (1933-1935), Governador do Estado (1935-1937 e 1951-1954) e Senador da República (1946-1951 e 1967-1969), confirmam o seu carisma e a preferência manifestada pelo povo ao seu nome. Faleceu em pleno mandato de senador. Sua mensagem fundava-se na valorização do homem da Amazônia. Criou até a expressão "caboclitude" para identificar esse procedimento ideológico. Sua ação política iniciou-se num momento de crise institucional do Estado. Aglutinou as lideranças jovens do Amazonas em torno de um ideal.

Celebrava-se o fato histórico de adesão do Amazonas à independência do Brasil, ocorrido em 1923 e Álvaro Maia pronunciava no palco do Teatro Amazonas, a conferência batizada de "Canção de fé e esperança", legenda que o levou a assumir o comando político do Estado em 1930.

Mas suas relevantes funções públicas jamais o impediram de todo ano passar as férias no sítio Goiabal, às margens do Madeira, onde vivia a sua mãe, de idade avançada, pois viria a falecer em 1968, sob o anúncio glorioso do centenário, um ano antes do filho desaparecido em 1969.

Ao chegar ao sítio onde nasceu e passou a infância, Álvaro Maia liberava-se do paletó e da gravata, indumentária imposta pelo cerimonial de Chefe de Estado ou de parlamentar naqueles idos, e adotava o vestuário dos seus irmãos do rio, blusão de brim e calça enrolada até o meio das pernas. Ia pescar e conversar com os ribeirinhos, conversa depois transformada em páginas de excelente prosa e bela poesia.

Aí nasceu, por exemplo, o livro *Banco de canoa*,² definido pelo próprio Dr. Álvaro como uma reunião de “narrativas e historietas, colhidas entre os seringueiros nos bancos de latadas e canoas, [...] verdadeiras ou produto da imaginativa popular”, estando a dever algumas dessas narrativas, diz ele, à memória de Manoel de Souza Rodrigues, chefe da estação do Departamento de Correios e Telégrafos de Humaitá. Devas também a veteranos do Madeira, diz ele.

Seus contemporâneos reconheciam-lhe o prestígio intelectual e político, por sua contribuição como poeta e ao estudo da geografia humana amazônica reunido nos alentados volumes intitulados *Gente dos seringais*³ e *Defumadores e porongas*,⁴ além do *Banco de canoa*.

Embora se tenha manifestado poeta desde jovem, Álvaro Maia não publicou nenhum livro de poemas na mocidade. Só aos 65 anos reuniu volumosa coletânea de 324 páginas, com o título de *Buzina dos paranás*, lançada pelo editor Sérgio Cardoso, de Manaus, em 1958, e reeditada pela Universidade Federal do Amazonas, devidamente revista, em 1997. Sempre foi reconhecido como poeta, pela publicação de alguns poucos poemas em revistas e jornais da cidade. Era também reconhecido como artista da palavra por sua oratória primorosa, na maior parte, proferida de improviso em suas maratonas políticas nas ruas das cidades e na beirada dos rios, paranás, lagos e igarapés da Amazônia. Nesses discursos, a poesia era generosamente distribuída com as imagens, o fraseado e o fascínio da sua sensibilidade e inteligência.

Por que não publicara mais cedo os seus poemas em livros de maior acesso dos leitores? Impõe-se a resposta, como primeira hipótese, o estar ele sempre envolvido em suas ocupações político-administrativas e parlamentares. Outra é de os poetas possuírem na província a fama de boêmios e não serem levados a sério. Para comprovar a suspeita dessa postura, vai a seguir uma história corrente entre os próceres do Governador Álvaro Maia.

Um prefeito do interior, ao despachar com o Dr. Álvaro, pleiteava a remoção do promotor de Justiça daquela Comarca. Qual a razão? Simplesmente porque o indigitado representante da lei estava criando problemas na cidade. Dizia o prefeito, ainda, em tom de censura, que o homem era até poeta... Alguém ninguém menos que o grande Amé-

3. 1ª edição, Gráfica do Senado, Brasília, 1987.

4. Edição Governo do Estado do Amazonas, Manaus, 1966.

216 rico Antony. No entanto, o simplório mal suspeitava de que poeta era também o governador...

Álvaro Maia trabalhou uma poesia de tonalidade romântica e condoreira. Parecia produzir o poema para ser falado, declamado. Seu verso e sua prosa trazem o conteúdo oriundo do permanente contato com a vida amazonense nos rios e florestas, e a experiência cristalizada por suas conversas com os ribeirinhos, que plasmaram o humanismo dessa figura notável em nossa história e em nossa vida. É bem uma amostra de seu trabalho de poeta o poema "Sobre as águas barrentas". Fluente e límpido na linguagem, o poema é elaborado com a habilidade de um verdadeiro mestre, em largos e perfeitos alexandrinos, com cesura na sexta sílaba, obedecendo às normas da espécie. É um poema longo, de rimas paralelas a ocupar cinco páginas do livro e lançado em 90 versos, dedicados a celebrar a animação de um rio, que lhe faz transcender os limites de um simples acidente geográfico.

Ante às dificuldades enfrentadas para definir sobre o mais representativo poema de um autor, arrisco-me a considerar que este é o seu mais belo.

Seu significado é uma viagem pelo rio Madeira ao cair da noite, de volta para casa, onde a mulher do canoero espera o seu homem com um sorriso de brasa.

Demonstra logo na abertura do poema que a alma do poeta é a tarde prisioneira, que naquela hora se liberta nas águas do Madeira:

*Sob o sol fugitivo, a tarde prisioneira
abre à invasão da noite as águas do Madeira...*

Inicia a segunda estrofe com a exortação ao remeiro, para que leve a canoa, mas antes avisa:

*- Rema canoero amigo! A noite se avizinha.
Não riscá o espaço escuro uma asa de andorinha...
O sol filtra na queda o derradeiro feixe...
A montaria investe e corre como um peixe,
ora em quieto remanso, ora na maresia,
por entre a escuridão da mata fugidia...*

No Amazonas montaria é uma canoa pequena que o canoeiro leva no remo, com velocidade, montado no banco da proa. 317

O poeta continua a contemplar a paisagem exterior:

*Recurvo, o corpo de aço escandeece e trabalha,
mas a ideia repousa à janela de palha,
onde um rosto amanhece e um corpo alvoroçado
é um maduro pomar, onde cresce o pecado...*

O canoeiro leva o poeta pelas águas agora num afundamento em seu mundo interior. Abandona a paisagem exterior que a pouco apreciava e a força do canoeiro a levar no remo a canoa. O poeta se volta para dentro de si mesmo, porque as águas do Madeira libertaram a tarde prisioneira e recorda:

*Ao rever a ampla selva em que folguei menino,
sinto o meu coração fundir-se em brônzeo sino,
como se a terra fosse uma igreja, uma aurora,
e o meu corpo em delírio uma torre sonora...
Às ilusões da infância a minha vida acorda:
cada sentido é a força e cada nervo é a corda,
que me levam no rio, - áurea flor de bubuia,
na estranha languidez de uma estranha aleluia.*

Veio a infância como o maior legado, uma "áurea flor de bubuia". Na próxima sequência é a maturidade, mas também pungida pelas marcas da infância:

*Sois o romance, a voz, que nos vem, de repente,
a uma valsa, a um perfume, a uma vista, em que a gente
ouve, abraça, recorda a trindade bendita
- a mãe, a noiva, a irmã, em doçura infinita...
vivei, entrá em mim! Quero, tempos afora,
sentir-vos a vibrar, como vos sinto agora,
onde me surja a mdgoa, onde me leve o sonho,
imagens maternas de meu berço risonho!*

218 Ali em frente, numa das passagens do rio, surge um batelão movido por vários remadores como "Hércules seminus". No embate dos remos nas ondas do rio e em meio à espuma,

*confunde a queixa humana ao rumor de fadigas
da embarcação que lembra as galeras antigas...*

E o poeta exalta esses homens, fraternalmente, na esperança de que abram caminho a um grande povo:

*- Homens, ó meus irmãos, ó párias que aí dentro ides,
em dolentes canções para a dor de outras lides,
que buscais e quereis, nesse destino obscuro,
despidos de ambição, cegos para o futuro?
Nada! Mas, na floresta onde as hordas selvagens
viam palcas de guerra ao verdor das ramagens,
traçais a nova estrada, ergueis o mundo novo,
por onde há de rolar em marcha um grande povo...*

Agora, chega a noite:

*- Rema, canoeiro amigo! O vago céu escorre
uma toalha de breu sobre a tarde que morre...*

Prossegue na conversa com o canoeiro. Chega ao fim a viagem e o poeta afaga o coração do amigo:

*É a recompensa... E, enquanto idealizas o beijo
da que te espera muda, em pudor e desejo,
eu guardo a imensa voz destas imensidades
e encho o meu coração de vindouras saudades,
Terra, ó mãe, que me deste, em mesma hora dorida,
a luz do amor, o bem do sonho, o pão da vida!*

Não há lugar melhor para se encontrar Álvaro Maia, um poeta do rio e da floresta, que o rio Madeira, o seu maior motivo de canto, tal como

foi o Tejo para o português Rodrigues Lobo, o Guadalquivir para o espanhol Garcia Lorca e o Neckar para o alemão Hölderlin. Todos cantaram os seus rios e nem por isso deixaram de ser universais.

Não consta que Álvaro Maia tenha alimentado simpatia ou antipatia pela chamada poesia moderna. Era um homem educado e calava ante a possibilidade de manifestação de qualquer conceito que desagradasse os seus interlocutores, para o bem ou para o mal. Em Manaus ele mantinha bom relacionamento com os jovens do Movimento Madrugada. Visitei-o, com alguns parceiros, pelo menos duas vezes no porão de uma casa onde morava, na Praça de São Sebastião. Numa dessas visitas mostrou-nos as primeiras estrofes de um poema que escrevia motivado pelas pedrinhas da praça onde morava, uma alegoria ao encontro das águas do rio Negro com o Solimões, fenômeno observado em frente a Manaus. A novidade é que o poema estava sendo escrito em versos livres. Não tenho notícia se concluiu, mas não o encontrei em nenhuma das edições de *Buzina dos parandás*, onde se encontram os seus poemas reunidos.

Até no título desse livro Álvaro Maia identifica-se com a sua *cabocidade*. O instrumento a que se refere neste caso possui uma feição própria, arraigada aos usos e costumes do ribeirinho da Amazônia. A buzina usada pelos homens do rio, um utensílio construído de palha ou de taboca, soprado para prevenir os moradores do rio, entre tantos outros avisos, de que o pescador está se aproximando de casa.

O que encontrei foi uma raridade, o poema "Catalina", com o que Álvaro Maia homenageia essa aeronave tão popular entre os ribeirinhos nos anos 40 do século passado. Projetada em 1935, para fins bélicos, tornou-se avião de passageiros a partir de 1945. As comunidades amazônicas não dispunham de um sistema de aeroportos e esses hidroaviões prestaram serviços inestimáveis nos transportes aéreos, pousando n'água. A *Panair do Brasil* foi a única empresa a operar com os catalinas até os anos 60. Suas pistas de pouso preferidas eram os rios. Nos anos 1970 fiz um voo em comitiva governamental entre as cidades de Rio Branco, capital do estado do Acre, e a cidade amazonense de Ipixuna, próspera comunidade plantada na bacia do Juruá. Em Rio Branco,

220 as operações de voo foram feitas na pista do aeroporto; em Ipixuna, foram às águas do rio mesmo. Nessa época não mais funcionava a *Panair do Brasil* e os catalinas eram mantidos pela Aeronáutica e só usados em missões especiais.

Álvaro Maia, que vivia atento a tudo o que se relacionava com a vida na Região, deve ter usado muitas vezes o velho catalina, em suas expedições políticas, fixando em seus poemas a imagem desse hidroavião. Ele realizou um poema cuja conformação gráfica responde ao desenho da aeronave. É um poema figurativo, próximo ao poema visual, herdeiro mais novo dos *caligramas* celebrizados por Apollinaire.³ Como se vê, o velho Álvaro também estava ligado nos procedimentos poéticos de vanguarda, embora já se encontrem poemas figurativos em poetas brasileiros desde o romantismo. "Catalina" possui múltiplo ritmo e a variedade de versos que abrange das redondilhas aos versos bárbaros, e momentos de excelente poema em prosa, sem jamais resvalar na prosa rasa, mas, ao contrário, sempre tocada por emoção estética.

Na abertura do poema, significando a cabine de comando do avião, Álvaro Maia usa redondilhas que, em seguida, se alastram nas asas, já em versos bárbaros:

*Unido no mesmo abraço,
em r o t a ç õ e s ardentes,
n u v e n s e continentes,
nas conquistas do espaço,*

*o hidroavião sorve a distância e, violando os ares finos, leva o clamor
universal aos astros, pelos céus sem mágoas, e trás o eterno azul do Céu
para beber o azul da águas...*

Logo aí se percebem na estrutura do poema, uma rima interna, entre as palavras *mágoas*, no meio do penúltimo verso, com *águas* no final do último da estrofe citada.

Agora, vem a parte de alojamento dos passageiros, como se fosse o corpo da aeronave que se estende sob as asas. O poeta vê o avião de fora, nas sombras que produz sobre as águas e a floresta, antes do pouso:

3. APOLLINAIRE, Guillaume (pseudônimo de Wilhelms Apollinaris de Kostrowitzky), (Roma 1880 - Paris 1918), poeta considerado francês, líder dos movimentos de vanguarda artística no seu tempo.

[...] vindas de todas as esferas...

221

Sua sombra é uma cruz em marcha: ouve idiomas num só dia,
concentra crença numa ave-maria,
foge dos homens e a Jesus procura...
Irmão do rádio, Caliban da altura,
Bobina do sol, para cima,
Para outro mundo, outro clima!

Caliban livre do esgoto, o poeta se afeiçoa ao hidroavião, ainda no desenho da conformação da aeronave:

Meu coração te acompanha,
motor de sangue, acima
da mais alta montanha,
noivando as estrelas...

Na empenagem do catalina, parte traseira onde se encontram os lemes, o poeta vê:

Penso no bem, que se desata
em glórias, por milhões de bocas
de civilizações n a s c e n t e s,
e ouço, nas hélices frementes,
a gestação de um povo em flor
para o infinito,
a liberdade,
o amor!⁶

6. Fuzina dos Pararáis,
2ª edição

Álvaro Maia foi administrador público e parlamentar, professor apreciado por seus discípulos e líder político; enfim, um estadista, mas na essência ele foi mesmo um grande poeta. Este poema, ainda que escrito no intuito de desenhar um avião catalina, não se prejudicou quanto à emoção estética e o cuidado que teve o poeta em arrumar as palavras com bom gosto e precisão técnica.

[Medalha PÉRICLES MORAES 2017]

— Abertura¹

ROSA MENDONÇA DE BRITO

Com a finalidade precípua de homenagear personalidades e instituições que se destacam ou se destacaram no cenário social e cultural de nossa terra através da outorga da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes, esta sessão solene nos dá consciência da presença e evoca o sentido da vida de um dos luminares desta Casa, seu fundador e presidente.

Como um arco que se projeta entre o nascimento e a morte, a vida, como nos ensina Jaspers, é o espaço de nossa temporalidade. "Uma vida é minha e minha também uma morte. Viver e morrer são a dimensão da nossa finitude e da nossa identidade". Somente a morte completa o que somos, dizendo o que fomos. Enquanto existentes, somos tempo e mudança, estamos sendo. Na ação sobre si mesmo e sobre o mundo, em suas realizações, é que o homem, adquirindo consciência de ser ele próprio, domina a vida e se ultrapassa. Humanos, somos todos os mesmos, sem que jamais sejamos iguais a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.

Completa é sempre a nossa vida, qualquer que seja a sua duração. Sua utilidade não se mede pelo número de anos, senão pelo emprego que lhe damos. Podemos ter uma longa existência e, apesar disso, viver pouco, porque a tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com sua capacidade de produzir obras, feitos e palavras, de sorte que, dando-se à tarefa de legar aos pósteros algum vestígio de sua vida ativa, possibilitam a sua permanência no tempo.

Nutrindo-se dessa matéria intemporal que transcende a afirmação do hoje e a memória do ontem que anima a História das letras, das artes, das ciências, das culturas por meio de vozes do ontem, do hoje e do amanhã, a Academia Amazonense de Letras, identificando contribuições imorredoras ao desenvolvimento intelectual, social e cultural

1. Cerimônia realizada em Manaus, 28 de abril de 2017.

224 do homem amazônico, condecora, nesta noite, o mérito nas Letras, nas Artes, na Benemerência e no Mecenato e proclama a riqueza e a beleza dos pensares e dos fazeres daqueles, homens ou instituições, que atuam ou atuaram em prol do homem e do desenvolvimento da nossa terra.

Este ano, a distinção da Medalha, no campo das Letras, do trabalho intelectual, da beleza da palavra, caberá ao escritor e professor Dr. Marcos Frederico Krüger Aleixo e, *in memoriam*, ao também escritor e membro do Clube da Madrugada, Aluísio Sampaio Barbosa. No campo das Artes, da beleza do som, das formas e das cores, receberá a honraria a Orquestra Barroca do Amazonas que, há mais de nove anos, encanta a sociedade amazonense, brasileira e estrangeira, com a suavidade de seus acordes. Na categoria Benemerência e Mecenato, expressão do fazer solidário, a honraria será entregue ao Serviço Social do Comércio - Sesc, pelos trabalhos desenvolvidos nos campos da educação, da cultura, da saúde e do lazer há 60 anos, em oito municípios do Estado, e a Ildefonso da Silva Pinheiro, *in memoriam*, pela beleza do coração generoso e solidário que penetrou a alma da nossa cidade.

Para dizer do significado da honraria, da importância desta solenidade e dos incontestáveis méritos dos homenageados, a palavra nos chegará da tribuna na voz do ilustre confrade, jurista e historiador Francisco Gomes da Silva, ocupante da Cadeira nº 20, de Afonso Arinos de Mello Franco.

Representando os homenageados desta noite, ocupará a tribuna do Silogeu o professor doutor Marcos Frederico Krüger Aleixo, formador de gerações na utilização das palavras, na construção e transmissão da beleza e da correção do pensamento, da fala e da escrita.

Com o sentimento da presença de Péricles Moraes, Aluísio Sampaio e Ildefonso Pinheiro nesta Casa, saúdo todos os presentes. Saúdo a Vida. Saúdo as Letras, as Artes, o Pensamento, a Benemerência, o Mecenato, a Imortalidade!

Está aberta a sessão!

— Agradecimento

MARCOS FREDERICO KRÜGER ALEIXO

Na oportunidade em que foi agraciada com a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes – honra que me cabe nesta noite – a escritora Astrid Cabral salientou a grande responsabilidade de ter de agradecer a condecoração também em nome de terceiros. Naquela ocasião, além da autora de *Alameda*, o arquiteto Severiano Porto e o empresário Moisés Israel foram os homenageados, respectivamente, nas Artes e no Mecenato.

É exatamente assim que me sinto, agravando-se esse fato com a obrigação de fazer um discurso que, pelo menos, não se torne enfadonho.

Começo, pois, por agradecer aos acadêmicos que indicaram e votaram em meu nome como merecedor da medalha na área de Letras. Penso que é também uma homenagem aos professores de Literatura que estudam, pensam e transmitem conhecimentos aos jovens, nos diversos níveis de ensino. São eles que, com atuação dedicada, não deixam morrer a arte da palavra escrita.

Refiro-me agora à Orquestra Barroca do Amazonas, que, fundada em 2009, tem a competente direção musical do flautista e maestro Márcio Páscoa. Em 2013, essa Orquestra gravou o CD *Dei Duo Mondí*, com obras de compositores italianos e ibéricos que influenciaram a formação musical brasileira. Tem essa orquestra se apresentado com brilhantismo em diversas cidades do Brasil e do exterior. Uma peculiaridade que a OBA possui é a de fazer cópias fiéis de instrumentos musicais do século XVIII e início do século XIX, para maior verossimilhança artística. É pena que ela seja tão pouco divulgada, em detrimento do lixo musical que nos corrompe os ouvidos nas rádios, nos programas de TV – em todos os cantos, enfim. O prêmio concedido pela Academia Amazonense de Letras é um resgate da boa música.

Sobre a Orquestra Barroca, permito-me parodiar Manoel de Barros. Para o poeta pantaneiro, “o artista é erro da natureza”. Sendo assim,

226 a OBA, com um conjunto de tantos artistas juntos, aliados a um competentíssimo maestro, é um "erro perfeito".

No Mecenato, observa-se um prêmio duplamente dividido: para o intelectual Ildefonso Pinheiro e para o Sesc – Serviço Social do Comércio.

O cearense Ildefonso Pinheiro, nascido em 1900, fez vida intelectual no Amazonas. Dentre outras atividades culturais, foi sócio benemérito do IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – e desta Academia de Letras. Foi também sócio da União Brasileira de Escritores, Seção do Amazonas. E por que se tornou ele um mecenas merecedor de medalha? Porque, quando era terceiro vice-presidente do IGHA, ofereceu para aquela instituição um imóvel para o seu funcionamento, além da importância de Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros), que foram usados pela tesouraria da entidade na aquisição e revisão de móveis. Consta também ter doado salas para a Academia Amazonense de Letras.

Ildefonso Pinheiro publicou em 1963, pela editora Sérgio Cardoso, de Manaus, o livro *Uma vida...*, cujo prefácio foi feito por Francisco Bacellar, pai do grande poeta Luiz Bacellar. Faleceu no dia 7 de novembro de 1978, mas hoje, é desnecessário dizer, sua vida ressurgiu com a medalha que lhe é postumamente concedida. Aliás, com o funcionamento do IGHA e da Academia de Letras, não é possível dizer que algum dia a vida de Ildefonso se tenha esvaído.

Quanto ao Sesc, sinto-me duplamente homenageado pela concessão do mecenato também a essa entidade. Com o Sesc tenho mantido, nos últimos anos, estreita relação, pois atuei diversas vezes como palestrante e mediador em mesas redondas efetivadas nas feiras de livros. Bem a propósito, no ano de 2015, organizei um livro, publicado pela Editora Valer, sobre os trinta anos de existência das feiras ou festivais literários organizados pelo Sesc. Tendo começado nos anos 80 do século passado, as feiras eram dirigidas, em suas primeiras edições, apenas ao público infantil, com o objetivo evidente de formar público leitor.

Nos anos posteriores, as feiras se direcionaram para o público adulto, embora mantendo sempre um espaço reservado para a literatura infantojuvenil. Ultimamente, as feiras se têm deslocado para o interior do estado: Manacapuru e Itacoatiara, esta última com a edição de dois festivais. Aliás, tive o prazer de organizar e coordenar o Festival do ano

passado, na chamada Velha Serpa. Só o consegui graças ao empenho, ao amor e à dedicação dos funcionários do Sesc a essa atividade cultural. São pessoas verdadeiramente abnegadas.

Entretanto, nada disso aconteceria – falo do patrocínio do Sesc às atividades culturais – se não fosse a figura do Dr. José Roberto Tadros, membro desta Academia. Dirigindo o Sesc, é uma verdadeira reencarnação de Caio Mecenaz, que viveu no primeiro século antes de Cristo e foi o influente conselheiro do imperador romano Augusto. Foi esse Mecenaz original, do qual derivou o termo mecenato, que formou um círculo de intelectuais e poetas e sustentou a sua produção artística. Portanto, muito obrigado, Dr. Roberto Tadros.

E obrigado ainda porque foi no Tesc – sigla do Teatro Experimental do Sesc – que surgiu uma das obras teatrais mais vigorosas do Brasil: a produção de Márcio Souza, principalmente em sua feição indígena, com peças como *Jurupari*, *a guerra dos sexos*, *A Paixão de Ajuricabá*, *Dessana*, *Dessana* e *A Maravilhosa história do sapo Tarô-Bequê*. Nesses textos, Márcio Souza recria a mitologia do Rio Negro, seguindo na contramão da literatura tradicional, que sempre bebeu nas fontes mitológicas helênicas.

Divide comigo o prêmio dedicado às Letras o escritor Aluísio Sampaio, em homenagem póstuma e merecida. Aluísio nasceu em Borba, em 1929, e é um daqueles escritores que, vindos do interior, formam o cânone da literatura no Amazonas. Formou-se em Direito e trabalhou como promotor na cidade natal, em Humaitá e São Paulo de Olivença. Trabalhou na imprensa de Manaus e publicou contos e crítica literária (em relação a essa última atividade, faz par comigo). Entretanto, sua importância maior reside no fato de ter sido um profícuo presidente do Clube da Madrugada por mais de uma gestão. Ele estruturou essa importante agremiação de nossas letras. O Clube da Madrugada, por sinal, durante muitos anos, publicou em *O Jornal*, uma página dominical com peças literárias. O resgate da obra crítica e artística de Aluísio Sampaio precisa ser feito, para engrandecimento de nossa literatura e perfeito mapeamento do que foi feito pela Geração Madrugada.

Quanto a mim, tive uma trajetória literária com produção restrita. Publiquei livros didáticos e paradidáticos em companhia inclusive de membros desta Casa, como Tenório Telles e Zemaria Pinto. O úl-

228 timo livro que organizei a quatro mãos foi com o professor doutor Alison Leão, da Universidade do Estado do Amazonas. Chama-se *O Mestrador da Derrota*, e consiste de ensaios sobre a obra do escritor Márcio Souza.

Tenho dois livros que reputo de algum valor. O primeiro é a minha tese de doutorado, intitulada *Amazônia: mito e literatura*, livro que foi contemplado com três edições e que foi elencado, em mais de uma ocasião, como leitura para a seleção do mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Ufam. Consta esse livro, principalmente, da análise da mitologia da etnia dessana, do Alto Rio Negro, tendo por base o livro *Antes o Mundo não existia*, de Firmiano Arantes Lana e seu filho, Luiz Gomes Lana. Nele, trato ainda da recriação dos mitos das etnias do rio Negro em obras literárias do Amazonas, como o romance *Simd* (de 1857), de Lourenço da Silva Araújo Amazonas, que apresenta um mito indígena manau, um dos povos que, segundo a cultura rio-negrina, veio na barriga da Cobra Grande, por ocasião do povoamento da Terra.

O outro livro intitula-se *A Sensibilidade dos Pinhais*. Trata-se de um ensaio literário sobre a presença do mar, do fazer lírico e da sexualidade na poesia realizada no Amazonas, principalmente em três livros que parecem ter sido de propósito preparados pela História, pois se dispõem em sequência não só cronológica, mas na consecução de uma viagem: *Ritmos de inquieta alegria*, de Violeta Branca (de 1935), *Poesia frequentemente*, de Sebastião Norões (de 1956), e *Frauta de barro*, de Luiz Bacellar (de 1963). Com esse livro, ganhei, em 2006, o Prêmio L. Ruas da Prefeitura Municipal de Manaus, prêmio destinado à categoria ensaio literário.

Astrid Cabral, em seu discurso na ocasião em que ganhou a Medalha Péricles Moraes, declarou-se praticante de um gênero que pouco vende: a poesia. O que não dizer então do gênero a que me tenho dedicado, o ensaio literário? Fora do âmbito acadêmico e intelectual, qual a divulgação que ele tem? Em que pese essa situação, sinto ter dado alguma contribuição aos estudos amazônicos e isso me gratifica.

Minha relação com a literatura de nossa terra começou quando fui fazer o mestrado em Letras, através do Plano Institucional de Capacitação de Docentes (PICD) da Universidade Federal do Amazonas. Através de meu orientador, o conhecido crítico Gilberto Mendonça Teles,

autor de *Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro*, fui direcionado para pesquisar sobre a literatura produzida no Amazonas, em consonância com a política cultural da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que pretendia mapear toda a literatura brasileira, ciente de que o cânone estabelecido através dos polos econômicos mais fortes não expressa a totalidade de nossa inteligência. O produto dessa pesquisa foi um trabalho ainda inédito, intitulado *Introdução à Poesia no Amazonas* (introdução, por que a pesquisa se restringiu apenas a livros, deixando de lado os jornais, que certamente detêm a maior parte da produção lírica de nosso Estado). Desde então, tenho me dedicado a esse setor extremamente especializado do conhecimento: a literatura aqui realizada. Consegui criar no currículo de Letras da Ufam a disciplina Literatura Amazonense, a qual, suprimida posteriormente, integra a oferta do Programa de Pós-Graduação em Letras daquela instituição.

Em minha atuação profissional, tanto na Ufam, quanto na UEA, onde agora presto serviço, direcionei os meus orientandos no mestrado para escreverem sobre autores e temas da terra, com o objetivo de criar aquilo que ainda hoje é escasso: uma bibliografia sobre nossas obras literárias. Não vou citar nenhuma dissertação em particular, para não esquecer ninguém, mas, graças a essa iniciativa, já existem estudos sobre autores como Erasmo Linhares, Astrid Cabral, Aldisio Filgueiras, Elson Farias, Pereira da Silva, Márcio Souza. Sobre Milton Hatoum, então, há várias. Agora mesmo estou orientando três: sobre *Dois Irmãos*, *Cinzas do Norte* e *Órfãos do Eldorado*.

Hoje é, portanto, um dia especial para mim e ficará para sempre marcado em minha história individual. Mas é também um dia muito especial para o País, por causa dos protestos contra diversas reformas, dentre as quais aquelas que prejudicam os trabalhadores. Há, portanto, uma coincidência, talvez infeliz, mas que de certa forma me apraz.

Os protestos desencadeados no Brasil fizeram-me lembrar de meu pai, um senhor chamado João Aleixo (conhecido por Joca), trabalhador que acreditava nos trabalhistas – nos trabalhistas do antigo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), fundado por Getúlio Vargas. Em sua época, não havia outra opção, a não ser os comunistas, dos quais ele, por desconhecimento, tinha horror. Lembro-me que saía

para assistir aos comícios do seu partido, acreditando que políticos falaciosos – ontem, como hoje – poderiam amenizar a situação dos trabalhadores.

Desde então, houve algumas conquistas trabalhistas no País, obtidas a ferro e fogo. Contudo, de uma hora para outra, quase tudo desmorona. Pelo menos, desculpem-me, é a minha percepção. Meu pai, se vivo e lúcido fosse, veria como suas esperanças foram vãs. E eu lhe diria, consolando-o, o que li em algum livro ou ouvi de alguém: que as conquistas sociais, por andarem a pé, demoram a aparecer, ao contrário de seus inimigos, os retrocessos, que andam de avião e, por isso, chegam logo.

Por causa deste momento vivido hoje, dedico esta medalha a meu pai, nordestino que, ainda criança, veio para Manaus trazido pela mãe viúva e acompanhado de grande quantidade de irmãos. Mas não só ao senhor João Aleixo, mas igualmente a sua esposa, Dona Consuelo, minha mãe. Ambos me ensinaram éticas e comportamentos que segui durante toda a vida. Joca e Consuelo, quero dividir com vocês esta Medalha que me foi gentilmente presenteada pela Academia Amazonense de Letras. Estou orgulhoso dela e tenho certeza que, numa hipótese inverossímil, se vocês aqui pudessem estar, teriam orgulho de seu filho.

Muito obrigado.

— Saudação

FRANCISCO GOMES

Este é um momento simbólico e de celebração, em que homenageamos o saber e distinguimos a ação criadora do espírito. A Academia Amazonense de Letras reabre suas portas e disponibiliza suas instalações para expressar o seu reconhecimento a personalidades e instituições que se tenham destacado nos domínios das Letras, das Artes e de Benemerência ou Mecenato Cultural e, em consequência, conferir-lhes a Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes. É a décima terceira versão do prêmio, criado em 2004. O galardão anual, além de relevar a trajetória e/ou a performance dos eleitos, oportuniza-lhes a inclusão na lembrança popular. Os primados da premiação são a reverência e o combate ao processo de desconstrução da memória coletiva. Portanto, a Casa de Adriano Jorge coloca em prática a lição do teórico espanhol Adolfo Sanchez: "Literatura e sociedade não podem se ignorar, já que a própria literatura é um fenômeno social. O artista é um ser social. Sua obra é sempre um traço de união, uma ponte entre o criador e outros membros da sociedade". Na sessão solene desta noite cinco agraciados se apresentam: três intelectuais e duas instituições, escolhidos democraticamente, em escrutínio secreto. Para mim é motivo de honra descrevê-los. São eles:

— NO DOMÍNIO DAS LETRAS

1. Marcos Frederico Krüger Aleixo, nascido em Manaus, aos 7 de abril de 1949, é professor de Literatura Brasileira, Literatura Amazonense e Teoria da Literatura. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde, em 1982, defendeu a dissertação intitulada *Introdução à Poesia no Amazonas*. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ) concluiu, em 1997, o doutorado com tese so-

bre a mitologia do Alto Rio Negro e seu reaproveitamento por escritores do Amazonas. Esse trabalho, originariamente intitulado de *Recriação da Criação*, mais tarde comporia o livro *Amazônia: Mito e Literatura*. Aposentado pela Ufam, onde militou por mais de três décadas, Marcos Frederico compõe atualmente o corpo docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Aludindo vagamente sobre a naturalidade do professor Marcos Frederico, descobrimos que ele resultou do cruzamento de imigrantes que vieram para o Amazonas, atraídos pelo ciclo da borracha. O Aleixo de seu nome é patronímico. O prenome Frederico e o segundo sobrenome Krüger, herdou-os de seu avô materno.

Seu pai, o paraibano João Aleixo do Nascimento, nascido no dia 23 de novembro de 1904 na zona rural de Campina Grande, chegou a Manaus ainda muito criança, trazido pela genitora, a então viúva Guilhermina da Conceição Aleixo. A família estabeleceu-se no antigo bairro dos Tócos, hoje Aparecida, no Beco Carolina das Neves, número 41. Nesse local, o pioneiro João Aleixo viveu até o fim de sua vida, cujo termo ocorreu em 26 de março de 1970. Foi empregado na Casa Higson, estabelecimento comercial inglês de exportação de produtos regionais (borracha, balata, piaçaba etc.). Foi notável sua coragem durante toda a existência. Um herói anônimo que transmitiu aos seus descendentes belos exemplos de humildade e inteireza de caráter.

Sua mãe, Consuelo de Moraes Krüger Aleixo nasceu no dia 17 de maio de 1917. Ficou órfã de mãe muito cedo e foi criada pelas tias. Casou-se com João Aleixo e foi funcionária da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, por onde se aposentou. Faleceu em 28 de outubro de 2002. Tinha o curso de parteira e exerceu, em paralelo, essa profissão. Era filha da amazonense Delfina de Moraes e do alemão Frederico Carlos Guilherme Krüger - este, procedente de Santa Catarina, também veio para Manaus em busca do Eldorado da borracha.

O convívio humano deixa fundas marcas no nosso ser. "Toda a vida me há de lembrar o passado", dizia o poeta português Fialho d'Almeida. O professor Marcos Frederico teve uma infância triste. Há cerca de uma semana, instei-o para que discorresse sobre a sua trajetória. Ao ouvi-lo e ao ler o resumo escrito que gentilmente me cedera, percebi tratar-

se de um homem marcado pela nostalgia, um ser introvertido, voltado para o universo interior. Discorreu assim: 233

Minha mãe casou com meu pai em 1936, quando tinha 19 anos. Ele tinha 31, indo completar 32. Ela passou treze anos sem ter filhas, quando eu nasci. Três anos depois viria outro, mas ela abortou aos seis meses de gravidez. Sempre quis ter muitos filhos, mas não conseguiu. [...] O nome de mamãe é sugestivo. Como o pai, Frederico Carlos Guilherme, abandonou a mulher quando ela ainda estava grávida, Delfina batizou a filha com o nome de Consuelo (consolo em espanhol). Mamãe era o consolo de minha avó...

Reiterou que após o casamento de sua avó Delfina, seu avô Frederico Carlos "abandonou-a por motivos que minha mãe [Consuelo] nunca soube. Depois de casar com meu pai [João Aleixo], ela tentou estabelecer contato com ele, mas jamais conseguiu". E completou: "Eu jamais soube de meu avô materno".

Reservado em suas palavras e seus atos, Marcos Frederico é um intelectual que se mantém relevante na Literatura Amazonense. Na lição do amigo e confrade Zemaria Pinto, "como escritor, nos últimos 20 anos, Marcos tem sido constante. Foram dez livros originais e duas organizações, em trabalhos solos e parcerias".

Realmente. Como dito antes, sua estreia no mundo das letras deu-se com *Introdução à Poesia no Amazonas*, um precioso levantamento histórico sobre a produção lírica em nosso Estado. Já decorreram trinta e cinco anos e esse primeiro trabalho de Marcos Frederico prossegue inexplicavelmente inédito. Aguardamos sua publicação ansiosamente. Quando isso acontecer, tal obra será alçada a uma posição de destaque na bibliografia amazonense, certamente nas mesmas dimensões de *Recriando a Criação*.

É de registrar e insistir que o trabalho *Recriando a Criação* pautou, em 1997, o doutorado de Marcos Frederico na PUC/RJ. Publicado em 2003 pela Editora Valer, sob o título *Amazônia: Mito e Literatura*, atualmente encontra-se em terceira edição.

Indiscutivelmente, *Amazônia: Mito e Literatura* é o maior legado do escritor que agora homenageamos. Nele, segundo a expressão do esgrimista das letras Zemaria Pinto, em correspondência que a mim di-

234 rigiu dias atrás, "Marcos Frederico desvela a magia por trás dos mitos que perduram na Amazônia, relacionando-a com a literatura e mostrando que a Amazônia é privilegiada por ter uma mitologia própria. Inventariando criticamente tudo o que se produziu desde *Poranduba amazonense* (1890), de João Barbosa Rodrigues, até *Antes o mundo não existia* (1980), de Feliciano e Luís Lana, passando pelos geniais *Macunaima* (1928), de Mário de Andrade, e *Moronguetá, um Decameron indígena* (1967), do nosso confrade Nunes Pereira, [...] Marcos Frederico Krüger produziu um livro que já nasceu indispensável e clássico",

Mas, o celebrado escritor amazonense não parou aí.

Em 1997, publicou *Resumos & Comentários*, sobre as obras que seriam estudadas no vestibular do ano seguinte. Em 1998, em parceria com o falecido professor Antônio Paulo Graça, trouxe a lume *Análise das obras do Vestibular 1999*. Com o confrade Zemaria Pinto, escreveu *Análise das obras do Vestibular 2000* e *Análise das obras do Vestibular 2001*. Em 2009, organizou o livro *Os melhores poemas de Thiago de Mello*, para a Global Editora. Em 2013, em parceria com o professor Allison Leão, organizou o livro *O mostrador da derrota*, sobre o teatro e a ficção de Márcio Souza.

Ainda, em 2004, em parceria com o confrade Tenório Telles, Marcos escreveu dois livros fundamentais para o entendimento da literatura que se produz no Amazonas: *Poesia e poetas do Amazonas*, e em 2009, a *Antologia do conto do Amazonas*. Com o mesmo Tenório Telles lançou, em 2003, *Introdução à Literatura Brasileira*, e, em 2010, *Poesia e poetas do Parnasianismo, Simbolismo e Pré-Modernismo*.

Em 2006, venceu o Prêmio L. Ruas, da Prefeitura de Manaus, com o ensaio *A sensibilidade dos punhais*, publicado no ano seguinte – na opinião de Zemaria Pinto “uma inédita visão das imagens do mar na poesia do Amazonas, tendo por referência a lírica de Violeta Branca e Luiz Bacellar, além de Sebastião Norões”.

2. Aluísio Sampaio Barbosa, *in memoriam*, amazonense do Município de Borba, o jornalista e escritor Aluísio Sampaio nasceu em 25 de outubro de 1929. Depois de concluir o ensino primário, mudou-se para Manaus onde cursou o ginásio e o colegial clássico. Graduado em Direito e na sequência nomeado promotor de Justiça, durante vários anos serviu nas comarcas de Humaitá, Borba e São Paulo de Olivença. Nes-

ta capital exerceu a advocacia e secretariou o Juizado de Menores, por onde se aposentou. 235

Quando cheguei a Manaus, em 1965, encontrei Aluísio Sampaio exercendo o cargo de redator-chefe do jornal *A Crítica*. Esse matutino, longe de ser a potência que é hoje, tinha sua redação e oficinas sediadas no andar térreo do prédio onde morava a família de Umberto Calderaro Filho, na Rua Lobo d'Almada. Experimentei ali, em 1966/1967, sob o comando do grande Aluísio Sampaio, a atividade de repórter policial, ganhando alguns trocados para ajudar-me na subsistência. Diariamente, cedo da manhã, eu me deslocava do bairro da Matinha à Central de Polícia, na Rua Marechal Deodoro, para tirar anotações de seu livro de ocorrências e transformá-las em notícias, textos que, antes de irem à publicação no dia seguinte, tinham que passar pelo crivo do carismático, dinâmico e às vezes agitado jornalista.

A despeito do semblante fechado, Aluísio Sampaio aparentava um ar professoral, gostava de orientar os mais jovens. Além do porte atlético, destacava-se pela enorme cabeleira que lembrava o "tuxaua" Álvaro Maia. Soube que se tratava de um leitor voraz, que tinha predileção pelos livros de Dostoiévsky, Kafka, García Márquez, Machado de Assis e Jorge Amado, evidentemente sem excluir os autores da terra. Gostava de declamar. Escreveu novelas, poesias e contos. Faleceu em 29 de outubro de 2003.

Aluísio Sampaio integrou e presidiu o Clube da Madrugada e, por haver realizado ali um excelente trabalho, deixou o seu nome gravado na História da Cultura do Amazonas. O surgimento do Clube, em novembro de 1954, coincidiu com o desejo de renovação estética vivida por um seletivo grupo de intelectuais cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas. Nasceu sob o signo da informalidade, embaixo de um mulateiro da Praça Heliodoro Balbi. Entre seus fundadores estavam: Saul Benchimol, Luiz Baccellar, Farias de Carvalho, Teodoro Botinely, Fernando Collyer, José Trindade, Francisco Baptista, João Bosco Araújo, Antônio Gurgel, Celso Mello, Camilo Souza e Humberto Paiva. Posteriormente, a estes se juntariam: Aluísio Sampaio, Jorge Tuffe, Guimarães de Paula, Luiz Ruas, Francisco Vasconcelos, Astrid Cabral, Carlos Gomes, Jefferson Péres, Elson Farias, Arthur Engrácio, Antísthenes Pinto, Max Carphentier,

236 Sebastião Norões, Anísio Mello, Evandro Carreira, Fábio Lucena, Moacir Andrade, Adrino Aragão, Afrânio de Castro, Óscar Ramos e outros mais.

Segundo a afirmativa de Luciane Páscoa (2009), o Clube "foi influenciado na literatura pela Geração de 1945 e imbuído de todas as aspirações políticas do pós-guerra". O acadêmico Tenório Telles (2006) diz que ele "surgiu como uma reação à estagnação cultural, ao provincianismo, ao conservadorismo dos artistas e dos intelectuais comprometidos com a velha ordem política e econômica". O revolucionário acontecimento esbarrou na resistência e incompreensão dos representantes da elite conservadora local, e a respeito assim se manifestou o confrade Márcio Souza (1977): "Os artistas foram considerados loucos, inveterados alcoólatras, perigosos contestadores da inércia".

Reportando sobre a trajetória do Clube, nosso saudoso confrade Alencar e Silva (2011) lembra que "os presidentes foram muitos e que todos o terão conduzido com o acerto esperado, dando cumprimento à pauta do seu ideário e ao intercâmbio de conhecimentos e experiências em que os madrugadenses mutuamente se enriqueciam, como que ao clima de um centro de estudos superiores. A partir, porém, dos anos 60 e princípios dos 70, houve notável mudança de ritmo. E Aluísio Sampaio viria como que a encarnar a alma do Clube como força coesiva e dinâmica que lhe comunicaria novo ânimo [...]. O período presidencial de Aluísio Sampaio estendeu-se praticamente por toda uma década – o quanto durou a página dominical do Clube – tempo durante o qual só se assinalaria um breve hiato, no biênio 1965/66, com a presidência de Francisco Vasconcelos".

À época, o Clube ganhou novos membros, e sua atuação na imprensa periódica aconteceu através da página dominical *Caderno Madrugada*, em *O Jornal*, da empresa Archer Pinto, entre 1961 e 1972, na qual foi reunida e divulgada grande parte da produção literária e artística do grupo, cujo trabalho de diagramação era feito pelo próprio presidente Sampaio. Entre os novos madrugadores estavam os escritores Márcio Souza, Ernesto Pinho, João Bosco Evangelista, Alcides Werk, Ernesto Penafort; os artistas plásticos Álvaro Páscoa, Getúlio Alho, José Coelho Maciel, Hahnemann Bacelar; e os cineastas Cosme Alves Neto, Ivens Lima e José Gaspar.

Aluísio Sampaio era um obstinado. Foi o iniciador da Coleção *Madrugada*, que lançou no mercado editorial vários títulos, inclusive *Luanamarga*, de Alencar e Silva. O Clube apoiou diversas atividades culturais em intercâmbio com outros grupos independentes (Grupo de Estudos Cinematográficos) e institucionais (Fundação Cultural do Amazonas, Pinacoteca do Estado, União Brasileira de Escritores do Amazonas). Ofereceu um grande apoio às artes visuais, patrocinando inúmeras exposições, coletivas e individuais, inclusive de artistas estranhos aos quadros da instituição. Graças à sua intervenção, o *hall* do edifício do *Jornal do Comércio*, na Avenida Eduardo Ribeiro, transformou-se numa galeria de arte, onde foram realizadas muitas exposições. Relembra-se que foi um membro do Clube, o pintor Moacir Andrade, o primeiro artista brasileiro a expor em Brasília. Outros movimentos inovadores promovidos pelo Clube foram feiras de arte e os festivais de cultura. Enfim, um vasto programa incluindo exposição e lançamento de livros, poesia de muro, festa do violão, exibição de filmes, recitais de poesia, apresentação de grupos musicais populares etc. – envolvendo grande número de participantes e consequentemente causando um impacto enorme na Manaus da época.

Para ilustrar esta parte do discurso, pedi ao meu amigo e confrade Elson Farias sua opinião sobre Aluísio Sampaio. Generoso como sempre, o poeta nascido em Itacoatiara atendeu-me de pronto, e escreveu:

Convivi um bom tempo com Aluísio Sampaio no tempo do Clube da Madrugada. Ele foi presidente da instituição e um dos seus mais vibrantes animadores. Seu maior interesse intelectual concentrava-se na área do ensaísmo literário e da prosa de ficção. Sua obra, no entanto, não foi reunida em livro. Tudo ficou disperso nos jornais da época, em particular na página literária que o Clube manteve por mais de dez anos em O Jornal, de Manaus. Destacou-se como um especialista no jornalismo literário, principalmente na diagramação desse suplemento que marcou época, ainda por isso, na imprensa amazonense de então. Sua prosa era intensa e sóbria, demonstrando pleno conhecimento da matéria no ensaio, e muita autenticidade na ficção. Foi um incansável trabalhador intelectual.

Orquestra Barroca do Amazonas (OBA). A Música é um segmento da Arte capaz de nos deixar felizes quando estamos tristes. Funciona como uma distração para certos problemas, um modo de expressar o que sentimos. Segundo a abordagem funcional, artística e espiritual, a Música é a arte de manifestar os afetos da alma, através do som. Para os adeptos dessa abordagem, ela só existe como uma manifestação humana. É atividade artística por excelência e possibilita ao compositor ou executante compartilhar suas emoções e sentimentos.

A história da Orquestra Barroca do Amazonas (OBA) relewa o papel de seus participantes, excelentes artistas, que dignificam a Cultura do nosso Estado. Criada em 2009 por professores e alunos de graduação e pós-graduação em Música da UEA, interessados na recuperação e interpretação do patrimônio musical luso-brasileiro do século XVIII e começo do XIX. O grupo usa cópias fiéis de instrumentos de época e leitura historicamente inspirada das fontes musicais. Atualmente desenvolve projeto de formação de plateia em parceria com esta Academia Amazonense.

Desde sua criação, a OBA já esteve em diversas cidades do Brasil, inclusas todas as capitais da Amazônia Legal, além de ter se apresentado em Portugal, Itália e Espanha. Os concertos acontecem em festivais de ópera e música sacra, tanto em igrejas e teatros históricos quanto em modernas salas de concerto.

Em 2013, a Orquestra gravou o CD *Dei Duo Mondi*, com obras de autores italianos e ibéricos que influenciaram a formação do repertório luso-brasileiro. No mesmo ano, percorreu 25 cidades brasileiras com o projeto Ópera do Brasil Colonial, em que executou árias de óperas como *Capitão Belizário*, *A Mulher Amorosa*, *As Variedades de Proteu*, *Precipício de Faetone*, *Dido Desamparada*, *Guerras do Alecrim* e *Mangerona e Demetrio*. Em novembro de 2015 abriu em Juiz de Fora (MG) o Festival Internacional de Música Colonial Brasileira e Música Antiga. Em 2016, participou dos saraus desta Academia, realizando quatro apresentações trazendo, em algumas delas, músicas inéditas.

A OBA é regida pelo maestro e flautista amazonense Márcio Páscoa. Natural de Manaus formou-se em Direito, mas a sua vocação é a Mú-

sica. Fez carreira acadêmica em importantes centros de convivência cultural como a Universidade de Coimbra. Assim, converteu-se em pesquisador da produção musical da Amazônia, tendo recuperado partituras inteiras de obras de mestres do passado.

— NO DOMÍNIO DA RENEMERÊNCIA OU MECENATO CULTURAL

1. Ildelfonso da Silva Pinheiro, *in memoriam*, início esta resenha com a frase lapidária da senhora Assunção Pinheiro, a respeito do saudoso Ildelfonso Pinheiro, na introdução à carta que me enviou recentemente, propiciando-me elucidar alguns pontos deste pronunciamento: "Meu avô, meu ídolo, nasceu em 21 de janeiro de 1900, na Serra de Baturité - Ceará. Era um homem extraordinário, quase único, que viveu e se doou ao Estado do Amazonas e tanto fez pelos desvalidos". E, agora, digo eu: sua história, que começou trágica e findou rotulada de virtudes, é um poema de longo fôlego. O sofrimento deixou-lhe profundos traços, mas transformou-o em um ser possuído pelo sentimento de caridade e de amor ao próximo. Esse homem manso e humilde de coração faleceu a 7 de novembro de 1978.

Seu contemporâneo Francisco Bacellar, que o auxiliou na feitura do livro *Uma vida* (Manaus, 1963), registra "Do menino criado de favor ao homem de negócios de hoje, soube Ildelfonso Pinheiro sempre fazer-se respeitar. Exerceu todos os seus variados misteres desde o mais humilde, com dignidade elevada - jamais foi humilhado, aviltado ou vilipendiado. A sua personalidade sem arrogância, o seu procedimento comedido impunha o respeito e mantinha a simpatia". O genitor do nosso antigo confrade Luiz Bacellar completa: "Ildelfonso, criança ainda, aqui chega acompanhado dos pais e de sua irmãzinha. Não vieram tangidos pelos flagelos nem em busca de melhoria de vida - prestigiosa família cearense, os Pinheiro de Fortaleza - nos seus pagos gozavam de todo o conforto. Vieram a chamado de um parente, o doutor Solon Pinheiro, irmão do pai de Ildelfonso, advogado de nomeada. [...] Segue a família para o Rio Javari onde lugar de confiança espera o pai".

Porém, em menos de um mês, a família é destruída pelo beribéri, à excessão do menino Ildelfonso, com apenas quatro anos de idade, que se viu despojado de tudo que representava meio de sobrevi-

240 vência. Vencendo as maiores dificuldades, sem possibilidade de distração que custasse dinheiro, procurou se instruir e, trabalhando duro, foi consolidando sua vida profissional. De estivador do Porto de Manaus, praticista, mordomo do Ideal Clube, chegou a promissor comerciante, proprietário da Leitaria A Tropicana, situada na Rua Marechal Deodoro. Extinta esta, em 1943, associou-se a outros homens de negócios daí nascendo a firma Eletro-Ferro Construções. Encerrada essa sociedade, no imóvel foi construído o Edifício Brasil, onde Ildefonso possuía 16 apartamentos, dos quais dez foram destinados aos seus familiares e os seis restantes doou-os à Academia Amazonense de Letras, ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, ao Ginásio Álvaro Botelho Maia, ao Hospital Alan Kardec, ao Hospital-Colônia Antônio Alcixo e ao Centro de Irradiação Mental Tattwa Nirvana.

Posteriormente, – segundo informações da neta Assunção –, Ildefonso fundou a Loja Ferragens Pinheiro, “onde efetivamente deu início ao mais importante e marcante objetivo de sua vida: servir ao seu semelhante. A filantropia, em forma discreta, era um dos traços mais marcantes de seu caráter, e sua bússola a Bíblia, onde buscava orientações para a prática do bem – e assim cumpriu sua missão, desprendido dos tesouros deste mundo. Um dia, vovô resolveu construir um edifício de apartamentos, que o denominou de Fortaleza, em homenagem à capital do seu Estado natal – um prédio de quatro andares, com 16 confortáveis apartamentos, à Rua dos Barés. Despreendido, como sempre, doou sete apartamentos aos descendentes e distribuiu os demais entre instituições como: Educandário Gustavo Capanema, Instituto Montessoriano, Casa da Criança, Hospital Dr. Fajardo, Santa Casa de Misericórdia de Manaus, Fundação Dr. Thomas e um para um grande amigo, que me reservo o direito de não o citar”.

Sempre cercado por pessoas de todas as classes sociais, sobretudo as de origem humilde, Ildefonso foi reverenciado e manteve estreita ligação com personalidades de alta estirpe, como: André e Rui Araújo, Álvaro Botelho Maia, Deocídes Carvalho Leal, Henoch da Silva Reis, João Rebelo Corrêa e muitas mais.

Grande incentivador da Cultura Amazonense, além de lançar o livro *Uma vida*, prestou colaboração ao *Jornal do Comércio*, órgão dos Diários Associados, onde durante anos publicou artigos sobre política, his-

tória e economia. Além de membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, que o presidiu, atuou fortemente no Instituto Cultural Brasil Estados Unidos. Dentre várias lãureas recebidas, foi contemplado com o título de Cidadão Benemérito do Amazonas.

Outras inumeráveis ações de benemerência desse homem incomum ficaram ocultas, por sua vontade, aliás, como é próprio dos seres virtuosos, inclinados à prática do bem. Ildefonso casou-se no dia 6 de março de 1924, com Lucia Coelho, de saudosa memória. Dos seus filhos, sobrevive apenas Maria Augusta. Jorge e Izabel já partiram: foram com ele se encontrar. Sua descendência é composta de dez netos, 19 bisnetos e 23 tetranelos.

Laborou bem a Academia Amazonense ao distinguir a memória desse grande brasileiro. E eu, que tratei com ele assim que cheguei da Velha Serpa, além de extremamente honrado, sinto-me feliz pela oportunidade de fazer-lhe o elogio. Devo a Ildefonso Pinheiro e ao desembargador João Rebelo Corrêa a minha introdução no círculo de sócios do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, isso no distante ano de 1969.

2. O Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma instituição privada que há mais de 60 anos representa a expressão legítima do exercício da cidadania e da responsabilidade social. Tem como foco de atuação o bem-estar e a qualidade de vida dos trabalhadores do setor do comércio de bens, serviços e turismo. Suas ações propagam princípios humanísticos e universais, promovendo melhor condição de vida para os comerciários e seus familiares, e, em caráter complementar, à sociedade de maneira geral. No Estado do Amazonas está presente em oito municípios: Manaus, Manacapuru, Itacoatiara, Presidente Figueiredo, Maués, Tefé, Coari e Parintins, onde desenvolve atividades relacionadas aos programas Cultura, Educação, Saúde, Assistência e Lazer.

Seus espaços, tanto na capital quanto no interior, propõem o resgate das tradições e sonhos de crianças, jovens e adultos por meio da Arte e da Cultura – razões pelas quais essa paradigmática entidade foi indicada para receber a Medalha Péricles Moraes, na categoria Benemerência ou Mecenato Cultural.

Em nosso estado, nenhum outro ente paraestatal é comparável ao Sesc como instituição incentivadora da Cultura e das Artes – áreas sensíveis em que o próprio governo não consegue atuar de forma eficiente. Sua luta é obstinada e permanente. É no sentido de democratizar o acesso dos cidadãos ao cinema, teatro, concertos e bibliotecas, abrangendo um leque diversificado de atividades, as quais seguem modelos de ação que convergem às diversas linguagens culturais, como artes plásticas, música, danças, literatura. Entrelaça entretenimento e diversão com educação para promover cultura de qualidade e ajudar na formação lúdica de milhares de amazonenses.

Entre os múltiplos projetos do seu Programa Cultural, destacamos: Amazônia das Artes (difusão, valorização e estímulo da produção artística e cultural dos estados da nossa região); Canção da Mata (mostra a diversidade musical do Estado e evidencia a produção dos artistas locais); BiblioSesc (incentivo à leitura, ampliação do acesso ao livro e melhoria da qualidade de vida através do acesso à informação). Festival de Talentos (descoberta de novos intérpretes e revelação de talentos na área musical. Dentre os que já foram revelados estão: Arlindo Júnior, Serginho Queiroz, Liz Araújo, Salomão Rossy, Nely Miranda, Cris Silva, Eduardo Branco e Henrique Cardoso). Cine Sesc (incentiva o gosto pela sétima arte, contribui para a valorização do cinema nacional, promove lazer e educação através do cinema. Atende escolas e comunidades periféricas de Manaus com sessões de cinema para os públicos infantil e adulto). Exposições (mostras mensais de artes plásticas, envolvendo renomados artistas e até iniciantes. O foco central é a galeria Moacir de Andrade, na sede da instituição, no centro de Manaus). Feira de Livros (estimula o desenvolvimento da prática da leitura junto aos públicos infantojuvenil e adulto por meio de atividades que propiciem o prazer de ler e dialogar com outras linguagens artísticas. Não se restringe apenas à comercialização de livros, porém, oferece uma série de atividades ligadas à literatura).

Entre as atividades relacionadas à Educação, Saúde, Assistência e Lazer estão: Escola Sesc (oferece do ensino infantil ao médio, cursos de Libras, Idiomas – Inglês e Espanhol – e Educação de Jovens e Adultos (EJA), a última, para adolescentes e adultos que desejam regularizar os estudos ou a certificação de conclusão do ensino básico); Ses-

cLer (desenvolve, além do EJA, habilidades de Estudo – uma atividade gratuita, destinada a crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental – 2º ao 5º ano – e tem a finalidade de incentivar a curiosidade científica, pesquisa, reflexão crítica e a construção do saber). OdontoSesc (disponibiliza tratamentos odontológicos básicos, restaurações, educação sobre saúde bucal e modificação de hábitos); Programa Lazer (direcionado à promoção e ao incentivo de campanhas para praticantes de atividades físicas visando a tirar as pessoas do sedentarismo); Mesa Brasil (programa de segurança alimentar e nutricional, visa à melhoria da qualidade de vida de pessoas em situação de pobreza, com uma perspectiva de inclusão social); Trabalho Social com Idosos (estimula o aprendizado de trabalhos manuais: artesanato, pintura em tecido, crochê, além de aulas de relaxamento e outros assuntos alusivos à terceira idade).

Em 2016 foram 36.121.534 atendimentos, em todo o Estado do Amazonas, abrangendo os programas Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistência – o que corresponde a quase 100.000 pessoas atendidas diariamente.

O número total de atendimentos na área de Educação (capital + interior) foi da ordem de 2.248.150. Em relação a 2015, houve um crescimento de 103,5%.

Número total de Atendimentos na área de Cultura (capital + interior): 341.236 pessoas.

No interior do Estado, ou mais precisamente, nos sete municípios onde o Sesc atua – na área de Educação foram 523.973 atendimentos, isto é, mais de meio milhão de pessoas atendidas!

Na mesma área, o total de Atendimentos em Saúde foi de 758.616 pessoas. Ainda no interior, no setor Cultural foram computados 54.408 pessoas, número infinitamente inferior aos encontrados nos setores de Educação e Saúde.

Quanto às 523.973 pessoas do interior atendidas em Educação, estão assim distribuídas: Coari: 61.623; Itacoatiara: 79.450; Manacapuru: 66.004; Maués: 86.818; Parintins: 71.814; Presidente Figueiredo: 87.995; e Tefé: 70.269 – números altamente significativos, sem dúvida.

Curvamos a frente em protesto de veneração à memória do amazense Aluísio Sampaio, beneficiário da Medalha do Mérito Cultural Péricles Moraes 2017, na categoria Letras, e do imigrante nordestino Ildefonso Pinheiro, na categoria Benemerência ou Mecenato Cultural. Ambos deixaram um grande legado. Parodiando São Paulo, em sua Carta a Timóteo, eles combateram o bom combate, com fé e boa consciência. Por isso, repetimos aqui, em alto e bom som, a célebre frase de Rui Barbosa, na homenagem póstuma que prestou ao grande Alexandre Herculano: Aluísio Sampaio e Ildefonso Pinheiro não morreram: existem entre nós!

Idêntica promessa de respeito e consideração, prestamos ao celebrado escritor Marcos Frederico Krüger Aleixo e à fulgurosa Orquestra Barroca do Amazonas, que fizeram por merecer o mesmo Prêmio nas categorias Letras e Artes. Marcos Krüger ainda tem muita estrada para percorrer brandindo, como disse Camões, “numa mão sempre a espada, e noutra a pena”, em defesa das letras amazônicas. Quanto à Orquestra Barroca do Amazonas (OBA), prosseguirá empunhando a bandeira da alegria e multiplicando suas visitas ao mundo, levando música, amor e poesia; sabido que suas apresentações é como se fossem viagens ao mais distante passado apenas com sons. Nesta noite inolvidável, a OBA enfeita esta Sala com as luzes da poesia, da beleza e do encantamento. É como se agradecesse a homenagem que ora lhe prestamos, com sua mistura de vozes, com seu cruzamento de sons, de gestos emotivos.

Por fim, num preito de honra, gratidão e fidelidade, regozijamo-nos com a justa inclusão do Sesc/Amazonas na lista de beneficiários da Medalha Péricles Moraes, na categoria Mecenato. A motivação básica dos atuais mecenas institucionais não difere das encontradas por Caius Cilnius, mecenas do século I, para o qual as questões de poder e da cultura são indissociáveis. O mecenato seria o suporte à atividade artística feito de forma espontânea. Diferente do patrocínio, que teria por trás de si, se não a aquisição de algum bem ou serviço, pelo menos a tentativa de reforçar ante o consumidor a marca ou a identidade do patrocinador.

O Sesc, como foi descrito antes, é uma instituição responsável por conscientizar bem os problemas do Amazonas, especialmente os referentes à defesa e proteção dos patrimônios material e imaterial e os que reportam a produção artístico-cultural. Na aplicação dessa tarefa, árdua, difícil, digna de Hércules, o presidente José Roberto Tadros tem sido correto e sempre diligente. À frente de uma equipe dedicada e competente, tem vencido todos os obstáculos. Homem reconhecidamente letrado e culto, um empresário altamente qualificado – que, em 2007, também recebeu aqui o mesmo galardão – o acadêmico, comendador e historiador José Roberto Tadros pertence a uma linhagem admirável que nunca se deixou abater. Pertence a uma raça de vencedores, alicerçada nas virtudes familiares de David Tadros, um dos pioneiros da navegação e do comércio do Amazonas, que aqui aportou nos idos de 1870.

Diferente dos protetores das ciências, das letras e das artes que preferem investir somente na capital, e dos gestores de má índole que agem pensando fazer o bem derrubando o velho para em seu lugar construir o novo, o presidente José Roberto Tadros é um entusiasta da interiorização da Cultura e um preservacionista de mão-cheia, que pensa e age para garantir a integridade e a perenidade dos bens patrimoniais. Exemplos: o funcionamento de projetos culturais do Sesc nos sete principais municípios do interior – onde as visitas de seu gestor maior são amiudadamente repetidas e para onde maiores investimentos acorrem prontamente – e a restauração de centenários prédios do centro histórico de Coari, Manacapuru e Itacoatiara, louváveis iniciativas que contam com o apoio irrestrito de José Roberto Tadros. Por tudo isso, em nome da Academia Amazonense de Letras, parabenizamos ao Sesc/Amazonas, a sua Diretoria e a sua imensa legião de colaboradores.

Boa noite a todos.

— O ribeirinho

NÉLIDA PIÑON, escritora

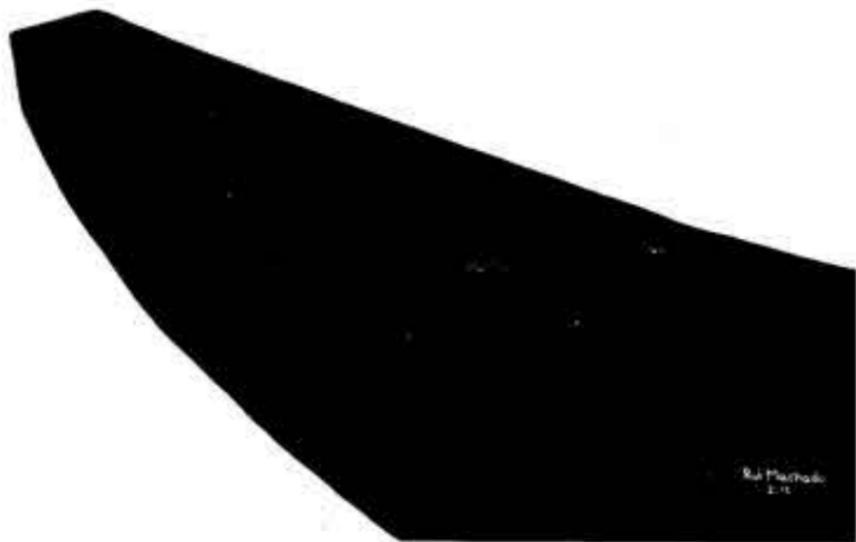
Rui Machado, nasceu no Amazonas, descende de portugueses e tem inscrito em seu sangue a navegação. Seu ofício é singrar as irresistíveis correntezas da arte. Seu talento se manifesta na poesia, na música, na ilustração, mas tem na pintura sua expressão máxima. Com tintas e telas seu pincel é a ponta de lança do que lhe vai na alma. Sua temática envolve a floresta, os rios, a face e a herança dos povos indígenas. Por meio dos utensílios do cotidiano, dos artefatos de guerra, dos brinquedos dos curumins, dos elementos sagrados dos rituais, Rui revela, com esmero, sentimentos intensos. Uma humanidade, enfim, filiada ao amor pelo mundo, pelos reclamos da terra.

A arte é a sua voz. Como a sumaúma, Rui Machado brada, comunica, defende, protege, reparte com todos a seiva que retira da vida, sua causa maior. E cuida, com memória atenta, a natureza e os registros dos povos da floresta. Tudo em sua criação anseia por perpetuar uma história que urge ser constantemente lembrada.

Tenho, em minha casa, no Rio de Janeiro, uma tela de sua coleção "Sabor & Arte", presente do artista, onde ele conjuga grafismo e peças indígenas com o respeitável universo da culinária. Esse quadro de bela composição, cujas cores e imaginação me comovem, está dependurado na porta de entrada da cozinha, lugar essencial do meu lar. Afinal há muito digo que a cozinha é o mundo mais fascinante da casa, o mais coletivo. Um espaço que reúne sobrevivência, prazer, refinamento e civilização. Assim, tendo em vista sua arte como introito da vida, homenageio o trabalho de Rui. Dou prova do meu alto apreço pela delicada cerâmica indígena completada pelas colheres de pau, preciosos emblemas que agasalham a fome dos seres.



Red Max Pro 60
501



Raj Mathadi
2015

— A expressão primeva de Rui Machado

MÁRCIO SOUZA, *escritor*

As artes visuais criadas no Amazonas sempre primaram pela diversidade de formas de expressão, pela invenção técnica e estética visionária. Rui Machado é um dos representantes desta diversidade, no tratamento da imagística regional e no grafismo quase cubista de suas telas. Sua aproximação com a visualidade amazônica é de rigorosa coerência com uma percepção própria que é a sua individualidade, de sua formação visual de homem da Amazônia. Agora que chega a maturidade de sua criação, tem se distanciado dos temas ecológicos e políticos e começa a palmilhar uma arte de invenção gráfica, bidimensional, de blocos de cor que se organizam na tela, em pinceladas que espargem a cor com delicadas pinceladas. Na verdade, quanto mais evolui Rui Machado, aprofunda a captura do mundo amazônico que é seu horizonte, distanciando-se da ingenuidade graciosa de suas telas mais antigas. Creio que isto é consequência da precoce descoberta do desenho indígena, do grafismo que são na verdade ideogramas comuns nas culturas do alto Rio Negro, norte amazônico. É a herança do reencontro de todos os nativos da Amazônia com seu universo primevo, em que o mundo pode ser reduzido e às linhas, convergências e fugas.

Assim, Rui Machado encanta porque sua busca de artista não vem de escolas, nem da lógica antropológica, de nenhum nicho teórico, mas de sua vivência e sua criteriosa percepção do inconsciente amazônico materializado nas linhas das cestarias, nas decorações das cerâmicas utilitárias e nas pinturas corporais. Menos nos momentos em que quer ser explícito, como na tela em que um pajé aspira a América do Sul como se fosse paricá, a força da arte de Rui Machado está no território do grafismo étnico apropriado como expressão artística, na singela brutalidade das cores e na inexorabilidade das linhas e massas de luz. A força de Rui Machado está na sua coerência, no amor que expressa à cultura de sua terra e na paixão que reflete em suas telas.

— Rui Machado, um gênio

MOACIR ANDRADE, artista plástico

251

Quando o vi pela primeira vez, isso há mais de 20 anos, Rui Machado era ainda um garoto cheio de energia, persistência, dinamismo, e uma vontade incrível de vencer como um autêntico artista. Suas obras, cheias de erudição, invadem e dominam o nosso sentimento estético de uma admiração emotiva. Basta ver um de seus quadros que escolhido ao acaso dentre os que compõem sua mostra para verificar que não se trata de um simples amador, tomado de vulgar ânsia de um efêmero artista enleando-se aos círculos viciosos das controvérsias ociosas dos nossos falsos pintores. Rui Machado é sobretudo um espírito honesto e atilado, ao serviço da criatividade, da curiosidade vivíssima. Os temas que ele consagra em suas telas são variados e interessantes, postos em relevos por notável capacidade de análise. O que torna a beleza de suas obras segura erudição, fácil e até superiormente agradável aos nossos olhos. De uma criatividade surpreendente, Rui Machado arranca do seu poderoso inconsciente, todo um universo de belezas plásticas que tornam o nosso patrimônio cultural mais rico e mais brilhante cada vez que ele se propõe a brindar o público com suas mostras espetaculares. Rui Machado demonstra ser um gênio e isso pode ser provado a cada vez que ele exhibe uma das facetas do seu poder criador. Homem de ciência, sua dedicação as belas coisas da vida elevaram-no aos píncaros da admiração do povo do Amazonas e do Brasil. De fácil comunicação, esse artista atrai para si, todos os eflúvios que o tornam um ícone da cultura planiciária, espargindo sobre todos nós, o milagre batismal de sua alma generosa e boa. Por ser um artista rico de imaginação e inspirações inéditas e mesmo insólitas, Rui desperta a todos que o amam, essa emoção divina que é a empatia estética e profundamente humana. Todos os seus quadros iluminados pela bênção de sua inteligência privilegiada, até hoje demonstram na unidade de seu espírito, a profusa variedade de tons e de luzes, de ideias e de sentimentos. Rui Machado, é talvez por isso, único pela

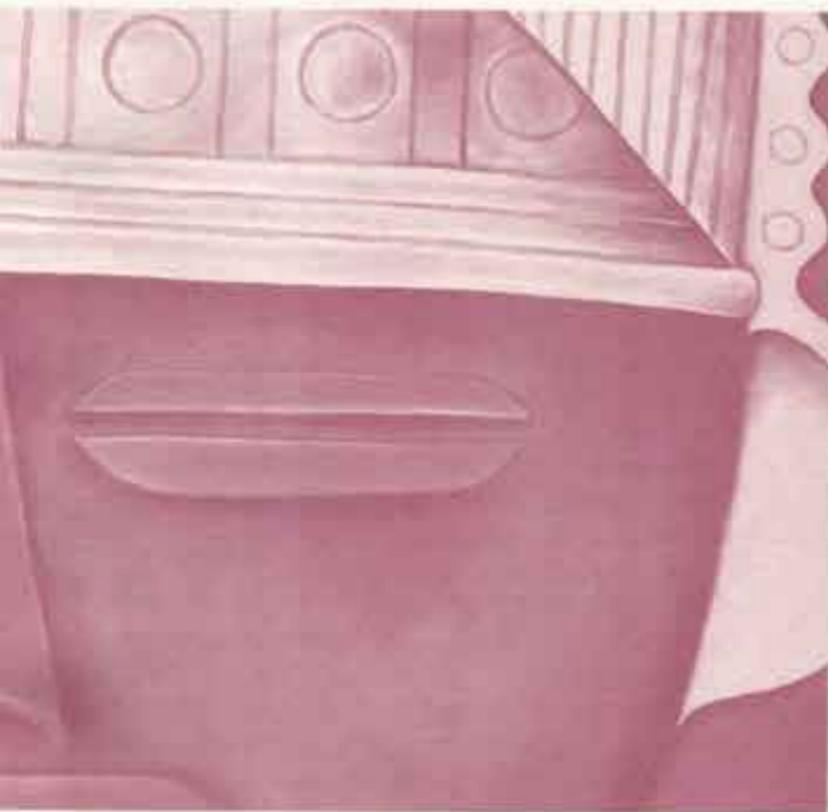
252 exuberância e latitude ampla de irradiação. Por ser grande e exageradamente impulsivo, por ser completo, ele se metamorfoseia nessa figura imponente e iluminada de um verdadeiro profeta e missionário abençoado das artes brasileiras.

Rui Machado é uma voz talvez mais autorizada no sentido de criatividade. Ele vive como os gênios, inserido num estado de espírito coletivo, quando a nossa arte parece isolar-se inteiramente, tornar-se incomunicável a grande massa e a grande realidade brasileira. É um pintor diferente; de expressão plástica mais acurada, mais espiritual, muito cuidada e elegante como são também seus gestos cavalheirescos e pro-



fundamente nobres. Rui Machado é hoje um dos artistas mais puros do Brasil. A força límpida, segura, sem jaça de uma pureza de tons, a elegância de suas imagens, a densidade de seus traços, a segurança dos ritmos que ele impõe a sua obra, a humildade santificada, constituem a força expressiva e comunicativa de sua mente iluminada, imaginação vivaz, faz de sua obra opulenta uma voz colorida que ecoa profundamente na mente do povo, como um bálsamo vivificante de ternura e amor.

Escritor, poeta, pintor, bancário e companheiro no sentido lato da palavra, Rui Machado é essa brisa perfumada que inebria os momentos mais humanos dos que com ele convivem.



{ CRÔNICAS }

— No pomar da Vila'

JOSÉ BRAGA

Manhã de domingo! Missa das dez na Paróquia de Nazaré.

O bonde da Vila Municipal chega ao destino e os passageiros descem.

Os sinos chamam os fiéis para o ofício matinal da devoção. Vestidas de branco e delicados véus de brocado e renda, nas mãos o livrinho de cânticos e orações, as beatas caminham apressadas pela praça rolando nos dedos as contas dos rosários de ouro, de pérolas, de prata.

A poucos metros da igreja, trajando farda cinzenta engomada e quepe à moda militar, o motorneiro do bonde inverte a tabuleta da linha e a lança que desliza sob os cabos suspensos de energia elétrica, iniciando os procedimentos de volta ao centro da cidade. "Tamborete", antigo cobrador e fiel escudeiro da companhia, temido pelos gazeteiros que morcejavam nas plataformas, inspeciona o bonde e vira com extraordinária habilidade, um a um, o encosto dos bancos de madeira e ferro do imponente vagão azul e balaústres de metal dourado, autorizando o motorista a seguir viagem.

Garoto ainda, lá pelos anos 40, fascinava-me o passeio domingueiro nos bondes da Manaus Tramways à Vila Municipal. Tenho ainda hoje gravados na memória o cenário e o ritual, e a brisa leve das manhãs distantes parece roçar-me o rosto crivado pelo tempo. Era que, estando em Manaus no intervalo das longas viagens ao Madeira nos gaiolas Alegria e Manauense da empresa Coelho & Cia., meu pai visitava com habitualidade o médico, compadre, amigo e conselheiro Adriano Jorge, levando-me sempre porque naquela época era dever dos pequenos tomar a bênção aos padrinhos.

Adriano e Laurinha moravam na Rua Fortaleza, a poucos passos da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, numa pequena chácara onde nas manhãs de domingo se misturavam o aroma do incenso que crepitava no

1. Publicado originalmente como prefácio do livro Adriano Jorge - forte como a morte, de Roberto Braga. Manaus: Regis Editora, 2015.

256 altar ao lado e o perfume das flores e frutos do belo pomar de Laurinha, dama de muitos dotes, bonita e inteligente, talentosa pianista.

Quando os sinos silenciavam, podia-se ouvir baixinho na igreja e na praça, como se a música descesse do céu, Beethoven, Mendelssohn, Bach, Vivaldi, Tchaikovsky, Mozart, Debussy, pérolas da coleção de vinil que Adriano compartilhava na vitrola que compunha a modesta mobília da sala de visitas. Foi ali, encantado com as lições de meu padrinho sobre o gênio, que ouvi pela primeira vez a 5ª Sinfonia, momento quem sabe decisivo para a minha formação musical desde cedo estimulada pelo espírito iluminado de mamãe.

Ao ler os originais do novo livro de Robério Braga, historiador que pesquisa e escreve com talento e arte – e nos domínios da cultura faz História – vi-me tomado de saudosas e imorredouras lembranças.

Talvez porque desejasse incluir no livro algumas impressões sobre Adriano Jorge sem gravata, em mangas de camisa na intimidade mais próxima, Robério, irmão fraterno, tenha-me pedido o prefácio, propiciando ao menino, nestas tardes cinzentas de outono, retornar no tempo e revisitar o pomar da Vila para colher, feliz, entre bênçãos e afetos novamente, jambos, abius, goiabas, pitangas e mangas-rosa...

Aquele homem austero e elegante, de olhos graúdos e cabeleira basta, firme e destemido, invulgar inteligência, que imantava plateias com sua voz solene e verbo estonteante, aquele homem em quem tinham folga todos os talentos era humilde e delicado, paciente e generoso.

Em casa, aos domingos, interrompendo a boa música ou a conversa animada e inteligente com os amigos sobre os acontecimentos noticiados na imprensa e no rádio, era comum vê-lo atender pessoas simples de todas as idades que o procuravam; necessitadas dos seus cuidados, sem nada cobrar-lhes por isso. Fazia-o com prazer, sem pressa, atento às queixas e sintomas do doente, totalmente absorto, como se por alguns momentos levitasse na sala.

Lembro-me bem, entre muitos casos de solidariedade humana e profissional de Adriano Jorge, que presenciei, de uma senhora muito aflita que entrara inesperadamente pelo alpendre onde pendiam galhos de uma goiabeira carregada e perfumada, que sombreavam a soleira da casa. Com o filho no colo, envolvido num lençol, disse a desconhecida, em desespero: "Doutor, meu filho tá morto!", ao que Adria-

no, sentando-a calmamente numa poltrona antiga de palhinha e madeira envernizada, respondeu com aquele jeito espirituoso de sempre, tranquilizando-a: "Defunto não respira, minha senhora!..." A seguir, tomou a criança nos braços levando-a para o quarto, onde a examinou: tratava-se de apendicite com febre alta e abdômen distendido. Enquanto Laurinha servia à mãe aflita um suco de jenipapo com hortelã, procurando acalmá-la, Adriano telefonou ao doutor João Veiga, conceituado cirurgião da Santa Casa de Misericórdia, pedindo-lhe para operar o garoto com urgência. Colocou bolsas de gelo na cabeça e no abdômen do menino e a seguir solicitou um carro à garagem Avenida, dizendo à mãe em tom fraternal e animador, aproveitando o mote: "O Veiga vai ressuscitar o menino!" Quando o carro chegou, pagou ao chofer a corrida até o hospital...

Não foi esse um gesto isolado de solidariedade humana e profissional do "médico dos ricos e dos pobres", como era conhecido, porque Adriano Jorge, a despeito de seus inúmeros fazeres como intelectual, político, professor, jornalista, fez da medicina a manifestação maior e mais eloquente da sua humanidade. Esse sacerdócio, que o credenciou e notabilizou ao longo de pelo menos meio século de história da medicina no Amazonas, consagrando-o no coração do povo, Oséas Martins celebrou em versos dedicados à sua memória:

"Mãe aflita, com filho doente? Adriano presente!

Noite chuvosa, gente mísera, sem assistência na casa em goteiras?
Adriano presente!"

Do ângulo da minha admiração e da minha saudade, recorro ao modo afetuoso e as palavras com que invariavelmente me abençoava em sua casa, no consultório, na Câmara Municipal, na Academia de Letras, onde quer que o encontrasse, olhos súplices voltados para o alto, mão espalmada sobre a minha cabeça: "Deus te faça bonito e inteligente como o teu padrinho", dizia sempre, a encher de felicidade o coração do menino.

Adriano era elegante - vaidoso digo melhor - esmerando-se na aparência pessoal: barba feita, cabeleira e bigode bem cuidados; trajava, habitualmente, jaquetão preto de riscas finas de giz, camisa alvíssima de punhos duplos e colarinho engomado, gravata sóbria de laço bem construído, sapatos brunidos ou de verniz, o que lhe dava um certo ar

358 de galã hollywoodiano, incorrigível conquistador dos corações femininos... Assim era também em casa ao dar repouso ao paletó e à gravata... impecável, sempre.

O livro de Robério Braga reconstitui com saber e arte a trajetória desse "fulgurante Adriano Augusto de Araújo Jorge, que o Amazonas fogueitou para nunca mais soltar". Trabalho árduo, cuidadoso, sério, a obra preenche enorme lacuna na historiografia cultural do Amazonas colocando diante de nós e para as gerações futuras, o mais fielmente possível, através do milagre do pensamento e da palavra, a história de vida de uma das mais rutilantes inteligências da medicina, do magistério, das letras, da política, do jornalismo, que aqui viveu, sonhou, trabalhou e construiu com invulgar vocação para o bem e para o belo a sua existência luminosa.

Celebremos, pois, com o livro de Robério Braga, a imortalidade de Adriano Jorge!

— O Portugal de Camões e das comunidades portuguesas

J. BERNARDO CABRAL

O Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas emerge do fundo da história nos termos de uma velha melodia e no instante em que vastos contingentes humanos se manifestam e cantam o hino de uma unanimidade de almas, que circunda a vetusta cidade de Lisboa.

Cavaleiro andante que pervagou as longínquas paragens do mundo, à hora em que a luzerna do tempo mal clareava a face da civilização, Portugal avocou a si a sorte exausta de um milionário de léguas, contanto pudesse o europeísmo latino formar, no além-mar, fascinantes patrimônios, ensejando o desfecho de um episódio que determinaria a expansão fantástica da lusitanidade. E dir-se-ia que estava ocorrendo a detonação de uma fatalidade espiritual de proporções notáveis, dando à sociedade ocidental um fôlego de grande extensão, com a hegemonia de um império geográfico jamais ultrapassado.

Europeus, asiáticos, africanos e agrupamentos autóctones passariam a compor uma densa comunidade, de fronteiras superampliadas, na dimensão de uma epopeia que abriria na crônica política do globo um espaço extraordinário, a comprovar que o luso é um homem universal. E eis que a intemporalidade da gênese portuguesa instituiu uma originalidade tão própria às belas criações humanas que a óptica do tempo não as exonera da sua severa postura.

Há de considerar-se que as ações de pioneirismo do mapa do mundo, iniciadas com a Escola de Sagres, já se fundavam num embasamento filosófico, porque a Europa, libertada dos martírios contra os cristãos, sedimentou a fé na doutrina de Jesus, em sua ânsia ecumênica. E as missões do Cristianismo se agilizaram, uniformizando o bloco dos servos de Deus.

Passado mais de meio milénio dos feitos das descobertas, fez-se Portugal credor do respeito da imortalidade, onde os expoentes da heróicidade ingressam com o beneplácito da consciência das eras.

Filho de portugueses, e por isso herdeiro, na minha modéstia, da épica grandiosidade da pátria lusa, entendi de ocupar esta Academia para prestar esta homenagem aos portugueses, seus descendentes e aos amigos de Portugal. Isso porque sempre procurei preservar esse honrado legado e sendo cultor de um passado histórico, mais razões tenho para falar sobre a significação de um país que nos induz a uma solene comunhão.

Os veleiros que singraram o oceano, sob a inspiração da Cruz de Cristo, levaram a toda parte o evangelho da civilização, ocupando os vazios demográficos e intuindo a índole das novas gerações que se preparariam para o futuro, nas novas terras colonizadas.

O quadro da Primeira Missa sobre a cerimónia celebrada em Porto Seguro, quando ali aportaram as naus de Cabral – uma produção clássica de Vítor Meireles – sintetiza o ato da estreia de evangelização de Santa Cruz, e num lance de beleza, revela o sentimento de hospitalidade de nosso aborígene diante da missão lusa que chegava, para a afirmação de uma aliança entre nativos e europeus.

Merece colocado em relevo que, no século xv, quando o Infante Dom Henrique fundara a Escola de Sagres, abrindo as cortinas da era do humanismo, pretendeu, obviamente, instituir uma universidade do mar, com a finalidade de formar navegadores de elevado porte, capazes de saltar os oceanos na busca das terras ignotas, como missionários que iriam cumprir uma expressiva agenda de conquistas, e que – apesar de armados tão somente com o emblema de Cristo – acabaram passando à História como obstinados apóstolos do desconhecido.

Portugal, a mais ocidental das pátrias europeias, já trouxera consigo o compromisso da cintilante vocação para a universidade, razão pela qual não há um contingente do globo em que não esteja assinalada a chegada dos seus veleiros.

A notável comunidade geográfica da Lisboa havia recebido a magnânima bênção dos avoengos cristãos. Aí estão o Brasil, na América; Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, na África; DIU, Damão, Goa, Tímor, Macau, na Ásia.

Estas missões definiam como ponto fundamental a lusitanização das terras nativas, o que implicaria em ingente tarefa espiritual, de modo a que se instalasse um império linguístico, emoldurado pelos aspectos místicos do Cristianismo e da fé.

É clamorosa injustiça admitir-se que os projetos marítimos de Portugal se tenham submetido ao rigor primário de mero aventureirismo. Ao contrário desta infundada suspeição, as cruzadas oceânicas patrocinadas pela metrópole portuguesa deram execução a um fabuloso plano de descoberta, colonização e humanização dos grandes vácuos verdes, aos quais definiria Elisée Reclus como "Vazio de Ecúmeno".

Nem mesmo assim, as procelas das revoltas, das insurreições e das guerras, sequer lograram abrir, entre nós, fraturas idiomáticas ou espirituais. E mesmo que tenham sido estas áreas invadidas e saqueadas pelas bordas piratas, nestas terras não se ergueu o fantasma do babilismo.

Unindo o programa político ao da religião, os antigos supervisores do patrimônio colonial aplicaram as lições do Cristianismo sobre o soberbo colosso sul-americano, que Pedro Álvares Cabral doara ao universo civilizado.

O ciclo das descobertas mundiais ocorreu com a instauração do Renascentismo, instante em que o homem bebeu as lições do humanismo na vetusta vertentes latinas. E enquanto os portugueses pisaram, em terra firme, no litoral amazônico e nas praias do extremo sul, estes amados avoendos nutriram, de forma indubidosa, a convicção de aqui instalar um polo de civilização tropical, onde as velhas palpitações da raça teriam de conjugar-se com as paixões dos povos autóctones.

O corredor geográfico, partindo de Laguna ao Grão-Pará, e de que tomamos posse com a descoberta de Cabral, não escapou à lei da fatalidade bandeirista de Lisboa. E ultrapassado o Meridiano de Tordesilhas, houve a arbitragem decorrente dos Tratados de Santo Idelfonso e de Madri, que estenderam os nossos domínios territoriais desde as águas atlânticas aos contrafortes da Cordilheira dos Andes.

Vitorioso o Brasil em pendências diplomáticas, já no ciclo da emancipação nacional, com as do Amapá, do Acre e das Missões, formou-se uma contextura telúrica gigantesca, com aproximadamente oito milhões e quatrocentos mil quilômetros quadrados, em que nos incluímos en-

263 tre os mais vastos países do mundo, com uma dimensão de flora e fauna espetacular, a par de uma rede hidrográfica apaixonante.

De outra parte, não faltaram aos portugueses a acuidade política e sustentar uma doutrina de ocupação territorial tática. E destarte, comprovou-se, virtualmente, em todo o país, a presença lusa, apesar de não raras terem sido as vezes em que ocorreram surtos de penetração estrangeira, pondo em risco a integridade física e política da nação-colônia.

A esta altura, os notáveis estadistas da Lusitanidade, ao longo do tempo, internaram-se nos laboratórios da clássica sociologia política, estudando formas que ensejassem a Lisboa um patrimônio mundial preservado, porque cabia a Portugal sustentar a unidade da língua e do espírito cristão, hoje atributos perpétuos da cultura portuguesa, cujo perfil ético e estético engrandece toda uma tradição peninsular.

O Cristianismo é a bandeira mística do Brasil e o idioma português o seu indestrutível veículo de comunicação secular.

Sim, porque enquanto diversos povos europeus se exprimem num contexto idiomático fracionário, tal a diversificação dos dialetos, operou-se no Brasil o fenômeno da comunhão expressional, envolvendo todas as emoções da raça e a postura do nosso sentimento histórico.

Luís Vaz de Camões – o gênio do pensamento luso – obteve a imperturbável consagração da História. E *Os Lusíadas*, como alto documento da glória ibérica, firmou-se para todo o sempre como o livro da raça, enfeixando as emoções do espetáculo do renascimento, porque ao recolher em sua obra as manifestações transcendentais da civilização do mar, inscreveu-se no mármore do tempo, como um sábio, um gênio, diante dos foros de cultura da humanidade.

Shakespeare, na Inglaterra; Goethe, na Alemanha; Tolstoi, na Rússia; Victor Hugo, na França; Dante, na Itália; Cervantes, na Espanha e Camões, em Portugal, estão consagrados como os sóis da eterna constelação europeia.

E nesta suprema linhagem da inteligência, figura o autor de *Os Lusíadas*, o poeta iluminado que soube escrever para os espaços eternos e o único que viveu e padeceu sob os reflexos de uma glória amargurada. Nem por isso – ou até por isso – deixará a obra camoniana de ser uma verdadeira identidade da índole portuguesa e uma permanente referência de nossa antropologia cultural.

Por tudo isso, o Portugal de Camões e das Comunidades Portuguesas exprime toda a eloquência de uma potencialidade pretérita. E os eventos que se insurgiram como rebentações de luz junto às idades acumuladas, plasmaram a velha imagem de um país que ensinou lições de paz e dignidade à sociedade ocidental.

Ao concluir esta despreziosa palestra não quero fazê-lo, todavia, sem prestar a minha reverência a todos os bravos portugueses que para cá vieram, no passado, e aos não menos bravos que aqui se encontram, no presente.

Finalizo, pois te saudando Portugal eterno... berço dos meus avós... Pátria dos meus queridos e saudosos pais... Terra-exemplo para o mundo.



— Joaquim Esteves Soares Carvalho — um empreendedor na Amazônia

ABRAHIM BAZE

Os imigrantes portugueses tiveram importante função na modelagem e na economia da Amazônia, tanto nas cidades como no interior do Estado. Como classe política dominante, com o surgimento das atividades extrativistas, e como comerciantes, tornaram-se agentes decisivos, suprindo essas atividades da liderança empresarial necessária como produtores, mercadores, exportadores e comerciantes, alcançando posição de destaque, que conseguiram até o advento de novas correntes e grupos empresariais mais dinâmicos e inovadores.

Durante a fase áurea do látex, no fim do século passado e na primeira década do século xx, milhares de imigrantes lusos, atraídos pela fortuna, foram pioneiros na organização do sistema mercantilista de intercâmbio, representado pelo comércio típico de casas aviadoras. As firmas portuguesas estabelecidas em Manaus e Belém contribuíram para a transformação socioeconômica dessas cidades, promovendo os entrepostos comerciais e estabeleceram com precisão as linhas logísticas de suprimento dos seringais, mediante crédito pessoal com os seringalistas.

Outros portugueses nascidos em famílias abastadas instalaram-se na Amazônia com suas empresas. É o caso do imigrante português Joaquim Esteves Soares Carvalho, que nasceu em Vila Nova de Gaia, distrito do Porto. Era filho do comerciante Abel Esteves Carvalho e dona Júlia Bastos Carvalho. Imigrou para o Brasil, precisamente para a cidade de Belém, no estado do Pará, em 1901. Associou-se ao seu pai, que já era proprietário de uma pequena fábrica de sabão, "Saboaria Amazônia", localizada à Rua 1º de Maio, 159-157, já na época considerada uma das mais modernas indústrias de sabão e óleos vegetais no país.

Com a injeção de capital do filho a empresa teve um crescimento vertiginoso, principalmente pela qualidade dos seus produtos, dentro os quais se destacava o "Sabão Borboleta", tipo marmorizado. A empresa foi a primeira indústria do ramo a produzir este tipo de produto. O grande esforço concentrado pelo industrial Joaquim Esteves Soares Carvalho, aliado às vendas, o levaram a promover a expansão da indústria e à conquista de novos mercados, como: Amazonas, Alagoas e Acre, tendo exportado seus produtos também para outros países, como Peru e Bolívia.

Homem de espírito empreendedor, logo construiu junto a então "Saboaria Amazônia", uma moderna indústria de olhos vegetais, considerada à época uma das melhores do Brasil.

O mercado do Amazonas era promissor, pois seu consumo já não era atendido satisfatoriamente pela fábrica de Belém do Pará. A partir daí, tomou a decisão de montar em Manaus uma nova indústria de sabão, fato que ocorreu em 1930. Instalou-se assim, com toda modernidade oferecida à época, tendo construído uma das maiores e mais modernas fabricas de sabão do Brasil. Os negócios no Amazonas prosperaram, tendo conquistado todo o nosso mercado; assim, tomou a decisão de ampliar os negócios com a implantação da "Usina São José", localizada na Vila Pinheiro, em Belém do Pará, com a finalidade de beneficiar sementes oleaginosas.

Homem entusiasta, de sangue lusitano, embora distante da pátria mãe, não perdeu a oportunidade de dedicar-se à causa portuguesa, tendo exercido cargos de grande relevância na Sociedade Beneficente Portuguesa de Belém do Pará, como também na Tuna Luso. Foi considerado à época uma das maiores alavancas do processo comercial e industrial de Manaus e Belém. Em Manaus, localizou sua indústria no final da Avenida Joaquim Nabuco, próximo ao Alto de Nazaré, cujo prédio encontra-se preservado até os dias atuais.

— Mário Moraes – a ciência a serviço da Amazônia

MARCUS BARROS

“Durar não é estar vivo, viver é outra coisa”.

Mercedes Sosa

Eu servia ao Exército em 1965 como aluno do Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NFOR) quando, cerca de trinta dias após uma operação na selva surgiu em meu braço uma lesão que não cicatrizava. Alguém me orientou que procurasse o Inpa – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, onde pesquisadores investigavam essas lesões. Foi meu primeiro contato com o professor Mário Moraes. Ele examinou a lesão e retirou um pequeno fragmento da borda. Corou a impressão do fragmento em lâmina e levou-me ao microscópio. Fui apresentado ao agente que me causava aquela lesão – *Leishmania braziliensis*. Daí em diante, apesar do tratamento e cura por ele orientados, nunca mais me separei do protozoário. O pesquisei durante toda minha vida.

Ao chegar à Faculdade de Medicina encontrei o professor Mário Moraes, agora nos ensinando Citologia, a base de quase todo curso médico.

Mário Augusto Pinto de Moraes nasceu em Belém, no Pará, em 2 de junho de 1926 e graduou-se em Medicina em dezembro de 1950, na Universidade do Pará. Foi discípulo por três anos do memorável Jayme Aben-Athar, de quem ganhou grande conhecimento sobre a patologia da Amazônia. Foi Instrutor de Ensino e Assistente da Cadeira de Anatomia Patológica. Essa foi a disciplina que lhe acompanhou por toda a vida.

Ainda em Belém aprofundou seus conhecimentos em um dos maiores flagelos da Amazônia – a Hanseníase (1953).

Vindo para a Amazônia profunda chegou à Manaus (1957) nos primeiros anos de fundação do Inpa. Ali conheceu Djalma Batista, seu Di-

retor, com quem desfrutou de grande amizade e produziu seus primeiros trabalhos de investigação em patologia regional. Destaco a "Hepatite de Labrea", "Cromomicose na Amazônia" e "Micoses Superficiais na Amazônia". Seu interesse pelo tema, principalmente aquelas micoses que comprometiam a pele eram de significativa importância. Certa feita, ele mostrou-me um caso de "Esporotricose". Guardei para sempre a imagem da lesão, o que muito me serviu como futuro infectologista.

Como era o "Dia da Criação" da Faculdade de Medicina da Universidade do Amazonas, aceitou o desafio de ser seu primeiro Diretor até 1969. Nesse cargo jamais deixou de lado a pesquisa clínico-patológica nem a sala de aula. Isso me fez recordar o seu caráter e solidariedade: Era o ano de 1970 e eu liderava os movimentos na Faculdade de Medicina. Eleições para o Diretório e eu agitando à toda prova, com "fortes emoções". O Decreto 477 não permitia aquele tipo de militância por eleições e críticas à ditadura no âmbito da Universidade. O Diretor não teve dúvidas e editou portaria "suspendendo por 15 dias o estudante Marcus Luiz Barroso Barros por agitação política no âmbito da Faculdade".

Fui para casa, mas a preocupação maior era que a punição, por portaria iria constar de meu histórico escolar e assim eu não seria aprovado para a pós-graduação na UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Grata surpresa e eterno reconhecimento. Ele havia mandado, informalmente, eliminar a portaria e, sem que ela constasse nos autos de meu histórico escolar, eu era aprovado em primeiro lugar para a pós-graduação.

O amigo Djalma Batista estudava, dentre outros temas na área da Patologia Tropical, a ocorrência de uma filária sanguínea - a *Mansonella ozzardi*. A prevalência dessa filária era alta, principalmente ao longo dos chamados "rios borracheiros". Mário Moraes também interessou-se pelo tema e aprofundou esses conhecimentos sobre a filária, na área de parasitologia do Inpa. O processo migratório de missionários americanos vindos do ex-Congo Belga para a Venezuela fez com que chegasse àquele país uma filária de pele que atingia o globo ocular levando os infectados à "cegueira dos rios". Por contiguidade geográfica com aquele país, o norte do Brasil, especialmente o estado de Roraima, mostrou os primeiros casos da doença, o povo Yanomami foi vitimado.

Na vertente parasitológica e entomológica, foi Mário Moraes um dos primeiros pesquisadores a detectar a epidemia no Brasil. Com outros pesquisadores, em colaboração, identificou os simúldeos como o vetor principal. O confrade Cláudio Chaves, oftalmologista, descreveu com brilhantismo em sua tese de doutorado, as lesões oculares naquele povo acometido da infecção.

O professor Mário Moraes foi eleito para a Academia Amazonense de Letras na sessão de 15 de novembro de 1969, para ocupar a Cadeira nº 39 que tem como Patrono, Alfredo da Matta. Tomou posse em 18 de março de 1970, sob a presidência do acadêmico Djalma Batista, sendo saudado pelo acadêmico Moacyr Rosas.

Não acompanhei as razões que o fizeram retornar à Belém. Sei que o perdemos como pesquisador e professor da Universidade do Ama-



zonas. Apesar do retorno à sua terra natal, não houve uma readaptação plena e ele preferiu aceitar o convite da UnB – Universidade de Brasília, em 1980, onde lecionou no Departamento de Patologia. Lá recebeu, em 2003, pelo conjunto de sua obra científica, o título de Professor Emérito.

Escreveu cento e vinte trabalhos, 16 capítulos de livros e participou, como conferencista, em 41 Congressos Científicos.

A partir de 2013, ao sofrer fratura de fêmur, suas atividades diminuíram, mas não o afastaram da Anatomia Patológica do Hospital Universitário da UnB.

O professor Mário Moraes faleceu em Brasília, em 24 de janeiro de 2016. Deixou um imenso legado à pesquisa e ao ensino do país, em especial à Amazônia.



— As festas de dezembro

MÁRCIO SOUZA

A cidade se enche de luzes e as vitrines das lojas ganham neves de algodão. Os comerciantes comemoram a gorda temporada de lucros e as pessoas passam horas comprando. É tempo de presentes, de festas em família, do “amigo oculto” nos ambientes de trabalho. É o mês de dezembro, o último do ano, que apesar de tudo, deve encerrar sempre em festa.

A tradição comanda as derradeiras semanas de cada ano. Algumas, mais recentes, como a introdução em nosso meio da figura do Papai Noel, da árvore de natal e do peru assado no forno. A figura do Papai Noel vem dos países nórdicos e primeiro foi adotado pelos Estados Unidos, que introduziu o costume do pinheiro enfeitado com bolas de vidro e lâmpadas. O peru chegou entre nós a partir da celebração americana do “dia de ação de graças”, que também é em dezembro e comemora um almoço em que os índios ofertaram alimentos aos pioneiros famintos. Em troca, os pioneiros massacraram os índios, mas isto os americanos não comemoram.

Entre nós, de tradição cultural latina, havia o presépio, a miniatura do estábulo em que Jesus nasceu. Cada família tinha o seu presépio guardado em caixas de madeira, e que era montado pelo pai, com a ajuda dos filhos, no dia 24, véspera do Natal. O mesmo presépio era desmontando no dia 6 de janeiro, na celebração da visita dos Reis Magos ao menino Jesus. Antes da intromissão dos costumes norte-americanos, havia trocas de presentes, mas o Natal era uma celebração estritamente familiar, ainda muito próxima de suas raízes judaicas. Também judaicas eram as luzes do Natal, através de velas que se acendiam na noite do dia 24, iluminando a mesa posta para a ceia. E as luzes eram o grande traço de união entre o velho e o novo testamento.

Na pequena comunidade judaica de Manaus, dezembro é o mês em que se celebra uma das festas mais conhecidas, o Chanuká, na verdade uma festividade menor no calendário religioso, mas de grande significação simbólica na tradição. O Chanuká é considerado menor porque não é determinado pela Torá, mas é uma festa alegre, que, como tantas outras festas judaicas, fala do milagre da liberdade. Os fatos históricos que deram origem a esta celebração, datam do século 2 antes da Era Comum. A Judéia fazia parte do Império Sírio, que era fortemente influenciado pelo helenismo, a primeira manifestação de uma cultura globalizada. Antióquio, rei da Síria, decretou que os judeus deveriam abandonar a Torá e aderir ao helenismo. Sob a liderança de Judá Macabeu, o povo se levantou e ocupou Jerusalém, retomando o Templo que estava nas mãos dos sírios. Numa celebração que durou oito dias, os macabeus, como os rebeldes ficaram conhecidos, rededicaram o Templo e esta celebração ficou na tradição. Conta o Talmud que os macabeus, para rededicar o Templo buscaram óleo para acender o candelabro. Encontraram apenas um pequeno jarro com óleo suficiente para um dia. Mas o candelabro ardeu por uma semana até que mais óleo fosse conseguido. Assim, em dezembro, lembramos alguns milagres: o nascimento de Jesus, o grande rabino da paz, que viveu em Israel num tempo de angústia e profetizou a diáspora decretada pelo Imperador Tito, e o milagre do óleo do candelabro do Templo. As luzes de dezembro celebram o milagre da sobrevivência dos judeus, da vitória de poucos contra muitos e do amor que Jesus pregou. Que as luzes de dezembro iluminem a Liberdade.





— *Série Bancos do Brasil*
[acrílica sobre tela].
Rui Machado, 1998
· *Acervo do artista.*



— *Constituinte* [óleo sobre tela]. Rui Machado, 1987 · *Acervo do artista.*



— *Wayana Apalay* [acrílica sobre tela]. Rui Machado, 2007 · Acervo do artista.



revista da

AAL

{ ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS }

A geração e difusão do conhecimento, do saber, da arte e da beleza são as principais expressões de nossa Academia.

Assim tem sido feito desde os seus primeiros passos. Sua Revista, como veículo dessa difusão, tem cumprido esse importante papel e tem representado a expressão escrita do pensamento acadêmico.

Em contraposição, a regularidade das publicações, na dependência direta de recursos, tem estabelecido descontinuidades. Grande tem sido o esforço das diferentes administrações para fazer circular pelas instituições daqui e do restante do país este seu veículo de divulgação. Recria-se somente agora a expectativa de produzi-lo e fazê-lo circular com a qualidade e regularidade desejada.

É justo que a Academia Amazonense de Letras, com tamanha produção literária, a disponibilize aos seus leitores, contribuindo e facilitando o diálogo com a sociedade que a estimula e engrandece.

— MARCUS BARROS



MANAUS